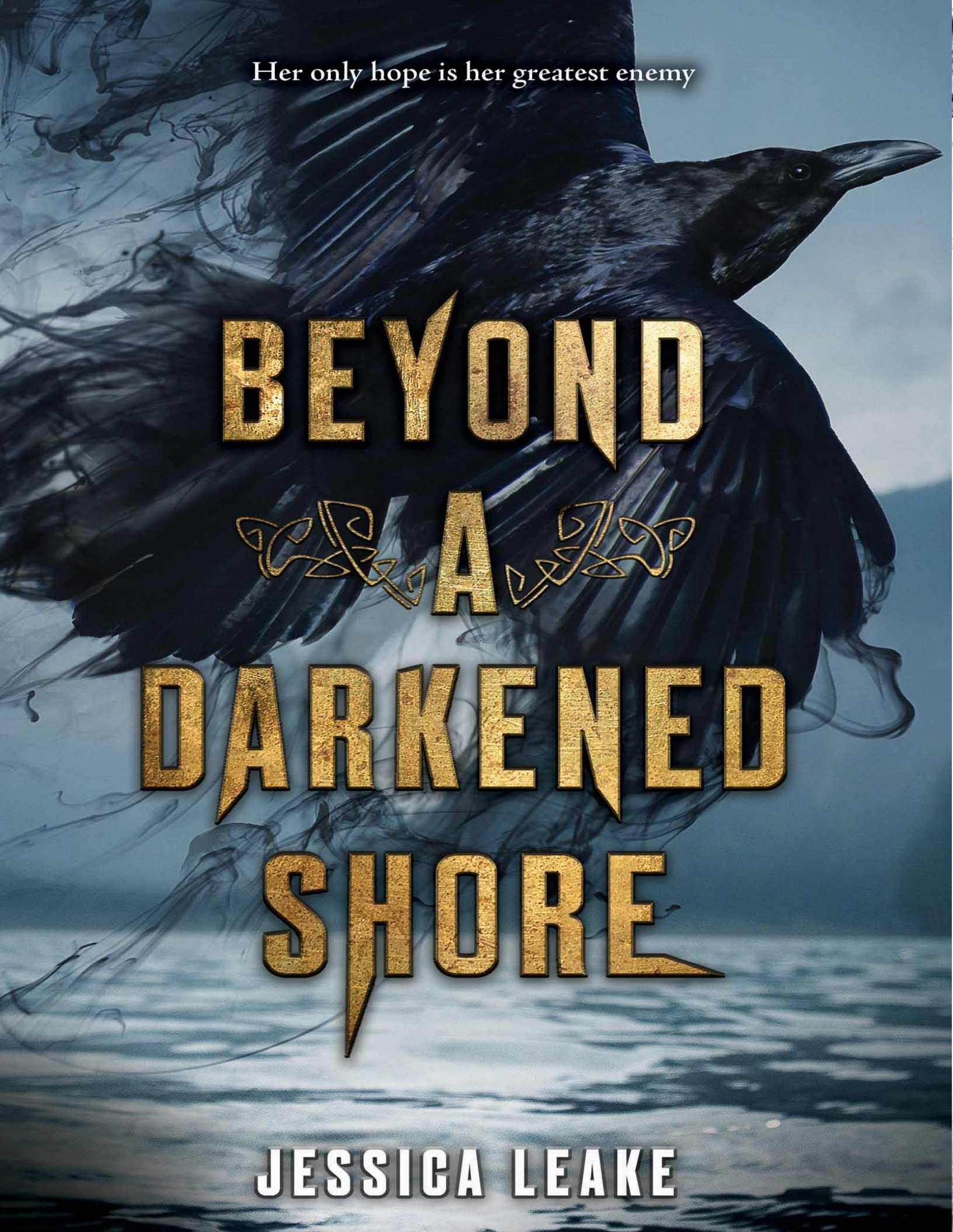

Her only hope is her greatest enemy
BEYOND
A
DARKENED
SHORE
JESSICA LEAKE

Avisos



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Salem Witches (SW), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

Salem Witches

Traduções



Staff

Tradução - Fran

Revisão Inicial - Ella

Revisão Final - Lu

Conferência - Medusa

Formatação - Sancta Astra

Agosto, 2020

SINOPSE

A antiga terra de Éirinn está atolada em guerra. Ciara, princesa de Mide, nunca conheceu uma época em que os reinos de Éirinn não estavam lutando pelo poder, ou os nórdicos não estavam saqueando suas costas.

Felizmente, o povo de Mide sempre esteve seguro por causa da capacidade sobrenatural de Ciara de controlar as mentes e ações de seus inimigos. Ultimamente, porém, um corvo misterioso tem aparecido para Ciara, sussurrando avisos de uma ameaça ainda mais sombria. Embora seus homens do clã descartem suas visões como tolices pagãs, Ciara teme que esse mal vindouro destrua não apenas Éirinn, mas o mundo inteiro.

Então o corvo leva Ciara a Leif, um jovem líder nórdico. Leif deveria ser o inimigo de Ciara, mas quando Ciara descobre que ele também compartilha suas visões proféticas, ela sabe que ele é algo mais. Leif está montando um exército impressionante, e com a força de Ciara na batalha, os dois podem ter a chance de salvar seu mundo.

Com o mal surgindo ao redor deles, eles farão o que for necessário para defender a terra que amam... mesmo que isso signifique fazer o maior sacrifício de todos.

CAPITULO 1

Reino de Mide, Irlanda, 1035 D.C.

Aprendi a odiar o mar. Não porque era insuportavelmente frio, e não porque eu detestava nadar nas profundezas salgadas. Eu odiava porque, apesar de sua beleza crua, trouxe a morte à nossa porta.

Hoje, porém, eu estava na praia abaixo do castelo de meu pai por causa de minhas duas irmãzinhas. Depois de praticamente ficarem trancadas dentro da fortaleza por dias, elas me pediram a chance de respirar ar fresco. Não podia culpar minha mãe por escondê-las na fortaleza - o lugar onde minha família e nossos servos mais confiáveis viviam, pois era a estrutura mais fortificada dentro das muralhas do castelo. Na verdade, ela estava tão obcecada com a segurança delas que ela e minhas irmãs assistiam à missa em um horário diferente de todos os outros. Embora eu não pudesse culpá-la por isso - não depois do que aconteceu na última vez em que estivemos todos juntos na igreja.

Mas, diferentemente de nossa mãe, tive problemas para dizer não a minhas irmãs. Nada as fazia mais felizes: os sons do mar batendo contra a rocha que me fazia cerrar os dentes, a brisa salgada que emaranhava meus cabelos, a areia áspera que engolia minhas botas - elas adoravam tudo. Com tanta escuridão atormentando nossa família, as meninas precisavam desses momentos de felicidade.

Então, quando elas acordaram logo após o amanhecer, eu não hesitei em segui-las até os estábulos para recuperar seus pôneis gordos. Eu sabia tanto quanto elas que, de manhã cedo, quando nossa mãe estava em Lauds, também era a única chance de uma aula adequada de equitação. Nossa mãe ordenou que os pôneis de minhas irmãs fossem mantidos na pista enquanto cavalgavam, mas eu estava determinada a torná-las cavaleiras independentes: uma habilidade essencial a ter, caso tenhamos que fugir do castelo. E a melhor maneira de me sentir mais confortável era andar sem selas - algo que eu faria apenas com areia e água para amortecer as quedas e com minha mãe não por perto para nos incomodar.

— Mantenha os calcanhares baixos, Bran — Lembrei minha irmã mais nova enquanto ela trotava seu pônei em minha direção. Sua trança loira saltava nas costas ao mesmo tempo que os cascos do pônei, e seus olhos se estreitaram em concentração. Por um momento, ela se parecia tanto com sua irmã mais velha, Alana, que minha respiração ficou presa na garganta. Afastei as memórias. Alana nunca esteve longe dos meus pensamentos, mas pensar nela era como o latejar da dor de uma ferida ainda não curada.

— Eu pensei que estava — Disse Branna, seu tom um pouco impaciente. Não me ofendi - era assim que minha irmã sempre soava, pelo menos desde o momento em que ela completara 13 anos. Ela era apenas quatro anos mais nova do que eu, embora, de certa forma, pudesse ter dez anos.

Mas então, ela não tinha visto as coisas que eu tinha. Nem foi a causa delas.

Branna decidiu me ouvir, apesar de tudo, e empurrou os calcanhares para baixo, o que endireitou a coluna e fortaleceu o equilíbrio.

— Isso é muito melhor — Eu disse, e ela sorriu. Minha atenção se voltou para minha irmã mais nova, seguindo não muito atrás de Branna. — Você está indo bem, Deirdre. — Ela olhou para a crina de seu pônei - tímida como sempre diante de um elogio.

A brisa trouxe o cheiro nocivo de sal e peixe ao meu nariz, me distraindo de minhas irmãs. Por hábito, verifiquei o horizonte em busca de qualquer sinal de velas quadradas. Meu pai e muitos de meus membros do clã haviam atendido o chamado do mosteiro nas proximidades dois dias atrás, depois que os nórdicos bárbaros foram vistos na costa, muito perto do mosteiro sob a proteção de meu pai para ignorar. Como a herdeira de meu pai e a guerreira mais habilidosa deixada para trás, eu estava encarregada de proteger seu reino em sua ausência. E isso significava proteger minhas irmãs também. A preocupação pesava sobre mim enquanto eu olhava o horizonte novamente. Fazia sete anos desde que os nórdicos desembarcaram em nossas costas, mas houve ataques frequentes ao longo da costa. Os nórdicos nunca pararam de tentar invadir as margens de nossa terra.

Felizmente, o único movimento na água hoje foram as gaivotas - gritando estridentes uma para outra e disparando logo abaixo da crista da água. Ao longe, tocavam os sinos de nossa pequena igreja, sinalizando o fim de Lauds. Nossa mãe estaria entre os fiéis, e havia muitas orações sendo oferecidas hoje pela libertação do mosteiro e de nossos homens que foram defendê-lo. Se eu tivesse sido bem-vinda na pequena capela, sem dúvida teria ofendido a Deus por minhas fervorosas orações para que não demonstrasse piedade para todo e qualquer nórdico e, de preferência, que fosse morto da maneira mais dolorosa possível. Demônios.

— Nós já temos que voltar? — Bran perguntou, seus olhos no castelo iminente. Ela sabia tão bem quanto eu que o fim do Lauds significava o retorno de nossa mãe.

Eu considerei o sol fraco da manhã. Nossa mãe geralmente ficava na igreja por pelo menos mais meia hora depois do Lauds para ajudar o padre Briain.

— Temos mais alguns minutos. Deirdre, dê um pequeno puxão nas rédeas - não deixe que ele abaixe a cabeça — Falei enquanto o nariz de seu pônei continuava avançando mais perto da areia. Ele era um animal calmo, mas adorava rolar, e eu prefiria que ele não fizesse isso com minha irmã nas costas.

Uma agitação de penas chamou minha atenção para um afloramento rochoso não muito longe de onde minhas irmãs andavam. Eu esperava ver o branco e cinza de uma gaivota, mas um pequeno choque de surpresa passou por mim quando vi o preto insondável de um corvo. Eu tentei relaxar meus ombros tensos. Afinal, poderia ser apenas um corvo normal - apenas um corvo comum procurando comida como qualquer outro pássaro. Poderia ser, mas o cabelo arrepiado na parte de trás do meu pescoço me disse que não era.

Ele inclinou a cabeça para mim uma vez antes de soltar um duro grito *caw-caw-caw*. O som despertou lembranças em minha mente: um bando de corvos tão grandes que parecia um borrão contra o cinza do céu. Meus homens do clã morrendo e minha própria irmã... Não, eu não permitiria que minha mente se desviasse para esse lugar. Mais uma vez, olhei em direção ao mar, mas a linha de água que se estendia em direção ao horizonte não se rompeu.

— Ciara! — Deirdre chamou, seu tom agudo. Eu levantei minha cabeça a tempo de ver seu pônei afundar até os joelhos dianteiros, em preparação para rolar.

Corri para o lado dela e agarrei as rédeas do pônei. Ignorando-me, o pônei grunhiu enquanto ele continuava baixando seu considerável volume para a areia. Eu estendi minha mão para Deirdre, um sorriso exasperado tocando nos meus lábios. — Você terá que descer. Ele não será dissuadido.

Ela deslizou a curta distância até o chão e eu a puxei para fora do caminho. Livre da cavaleira, o pônei rolou quase todo o caminho de costas, chutando os cascos no ar e bufando.

— Coisa teimosa. — Eu balancei minha cabeça. Ao meu lado, Deirdre riu.

— Oh não — Branna gemeu de algum lugar próximo.

Eu me virei para ver nossa mãe correndo pelo caminho sinuoso para a praia, o veludo de suas saias balançando furiosamente em seu rastro.

— Ciara! — Máthair chamou assim que ela estava ao alcance da audição, sua voz tão aguda quanto uma lâmina. Todo o seu foco estava em mim.

Suas mangas estavam quase nas areias da praia quando ela parou diante de mim, seus longos cabelos loiros em ondas nas costas. Ela estendeu a mão e puxou Deirdre para ela. — Você caiu, criança? — Ela perguntou, suas mãos segurando as bochechas de Deirdre.

— Não, Máthair — Disse Deirdre.

— Ciara estava apenas nos dando uma aula de equitação — Disse Branna nas costas de seu pônei.

— Desça daí, Branna — Disse nossa mãe, soltando Deirdre. Ela gesticulou veementemente em direção a Bran como se estivesse montada em um grande lobo ameaçador, em vez de um pônei dócil.

Frustração evidente nos ombros, Branna deslizou para baixo.

A atenção de Máthair mudou para mim, sua boca apertada. — Como você pode colocá-las em perigo assim, Ciara? — Ela esticou o braço para indicar a costa. — Aqui, de todos os lugares?

Suas palavras provocaram uma forte culpa, mas eu forcei minhas costas a endireitarem-se. Ela não estava realmente chateada com o fato de minhas irmãs estarem andando. Desde Alana, ela temia qualquer coisa que pudesse colocá-las em perigo - mesmo que fosse uma habilidade necessária, como andar de cavalo. — Eu queria que elas aprendessem a andar sem que alguém as liderasse. As areias macias da praia são mais seguras que o prado rochoso. Elas não teriam sido prejudicadas se caíssem.

— Mas os nórdicos foram vistos não muito longe daqui. Por que você não trouxe pelo menos um guarda?

Porque ninguém iria querer me acompanhar de bom grado. Eu encontrei seu olhar estreitado. — Porque eu posso manter minhas irmãs seguras.

A tagarelice parecia deixá-la de uma só vez, e ela soltou o ar. Ela não podia discutir com a verdade. — Peça minha permissão na próxima vez — Disse ela. — Venham meninas. Sentimos sua falta no Lauds, mas não é tarde para comparecer diante do altar e rezar pelo retorno seguro de seu pai. — Com os braços em volta das minhas irmãs, ela voltou para a fortaleza, para a capela onde minha presença era tão indesejável que os membros fiéis do nosso clã acreditavam que eu havia corrompido seu solo sagrado. Eduquei minhas feições para esconder a pontada de tristeza que sempre sentia por ser tão dolorosamente excluída - isso só perturbaria minhas irmãs.

— Eu deveria ajudar Ciara com os pôneis — Disse Branna, mas acenei para ela.

— Eu posso pegá-los — Eu disse, segurando as rédeas dos pôneis.

Enquanto eu seguia atrás, serpenteando lentamente para cima no caminho rochoso que levava ao castelo de nosso pai, uma sombra bruxuleante chamou minha atenção para o céu sem nuvens. O mesmo corvo circulava no alto, suas penas escuras cortando o fraco sol da manhã.

Ele me observava com interesse que nenhum corvo comum teria. E então eu tive certeza.

Eles estão vindo, uma voz sussurrou em minha mente, e um calafrio percorreu minhas costas. Não era a primeira vez que ouvia a voz do corvo, e sabia que só havia alertado uma coisa: a morte. Não havia dúvida: os nórdicos estavam chegando às nossas costas.

Então o corvo soltou um grito tão alto que até minha mãe e minhas irmãs fizeram uma pausa.

Os olhos de Branna estavam no corvo. — O que isso significa? — Ela perguntou, sua voz baixa. Ela aprendera há muito tempo que nenhum presságio deveria ser ignorado.

Eu encontrei o olhar preocupado de Máthair - um medo compartilhado que não podíamos expressar. *Nórdicos*.

— Devemos voltar ao castelo. — Dei aos pôneis outro puxão gentil para acompanhar o meu ritmo.

Quando entramos no pátio do castelo, onde ficavam os estábulos, as cozinhas e o arsenal, examinei a vasta extensão, me perguntando se mais alguém havia notado algo errado. A manhã fervilhava de atividade; dois homens guiando porcos e ovelhas pelo pátio abaixaram a cabeça brevemente quando me notaram observando. Os funcionários da cozinha batiam na poeira e nas cinzas de dois

tapetes vermelhos e dourados combinando, conversando, alheios à tensão que zumbia no ar e fazia arrepiar os cabelos na parte de trás do meu pescoço.

Então veio um som que fez meu coração disparar: o berro de um chifre ecoou pelo pátio lotado, esmagando tudo até parar. A cor do rosto de nossa mãe sumiu e ela apertou mais minhas irmãs.

Um grito de um dos meus clãs soou. Tudo o que estava congelado entrou em movimento frenético. As crianças foram reunidas ao lado do gado, já que os homens se apressaram para recolher armas.

Respirei fundo, forçando o pânico que ameaçava me engolir. Lembranças tomaram conta de minha mente.

O berro do chifre chamando nossos homens do clã à guerra.

O barulho de machados encontrando espadas.

O cheiro de sangue acobreado no ar.

A forma pálida da minha irmã quebrada e sangrando no chão duro, os cabelos espalhados atrás dela.

E eu, impotente para ajudar.

Mas eu não estava impotente agora. Passei anos treinando e aprimorando minhas habilidades durante a batalha, garantindo que nunca mais ficaria impotente.

Máthair puxou minhas irmãs em direção à segurança da fortaleza, praticamente arrastando-as em seu rastro. Antes que elas pudessem alcançar os degraus, Branna se libertou de suas mãos e correu para mim.

— Branna! — Nossa mãe chamou.

— Venha conosco — Disse Branna, seus olhos implorando para mim.

— Vá para Máthair. Fique escondida. — Eu pressionei um beijo apressado no topo de sua cabeça.

Ela agarrou meu braço antes que eu pudesse correr para o meu próprio cavalo, seu aperto quase doloroso. — Por favor não vá. Os nórdicos...

— Eu devo — Falei, meu tom firme. — Agora se apresse. — Dei-lhe um pequeno empurrão em direção à fortaleza e, esperançosamente, em segurança.

Antes de me virar, encontrei o olhar de Máthair. — Deus te proteja —Disse ela, e fugiu para o castelo.

CAPITULO 2

Enquanto eu corria para os estábulos - pôneis a reboque - minha mente já se deslocou para a batalha pela frente. Sem meu pai aqui, eu lideraria meus homens do clã, e cerrei os dentes com o pensamento de dar-lhes ordens. Eu poderia ser a herdeira do trono, mas minhas habilidades estranhas garantiram que eu não tivesse a confiança dos meus homens do clã. Eles me ouviam, mas não gostavam.

Matar nórdicos era muito mais fácil.

Ao meu redor, mulheres e crianças corriam para se esconder. Eles confiavam no penhasco íngreme e rochoso para protegê-los dos assaltantes dos nórdicos. Mas eu sabia melhor. Não os mantiveram fora sete anos atrás.

Mais preocupante foi o fato de os nórdicos estarem aqui, em vez de no mosteiro, com seus ricos tesouros. Eles derrotaram meu pai? Ou meu pai havia defendido os monges apenas para que os assaltantes voltassem os olhos para nossa casa como vingança?

Os estábulos me receberam com uma torrente de sons: homens gritaram uns com os outros, cavalos de guerra saíram, trombetas e espadas soaram quando foram puxadas da prateleira. Os pôneis de minhas irmãs voltaram ansiosamente para suas próprias baias assim que soltei suas rédeas. Quando os homens me viram, um sussurro de desconforto correu através deles.

Endireitei minha espinha e puxei minha própria espada antes de me virar para me dirigir aos homens no silêncio agora desconfortável. — Com o rei e

metade do nosso exército fora, somos poucos em número, mas somos a única coisa entre os nórdicos e nossas famílias. — A maioria deles apenas olhou para mim, mas alguns assentiram laconicamente. Eles não podiam argumentar com a necessidade de proteger os nossos. Sabíamos o quanto estava em jogo. — Eles esperam nos emboscar, nos pegar de surpresa, mas vamos encontrá-los no topo do penhasco. — Meu aperto aumentou em minha espada. — Vamos matá-los um por um.

Os homens gritaram em aprovação, brandindo suas próprias armas no ar enquanto cavalos relinchavam e batiam os pés.

Fergus, um dos poucos homens do clã que eu considerava amigo, sorriu. Seus dentes pareciam mais brancos do que o normal contra a tinta azul escura espalhada pelo rosto. — Não temos nada a temer, rapazes. Não com a princesa Ciara nos levando.

Ele quis dizer isso ironicamente, é claro - eu era o que eles temiam. Essa foi uma das razões pelas quais meu pai me baniu da igreja - meu povo acolheu meu poder no campo de batalha, mas eles acreditavam que ele contaminava qualquer espaço sagrado.

Sorri em troca, mas não parei, no caminho para a baia do meu cavalo. Riordan, um homem cujos braços e peito eram inchados de músculos, se afastou de mim como um cavalo de uma cobra. *Demônio*, ele havia dito sobre mim uma vez, e eu praticamente podia ouvi-lo pensando nisso agora. Eu me forcei a permanecer firme diante de tal rejeição, mesmo quando a dor e a solidão me arranhavam.

Havia pouco que eu não faria, e pouco que não suportaria, para manter minhas irmãs seguras.

Continuei em direção ao meu cavalo e outro do meu clã chamou minha atenção - Séamus. Por um momento doloroso, pensei que ele pudesse sorrir para mim como costumava enquanto trabalhamos juntos com os jovens cavalos de guerra, o sorriso suavizando suas feições afiadas. Mas, em vez disso, ele se virou, o rosto empalidecendo sob a pintura de guerra. Minha boca ficou em uma linha sombria, e pontinhos de vergonha se infiltraram em minha pele. Fazia dois invernos desde que ele foi forçado a treinar comigo, mas poderia muito bem ter sido ontem.

Lembrei-me de como ele parecia diante de mim: cauteloso, mas forte.

Mesmo ele não foi capaz de suportar o meu poder.

Minha mão alcançou o cavalo de madeira esculpido escondido em seu pedaço de couro desgastado sob minha armadura. *É a única coisa que sei esculpir*, ele dissera com um sorriso nervoso, *mas eu queria te dar uma coisa para mostrar o quanto você significa para mim.* Isso foi anos atrás, antes que ele soubesse quem eu realmente era. Eu ainda podia vê-lo no estábulo onde nos conhecemos, cercado pelos sons suaves dos cavalos.

Ele jurou que não temia minhas habilidades, mas isso foi antes de ser submetido a elas. Minha mente me atacou com outra lembrança: Séamus de joelhos.

Fique longe de mim, ele gritou, suas mãos enroladas protetoramente em torno de sua cabeça.

Pisquei rapidamente e deixei o colar cair no meu peito.

Não queria falar com ele, mas sabia que devia. Com o desaparecimento de muitos outros homens do clã, sua habilidade com uma espada e como cavaleiro

seria mais útil do que nunca. Endireitando meus ombros, caminhei até onde ele estava montando seu cavalo.

— Séamus — Eu disse, e todo o seu corpo ficou tenso. — Vou precisar de suas habilidades no topo da falésia - você poderá derrubar os nórdicos mais rápido do que qualquer um.

— Sim, milady — Disse ele, mantendo os olhos na sela - em qualquer coisa, menos eu.

Um lampejo de dor passou por mim em seu tratamento formal. Houve um tempo em que eu era apenas Ciara, sua amiga, não *milady*... Não a herdeira do trono... Ou pior, alguém a ser temida. Apenas eu.

Eu o observei por mais um momento, seus dedos longos fazendo um trabalho rápido com o aperto da sela, mas ele nunca olhou para cima.

— Que Deus o mantenha seguro — Eu sussurrei, e corri em direção ao meu próprio cavalo.

Abri a porta do estábulo para o meu cavalo, Sleipnir, um garanhão preto como breu. Eu o batizei com o nome do cavalo de oito pernas do deus nórdico, principalmente como um insulto aos nórdicos que derrotei, mas também porque se algum cavalo tinha a personalidade do cavalo de um deus, era Sleipnir. Ele saiu da baia, impaciente como sempre pela guerra. Apesar de seu tamanho enorme, ele se deteve na minha frente. Com um punhado de sua longa crina negra em uma mão, eu montei.

Após minha conversa curta e dolorosa com Séamus, eu não queria nada além de tocar meus calcanhares nas laterais de Sleipnir e galopar até que todos os pensamentos em minha mente desaparecessem. Em vez disso, segurei Sleipnir sob controle até os homens saírem à minha frente, com o peito nu e o rosto

pintado. O cheiro de suor, metal e tinta dos homens famintos por batalha e o cheiro mais doce de cavalos encheram minhas narinas. Era melhor do que o cheiro acobreado do sangue, que seria tudo o que eu sentiria em breve.

Eu assumi minha posição na retaguarda depois que todos passaram, e Sleipnir sacudiu a cabeça, irritado por estar atrás dos outros cavalos. Porém, não pôde ser ajudado - meu poder era mais útil depois que o inimigo já estava envolvido.

Eu mantive meus olhos no mar enquanto Sleipnir descia a encosta íngreme e rochosa. Pequenas pedras desalojaram-se sob seus cascos pesados enquanto descíamos. Havia dois penhascos perto do castelo de meu pai: um mais próximo da costa com uma subida mais fácil e um segundo com um caminho muito mais traiçoeiro. Foi neste segundo penhasco, que se projetava no próprio mar, que o castelo estava localizado. Entre os dois penhascos havia um pequeno vale, e foi nessa descida que nos encontramos. Nossos cavalos estavam acostumados com o penhasco que era nosso lar e proteção, mas qualquer outro exército teria dificuldade em não quebrar uma perna.

Quando subimos ao topo do afloramento, o que nos permitia ver a extensão da costa, parei Sleipnir e examinei os vinte homens à minha frente. Comparada aos nórdicos, nossa armadura era praticamente inexistente: perneiras de couro leve, botas de couro macio e sem capacetes. Não querendo se juntar aos meus companheiros de clã simplesmente cobrindo meu peito com tinta, eu usava um pedaço de couro sobre minha túnica de linho. A maioria dos homens tinha espadas largas, embora alguns lutassem com machados. Os nórdicos viriam com sua cota de malha e seus escudos, mas seríamos mais rápidos e mais ágeis.

As ondas batiam violentamente contra a rocha gasta, lançando água branca no ar. Deveria ter sido bastante dissuasor, mas os nórdicos eram implacáveis. O navio deles já havia desembarcado. Homens caíam do seu lado como uma onda de morte. Enquanto eu observava a vela quadrada - branca com um dragão esquelético carmesim - meu coração batia um ritmo furioso no peito. Eu lutei contra incontáveis nórdicos em batalhas em todo o nosso reino, mas a visão daquela vela ainda fazia todos os músculos do meu corpo se contraírem em guerra com medo e raiva - e memória.

O sangue do meu clã manchando a terra de vermelho;

A mão da minha irmã na minha quando tentamos escapar;

Seus olhos arregalados enquanto o sangue escorria por sua garganta, e eu, gritando, gritando...

Eu balancei a cabeça, banindo as memórias antes que elas pudessem enfraquecer minha mente ainda mais. Sleipnir bufou e bateu no chão em resposta. Como outros cavalos, ele podia sentir minhas emoções. Mas, ao contrário de outros cavalos, minha apreensão o deixava mais ousado.

Fergus virou o cavalo para mim e cuspiu no chão. — Vamos rezar para que o sangue dos invasores flua neste dia.

Olhei para os homens reunidos ao meu lado e fiz uma careta. Um navio nórdico do tamanho daquele em nossa costa poderia conter pelo menos sessenta homens, muito mais do que nossa própria tripulação. — A batalha não pode ir além do penhasco - não desta vez.

— Vou cobrir você da melhor maneira possível — Disse Fergus. — Você procura o líder deles.

Eu apertei minha mão no punho da minha espada. Meus músculos do braço ficaram tensos e meu coração bateu forte. A antecipação da batalha sempre era a mais difícil: a adrenalina aguda, a torrente de lembranças, o medo frio. Eu aguentava tudo porque minhas irmãs e minha mãe estavam juntas com medo em seu quarto. Nós éramos as únicas coisas que as impediam de serem mortas.

Voltei minha atenção para a batalha. Os nórdicos começaram a escalada traiçoeira para nossa fortaleza. Com alguma sorte, nós os apanharíamos quando eles surgissem no topo do penhasco. A estratégia de invasão dos nórdicos era sempre emboscar. Em vez de reconhecerem essas ações desonrosas, pareciam felizes em viver para lutar novamente. Eles não esperavam que estivéssemos esperando por eles, e se pudéssemos derrotar o líder rapidamente, eles poderiam recuar. Também não havia desonra em seus olhos, não quando sua estratégia de emboscada significava que eles geralmente estavam entrando em um castelo e pegando seus guerreiros desprevenidos.

Manter o terreno alto era a nossa vantagem. Nós tínhamos que fazer valer a pena.

Com um grito, o primeiro homem chegou ao topo. Ele mostrou um lampejo momentâneo de surpresa que estávamos esperando por ele, mas ele se recuperou rapidamente. Machado de batalha erguido e escudo na frente do peito, ele atacou. Mais inimigos seguiram, suas armaduras e longas barbas os tornando indistinguíveis um do outro. Meus homens do clã firam rios de seu sangue.

Ainda assim, mais conseguiram ultrapassar, até que havia dois deles para cada um de nós. Eu desviei o olhar sobre os homens que lutavam por seu líder - geralmente aquele com um guarda de escudo. Era meu trabalho matá-lo, mas isso viria depois. Depois que ele perder sua utilidade para mim.

O caos da batalha dominou meus sentidos quando os homens nos invadiram. Sleipnir empinou quando um dos nórdicos chegou perigosamente perto. Seus cascos duros quebraram o escudo lamentável que o homem de cabelos claros usava para proteger seu rosto. Eu encontrei seu machado com minha espada. O choque enviou ecos dolorosos até os meus ossos e meus músculos se contraíram.

Nossos olhos se encontraram - meu escuro com seu verde lamacento. E, naquele momento, ele foi pego, tão impotente quanto uma mosca na teia de uma aranha.

A dor brilhou atrás dos meus olhos, intensa, mas breve - nada como a primeira vez. Estendi a mão - uma extensão invisível da minha mente, mas tão natural para mim agora quanto estender meu braço. Seu machado caiu enquanto eu tomava posse de sua mente. Uma torrente de emoções tomou conta de mim como uma chuva repentina: surpresa brilhante, raiva quente, mas acima de tudo, medo doentio.

Ele era meu para controlar.

Era uma capacidade monstruosa se apossar de outra pessoa - controlá-la como se fosse apenas uma extensão do meu próprio corpo. Ainda assim, era uma força que eu não tinha medo de usar no campo de batalha, porque, embora soubesse que não era a lutadora mais forte, nem a mais rápida, meu poder tinha feito a diferença entre a vida e a morte para meus homens do clã. Para a minha família.

Forcei meu novo guarda-costas para a frente. Sua vontade se rebelou contra a minha, lutando pela independência. Minha vontade era mais forte.

Você não é o líder, mas o fará por enquanto, eu disse a ele, e senti uma onda de resposta ao medo e à raiva impotente. Eu ignorei isso. *Proteja-me dos seus camaradas até cair.*

Dois inimigos me atacaram, seus rostos severamente determinados. Meu guarda-costas nórdico os encontrou com seu machado. Quando suas armas se chocaram, a confusão diminuiu seus movimentos. Eles pararam em seu ataque, sua descrença os paralisou. Apesar do zumbido raivoso de protesto na mente do meu guarda-costas, ele ergueu o machado novamente e o derrubou na cabeça do camarada. O outro eu matei com minha própria espada.

Levou anos, muitas batalhas e muitas sessões de treinamento para poder dividir totalmente minha atenção, de modo a poder controlar alguém enquanto ainda mantinha meu senso de mim mesma. Não era diferente de ser capaz de lutar com uma espada enquanto ainda mantinha uma conversa totalmente engajada. Difícil, mas não impossível.

Enquanto lutava, procurei o líder, mas havia tantos homens trancados em combate que não consegui escolhê-lo.

Outro nórdico atacou por trás. Sleipnir me ajudou mais uma vez, mordendo e chutando. Eu girei seu grande corpo, então suas ancas bateram no homem. Meu guarda estava envolvido em uma batalha própria. Essa era uma das fraquezas da minha capacidade: eu podia tomar posse de apenas um homem de cada vez.

Eu estava vulnerável ao ataque.

A mão do homem agarrou minha coxa e eu chutei em reflexo. Ele deveria ser tão alto quanto Sleipnir e quase tão largo. Ele puxou novamente. Eu tentei abaixar minha lâmina em sua cabeça, mas ele a encontrou com seu machado. Ele sorriu, os dentes da cor de couro velho.

Em vez de lutar contra o nórdico, eu me inclinei na mão dele. Surpreendido pela súbita perda de tensão, ele afrouxou o aperto. Eu chutei novamente, e ele perdeu completamente o controle.

Durante todo o tempo, pude sentir meu guarda no outro extremo da minha corrente mental - ele pegara um de seus homens de surpresa e estava se afastando por um segundo.

Quando o homem de dentes de couro veio até mim novamente, eu esmaguei o punho da minha espada em seu nariz. Ele berrou e balançou o machado descontroladamente. Desviei quando chegou perigosamente perto de cortar o lado de Sleipnir. A raiva ardeu dentro de mim com o pensamento de meu cavalo ser ferido, e meu controle escorregou. Sentindo minha distração, meu guarda lutou contra meu domínio mental. Seu medo e frustração desesperados me atingiram com tanta força que meus olhos se fecharam contra a minha vontade. Eu tinha que me concentrar. Lembrei-me das lições que meu pai havia me ensinado: em uma situação desesperadora, pegue o inimigo de surpresa.

Abri os olhos novamente bem a tempo de ver o nórdico de dentes de couro caminhando em minha direção, seu nariz jorrando sangue.

Desta vez, seus olhos estavam no meu cavalo. Eu subi em uma posição de pé nas costas largas de Sleipnir. Os olhos do homem se arregalaram. Eu me lancei contra ele, trazendo minha espada para baixo ao mesmo tempo. Ele ergueu o escudo, mas a lâmina o esmagou na carne macia do pescoço.

O grandalhão caiu de joelhos antes de cair de cara nas pedras. O sangue se acumulou ao redor dele, mas eu não parei para pensar. Eu não me deixaria absorver a carnificina ao meu redor - tanto dos meus clãs caídos quanto dos nórdicos. Eu precisava encontrar o líder deles.

Meu olhar pousou no cadáver de um homem dividido em dois. Era Cormac, um dos poucos que me cumprimentava com uma palavra gentil. Ele tinha um bebê novo em casa, um garoto de olhos brilhantes que agora seria criado sem pai. A dor de sua perda roubou meu fôlego.

E então eu senti: o rompimento de uma conexão, como a tensão das cordas de repente se afrouxou. Meu guarda estava morta.

Braços me agarraram por trás. Eu forcei meu cotovelo no intestino do meu agressor. O grunhido que ouvi em resposta parecia jovem demais para ter vindo de um dos nórdicos corpulentos. Eu me virei e fiquei cara a cara com um garoto que não podia ter mais de treze anos.

Por um momento, tudo o que vi foi minha irmã Alana. Por que esses monstros trouxeram uma criança para a batalha? Eu era muitas coisas, mas não era assassina de crianças - nem mesmo uma criança nórdica. A raiva interior diminuiu para um pulso.

Ele levantou a espada e eu não pude deixar de rir. — Corra, garoto — Eu disse, certa de que se ele não pudesse entender minhas palavras, ele entenderia meu significado. — O campo de batalha não é lugar para uma criança.

Os olhos dele se estreitaram. — Não é lugar para uma dama também — Disse ele em gaélico com sotaque forte.

Eu ri de novo porque ele tinha razão. Meu sorriso desapareceu quando ele atacou.

Ele foi rápido, eu tinha que dar isso a ele. Ele encontrou cada golpe dos meus ataques reconhecidamente tímidos. Mas quando ele bateu minhas pernas debaixo de mim, minha diversão desapareceu completamente.

Ele pulou em cima de mim, me manteve presa ao chão. Ele cortou meu rosto com sua espada, e eu provei sangue. Ainda assim, não conseguia matá-lo.

Examinei o penhasco ensanguentado. Onde estava o líder deles? Eu não deveria estar perdendo meu tempo com um garoto. Se eu pudesse tomar posse do líder, forçá-lo a se virar contra os dele, aprendi por experiência que seus homens seriam tão pegos de surpresa que eram mais fáceis de matar. Às vezes, os perturbava tanto que eles mesmos atacavam o líder.

Um nórdico que se aproximava me distraiu da minha pesquisa. Eu estava ficando sem tempo. O homem gritou e o garoto ficou rígido, mas ele não parou de tentar cortar minha garganta.

Com a mão esquerda, procurei uma das pedras que cobriam o penhasco. Eu não mataria o garoto, mas tinha que detê-lo. Quando meu braço lançou a pedra em seu crânio, meus olhos encontraram o nórdico que apareceu atrás de nós.

Sua expressão quase me parou. Suas feições estavam distorcidas pelo pânico.

O garoto caiu, inconsciente. Para sua sorte, para meus homens do clã, ele pareceria morto. Eu poderia estar disposta a poupar a vida dele, mas os outros não.

Empurrei-o de cima de mim e me levantei para cumprimentar o nórdico que agora se erguia sobre mim, seu escudo exibindo as insígnias do dragão vermelho esquelético - o mesmo que estava na vela. Em vez de um machado, ele carregava uma massiva espada escocesa. Ele não estava cercado por seu próprio guarda pessoal como a maioria dos que eu havia lutado, mas ainda assim, eu tinha certeza. O líder me encontrou.

Eu segurei minha espada pronta e, enquanto tentava alcançar sua mente, eu o estudei. Este nórdico era diferente dos outros. Surpresa me invadiu quando percebi como ele era jovem - talvez apenas um ano mais velho do que eu. Ele era alto, mas era sua forma levemente musculosa que sugeria juventude. Sob os respingos de sangue, seu rosto era bonito, com o nariz reto, sem marcas de múltiplas cicatrizes, como os dos outros homens. Uma mandíbula forte, lábios carnudos.

Seus olhos azul-gelo cortaram para o garoto aos meus pés. Quando nós dois assistimos o peito do garoto subir, a atenção do líder voltou para mim. Nossos olhos trancaram, e mais uma vez, eu senti a dor intensa enquanto tentava tomar sua mente.

Mas meu poder bateu contra uma parede, tão real quanto as pedras que cercavam o castelo do meu pai. Dei um passo para trás, surpresa. Cerrando os dentes, empurrei com a mente. Nada. Ele nem sequer piscou.

Mas ele balançou a espada.

Eu trouxe minha própria lâmina no último momento. O impacto foi tão chocante que senti nos meus ossos, os metais das espadas se juntando em um barulho ensurdecedor.

Antes de eu poder formular um plano de ataque, ele estava em mim novamente. Seus golpes eram poderosos, e ainda havia algo sobre como ele empunhava sua espada - quase uma hesitação toda vez que a punha sobre a minha. Era como se ele estivesse se segurando. Mas por que ele faria uma coisa dessas? Porque eu era menina? Ou porque ele me viu se recusar a matar o garoto?

Quando em seguida ele atacou, eu me esquivei e balancei minha espada, na esperança de pega-lo fora de equilíbrio. Ele desviou facilmente com sua própria

lâmina. Eu não era de modo algum uma espadachim novata, mas estava claro que sua habilidade era muito maior que a minha.

Eu o circulei, o tempo todo procurando alguma maneira de ganhar o controle de sua mente. Todo meu esforço foi recebido com uma parede impenetrável. Seus ataques repetidos tornaram impossível se concentrar. Ele estava brincando comigo?

Quem ficará entre esses bárbaros e minhas irmãs se eu cair? Eu pensei. Ao meu redor, meus homens do clã continuavam lutando. Mas nossos números limitados significavam que, se eu não terminasse isso cedo, todos morreríamos. Eles pegariam o castelo e depois minhas irmãs. E eu os decepcionaria novamente.

O súbito grito agudo de um corvo ecoou acima de nós, e o homem do norte fez uma pausa, as sobrancelhas desenhadas sobre os olhos. Levei a distração dele a meu favor. Ele era poderoso, mas ele era rápido? Eu fingi para a esquerda e me virei atrás dele. Minha lâmina bateu na cota de malha cobrindo suas costas largas.

Não o deixou de joelhos, mas o atordoou.

Eu balancei minha espada, aproveitando sua reação lenta. Ele aparou no último segundo. Minha lâmina escorregou de sua espada e cortou seu pescoço. Sangue serpenteou por sua garganta, e eu rapidamente examinei o chão debaixo dele. Pedras ainda maiores que a que eu usara para nocautear o garoto estavam espalhadas ao nosso redor. Joguei minha espada no chão e mergulhei por uma.

Quando ele se abaixou para me agarrar, peguei uma pedra e a esmaguei contra sua cabeça. Ele caiu pesadamente com um baque surdo na pedra. Peguei minha espada e a segurei sobre minha cabeça, pronta para manter o nórdico no chão permanentemente.

Mas antes que eu pudesse dar o golpe final, algo impediu minha mão. Uma voz prateada encheu minha mente, sussurrando, *não ele*. Era a voz do corvo novamente. Nunca tinha estado errada, mas ainda resisti. Por que ele queria que eu poupasse meu inimigo? Esse nórdico sabia o que havia acontecido com meu pai? Ele foi o motivo pelo qual meus homens do clã e meu pai foram em defesa do mosteiro? Eu assisti o peito do homem subir e descer, meu olhar se movendo para cima para estudar seu rosto. Suas bochechas eram macias e seus cílios dourados lhe davam uma aparência enganosamente inocente. A possibilidade de meu pai ter sido derrotado, possivelmente até morto, me fez querer balançar o nórdico até que ele acordasse.

Meu lábio se curvou. Não importa o corvo. Eu odiava esse homem que trouxesse esses demônios à minha porta. O mundo estaria melhor com menos um nórdico. Meus braços tremiam, subitamente fracos sob o peso da minha espada enquanto eu lutava comigo mesma. No sono, ele não era uma ameaça e eu não era uma assassina.

Embainhei minha espada enquanto ofegava.

Outro guerreiro nórdico tropeçou perto de mim. Ele viu seu líder aos meus pés. Agarrei-o com a mente tão rápido quanto um falcão arranca um rato inocente de um campo. Este estava cansado e ensanguentado; ele mal tinha forças para resistir. Eu o fiz abrir a boca e gritar em seu próprio idioma: — Hrokkva! — *Recuar*. A luta continuou por vários batimentos cardíacos, e eu forcei o guerreiro nórdico a repetir seu chamado. Um a um, os nórdicos avistaram seu líder caído e obedeceram à ordem de recuar.

Os nórdicos sobreviventes - mais ou menos vinte por minha conta - se viraram e correram enquanto meus homens do clã restantes os perseguiam até a beira do penhasco.

O homem que eu controlei ficou para trás, ainda balançando sob minha influência. Mudei-o para o garoto inconsciente mais jovem. Eu pude sentir a dor de seus ferimentos quando o forcei a pegar o garoto: o corte na coxa que sangrava livremente ardeu quando ele se abaixou, a dor lancinante de costelas machucadas ou quebradas a cada respiração, a picada do sangue e suor em seus olhos. Ainda assim, ele era forte o suficiente para recuar com o garoto, e era com isso que eu me importava.

Pegue o garoto e nunca mais volte, mas seu líder é meu, eu disse a ele. Que ele se lembre de mim pelo monstro que eu era.

Olhei de volta para o líder nórdico caído quando meus doze homens do clã restantes se reuniram ao meu redor.

— Corte a cabeça dos ombros e termine com isso. — Disse Conall, um dos meus primos.

— Não. — Eu disse, meus olhos segurando os dele. Ele imediatamente baixou o olhar. — Quero que ele seja mantido vivo.

— Seu pai...

— Meu pai não está aqui. — Falei — E esse nórdico pode saber sobre - pode até ser responsável por - o ataque ao mosteiro. Preciso saber se meu pai sobreviveu. — Eu me movi para ficar sobre o corpo caído do nórdico como um lobo guardando seu filhote. A voz do corvo me disse para poupá-lo, então eu o faria... Por enquanto. Mais do que tudo, porém, eu queria saber como esse nórdico era capaz de resistir a mim. Soltei um assobio agudo para Sleipnir. Ele trotou,

evitando graciosamente pisar nos caídos. Todos os meus homens do clã, exceto Fergus e Conall, recuaram, me olhando com cautela. Eu olhei para os dois por vários batimentos cardíacos - apenas o tempo suficiente para lembrá-los de que eu poderia forçá-los se quisesse - antes que eles finalmente colocassem o nórdico no meu cavalo.

Eu pulei nas costas de Sleipnir atrás do meu prisioneiro.

A apreensão pelo que eu fiz me encheu. Se meu pai voltasse - não, *quando*, eu me corrigi com raiva - eu teria que explicar por que não havia matado imediatamente o nórdico quando tive a chance.

Mas primeiro, eu teria que explicar minha lógica para mim mesma.

CAPITULO 3

Havia apenas um lugar em que eu confiava para manter um prisioneiro seguro e em segredo - pelo menos por um tempo. Uma pequena caverna esculpida nas altas falésias à beira-mar, facilmente o lugar mais miserável do nosso reino.

O mar rugia embaixo de nós quando abraçamos a lateral do penhasco. Conall e Fergus grunhiram sob o peso de sua carga inconsciente, e eu segui pelo caminho rochoso até a caverna. Somente nós três fomos capazes de arrastar nosso cativo para sua nova prisão; o resto ficou para guardar o caminho até o inimigo recuar completamente. Seguimos uma trilha íngreme de cabras até uma pequena caverna escavada na rocha. Rochas irregulares nos aguardavam se caíssemos, mas esse era um caminho que conhecíamos bem. Quando entrei, ajudei a puxar o nórdico para a escuridão fresca.

Algemas pendiam de correntes presas à parede, e eu as prendi nos pulsos do nórdico. Eu cerrei os dentes quando o toquei de uma maneira tão familiar. Seus braços eram surpreendentemente pesados, as faixas magras de músculos esticando as correntes assim que elas foram presas. Ele caiu para frente, a cabeça no peito, os braços estendidos. Seu cabelo comprido escapou da tira de couro que o mantinha preso, alguns dos fios loiros me impedindo de ver seu rosto.

Recostei-me nos calcanhares. Não entendia por que a voz me fez poupar a vida desse homem. Muitas vezes havia avisado sobre as batalhas que viriam, mas nunca interveio de outra maneira - especialmente para nunca poupar a vida de

um inimigo. Às vezes, o corvo aparecia com a voz, mas nem sempre, provando que isso era mais do que simplesmente um corvo encantado. Perguntei muitas vezes o que - ou quem - era, mas nunca recebi uma resposta. Um espírito, um deus, um demônio... Não fazia diferença. Tudo o que importava era que isso me permitia me preparar para a batalha. E agora, tinha poupado a vida do meu inimigo.

Inclinei minha cabeça enquanto estudava o guerreiro diante de mim. Ele parecia com qualquer outro nórdico - então por que a voz ordenou que ele vivesse? Mas se eu estava sendo verdadeiramente honesta comigo mesma, sabia que havia outra razão pela qual eu o havia poupado.

Eu queria saber como ele foi capaz de resistir ao meu controle mental. Afinal, quem era esse guerreiro cuja mente não passava de um muro de pedra? Quem poderia resistir até ao meu poder?

— Está tudo bem, milady? — A voz de Conall me levou de volta à caverna. Na penumbra, era difícil ver meus homens do clã, mas eu sabia que ambos tinham ferimentos leves de batalha. O antebraço de Conall estava pegajoso de sangue coagulado, e Fergus havia acrescentado mais uma cicatriz à coleção em seu rosto áspero. Pelo que eu sabia, o nórdico que eu havia poupado tinha colocado aquelas marcas nos homens com quem eu cresci. Homens que talvez tenham sido os únicos que me trataram como igual, e não como alguém a ser temida. Fechei meus olhos com força, como se o simples ato apagasse a culpa gordurosa que rodava dentro de mim. Talvez o nórdico acordasse furioso e eu fosse forçada a fazer o que deveria ter feito no campo de batalha.

— Vão para casa e cuidem de suas feridas. — Eu disse a Conall e Fergus. — Não há razão para nós três vigiarmos.

Conall, que adorava discutir pelo prazer disso, cruzou os braços sobre o peito. — Seria errado deixar você com esse bárbaro, milady. — Ele segurou o braço contra a luz. — Este é um mero arranhão.

— Até arranhões podem apodrecer. — Eu disse. — Vá e diga às minhas irmãs que estarei em casa antes do anoitecer.

— Venha, Conall — Disse Fergus com um sorriso. —, a princesa pode cuidar dela mesma, e eu estou cansado do sangue pingando nos meus olhos.

O rosto de Conall era uma máscara de desaprovação. — Pode ser, mas não devemos deixá-la aqui por muito tempo. Sempre há a possibilidade que os outros atacantes viram aonde levamos o líder deles. — Sua mandíbula flexionou. — Você tem certeza de que não preferiria apenas matá-lo e acabar com isso? O rei não aprovará que ele seja mantido prisioneiro. Se ele descobrir...

— E se esse nórdico souber o que aconteceu no mosteiro? E se meu pai estiver morto?

Fergus e Conall se entreolharam, trocando um olhar de medo. Perder meu pai seria impensável por muitas razões, a menor das quais sendo que não era segredo que o rei Sigtrygg em Dubhlinn queria nosso reino para si. Ou melhor, suas riquezas. E se meu pai estivesse morto, o rei de Dubhlinn não perderia tempo fazendo guerra para obtê-lo.

— Ele não está morto. — Disse Conall, mas qualquer um podia ver que ele disse isso para se confortar.

— A princesa tem razão. — Disse Fergus. — Se esses nórdicos invadiram o mosteiro, é improvável que eles deixem alguém vivo para nos enviar uma mensagem.

Olhei para o prisioneiro nórdico novamente. — E eu prefiro saber agora.

— Se ele responder. — Conall disse.

Eu olhei de volta para o nórdico. — Ele vai me responder.

Fergus desembainhou sua espada, ainda tingida de vermelho da batalha. — Não tenho dúvida disso, milady. Conall, devemos explorar antes de retornar ao castelo.

Conall observou o prisioneiro por um momento, como se esperasse que ele acordasse de repente. Seus lábios se curvaram quando o nórdico permaneceu caído. — Voltaremos logo, prima. — Disse ele, e saiu da caverna, Fergus em seus calcanhares.

Fiquei na entrada da caverna até que seus passos se tornaram indetectáveis. Eu não menti sobre querer descobrir se esses nórdicos eram os responsáveis pelo ataque, mas também fiquei feliz por estar sozinha com meu estranho prisioneiro. Eu assumi a mente de homens maiores, mais sábios e mais velhos que esse garoto, e ainda assim ele foi capaz de resistir. O que havia de tão especial nele? Isso me fez sentir uma sensação desconhecida de vulnerabilidade.

E então o pensamento surgiu em minha mente: *e se ele for como eu - alguém com poder?*

Não era um pensamento selvagem. Eu sabia que não estava totalmente sozinha em ter habilidades além das da maioria das pessoas. Havia aqueles que tinham visões verdadeiras, que podiam profetizar. Os comerciantes falaram de pessoas que podiam fazer coisas incríveis, como acalmar uma tempestade no mar. E havia o que meus próprios clãs sussurravam sobre mim: que eu era um changeling. Uma criança das fadas trocada ao nascer com sua verdadeira contraparte humana. Embora os changelings fossem raros, eles não eram desconhecidos, e nenhum deles se mostrara amigável com os humanos - mesmo

com aqueles que os criaram. Todo mundo sabia que a magia estava viva e bem em Éirinn, apesar da maioria de seus cidadãos serem cristãos. O cristianismo manteve alguns dos monstros à distância... mas nem todos.

Meu pai proibiu esse tipo de conversa sobre mim; até rumores disso faziam com que seu rosto ficasse vermelho de raiva. Mas isso não impedia a conversa do castelo, sussurrada nas nossas costas. Por mais doloroso que tenha sido ver a apreensão nos olhos dos criados, não pude culpá-los. Na verdade, meu poder era aterrorizante.

Este homem era poderoso de maneiras que eu não tinha encontrado antes? Eu escolhi um lugar longe do alcance de suas correntes e me sentei contra a parede. Puxei minhas pernas para perto do meu corpo e desejei ter minha capa verde e dourada para afastar o frio. Estava frio lá fora e ainda mais frio dentro da caverna, mas pelo menos eu estava protegida do vento. Quando minha mente inevitavelmente vagou para os pensamentos da batalha, eu me forcei a pensar em outras coisas. A história que eu contaria às minhas irmãs naquela noite em que elas inevitavelmente exigiam uma antes de dormir, o som das ondas batendo na rocha do lado de fora, a umidade fria sob minhas pernas - qualquer coisa, menos o sangue, a morte e a violência da batalha.

Depois de um tempo, o barulho das correntes quebrou o silêncio. Eu me virei para encontrar o nórdico me encarando com olhos que pareciam escuros na penumbra. — Acho estranho não jantar nos corredores de Valhalla esta noite. — Disse ele em gaélico com sotaque nórdico.

Levei um momento para entender seu significado. Valhalla era o "salão dos mortos" o equivalente nórdico do céu. Mesmo na morte, os nórdicos continuavam atacando e bebendo.

Eu levantei, e ele assistiu todos os meus movimentos, seu olhar traçando as linhas do meu corpo. Tentei lembrar que eu era uma guerreira neste caso e não uma donzela. Ainda assim, o calor subiu pelo meu pescoço. — Eu guardei você para interrogatório. — Eu disse. — Há coisas que eu preciso saber.

— O que faz você pensar que eu vou responder? — Ele perguntou, sua voz levemente provocadora.

— Ou isso ou eu deixo você aqui para morrer.

Um sorriso fantasma apareceu brevemente. — Justo, meyja.

Eu sabia apenas algumas palavras em nórdico, então não sabia do que ele me chamou, mas sua expressão dizia que estava zombando. — Como você fala gaélico tão bem? — Eu perguntei, uma ponta rastejando em minha voz. — Pensei que os nórdicos fossem bárbaros demais para se incomodarem em aprender outras línguas.

— É por isso que você me manteve longe de Valhalla? Manter uma conversa inútil sobre meu conhecimento de idiomas?

Eu olhei. O fato de eu não entender nada além das palavras mais simples em nórdico, mas ele poder conversar comigo fluentemente em meu próprio idioma me deixou desconfortável. — Poupei sua vida para determinar se você invadiu o mosteiro ao norte daqui.

Silêncio, ele apenas olhou para mim. Internamente, forcei minha crescente frustração para baixo; Eu sabia que não devia dizer mais nada. Deixar o silêncio crescer até que se estabelecesse nos ombros de alguém como uma capa de lã encharcada era suficiente para forçar alguém a falar. Normalmente, a mera ameaça de minhas habilidades mentais era suficiente para afrouxar as línguas teimosas. Mas esse prisioneiro em particular estava imune.

Bem, sempre havia lâminas.

Mas antes que eu pudesse pegar minha espada, ele falou. — Minha vida está nas mãos dos deuses. — Gozei de uma pequena emoção por ele ter se rendido primeiro. — Não te devo nada.

— Seus deuses nórdicos não têm poder aqui. Por todos os direitos, eu deveria ter matado você no campo de batalha, mas não o matei. Eu poderia te matar agora. E você ainda não vai responder?

Ele olhou em silêncio, como se não entendesse gaélico.

Eu considerei as correntes que o prendiam por um momento, e me ocorreu que se eu não pudesse tomar posse de sua mente no campo de batalha, talvez agora que ele estivesse em um estado enfraquecido, eu conseguiria forçar as respostas de sua mente. Eu o encarei como se tentasse intimidá-lo. Todo o tempo, eu me abri para o meu poder, empurrando através da dor ofuscante atrás dos meus olhos. Eu me concentrei, todo o meu ser focado no prisioneiro na minha frente.

E novamente eu bati em uma parede, um nada invencível. A mente da maioria das pessoas não tinha defesas; todos os seus pensamentos e sentimentos me atingiam como chuva no momento em que estendia a mão. Mas com o nórdico, só havia silêncio. Eu empurrei mais forte. Uma pitada de confusão surgiu em seu rosto por um momento - ele sentiu alguma coisa, pelo menos. Quando eu empurrei novamente, o nada repeliu meu ataque mental.

A dor na minha cabeça se intensificou e as muitas pequenas feridas no meu corpo da batalha palpitaram. Com fadiga veio o rompimento da minha paciência.

— Espero que seus deuses o mantenham aquecido nesta caverna hoje à noite. Quando a maré subir e o vento bater à porta, talvez você considere meu pedido de respostas.

Seu rosto não revelava emoção, nenhuma evidência de que ele tivesse ouvido ou entendido minha ameaça.

Eu me virei e saí da caverna. A noite já havia ficado muito fria, o tipo de frio que deixava alguém desesperado por uma fogueira. O tipo de frio que deveria afrouxar a língua de um prisioneiro para garantir que ele nunca mais fosse abandonado em tal ambiente.

A trilha de cabras era tão inóspita como sempre, fazendo-me escolher meus pontos de apoio com cuidado. Passos pesados anunciaram a abordagem de Fergus e, uma vez que cheguei ao final da trilha, levantei minha mão em cumprimento.

As sobrancelhas de Fergus se levantaram no momento em que ele viu minha expressão frustrada. — O prisioneiro se recusou a responder? — Ele perguntou. — Mas como... Com as suas... Habilidades... — Ele parou de falar e fiquei surpresa que ele tivesse dito tanto quanto ele falou. Meus poderes mentais não eram um assunto sobre o qual muitos gostassem de falar.

Eu balancei minha cabeça. — Eu gostaria de ter uma resposta para você. — Olhei para a caverna escura. — O vento e a maré farão o trabalho bem o suficiente, tenho certeza. Se não...

—Eu poderia quebrar o silêncio dele por você, milady. — Ele sorriu então, pois Conall e Fergus não amavam nada além da chance de usar suas espadas.

— Você pode ter a chance. — Eu disse. Meus músculos ficaram tensos quando me lembrei do olhar mudo do prisioneiro, mas, mesmo assim, a tortura

não era um dos meus pontos fortes. — Você não precisa fazer a caminhada para a caverna. Foi difícil agora, e se você se indicou como guarda, ficaria muito mais quente aqui.

Ele deu de ombros e a chama da tocha que ele segurava dançava alegremente. — Ficaria feliz em acompanhá-la de volta, milady. A escória nórdica permanecerá em sua prisão hoje à noite - as algemas cuidarão disso. E mesmo que ele escape, ele certamente cairá para a morte.

Olhei de volta para a altura vertiginosa do penhasco, e as rochas e o mar esperando avidamente no fundo. A fuga seria realmente arriscada, mesmo para um guerreiro não ferido.

— Eu posso ver bem o suficiente sob essa luz. Não preciso de escolta. Mas e minha mãe e irmãs? Elas estão bem?

— Sim, milady. Apenas ansiosas para vê-la.

Uma respiração aliviada me escapou. Graças a Deus. — Eu irei até elas, então. Obrigada, Fergus. — Enquanto me afastava, gritei de volta por cima do ombro: — Certificarei de aliviá-lo de seu cargo de manhã.

Fergus riu, sentando-se entre as rochas. — Não tenho dúvidas de que você voltará. Não são muitos os que enfrentam você.

Meus músculos estavam tensos como um arco enquanto eu corria de volta para a fortaleza do castelo. Fergus estava errado. Eu não estava com raiva porque o nórdico havia me desafiado - isso era de se esperar. Não, era o fato de ele continuar resistindo a mim que alimentou minha raiva. Com ele tão fisicamente fraco, deveria ter sido fácil romper suas defesas mentais e acessar as informações que eu precisava. Era um risco muito grande enviar alguém para o mosteiro agora, não depois de termos perdido tantos na batalha; nós precisávamos das

informações dele. Mas e se nós parássemos demais e os nórdicos voltassem para seu líder? Na verdade, o homem era um fardo. Seria melhor cortar a cabeça dele e jogá-lo no mar.

Você precisa dele, a voz perigosa sussurrou.

Cautelosamente, examinei o ambiente ao meu redor. Não vi o corvo, apenas a escuridão ao meu redor.

Quem é você? Eu perguntei.

Sem resposta, e nisso, pelo menos, encontrei conforto. A voz nunca respondia. Talvez eu fosse tola em ouvir, possivelmente até imprudente. Pelo que eu sabia, era um demônio sussurrando avisos para mim.

Não seria a primeira vez que isso acontecia aqui. A costa podia ser um lugar perigoso, não apenas por causa do mar faminto, alturas que podiam mutilar tão facilmente quanto matar, ou pedras à espreita para quebrar os ossos, mas por causa das criaturas que faziam aqui sua casa.

Quando criança, me contaram a história de um sluagh que atormentava uma velha que vivia na cabana de um pescador não muito longe daqui. O espírito inquieto assumiu a forma de um abutre e a seguiu noite e dia, empoleirado no telhado, suas garras raspando a palha até que a enlouqueceu. Ele sussurrou coisas para ela, coisas más, e depois de um tempo, ela sucumbiu a isso. Ela arrancou os olhos do marido durante a noite e se jogou no mar.

Mas essa era uma voz familiar, embora a intercessão fosse incomum. Precisava dele para quê? Com o que um pagão nórdico poderia me ajudar?

De repente, fiquei com raiva de mim mesma. Eu não deveria ter poupado a vida do nórdico. Eu era temida e detestada o suficiente dentro do meu próprio

clã. Por que trazer mais problemas para mim? Mas, mesmo pensando nisso, sabia que não poderia executá-lo.

Não sem razão.

CAPITULO 4

Quando voltei ao castelo, minhas irmãs estavam amontoadas sob a pele de um urso em frente ao fogo do meu quarto, os dedos hábeis com agulhas de tecelagem dentro e fora do bordado, os cabelos dourados brilhando à luz. Branna jogou o bordado para baixo assim que me viu. Ela colocou os braços finos e sardentos em volta de mim para um abraço apertado. Deirdre, sempre a mais reservada das duas, encostada na lareira.

Eu estendi meu braço para ela, e ela se juntou a nós. — Estou tão agradecida que vocês duas não estão feridas. — Falei.

— Nunca estivemos em perigo. — Disse Branna. — Graças a você.

Deirdre assentiu solenemente e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Por que você deve lutar com os homens, Ciara? É tão assustador, e eu não aguentaria se algo lhe acontecesse.

— Eu nunca quis lhes deixar, mas tenho um dever com vocês e com este clã. Desde que eu tenha o poder de manter afastados aqueles que nos prejudicariam, devo usá-lo.

— Branna está certa ao dizer que todas nós tínhamos medo por você. — Minha mãe disse da porta do quarto. Seus longos cabelos loiros estavam trançados, e ela usava seu roupão mais quente de pelo. Com os mesmos olhos azul-celeste que minhas irmãs, ela costumava ser confundida com a irmã mais velha. Com meus cabelos escuros como penas de corvos, pele pálida e olhos escuros, não era de admirar os rumores que eu era uma changeling. Não pela

primeira vez, as semelhanças entre as três causaram um sentimento sombrio de pressentimento em seu lar no meu peito.

— Máthair, é por você e minhas irmãs que eu luto. Seria pecado da minha parte permanecer aqui quando puder fazer a diferença no campo de batalha.

— Você não me permitiu terminar. — Minha mãe repreendeu. — Branna, Deirdre, devemos ser fortes por Ciara. Ela arrisca muito por nós, e só pesa seu coração nos pedir que ela não vá embora.

Deirdre abaixou a cabeça. — Sim, Máthair.

Mas Branna me olhou com uma expressão determinada que me lembrou o garoto nórdico do campo de batalha. — Desde que a batalha terminou, você nos acompanhará ao mercado amanhã?

Se Deus quiser, eu extrairia respostas de um prisioneiro amanhã. — Bran, eu-

— Sua irmã não pode deixar o castelo. — Nossa mãe disse, sua voz calmamente firme. — Especialmente com tantos de nossos homens fora.

— Ciara nunca vem conosco. — Persistiu Branna. Ela estava certa. Máthair raramente, se é que alguma vez, me pedia para acompanhá-las para longe do castelo.

— Ela é mais útil aqui. Todas devemos desempenhar nosso papel - para o bem de todos. — Ela estendeu o braço, as mangas do roupão penduradas até a cintura. — Venham agora, meninas. Ciara precisa descansar.

— Por favor, Máthair — Disse Deirdre. —, não podemos dormir aqui com Ciara?

Máthair encontrou meus olhos, cautela evidente na pressão fina de seus lábios. Houve um tempo em que nós três dormíamos na mesma cama todas as

noites. Mas isso foi antes de eu atingir a maioridade, antes que minhas habilidades se manifestassem e minha própria mãe me tratasse como se eu fosse mais lobo do que filha - alguém a ser respeitada e temida.

De fato, a primeira vez que usei minhas habilidades foi acidentalmente em minha própria mãe.

Lembrei-me de estar furiosa com ela. Ela me proibiu de andar a cavalo pelo resto da semana porque eu não tinha acordado a tempo de ir à missa.

— Você nos envergonhou, agindo como uma pagã. — Ela disse, com o rosto vermelho de raiva.

— Ninguém me quer lá de qualquer maneira! — Eu joguei de volta para ela. Mesmo antes de minhas verdadeiras habilidades se manifestarem, muitos estavam desconfortáveis em minha companhia. Era como se eles sentissem desde o início que eu era diferente.

Fiquei mais magoada que ela nunca me defendeu. Ela sabia o que os outros diziam sobre mim, mas nunca tentou silenciá-los. Era como se ela concordasse silenciosamente. E quando ela não me deixou andar de cavalo, a única coisa que me faz sentir livre, útil e realizada, algo dentro de mim quebrou.

Era como se minha fúria assumisse a forma de uma mão invisível, passando da minha mente à dela. Ela a agarrou e empurrou com força o suficiente para que ela tropeçasse para trás na parede. Sua raiva e decepção por mim rapidamente mudaram para um medo paralisante e gelado.

Ela é como ela, minha mãe pensou, suas palavras caindo sobre si mesmas, ecoando em sua mente. *Muito poderosa. Perigosa demais.*

Assim como quem? Eu pensei, mas eu já estava deixando sua mente ir. Tremendo com o horror do que eu tinha feito com ela, com o fato de que ela estava com medo de mim, eu a observei fugir do meu quarto.

Isso foi há cinco anos.

Desde então, minha mãe tem sido cautelosa em minha companhia, como alguém seria cauteloso com qualquer coisa selvagem. Meu pai, quando ouviu o que eu tinha feito, me trancou no meu quarto por dois dias. No terceiro, ele me pediu para me juntar a ele no campo de treinamento com uma única regra: eu nunca usaria minhas habilidades em membros de nossa família. E uma vez que outros descobriram o que eu poderia fazer, não fui mais bem-vinda na igreja.

— Eu me sentiria muito bem se elas ficassem. — Eu disse a Máthair agora.

Ela hesitou, e eu senti meu coração torcer em resposta. O que minhas irmãs temeriam de mim? — Muito bem — Disse Máthair. —, só por hoje à noite. — Ela esfregou a mão suavemente sobre a cabeça de Branna e se inclinou para beijar a bochecha de Deirdre.

Ela saiu tão silenciosamente quanto viera, e eu apontei para o fecho da minha armadura. — Vou ter que remover tudo isso antes de dormir. Você vai me ajudar, Bran?

— É claro. — Disse ela, seus dedos ágeis fazendo um trabalho rápido com as fivelas teimosas.

Eu tinha lavado o sangue da minha armadura antes de entrar no castelo, mas ainda assim foi necessário o esforço de nós três para removê-lo. As perneiras de couro eram as piores de todas, praticamente moldada na minha pele.

Branna se recostou em seus quadris com um gemido exasperado depois de várias tentativas malsucedidas de me libertar deles. — Acho que vou ter que cortar para liberar você. — Anunciou ela.

— Faça o que você precisar. — Eu disse.

Ela pegou uma adaga da minha parede e cortou as tiras. Soltei um suspiro de alívio quando elas caíram em um amontoado aos meus pés e fiquei na minha túnica de linho.

— Aqui está sua túnica. — Disse Deirdre, segurando o pesado veludo no alto. — Agora você vai nos contar uma história?

Olhei para minha banheira de madeira com saudade, mas sabia que teria que esperar. Eu sorri. — Eu adoraria.

Deirdre se jogou na minha cama e se enterrou sob as peles grossas. Branna e eu nos juntamos a ela, rindo. — Que tipo de história? — Eu perguntei.

— Uma assustadora. — Disse Branna. Ela deu uma cutucada em Deirdre com o ombro, e Deirdre assentiu.

— Agora que tipo de irmã mais velha eu seria para assustar vocês duas sem sentido antes de dormir? Vocês não tiveram medo suficiente para o dia?

Branna balançou a cabeça enquanto Deirdre me observava solenemente. — Melhor pensar em uma história e ter medo do que pensar nos nórdicos. — Disse Branna. — Nós não teremos medo, porque estaremos todas juntas. Somente quando estamos separadas é que temos medo.

A culpa cresceu dentro de mim. Dependendo do que aprendi com o prisioneiro nórdico sobre meu pai, talvez eu precise deixá-las novamente em breve. — Muito bem então. Vou contar uma história sobre uma das criaturas aquáticas mais assustadoras.

O rosto de Branna se iluminou. — É sobre um Each-uisge? Shauna jura que seu avô domou um uma vez.

— Shauna está errada. — Eu disse, segurando seu olhar para que ela soubesse que eu deveria ser levada a sério. — Um Each-uisge nunca pode ser domado. Eles podem aparecer como elegantes cavalos pretos, assustadoramente bonitos ou até pôneis, enganosamente pequenos. Suas crinas e caudas estão sempre molhadas, e seus olhos brilham como os de um lobo.

Deirdre estremeceu e se aproximou de Branna.

— Isso não parece tão ruim. — Disse Branna, mas eu podia ver a pele arrepiada em seus braços.

— Suas aparências são destinadas a atrair você. — Eu disse. — Veja bem, havia uma garota, há muito tempo, que era a única sobrevivente de um encontro com um Each-uisge, embora suas amigas não tivessem tanta sorte. Em uma das noites mais sombrias que o mundo já viu, com trovões rugindo tão alto no céu que parecia que as pedras sob seus pés desmoronariam, uma jovem e suas amigas estavam voltando para casa.

— Por que elas estavam vagando no escuro? Eu nunca ouvi falar de algo mais tolo.

— Shh — Disse Deirdre à irmã. —, é apenas uma história.

— É um aviso. — Eu corrigi. — Elas se afastaram muito de casa e se perderam na tempestade. Outra lição que você faria bem em aprender. As colinas íngremes e a costa podem ter todas a mesma aparência; é por isso que o irmão Mac Máel gasta tanto tempo nas lições da terra com você.

— Ele quase não nos ensina mais nada. — Disse Branna, e Deirdre a silenciou novamente.

— Havia quatro delas no total, a mais nova da idade de Deirdre. Elas deram as mãos e se mantiveram próximas uma da outra, mas tinham medo de nunca mais voltar para casa. Um raio iluminou o céu e um magnífico garanhão preto apareceu diante delas. Sua crina gotejava, a água fluindo em rios por seu corpo elegante, mas as meninas não pensavam em nada. Ele estava no meio de uma tempestade, afinal. Ajoelhou-se diante delas, convidando-as para suas costas. As amigas da garota disseram: "Ele quer que a gente monte nele, e ele é grande o suficiente para todos nós. Certamente voltaremos para casa agora." Mas a menina estava com medo. Lembrou-se da história de cada um dos casos que sua irmã mais velha havia contado — Falei com um olhar aguçado para minhas próprias irmãs. Os olhos de pesadelo do cavalo enviaram arrepios pela sua espinha. — "Receio que este cavalo seja um demônio disfarçado" disse a garota, mas era tarde demais. Suas amigas saltaram para cima, e o Each-uisge galopou tão longe e tão rápido que nem um falcão conseguiu se manter do céu.

Ambas Branna e Deirdre ouviram com os olhos arregalados, tão quietas que eu mal podia ouvir a respiração delas. — Por que elas não se jogaram das costas? — Perguntou Branna.

— Sua pele se torna a seiva mais pegajosa. Não há escapatória.

— O que aconteceu com elas? — Deirdre perguntou, sua voz pouco mais que um sussurro.

— O Each-uisge as levou de volta ao seu lago e mergulhou até o fundo. Ele as prendeu embaixo até que se afogassem, e então comeu tudo, menos o coração e o fígado. Ele voltou para a garota, pois o Each-uisge não se satisfez, mas ela se escondeu dele em uma caverna. Ela o viu se transformar no homem mais bonito, com uma voz como um anjo, mas ainda assim não deixou a segurança da rocha

nas suas costas. A manhã chegou e o Each-uisge desapareceu junto com a tempestade. À luz do dia, a garota percebeu que sua guarda estava à vista e voltou para casa sem as amigas, mas viva da mesma forma.

Um silêncio caiu sobre nós, o fogo crepitante o único som no quarto. — Essa foi uma história triste. — Disse Deirdre finalmente.

— É, então você deve me prometer que vai se lembrar. Não é segredo que existem monstros que vagam por toda a costa. — Eu me inclinei para mais perto delas e sussurrei: — Especialmente à noite. — E as duas pularam e depois riram. — Na verdade, vocês só devem montar os cavalos e pôneis que temos aqui.

— Então você também deve prometer continuar nos ensinando em segredo. — Disse Branna. — Estamos cansadas do irmão Mac Máel mantendo nossos pôneis nas baias.

Eu sorri. — Tudo isso depende de Máthair. É ela quem teme que vocês se machuquem. — Nossa mãe tem um medo incomum de cavalos, preferindo andar a menos se absolutamente forçada a andar. Eu sempre me perguntei se talvez ela tivesse encontrado um Each-uisge mais jovem, mas, como em muitas coisas, ela nunca diria.

— Você vai nos contar outra história? — Deirdre perguntou. Ela bocejou tanto que eu pude ver todos os dentes.

Eu ri baixinho e dei-lhe um abraço. — Você está cansada demais para ouvir outra, e eu preciso de um banho adequado. Tenho certeza que já cheirei melhor.

Para minha surpresa, nenhum outro argumento foi dado. Elas se esconderam embaixo das peles e, depois de alguns minutos se balançando e virando, ficaram quietas e dormiram.

Depois de dar um beijo de boa noite em cada uma das bochechas, virei-me para a minha ampla banheira de madeira em frente ao fogo.

Muitos viam o banho como um luxo necessário apenas a cada ciclo da lua, mas eu tinha uma opinião diferente sobre o assunto, principalmente depois de uma batalha - talvez eu não estivesse mais coberta de sangue e suor, mas ainda me sentia suja.

Minha criada havia cuidadosamente preparado um banho para mim no início da noite - quando eu deveria ter chegado em casa. Não ousei despertá-la de sua cama quente agora para trazer o banho de volta a uma temperatura confortável. O aroma de lavanda e hortelã ainda perfumava o ar convidativamente, apesar do frio.

A água da minha banheira estava muito fria para mergulhar, então tomei banho rapidamente, esfregando minha pele até ficar rosada por abusar. Terminado, levantei-me e, quando minhas mãos agarraram os dois lados da banheira, de repente fiquei cega. Meu coração batia forte no peito como os cascos trovejantes de uma manada de cavalos. A água escorria do meu corpo; Eu podia ouvi-la cair de volta na banheira com um gotejar. Um grito de socorro subiu pela minha garganta, mas meus lábios não se abriram para soltá-lo. Eu não consegui me mexer.

Senti, em vez de ver, a névoa subir ao meu redor, mais fria do que meu banho. Cobriu minhas pernas e cobriu meu corpo até um calafrio cobrir toda a minha pele. Minhas respirações saíram em pânico, e eu desejei que minhas pernas, meus braços se movessem, mas nem mesmo minha força poderia forçá-los. Tão repentinamente como desapareceu, minha visão voltou, mas eu ainda estava paralisada. Então veio um clarão ofuscante e, no meio dela, um corvo

apareceu. Seus olhos seguravam os meus, mundos de conhecimento contidos nele.

Ciara, dizia, e o sangue nas minhas veias parecia virar gelo. Era a mesma voz que eu sempre ouvira. Agora que ouvi claramente, era uma voz rouca e perigosa. *Você sabe quem eu sou?*

Ainda mantida na mesma paralisia, eu só conseguia olhar.

Eu sou um dos Tuatha Dé Danann, os primeiros homens de Éirinn que já foram adorados como deuses. A Morrigan, a Rainha Fantasma e a deusa da guerra e da morte. Ela inclinou a cabeça e as penas se deslocaram, oleosas e pretas. Em rápida sucessão, imagens surgiram em minha mente, até que eu tivesse certeza de que estava nas garras da loucura: um bosque enevoado, a névoa tomando forma lentamente até que eu quase conseguia distinguir a figura de uma mulher; mas então ela se virou, e seu rosto era o de um corvo, seus cabelos feitos de penas. *Mas então, você sempre me conheceu.*

O áspero *caw-caw-caw* do corvo atravessou o quarto. Ela voava tão perto do meu rosto que eu temia que rasgasse meus olhos com suas garras, mas apenas golpeou minhas bochechas com suas penas pretas e oleosas. Nos seus olhos, vi minhas lembranças, todas as vezes que tinha visto o corvo antes: no dia em que recebi meu primeiro sangue como mulher; o dia em que assumi o controle de um dos meus companheiros de clã durante o treinamento; no campo de batalha em Fir Tulach, quando os assaltantes nórdicos navegaram todo o caminho rio abaixo para sitiar a vila ali; e mais cedo hoje, antes que o prisioneiro nórdico desembarcasse em nossa costa.

O olho do corvo parecia brilhar e crescer, até que logo apagou todo o resto. Eu estava presa; a voz de Morrigan era tudo que eu podia ouvir.

Por centenas de anos, os Tuatha Dé Danann permitiram que os assaltantes do norte violassem e saqueassem nossas terras.

Na minha visão, vi os navios nórdicos, proas com escancaradas cabeças de dragão, desembarcarem na costa de Éirinn. Náuseas frias tomaram conta de mim enquanto eu os observava abater todos os monges que encontravam nos mosteiros ao longo da costa, seus machados fazendo um trabalho rápido em homens que praticamente não tinham defesas. De lá, eles foram para as aldeias. Casas com telhados de colmo subiam em infernos, crianças corriam gritando, homens eram derrubados enquanto mulheres eram tomadas como escravas. Os assaltantes pegavam tudo de valor, guardando escravos e tesouros capturados até que seus navios abaixassem na água devido ao peso de tudo.

E então: na noite em que atacaram o castelo de meu pai pela primeira vez. Tentei bloquear a visão, uma que mantinha há muito tempo distante, mas não consegui impedi-la.

Não, eu disse quando me encontrei de volta no banco da frente da igreja.

Não, eu disse novamente quando o padre Teagan, agora morto há muito tempo, levantou as mãos em oração.

O chifre soou através do pátio, alto e urgente.

Corram, seus tolos! Tentei gritar para todas as pessoas da igreja, que se entreolharam confusas.

Meu pai se levantou e arrostou minha mãe para ficar de pé. — Pegue a passagem escondida — Disse ele, e a empurrou enquanto minhas irmãs e eu agarrávamos nossas saias. — Vão! — Ele disse quando ela hesitou.

Finalmente, ela obedeceu. Máthair carregava Deirdre, na época um mero bebê, em seus braços, enquanto segurava forte a mão de Bran, de seis anos. Ambas estavam chorando, os olhos arregalados de terror.

— Segure firme sua irmã — Disse Máthair urgentemente, e eu o fiz. Eu segurei a mão de Alana até o momento em que ela foi arrancada de mim.

Por que me mostrar isso? Tentei gritar com Morrigan, mas foi como gritar ao vento. Eu tremi com o esforço de manter as imagens afastadas, pois sabia o que viria a seguir.

Máthair correu pelo pátio, mantendo o rosto de Bran pressionado contra as saias o melhor que podia. Mas vi tudo: homens mais altos que meu pai, machados cortando meus homens do clã, mulheres gritando, enquanto outros ainda eram pegos e amarrados. Sangue por toda parte. Tingiu meu mundo de vermelho como se meus próprios olhos estivessem sangrando.

Alana estava tão quieta, seu rosto torcido de terror e descrença, mas ela não emitiu um som. Os degraus da fortaleza ficavam a apenas um metro de distância. Mas então ela me puxou para parar. — Moira! — Ela gritou. Ela estava olhando para a amiga que jazia morta, o sangue se acumulando ao redor dela enquanto a mãe segurava o corpo quebrado no peito. Lembro-me de pensar: *mas ela é uma criança. As crianças não morrem em batalha.*

Nossa mãe alcançou os degraus da fortaleza. Ela se virou quando percebeu que não estávamos mais atrás dela.

— Alana — Eu disse com outro puxão, mas minha irmã estava congelada de horror.

Quando me virei para nossa mãe, um nórdico apareceu acima de nós, interrompendo nossa fuga. Ele era do tamanho de um touro, com os cabelos cor

de palha compridos e trançados. O machado na mão estava manchado de vermelho, e uma ferida recente - um corte profundo da sobrancelha até a bochecha - pingava sangue. Seus olhos azuis mudaram para minha mãe. Em algum lugar do outro lado do pátio, ouvi meu pai gritar.

Áthair está chegando, eu disse a mim mesma. *Ele vai nos salvar.*

Alana finalmente se afastou da visão de sua amiga caída, apenas para gritar quando viu o homem enorme diante de nós.

Ele a agarrou, arrancando-a do meu alcance. — Estas devem ser suas filhas — Disse ele, com a voz alta o suficiente para atravessar o pátio. Ele falava a nossa língua - ele queria que meu pai o ouvisse. — Esta será uma boa escrava.

— Não! — Meu pai gritou, correndo em nossa direção, mas ele foi cortado por outro nórdico.

— Não? — O inimigo diante de nós repetiu. Ele olhou para minha irmã que lutava. — Você prefere que ela esteja morta, então? Você matou meu sobrinho que era pouco mais velho que uma criança. — Seu lábio superior se curvou, sua expressão ficando selvagem. Seu olhar estava fixo no corpo de um garoto adolescente, um dos nórdicos caídos. — Sangue por sangue — Disse ele, e cortou a garganta da minha irmã.

Meu pai bateu nele então, derrubando-o no chão enquanto minha mãe gritava e corria para Alana. Eu não conseguia desviar o olhar do sangue borbulhando em sua garganta.

Mais homens vieram em auxílio do nórdico, mas não antes de meu pai se abaixar sob o machado do homem e enfiar a lâmina da arma na perna do inimigo. As fileiras restantes de nossos homens do clã se juntaram à batalha e,

eventualmente, os nórdicos recuaram - levando o assassino da minha irmã com eles.

Eu só podia esperar que ele tivesse morrido depois de seus ferimentos.

Um suor frio estourou sobre minha pele, e eu tremi como se estivesse com febre. Eu implorei que as imagens terminassem, para que fossem libertas da visão, mas elas continuaram sem piedade.

Outra visão de Éirinn, desta vez de colinas verdes, o céu acima do aço cinza. Os nórdicos atravessavam as colinas, armados para a batalha. Os homens pareciam diferentes, de alguma maneira; suas feições eram distorcidas e algumas tinham deformidades que as faziam parecer menos que humanas. Eles se falavam em uma língua estranha, como os nórdicos, só que mais guturais. Mais e mais apareceram até que havia um exército inteiro. Eles se moviam como um, pululando sobre os prados, matando até ovelhas em seu caminho.

Enquanto corriam, ficaram mais altos e mais largos, até serem do tamanho de montanhas. A terra tremia com seus passos firmes, e logo, Éirinn estava coberto por homens enormes. Com seus machados e pernas tão largas quanto os carvalhos, eles destruíram tudo, queimando o que não reduziram a escombros. A cena mudou, a terra se tornou mais familiar: a costa onde Branna e Deirdre juntaram conchas do mar, a campina onde montavam seus pôneis, o castelo de meu pai no penhasco. Meus homens do clã estavam despedaçados, sangue derramando no chão, tornando a terra vermelha. Gritos estridentes vieram da fortaleza: minhas irmãs implorando piedade. Tentei balançar a cabeça, fechar os olhos contra a visão terrível, mas a Morrigan era implacável.

Então vi minhas irmãs no meu quarto, amontoadas na minha cama como se tivessem vindo me procurar para salvá-las. Sobre elas pairava uma criatura cuja

cabeça roçava o teto de pedra, cujo corpo musculoso era quase tão largo quanto minha cama. Ele era um homem e ainda não... Muito alto, muito áspero e montanhoso para ser considerado humano. Ele alcançou Deirdre primeiro, e eu lutei novamente contra a visão - eu queria assumir o controle de sua mente e destruí-lo antes que ele pudesse tocá-la - mas eu não pude fazer nada além de vê-lo puxá-la como se ela fosse apenas uma boneca. Ela estava gritando e lutando; Branna pulou da cama na tentativa de detê-lo e, para meu horror, ele a agarrou também. Levantando seus dois braços enormes, ele pendurou minhas irmãs em suas mãos e apertou. Seus rostos ficaram vermelhos, depois roxos; elas arranharam suas mãos.

E então elas estavam mortas, pendendo frouxas de seus punhos. Ele as jogou no chão e pisou sobre seus corpos. Eu tremi, lágrimas escorrendo pelo meu rosto - era tão real, tão vívido. De repente, entendi como a velha mulher com o sluagh se jogara no mar. Naquele momento, eu teria feito qualquer coisa para fazer a visão parar.

Os gritos continuaram da fortaleza quando a visão mudou dos corpos sem vida de minhas irmãs para mais cenas de morte, para a destruição de tudo que eu já conheci. E em todo lugar, fogo... Fogo queimando através do prado e rugindo para o pátio. Logo, toda a Ilha Esmeralda não passava de cinzas.

Por que me torturar com tais visões? Eu exigi, não mais capaz de assistir à destruição de meus homens do clã, minha família, meu mundo.

Os deuses do mundo antigo ficaram de lado, obedeceram às leis antigas que davam livre-arbítrio aos homens, disse Morrigan, sua voz ecoando em minha mente, *e agora, quando nosso reino e o seu estão na balança, ainda estamos vinculados pelos nossos convênios. As leis são claras: só podemos agir através do homem. E em todo o mundo,*

existem apenas dois fortes o suficiente para derrotá-los. Um nascido para isso, o outro através de um grande sacrifício.

A visão mudou mais uma vez em minha mente, para mostrar uma poça de névoa que escondia as figuras de duas pessoas. Elas entraram na luz e, para meu horror, vi de quem Morrigan falava: eu mesma... E o nórdico que eu atualmente mantinha como prisioneiro.

O que ele tem a ver com isso? Eu pensei, mesmo quando me lembrei da voz me dizendo, *você precisa dele.*

Fui eu quem uniu vocês dois, pois apenas sua aliança pode salvar a todos nós.

Não, pensei. *Não, não posso unir forças com meu inimigo.*

Você deve. Os monstros não ficarão satisfeitos com a destruição de Éirinn. Eles matarão todos que você ama e não descansarão até que o mundo seja destruído. Uma guerra está chegando. Você vai lutar, Ciara de Mide?

Apressadamente, o corvo, a Morrigan, e tudo o que eu tinha visto, evaporaram como água ao sol. Livre da paralisia, tropecei para fora da banheira e caí no chão, molhada e tremendo. Eu me enrolei e respirei profundamente.

— Isso não pode ser verdade — Eu sussurrei. — Por favor, deixe que não seja verdade.

Não é mentira, respondeu a voz. *Prepare-se.*

CAPITULO 5

A fraca luz do amanhecer mal iluminava a trilha das cabras até a caverna, e as pedras estavam escorregadias devido à recente maré alta. Eu escolhi meu caminho com cuidado, pensando nas revelações da noite anterior. O terror residual do que eu tinha visto ainda me segurava em sua mão, e eu não pude me deixar de assistir à morte brutal de minhas irmãs. Depois que as visões passaram na noite anterior e eu finalmente pude andar novamente - tremendo e enjoada - fui para onde Branna e Deirdre dormiam em paz e as abracei com tanta força que as duas fizeram sons de protesto. Em vez de dormir, fiquei vigiando elas a noite toda, aterrorizada que o momento em que fechasse os olhos fosse o momento em que a visão se tornaria realidade.

Agora, enquanto eu caminhava em direção ao meu prisioneiro, minha cabeça estava pesada e latejava sem piedade, como se eu tivesse pegado um resfriado, e meus membros tremiam. Estive na cabeça de muitas pessoas, vi seus pensamentos mais sombrios, participei de batalhas terríveis e violentas, mas nada era tão terrivelmente esmagador na alma quanto a visão de Morrigan. Não só fui forçada a reviver o que aconteceu com minha irmã Alana - algo que não me permitia lembrar há anos -, mas também fui forçada a testemunhar a ameaça às minhas irmãs sobreviventes com detalhes tão vívidos que meu estômago se revirou com horror só de pensar nisso. Pior ainda era a ameaça de que tal destino pudesse acontecer não apenas na minha família e reino, mas também em Éirinn.

Morrigan. Tinha sido sua voz, seus corvos que me avisaram da morte iminente. Eu sempre me perguntei, mas é claro que qualquer crença nela só me marcaria como herege. Ela fazia parte do Tuatha Dé Danann. Embora o povo de Éirinn agora fosse cristão, isso não apagou a magia de nossa terra, nem as criaturas que sempre o faziam seu lar. Os Tuatha Dé Danann eram imortais poderosos, e Morrigan era talvez a mais assustadora. Alguns a chamavam de Rainha Fantasma porque ela era uma fantasma no campo de batalha, muitas vezes voando acima deles como um corvo, alertando para a morte sangrenta e horrível. Ela era conhecida por determinar o resultado da batalha, escolhendo quem seria o vencedor.

Nisso, pelo menos, ela sempre parecia me favorecer.

Mais uma vez, pensei nas palavras dela no campo de batalha. *Não ele*, ela dissera, e eu fui obrigada a poupar a vida dele. Ela realmente queria que eu juntasse forças com meu prisioneiro nórdico? Eu balancei minha cabeça. E se ele tivesse invadido o mosteiro e matado meu pai? Eu deveria unir forças com o assassino de meu pai? Eu lutaria de bom grado com os monstros da visão de Morrigan, mas não poderia unir forças com meu inimigo. Era pedir muito de mim.

Um nasceu para isso, o outro através de um grande sacrifício.

As palavras me encheram de inquietação. Não entendi o que ela queria dizer, mas também não queria. Eu passei muitos anos me perguntando de onde meus poderes vieram e por que eu era a única na minha família com tais habilidades, mas isso significava que eu era a pessoa que nasceu para isso? Ou era eu quem faria um grande sacrifício? Pensar em tais coisas apenas suscitou mais perguntas. Deve haver outro objetivo em mente.

E de alguma forma, o nórdico se encaixa nesses objetivos.



O prisioneiro me observava com seus olhos azul-gelo enquanto eu atravessava o limiar da caverna. Ele estava em pé na visão de Morrigan, com os cabelos trançados e o rosto não coberto de sangue e sujeira, sem ser agredido e espancado como estava agora.

Segurei no alto o pedaço de pão e o garrafão de vinho que eu trouxe para ele. — Vou afrouxar seus ferros e permitir que você coma e beba, se você jurar responder as minhas perguntas

Ele não disse nada, apenas se mexeu com um suave chocalhar de correntes.

— Você deve se sentir desconfortável depois de uma noite passada nessa posição — Eu disse.

O menor dos sorrisos cruzou seus lábios tão rápido que eu não tinha certeza de ter visto. — Você é persistente, meyja. Eu te darei isto.

Dei um passo em direção ao fim de suas correntes. — Isso significa que você concorda com meus termos?

— Esse pedacinho de pão e jarra insignificante só mexem com meu apetite — Disse ele, um sorriso provocador curvando sua boca. — Se você me trouxer uma refeição de verdade, apta para um guerreiro depois de uma batalha, então eu responderei.

Avancei e arranquei os ferros de onde eles estavam; a súbita folga o fez avançar, e ele mal se conteve no último momento. — Você vai me responder agora. Se estiver satisfeita com sua resposta, trarei mais comida e bebida para você.

Os músculos de seus braços incharam quando ele se levantou. Seus olhos se voltaram para as extremidades das correntes, ainda presas a um anel de cada lado dele. Eu apenas removi os pinos que mantinham o comprimento das ligações tão curtas. — Você joga um jogo perigoso — Disse ele, segurando uma das correntes no alto.

Se ele lançasse, ele poderia me prender. De repente, percebi o peso familiar da adaga escondida embaixo da minha capa, mas não queria usá-la. Ainda não. — Você ainda zomba da minha oferta?

Nós nos entreolhamos, a tensão um tamborilar de poder entre nós. Depois de um momento, ele estendeu a mão. Eu pisei ao alcance de suas correntes, minha cabeça erguida, e lhe dei pão e vinho. Uma risada baixa escapou dele quando voltei a uma distância relativamente segura ilesa.

Ele rasgou o pão e engoliu o vinho em duas mordidas. Ele limpou a boca com as costas da mão e reclinou-se, um braço apoiado no joelho. — Vá então. Faça suas perguntas.

Abri a boca para perguntar sobre o mosteiro do norte, ou para saber se ele sabia alguma coisa sobre invasores monstruosos que ameaçavam minha família, mas percebi imediatamente que ele nunca me responderia. Ficou claro que ele não me temia, e eu não conseguia forçar sua mente como os outros - algo que ainda incomodava meus pensamentos -, mas eu podia fazer o que qualquer um que quisesse respostas faria: ganhar sua confiança. Lembrei-me do garoto que

poupara no campo de batalha e de como esse nórdico parecia temer por ele. — Aquele garoto no campo de batalha. Quem é ele para você?

Seu rosto escureceu como uma repentina nuvem de tempestade. — Onde ele está? — O comprimento da corrente sacudiu ameaçadoramente.

— Seguro. Ou o máximo que ele possa estar, suponho, com seus homens.

A aura ameaçadora que ele emitia momentos antes retrocedeu. — Você o poupou.

— Ele é uma criança.

— Os celtas já mataram nossas crianças antes.

E os nórdicos já mataram nossas crianças antes, eu queria dizer. Com força, empurrei as labaredas de raiva que queimava dentro de mim. Ele não era o assassino da minha irmã. — Eu não. — Eu arrisquei um olhar para ele. — Por que você forçaria uma criança a lutar?

Para minha surpresa, ele evitou meu olhar. — Eu não sabia que ele estava no navio até atracarmos em suas costas.

— Um clandestino. — Era algo que Branna teria feito. Um lampejo do olhar em seu rosto quando ele me viu lutando contra o garoto apareceu em minha mente: o medo estridente. — Você estava com medo que eu o matasse.

— Ele é meu irmão. O único irmão que me resta. — Ele balançou a cabeça como se sua admissão o surpreendesse. — Depois de assistir o que você fez aos meus homens, eu tinha medo que você fizesse um trabalho rápido com ele. — Ele ficou em silêncio por vários batimentos cardíacos. — Você tem meus agradecimentos. — Acrescentou, sua voz mais rouca do que antes.

— E o mosteiro sobre o qual perguntei? — Prendi a respiração.

— Nós não invadimos um mosteiro.

Meus ombros caíram. Não pude esconder meu alívio. — Graças a Deus. — Muito cedo, uma sensação de frio se instalou no meu estômago. — Mas seu navio veio do norte.

— O que é que tem?

— Por que deixar passar a oportunidade de um mosteiro? Por que desembarcar em nossas costas?

Ele hesitou, como se estivesse debatendo se deveria ou não responder. Finalmente, ele disse: — Um pássaro. Um kráka.

Meus olhos se voltaram para os dele. — O que você disse? — Eu tinha que ter certeza - com o sotaque dele, era difícil dizer.

Ele fez um tipo impaciente de barulho antes de soltar um duro caw caw caw. Eu senti a cor sumir do meu rosto. Morrigan.

— Isso levou você? — Eu perguntei, minha voz abafada.

— Ele pousou na proa do meu navio e eu me vi dentro de seus olhos. Ele queria que eu parasse aqui, então eu fiz. Eu não esperava ser recebido por uma donzela guerreira e seu bando de celtas.

— E eu devo acreditar que você nunca pretendeu invadir minha casa?

— É claro que estávamos lá para invadir. Seu castelo foi um desafio, e um que eu finalmente falhei. Meu primeiro fracasso, graças a você.

— Minhas desculpas, nórdico — Eu disse com um enrolar do meu lábio superior do qual Conall teria orgulho. Mas interiormente, as visões de Morrigan me assombravam. Se a Morrigan o levou aqui, se ela estava nos juntando, então as cenas horríveis que ela me mostrou...

Não, não poderia ser verdade.

Mas, mesmo que eu negue, ouvi minhas irmãs gritando antes que a vida fosse arrancada de seus corpos.

— E agora, donzela? — O nórdico disse, me tirando dos meus pensamentos mórbidos. — Já contei tudo o que você me pediu e muito mais. Você vai me manter acorrentado aqui até que minha carne caia dos meus ossos?

Mas como eu poderia perguntar o que ele sabia sobre Morrigan? E se ele não tivesse visto o que eu tinha visto? Ele pensaria que eu estava louca. — O que você quer que eu faça? Liberte você? — Eu zombei. — Para que você possa continuar atacando até Dubhlinn?

Seu olhar mudou para a entrada da caverna. — Vi muitas coisas, mas uma donzela como guarda da prisão é uma das mais estranhas. Os celtas são tão fracos que permitem que suas mulheres interroguem prisioneiros? Onde estão os homens?

— Eu não sou uma donzela — Eu disse. Cruzei os braços sobre o peito.

Ele riu. — Uma donzela guerreira, talvez, mas uma donzela da mesma forma. Você me acha cego? Você é linda demais para ser uma mera serva.

— Palavras doces não fazem nada além de me irritar. Tudo o que você precisa saber sobre mim é que sou sua captora.

Sua expressão ficou cética. — Os celtas permitem que suas mulheres mantenham prisioneiros em cativeiro? Que derramem sangue no campo de batalha?

— Se a mulher tem habilidades comprovadas, então sim. Não é verdade que os nórdicos têm suas próprias guerreiras - escudeiras, acredito?

Ele não me respondeu, mas se recostou, erguendo o queixo um pouco, como se estivesse me desafiando. — E o que uma donzela quer com um guerreiro

acorrentado em uma caverna? — As sobrancelhas dele se ergueram, a sugestão clara.

Eu olhei para ele, horrorizada. Meu coração desmentiu meu tom calmo, batendo um ritmo furioso no meu peito. Estava claro que eu estava perdendo o controle dessa conversa.

Ele apenas riu, obviamente gostando do meu constrangimento.

— Se o seu plano é me insultar, só vou deixar você aqui para morrer de fome. — Eu me virei para ir embora.

— Certamente, milady. Vá, traga-me uma refeição adequada para um guerreiro, e eu lhe direi o que o kráka me disse.

Eu parei. — Ele falou com você? — Isso poderia ser o que eu precisava saber: se o nórdico sabia da visão da Morrigan.

— Sim, mas eu não vou lhe dizer mais nada até que eu tenha comido o suficiente.

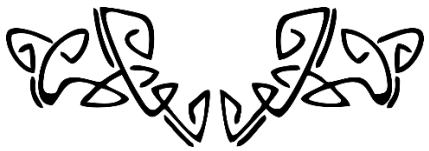
Eu desviei o olhar por um momento, um músculo na minha mandíbula tremendo. Seu tom era irreverente, mas eu também podia ouvir a verdade em suas palavras. — Suponho que poderia encontrar pão e queijo para você.

Ele sorriu. — Venha, não brinque comigo. Não aceitarei nada menos que carne, pão integral, cerveja preta e queijo.

Eu zombei. — Eu também gostaria de um pouco de carne. Mas estamos a poucos passos do mar. Você terá peixes como o resto de nós.

— Um ensopado, eu espero — Ele falou quando eu saí da caverna. Eu balancei minha cabeça com a audácia dele.

Um curto ataque na cozinha era um preço baixo a pagar para descobrir o que o nórdico sabia, mas a perspectiva de ceder a suas demandas era tão nociva para mim quanto nadar num lago de cavalos marinhos.



O pátio estava uma agitação de atividade enquanto eu caminhava para as cozinhas. O irmão Mac Máel e o padre Briain correram para a capela para o Lauds; o martelo do ferreiro batia em um ritmo constante, substituindo as lâminas quebradas no dia anterior; e muitos dos empregados estavam aproveitando o raro sol, consertando capas rasgadas, vestidos ou até as perneiras que Branna havia cortado de mim na noite anterior - embora agora estivessem transformadas em outra coisa.

Quando passei pela ferraria, um chifre baixo e acolhedor soou. Eu congelei e empurrei minha cabeça em direção à ponte da paliçada. Assim como aconteceu no dia anterior, tudo parou, só que desta vez, todos estavam com olhares de antecipação.

Corri para o centro do pátio, em plena vista da ponte. Os guerreiros que haviam saído com meu pai estavam voltando, com o rosto cansado, mas triunfante. Seus cavalos se animaram visivelmente enquanto trotavam pela ponte, sem dúvida antecipando um descanso nos estábulos. Meus homens do clã começaram a sorrir quando avistaram seus entes queridos, suas capas verdes e douradas ondulando atrás deles. O brasão do clã, um grifo feroz bordado em ouro

e cercado por um nó celta, estava estampado na capa comprida de cada homem. Atrás deles, uma carroça carregada de baús de madeira - do mosteiro? Prendi a respiração enquanto observava cada homem passar, contando enquanto passavam. Trinta homens. Todos foram contabilizados. Todos menos meu pai.

O chifre tocou novamente e todos se curvaram.

Minha respiração soltou um suspiro quando avistei o próximo cavaleiro. Meu pai entrou no seu cavalo cinza-pálido, sua capa verde e dourada fluindo atrás dele como uma vela. Um pequeno círculo de ouro estava em cima de seus cabelos claros, quase da mesma cor, exceto pelas mechas cinzas que haviam tomado conta do loiro recentemente. Seu rosto tinha a expressão determinada que sempre tinha, sem sinal de desgaste.

O alívio enfraqueceu meus joelhos. Ele estava vivo.

Corri para o lado do meu pai, e ele sorriu do alto de seu cavalo alto. — Ciara, viemos assim que recebemos notícias. Fico feliz em saber que você cumpriu seu dever e protegeu sua mãe e irmãs.

— Sim, Áthair. O ataque nos pegou de surpresa, mas fomos capazes de derrotar o líder. — Embora, é claro, eu tivesse quebrado todas as regras ao prender o líder, mas não estava disposta a oferecer essas informações. — O mosteiro foi invadido? Os monges estão seguros?

— Foi quase invadido, mas não pelos nórdicos – pelo rei Sigtrygg — Disse Áthair com um olhar de nojo que ele reservava para o rei de Dubhlinn. — Lutamos contra eles e trouxemos o ouro, a prata e as relíquias do mosteiro para cá por segurança.

Não era incomum que Sigtrygg fizesse ataques; com o conjunto de Éirinn dividido em cinco sobre reinos diferentes - incluindo Mide - e incontáveis

territórios e reinos menores de clãs, havia incursões frequentes dentro do país por outros reinos que buscavam obter mais recursos. Sigtrygg, no entanto, recentemente se alinhou com o rei supremo casando-se com sua filha, mas essa adição ao seu poder claramente não o impediu de invadir outros reinos por mais terra, mais ouro, mais poder. Um meio nórdico, porém, Sigtrygg era um dos reis mais odiados, e nunca havia invadido tão perto de nosso castelo antes. Eu não precisava do corvo de Morrigan para sentir que uma batalha estava se formando entre nossos reinos. —Estou feliz que você foi capaz de detê-los.

Ele assentiu. — Agora, onde estão sua mãe e irmãs? Senti muita falta delas enquanto estava fora.

Eu mantive um sorriso no rosto, embora suas palavras me doessem. Meu pai nunca se preocupou comigo, me vendo mais como um companheiro de clã do que como sua filha. — Elas já devem ter saído para o mercado. — Eu quase podia ver os rostos desanimados de Branna e Deirdre quando elas perceberem que tinham perdido o retorno de Áthair. Elas adoravam assistir os homens do clã desfilarem pelo pátio, Áthair uma figura orgulhosa em seu grande cavalo cinza.

— Que decepção. — Seu cavalo bateu seu casco como se estivesse impaciente para seguir em frente. — Bem, venha falar comigo na sala do trono. Eu ouviria um relatório completo sobre tudo o que aconteceu.

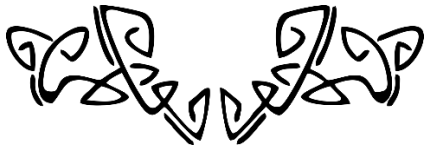
Hesitei por um momento, lutando para pensar em uma desculpa, mas não havia nada tão importante que me permitisse ignorar o comando de meu pai. Eu mergulhei minha cabeça em aquiescência, e ele foi embora, dando ordens aos homens do clã para descansar.

Antes que eu seguisse, assisti Conall se mover para encontrar meu pai enquanto ele desmontava do cavalo. Áthair inclinou a cabeça na direção de Conall, e os dois continuaram caminhando em direção à fortaleza do castelo.

Era dever de Conall, tanto quanto era meu, contar ao rei o que havia passado na batalha, mas Conall contaria a ele sobre o prisioneiro nórdico?

Uma sensação de urgência beliscou meus calcanhares enquanto eu o seguia. Se - não, quando - meu pai descobrisse que eu mantinha o prisioneiro nórdico na caverna, ele o ordenaria que fosse decapitado sem questionar. Em minha mente, vi o jovem prisioneiro e seu irmão mais novo, e uma espécie de desespero se construiu dentro de mim. Estremeci quando imagens dos assassinatos de minhas irmãs invadiram minha mente. Com força, afastei os pensamentos aterrorizantes. Se o nórdico soubesse algo - qualquer coisa - que pudesse me ajudar a interromper a visão do corvo, então eu não poderia deixá-lo ser morto.

Mesmo que isso significasse enfrentar a ira de Áthair.



Eu entrei no grande salão da fortaleza, minhas botas de couro macio mal fazendo barulho no chão de pedra. A sala cavernosa estava silenciosa, as fileiras e fileiras de bancos de madeira vazias. À minha frente, meu pai caminhava em direção ao seu grande trono de madeira, elevado em um estrado de pedra. Ele esperou que eu estivesse diante dele e fiz meu relatório sobre a batalha como qualquer outro homem do clã. Por um momento, imaginei como seria tê-lo

expressando preocupação por mim, indagar sobre a batalha com o rosto contorcido de ansiedade, em vez de cálculo. Enquanto pensava nessas coisas, balancei a cabeça. Meus pais sempre me mantiveram à distância; imaginar algo diferente só me causaria dor.

A primeira vez que fiquei diante de seu olhar decepcionado nesta mesma sala, eu tinha treze anos. Foi depois da nossa primeira batalha contra os invasores nórdicos, e minha perna estava tão machucada que mal conseguia andar. Enquanto eu mancava o comprimento da sala, meu pai observou meu lento progresso desapaixonadamente.

— Você tem o sangue de um guerreiro, Ciara — Meu pai disse, seus olhos intensos nos meus. — Faz um ano desde que você descobriu seus poderes extraordinários e ainda não os dominou. — Ele olhou para a minha perna. — Essa lesão que você sofreu será a menor parte do que você - e outras pessoas - poderão sofrer se não conseguir controlar eles. Mas não podemos confiar em batalhas e ataques ao acaso para treiná-la. — Ele acenou para um dos nossos membros do clã, um lutador superior tão forte quanto um boi. — Você terá que aprender a dominar as mentes de nossos aliados para poder fazer isso contra nossos inimigos em batalha.

Eu gostaria de poder dizer que não queria. Que eu tinha recusado meu pai e aprendido a aprimorar minhas habilidades de outra maneira. Mas a verdade era que, enquanto minhas habilidades me enojavam e até me envergonhavam, enquanto as usava, me divertia com elas. Eu me sentia invencível, toda poderosa e, acima de tudo, me sentia útil. Então, enquanto parte de mim se encolheu de horror com o que fiz com homens e meninos com quem cresci, a outra se alegrava com o poder que exibia.

Mas essas coisas tinham um preço.

Meus passos diminuíram, ecoando no grande salão, enquanto tentava, sem sucesso, combater uma sensação de solidão. Quando criança, não poderia ser descrita como afável, mas tinha alguns amigos. Agora, eram apenas minhas irmãs que procuravam minha companhia - e Fergus, de vez em quando. Como princesa, meus homens do clã não podiam me evitar de imediato, mas eles me evitavam, alguns dias eu senti como se fosse enlouquecer com o isolamento. Um remorso contorcido no fundo do meu abdômen veio à tona - pelos homens muito mais velhos que eu, que me observavam com desconfiança e se encolhiam quando entrava na sala. Por Séamus, que já fora meu amigo mais próximo, um garoto que eu achava que amava, mas que agora me desprezava.

Demônio, eles me chamavam em suas mentes. *Changeling*. *Amaldiçoada*. E toda vez que eu tomava conta da mente de alguém, eu me perguntava se talvez eles estivessem certos.

Chegando ao trono diante de mim, Áthair sentou-se pesadamente. Quando fiquei diante do tablado, ele olhou para mim e assentiu. Suas roupas elegantes pareciam opacas - uma fina camada de poeira havia caído sobre sua capa enfeitada com peles, suas botas estavam gastas e sua túnica estava amarrotada sob o peitoral de couro. Por um momento, ele pareceu tão cansado que eu quase perguntei se ele preferia que eu voltasse mais tarde, mas eu sabia que chamar atenção para qualquer fraqueza dele o deixava em baixa. Como se sentisse meus pensamentos, ele se endireitou.

— Você deve ser elogiada por expulsar os pagãos — Começou Áthair, mas eu esperei, sabendo que seus elogios eram quase sempre seguidos por uma crítica. — No entanto, fui informado de que havia sobreviventes.

Meu coração batia mais rápido no meu peito. Então Conall deve ter dito a ele. Eu mantive meu olhar com muito cuidado em seus olhos, com medo de me trair olhando ansiosamente para a porta. — Eles recuaram quando seu líder foi derrotado.

Ele se inclinou para frente. — E você os deixou?

Pude ver agora que o que eu havia tomado originalmente por cansaço era na verdade decepção... De mim. — Eu deveria ter caçado todos eles como animais, então?

— O que você fez foi muito pior. Diga-me, o que exatamente você estava planejando fazer com um prisioneiro?

De repente, a sala estava muito quente. Eu precisava do nórdico vivo, mas se meu pai já sabia, ele havia mandado um dos outros para matá-lo? Um sentimento incômodo subiu pelo meu pescoço. Eu sabia o que precisava ser feito - esse era meu pai, sim, mas também o rei. E o rei deveria ser informado de uma visão de seres monstruosos que não apenas provocariam a destruição de Éirinn, mas também a morte de minhas próprias irmãs. Mas ele acreditaria em mim?

— Eu o mantive para interrogatório quando suspeitei que ele havia atacado o mosteiro do norte.

Um pouco da raiva no rosto de meu pai diminuiu. — Você temia por mim?

— Sim, Áthair.

— Por que interrogá-lo quando você poderia simplesmente assumir a mente dele?

Eu levantei minhas sobrancelhas em surpresa. Áthair raramente discutia minhas habilidades. Me forçou a praticá-las infinitamente nos campos de

treinamento, sim. Mas raramente falava deles. — Ele foi capaz de resistir a mim — Admiti.

Áthair pareceu surpreso por um momento, mas se recuperou rapidamente. — Um talento raro. Infelizmente para ele, não é o bastante para preservar sua vida. — Ele soltou um suspiro e recostou-se. — Você é uma boa filha, Ciara. Mas é hora de limpar sua própria bagunça. Vá até o prisioneiro, mate-o e queime o corpo. Volte para mim quando terminar.

Eu congelei, meu coração pulsando nos meus ouvidos. É agora ou nunca. Áthair precisava saber por que eu não poderia matar o nórdico, por que talvez precisássemos dele para enfrentar os novos inimigos que logo estariam à nossa porta.

— Áthair — Eu disse, orgulhosa por minha voz não vacilar, — O prisioneiro deve ser mantido vivo. — Seus olhos se estreitaram, mas eu segui em frente. — Após a batalha com os invasores nórdicos, tive uma visão não apenas de nosso reino sendo atacado, mas de toda Éirinn.

— Você nunca teve visões antes. De onde isso veio e por que você deveria acreditar?

Eu respirei fundo. Meu pai devoto não gostaria de ouvir que isso não me fora dado por Deus, mas por uma deusa pagã. — Morrigan apareceu para mim.

Seu rosto empalideceu e ele começou a sair do trono antes de se sentar novamente. — Morrigan?

— Sim, Áthair — Eu disse. — A Fantasma...

— Eu sei quem ela é — Ele rugiu, sua voz ecoando pela sala do trono. — Por que você ouviria um dos Antigos? Você sabe que eles são perigosos. Muitos foram levados à morte pelos Antigos, e muitos outros perderam suas almas.

— Eu a ouvi porque é a voz dela que eu tenho ouvido o tempo todo - aquela que me alertou sobre batalhas e morte. — Seu rosto empalideceu novamente, mas pelo menos ele parou de gritar por tempo suficiente para me ouvir. — Ouvi porque ela mostrou nosso castelo sendo atacado e minhas irmãs... — Engoli em seco quando me lembrei, impotente, de ver o gigante matando as duas. — Minhas irmãs foram mortas por inimigos que eu nunca encontrei antes. Eles eram como os nórdicos que lutamos, apenas gigantes, mais altos que um carvalho e mais fortes do que qualquer homem que eu já vi. Morrigan avisou que não descansariam com Éirinn; eles pretendiam dominar o mundo.

— Já lutamos contra nórdicos e vencemos — Disse Áthair. — Uma criatura pagã mostra a você de maneira diferente e você acredita nela. Você está sendo desviada.

Dei um passo em direção ao trono, o desespero crescendo dentro de mim. — Você não entende. Eu já ouvi a voz dela antes, e ela nunca esteve errada. Você não entende o que está em jogo. — Pensei novamente em minhas irmãs, em toda a ilha se transformando em cinzas e descrevi meticulosamente todas as imagens horríveis que Morrigan havia me mostrado, mas ele balançou a cabeça com raiva.

— Chega disso, Ciara — Disse ele, sua voz subindo novamente. — Ouvir os Antigos é heresia, e não vou tolerar isso em meu reino. Vá para o prisioneiro nórdico. Mate ele. Termine com isso - não importa o que Morrigan lhe disse. A raça deles é cheia de mentiras e enganos.

— Não posso.

O silêncio desceu quando Áthair olhou para mim. — Você se atreve a me dizer não? — Seu tom era perigosamente calmo.

Como uma chama tocada por madeira seca, isso acendeu minha própria raiva. — Morrigan disse que o nórdico é o único além de mim com o poder de deter os invasores desumanos. Se houver a menor chance de que isso seja verdade, se isso significa manter minhas irmãs seguras, então eu vou mantê-lo vivo.

Áthair voou para fora de seu trono, com o rosto vermelho de raiva. — Se você me desafiar nisso, Ciara, juro por todos os santos que vou mandá-la para o outro lado de Éirinn e matar o nórdico.

Os olhos dele se estreitaram, as mãos cerradas ao lado do corpo. Eu sabia que ele não me ouviria e sabia que ele não mudaria suas palavras. Ele nunca me ouviu, pelo menos não como um pai deveria ouvir sua filha. A raiva cresceu e cresceu dentro de mim, até que cada músculo se apertou a ponto de ser doloroso. Pensei em Alana, morta nas mãos dos nórdicos, em Branna e Deirdre se contorcendo e tentando respirar enquanto eram assassinadas em meu próprio quarto, e algo dentro de mim estalou. Se ele não quisesse me ouvir, eu o faria entender. Sem parar para pensar nas consequências, eu ataquei com minha mente.

Agarrei a mente de meu pai, e seu choque e indignação espalharam uma torrente de lembranças que me inundaram: Morrigan em um campo de batalha, nua diante de Áthair, bandos de corvos voando acima deles.

Chegará o dia, disse Morrigan em sua voz terrível, *quando seu próprio sangue unirá forças com seu inimigo.*

Ele lutou contra o meu domínio em sua mente, mas eu mergulhei mais fundo até que o pensamento que ele estava tentando esconder de mim veio à tona:

a imagem de mim mesma diante dele no trono, contando a visão de Morrigan, e Áthair, ouvindo o eco do aviso de Morrigan todos aqueles anos atrás.

Eu o empurrei de volta ao seu trono. — Você sabia que a visão de Morrigan era verdadeira. — O horror disso me abalou o suficiente para que meu domínio mental sobre ele enfraquecesse.

Áthair lutou de novo até que ele conseguiu se libertar do meu domínio. Ele segurou a cabeça nas mãos, e eu sabia que ele estava em agonia - assumir o controle de alguém pela força poderia ter esse efeito. Dei um passo à frente como se pudesse ajudá-lo, desesperada para desfazer o que acabara de fazer. — Áthair, eu...

— Você se atreve a me transformar em um cachorro louco? — Sua voz estava rouca de dor, mas também de raiva. A fúria rolava dele como fumaça negra.

— Eu só queria que você entendesse. Você tem que me ouvir...

— Sua mãe sempre disse que eu estava errado em treiná-la depois do que você fez com ela.

Eu estremeci como se tivesse sido atingida. Nós nunca falamos daquele dia. Me fez sentir mal ao ser lembrada depois de fazer o mesmo com Áthair. Ele se levantou, e novamente eu estendi a mão como se fosse para estabilizá-lo, mas suas palavras me pararam.

— Ela estava certa. Você é uma abominação, um monstro que ameaça sua própria família. — Seus olhos se voltaram para mim, sem remorso. — Você me deixa sem escolha, apesar da terrível perda de você como guerreira. Mas eu posso temer para quem você vai se virar em seguida.

Suas palavras pairavam pesadamente no ar, e eu dei um passo para trás horrorizada quando percebi quem ele estava implicando: *minhas irmãs.*

— Quero que você vá embora. Longe daqui existem conventos - os reinos de Connacht ou Munster, do outro lado de Éirinn. Eles a acolherão. Vá para lá e que Deus tenha piedade de sua alma.

Eu segurei minha raiva inchada; Eu sabia que, uma vez que tomasse um momento para absorver as palavras de meu pai, enfrentaria desespero sem fim. Exílio! Pensei novamente em Branna e Deirdre, em meus homens do clã e no reino de Mide. Morrigan disse que eu tinha a capacidade de salvá-los. Eu não podia deixar nada no meu caminho. Nem mesmo meu pai.

Fiz a única coisa que pude fazer: me virei e corri.

Ninguém tentou me parar quando eu voei para fora do castelo, furiosamente afastando as lágrimas que caíam dos meus olhos. Eu havia violado a única regra que prometera sempre defender: nunca usar minhas habilidades em um membro de nossa família. Certamente não ele. Nunca ele.

— Eu sou um monstro — Eu sussurrei para mim mesma.

Eu sempre fui um monstro em seus olhos. Mas eu ficaria feliz em ser um monstro se isso significasse salvar minhas irmãs.

Banimento. Exílio. Eu nunca pensei que ouviria essas palavras direcionadas para mim e, quando a raiva inicial diminuiu lentamente, tive o desejo mais forte de voltar para o castelo e pedir perdão. O mero pensamento de ter que deixar o reino e não ver minhas irmãs novamente era tão devastador que soltei um grito de dor. Não importava que eu fosse a princesa. Áthair era conhecido por seu temperamento rápido, e muitos homens do clã que haviam cometido crimes muito menores haviam sido exilados antes. Meu crime em particular me

submeteu à lei de Brehon, à lei que todos os reinos obedeciam e à Igreja. Porém, eu não seria levada a um tribunal de juízes - não, meu pai já havia proferido minha punição. Assim que ele se recuperasse do meu ataque, ele mandaria seus guardas atrás de mim para me escoltar para fora do reino.

Só havia um lugar para onde eu poderia ir... Para o norte.

E depois o que? Eu exigi de mim mesma. Mesmo se ele soubesse dos invasores da nossa terra, o que eu faria? Pedir que ele se juntasse a mim no exílio?

Soltei um barulho que era nojo e frustração em um.

Se eu queria que o prisioneiro me respondesse, era do meu interesse trazer a comida que ele exigia. Não haveria tempo para forçar as informações dele, não importava o quão desesperada eu estivesse.

Foi fácil o suficiente pegar pão e queijo da despensa, bem como um garrafão de água, mas eu cerrei os dentes quando encontrei um caldeirão enorme de caldeirada de peixe borbulhando no fogo. Como eu odiaria a expressão de triunfo no rosto do nórdico quando o trouxesse exatamente o que ele havia pedido.

Eu estava tão nervosa quanto uma lebre que cheirava a raposa quando corri de volta pelo pátio com meus pacotes de comida. Eu não poderia ser detida. Mentir não era minha força, e eu estava com pouca luz do dia.

Cabelos vermelhos chamaram minha atenção enquanto eu caminhava para a paliçada. O Senhor teve piedade de mim. Era Fergus e não Conall, pois obviamente foi ele quem contou a meu pai sobre o prisioneiro. Eu deveria ter previsto isso realmente. Acima de tudo, a lealdade de Conall era para com seu rei. Eu não deveria ter esperado que ele calasse algo como um prisioneiro nórdico capturado.

Fergus me chamou, uma mão levantada. — Eu já estava indo te encontrar, milady. Eu verifiquei o prisioneiro há pouco tempo, e ele parecia estar dormindo. Uma pena.

Eu tentei não dançar no lugar. Eu estava desesperada para continuar o meu caminho, mas fugir agora só o deixaria desconfiado. — Obrigada, Fergus. Sinto muito por ter deixado você no pé da trilha por tanto tempo. Áthair me chamou no momento em que voltou.

— E peço desculpas por ter que deixar meu posto, mas o rei vai querer me ver.

Minhas mãos apertaram a comida que eu carregava. — Claro.

Pensamentos de como Fergus reagiria quando soubesse que eu havia atacado o meu próprio pai e sido exilada por isso tentaram encher minha mente, mas eu os afastei. Eles eram muito dolorosos. Seu olhar se voltou para a comida que eu carregava, e as duas sobrancelhas espessas se ergueram interrogativamente.

— É melhor não perguntar. — Eu disse.

Ele franziu a testa. — Você está alimentando ele agora?

Eu continuei andando. — Não é da sua conta, Fergus.

— É sim, milady. Eu devo vigiar você. — Ele tocou a mão no meu braço. — Seu pai sabe?

Nisto, pelo menos, não preciso mentir. — Ele sabe. Esta será a última refeição do prisioneiro.

Isso o silenciou por um momento. — Devo ir com você?

— Não — Eu disse - um pouco bruscamente — Eu devo falar com ele em particular primeiro.

Tentei me afastar de Fergus, mas suas palavras me pararam. — O que mais você precisa saber? O rei voltou para nós em segurança. O nórdico não tem nada para lhe oferecer agora.

Parei e me virei para o meu homem do meu clã. Eu segurei seu olhar com o meu, rezando para que eu pudesse transmitir a franqueza da situação. — Fergus, você acredita na conversa sobre mim? Que eu sou uma changeling?

Ele cambaleou, com os olhos arregalados e a boca aberta. — Eu- — Ele pareceu reunir seus pensamentos. — Eu não me consideraria uma autoridade nesse assunto. Eu só sei que você tem a capacidade de... — E lá ele parou. — Controlar os outros na batalha — Ele disse. — Você é capaz de interpretar presságios.

— Então saiba disso. Eu já vi coisas, Fergus. Coisas terríveis, destruição para o nosso mundo, eu rezo para que nunca aconteça. Acredito que esse nórdico possa ter respostas e farei qualquer coisa para obtê-las.

— Mesmo trazendo comida para ele como uma criada?

— Mesmo isso.

Fergus assentiu. — Muito bem, milady. Mas, uma vez que você tenha suas respostas, se você achar que não pode fazer o que deve ser feito, apenas me chame, e eu vou ajudá-la.

Ele estava se oferecendo para assumir o fardo de executar o nórdico por mim. Não que eu pretendesse continuar com o ato - não quando o nórdico pudesse ser o único aliado que eu ainda tinha. — Obrigada, Fergus, mas você pode ser muito útil para garantir que meu interrogatório permaneça privado.

Ele assentiu uma vez antes de me assistir ir, suas sobrancelhas com um sulco escuro de preocupação. Meu coração torceu ao ver sua expressão. Fergus

sempre foi um amigo para mim. E agora, por causa de minhas habilidades monstruosas, eu o perderia também. Com a tigela de ensopado ainda equilibrada precariamente na minha mão, caminhei o mais rápido que pude para a caverna.

No caminho, o vento ameaçava arrancar a comida das minhas mãos, mas eu segurei tenazmente. *Ele provavelmente reclamará que o ensopado esfriou*, pensei, apertando o pão no meu punho cerrado.

O silêncio me cumprimentou quando entrei na caverna, e levou um momento para meus olhos se ajustarem à escuridão. Quando o fizeram, a tigela de ensopado quebrou aos meus pés. O nórdico se foi, as correntes arrancadas de seus anéis na parede.

CAPITULO 6

Voei de volta pela trilha o mais rápido que me atrevi, amaldiçoando o nórdico enquanto seguia. Obviamente ele escapara do momento em que Fergus deixara seu posto. Eu quase tropecei uma vez; a trilha de cabras era traiçoeira, mas não tão perigosa à luz do dia. Eu já tinha visto na batalha o quão ágil o nórdico era - e claramente muito mais forte do que eu previra. Sem dúvida, ele teve tempo suficiente para colocar distância entre nós. Sleipnir era minha única chance de pegá-lo agora.

Mas assim que cheguei ao final, parei. Perseguir o nórdico sozinha era loucura, mas o que me restava a perder?

Exilada, disse a mim mesma novamente, apenas para testar a quantidade de dor que a palavra me causaria - bem como alguém poderia testar uma ferida. Quase me dobrou. Dor física, eu poderia aguentar, mas o pensamento torturante de ter que sair de casa... Minha família...

Minha mente se encheu com a visão da noite anterior: Éirinn reduzida a cinzas, minhas irmãs quebradas e sem vida, e eu sabia que o exílio não significava nada para mim se elas pudessem ser salvas. Eu o seguiria até as profundezas do inferno, se isso significasse impedir que isso se tornasse realidade.

Eu estava sozinha.

— Milady! — Fergus chamou enquanto eu passava correndo. Não parei, apenas continuei para os estábulos. Eu não podia arriscar dizer a Fergus para onde estava indo - se meu pai descobrisse que Fergus deixaria uma exilada

escapar, não importa se essa exilada fosse eu, ele certamente seria punido. Melhor se ele nunca soubesse.

Meus pés batiam contra a sujeira pesada dos estábulos, e Sleipnir jogou a cabeça para cima. Suas narinas dilataram, e ele bufou, como se sentisse minha ansiedade. Parei apenas para pegar minha espada e um freio. A pesada barra de madeira da baia de Sleipnir caiu no chão quando eu o soltei. Ele emergiu. Agarrando uma mecha da crina longa, eu montei, e o enorme cavalo saltou para frente.

Antes que pudéssemos escapar, cabelos ruivos na entrada dos estábulos fizeram meu coração agarrar-se ao peito. Mas quando a figura entrou na luz, vi que era Séamus em vez de Fergus. Seu olhar caiu em mim e em Sleipnir nos mexendo no lugar, minha mão em seu pescoço era a única coisa que impedia Sleipnir de galopar sobre ele.

A expressão de Séamus estava mais fria do que nunca, mas eu ainda podia ouvir o som de sua risada, desenfreada e impossível de resistir.

Abri a boca - queria dizer algo - mas antes que pudesse, ele se virou e saiu. Por um instante, pensei em chamar por ele, mas não havia nada que eu pudesse dizer. Eu tinha visto as profundezas de sua mente e conhecia seus verdadeiros sentimentos em relação a mim.

Você não merece viver, ele gritou para mim várias vezes enquanto eu destruí suas defesas mentais. *Que a próxima batalha seja sua última.*

Eu me encolhi com o fantasma de suas palavras, voltando minha mente para o que eu faria quando encontrasse o nórdico. Pelo menos o nórdico estava desarmado; Eu poderia facilmente confrontá-lo quando o encontrasse.

Eu olhei de volta para o castelo... Para as janelas das minhas irmãs. Elas nem estavam aqui para me dizer adeus. O que elas diriam quando descobrissem que eu fui exilada? Quando elas souberam o que eu fiz?

— Perdoem-me — Eu sussurrei, e toquei meus calcanhares nas laterais de Sleipnir mais uma vez.

Sleipnir galopou sobre a ponte da paliçada em meio a gritos assustados, mas ainda assim não diminuí a velocidade. Descemos a encosta da colina e, na encruzilhada, sentei-me no meu cóccix e fiz Sleipnir parar. Para que lado ele teria ido?

Ao sul, em direção a Dubhlinn, pensei, e virei Sleipnir nessa direção.

Seus cascos pesados enviaram pedras voando em nosso rastro, e o mar bateu contra a costa à nossa esquerda, aparentemente nos incentivando. Um caw-caw-caw gritou de cima, e eu olhei para cima para ver um corvo voando acima de nós. Um sentimento espinhoso de desconforto desceu sobre mim, mas com ele um sentimento de esperança de que eu estava escolhendo o caminho certo. As asas negras do pássaro bateram no ar, acelerando à nossa frente.

— Voe, Sleipnir — Eu disse, e o garanhão avançou.

Meu coração batia em ritmo perfeito com o bater dos cascos de Sleipnir. Eu me estiquei contra seu corpo, e sua crina grossa voou para o meu rosto. Cobrimos muito terreno, a paisagem um borrão de ambos os lados. Nós pegaríamos o nórdico; nós tínhamos que pegar.

O chamado do corvo dividiu o ar novamente e, à frente, vi minha vítima. Ele estava correndo rapidamente em um terreno relativamente plano, onde o terreno rochoso dava lugar à grama verde. Ele era mais rápido do que qualquer homem que eu já tinha visto, e minha mente sussurrou com a impossibilidade de

tudo - ele estava enfraquecido na caverna, ferido e passou a noite em uma posição garantida para endurecer seus músculos. No entanto, ele correu à frente como se o próprio vento lhe desse velocidade.

Ainda assim, ele não era páreo para Sleipnir.

Pedi a Sleipnir que continuássemos a galope paralelamente ao nórdico. Mais alguns passos e Sleipnir avançou muito à frente. Joguei meu peso inteiramente no cóccix, enfiando o calcanhar no lado esquerdo do garanhão. Ele derrapou até parar e recuou, seus cascos poderosos a um fio de cabelo do rosto do nórdico.

Com um grito rouco, o nórdico se jogou no chão e rolou, perdendo apenas os poderosos cascos de Sleipnir.

Nossos olhos se encontraram e seguraram. Em um movimento fluido, o nórdico saltou na posição vertical. Antes que eu pudesse incitar Sleipnir a se mover, o nórdico se lançou em mim.

Ele me puxou do meu cavalo e eu caí no chão. Sleipnir soou um aviso, suas orelhas achatadas contra o crânio, mas o nórdico me manteve presa contra a rocha com seu corpo pesado.

— Outros te seguiram? — Ele exigiu, seu sotaque quase denso demais para entender.

Minha espada afundou na minha espinha enquanto eu lutava contra ele, mas era como lutar contra uma montanha. Ele me empurrou para baixo até que eu mal conseguia respirar, mas ainda assim ele não tentou me matar.

— Você foi seguida? — Ele perguntou de novo.

Eu não queria contar a ele - o risco era grande demais - e, no entanto, sem minha capacidade de controlar sua mente, ele tinha a vantagem. — Eu não tenho

certeza — Eu disse em um rosnado. — Eu acho que não. — Ele não precisava saber a verdade: ninguém viria atrás de mim, uma vez que todos soubessem o que eu tinha feito com meu pai. Depois que soubessem que fui exilada.

A pressão em meus braços diminuiu. — Você veio sozinha? — Ele perguntou incrédulo.

— Como você vê.

Ele rolou de cima de mim com uma risada. — Isso foi tolice. Exatamente o que você planejou fazer quando me alcançasse? Além de ter essa égua inútil me batendo na bunda.

Me levantei até ficar de pé mais uma vez, meu queixo cerrado. Em movimentos rígidos, tirei a sacola do pão e queijo que amarrara ao cinto. Eu joguei a seus pés. — Trouxe a refeição que você pediu. Pagamento pelo que você me prometeu.

Ele pegou e examinou o conteúdo. — De que serve isso? Este pedaço de pão e queijo mesquinho?

— Havia um adorável ensopado de peixe para acompanhá-lo — Eu disse em tom doce, — Só que você não estava lá quando eu o carreguei até o topo da caverna.

A chamada repentina de um corvo nos distraiu, chamando nossa atenção para o céu. O nórdico franziu a testa. — O kráka novamente. — Seu olhar mudou para mim, sua expressão ficando pensativa. — Bem, você ainda deseja saber o que disse?

Cautelosamente, assenti.

— Disse que me levaria a um guerreiro que me ajudaria em minha busca. Mas mentiu. Isso me levou a uma meyja. — Minha testa franziu. — Uma garotinha — Ele forneceu.

A fúria ardente passou por mim, e eu empunhei minha espada. Seus olhos se arregalaram, mas ele se manteve firme. Ele estava desarmado, com nada além de uma mochila de pão e queijo para se defender.

— Esse kráka de que você fala é mais do que apenas um corvo. É Morrigan, a Rainha Fantasma, a deusa da guerra e da morte. — A adrenalina alimentada pela minha raiva correu através do meu sangue, derramando força nos meus músculos, até que meu aperto na minha espada tornou meus dedos brancos. — Ela me revelou uma visão, em que gigantes nórdicos assassinos destroem Éirinn. Diga-me o que você sabe disso, ou juro que vou acabar com você.

Por um momento, parecia que ele não iria me responder. Seus olhos brilharam em aviso, sua mandíbula apertou, mas então ele disse: — Você me insulta gravemente para chamar essa imundície com o nome de nórdico. Se você realmente tivesse uma visão, saberia que eles não são homens.

Dedos frios tocaram a parte de trás do meu pescoço. Não, eles não eram homens. — Então é verdade? Existem tais... Monstruosidades? Homens como gigantes?

— Sempre houve histórias de gigantes entre o meu povo - os jötnar de Jötunheimr. Comedores de homens, glutões que são maiores que montanhas. Sempre acreditamos que eles estavam confinados ao seu reino. Nós estávamos errados.

— Jötnar? — Eu repeti, a palavra desconhecida grudando na minha língua. — Este é o nome das criaturas que descerão sobre Éirinn?

Ele balançou a cabeça como se estivesse frustrado com a minha falta de entendimento. — Você não precisa se preocupar, donzela. Corra para casa e deixe essa missão para homens habilidosos.

A fúria corou nas minhas bochechas. Habilidosos? Não fui a guerreira a quem Morrigan levou para o nórdico? E, no entanto, ele me insulta. — Você está esquecendo que sou eu quem segura a espada?

Ele deu um passo à frente, até a ponta da espada estar a centímetros de sua garganta. — Se você acha que uma garotinha com uma espada vai impedir minha busca, então você cometeu um erro grave.

Havia algo no olhar dele, como um leão encurralado, que me deu uma pausa. — Sua busca... Quer dizer que você estava procurando pelos gigantes? Foi isso que trouxe você à nossa terra?

— Sim.

Eu dei um passo para trás para que minha espada não estivesse mais em sua garganta. — Por que você? O que você pode fazer para detê-los?

Ele encontrou meu olhar. — Não há ninguém mais forte. Paguei o preço final para garantir que isso fosse verdade.

— Você faria de tudo para proteger esta terra?

— Eu não ligo para a sua terra. — Um músculo em sua mandíbula flexionou. — Eu vim por vingança.

Vingança. Isso era algo que eu pude entender.

Acima de nós, o corvo circulou. — Bem, o corvo estava certo. Eu quero detê-los, assim como você.

Seu olhar era cauteloso e calculista - antes que se transformasse em um desprezo defensivo. — E o que você pode fazer sobre isso? Eu lutei com muitos

celtas e ouvi muita conversa sobre suas lutas entre clãs. Seu bando de celtas não se mexeria para se juntar à nossa luta - até que seja tarde demais.

Pensei no modo como meu pai rejeitara a visão de Morrigan. Se ele não acreditasse em mim, ninguém acreditaria.

Eu não podia ir para casa, e mesmo que pudesse, sabia que meus homens do clã nunca iriam se juntar a mim em uma missão como esta. O nórdico estava certo.

Minha mão tremia na minha espada quando o peso dessa percepção afundou. Eu não podia ir para casa. Não pude ver minhas irmãs novamente.

A única maneira de me redimir era salvá-los.

Engoli meu orgulho, minha repulsa por me juntar a um inimigo tão odiado.

— Meus homens do clã podem não se juntar a você, mas eu vou.

Seu olhar viajou por todo o meu corpo, como se estivesse tomando minha medida. — Uma oferta corajosa, com certeza, mas você não podia nem manter um único homem em cativeiro, muito menos combater inimigos que podem nivelar aldeias inteiras.

Frustração e raiva por seu insulto - não importava quão verdadeiro fosse - irromperam dentro de mim. Eu levantei minha espada em um arco arrebatador, machucando sua garganta no mesmo lugar que eu tinha no campo de batalha. Para seu crédito, ele não vacilou, apenas levou os dedos ao pequeno rastro de sangue.

— Eu também fui quem te ajoelhou, nórdico.

Sua carranca derreteu e ele jogou a cabeça para trás em uma risada. Ainda no limite, o latido de sua risada quase me fez atacá-lo novamente. — Você pode ter me aprisionado, donzela guerreira, mas não posso deixar de gostar de você.

— Meu nome é Ciara de Mide — Eu corrigi, meu tom era petulante.

— Ciara, então — Disse ele, a alegria ainda visível em seus olhos. — Sou Leif Olafsson. Você se provaria uma distração interessante, é verdade. Mas que utilidade você pode ter contra os gigantes?

Pude ver que ele estava hesitando. Eu teria que explicar para ele - e rezar para que ele acreditasse em mim. — Eu posso tomar posse da mente de alguém e forçá-lo a fazer o que eu mandar.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Impressionante. Porém, se você tem essa capacidade, por que não a usou em mim?

— Como você sabe que eu não usei?

Ele sorriu. — Porque você não teria perdido tempo implorando por respostas.

Eu mudei brevemente de pé para pé. — Você é a primeira pessoa que eu não fui capaz de controlar — Eu admiti de má vontade.

— Eu te chamaria de mentirosa ou louca, mas tenho que admitir que vi o que você fez no campo de batalha. Eu não entendi na época - só sabia que alguém havia lançado algum feitiço sombrio em um dos meus homens para fazê-lo se virar sozinho. Você fez isso. Você fez meus homens se virarem um contra o outro.

— Não é um feitiço — Eu disse, embora para mim a verdade fosse muito pior.

— Não importa como você faz isso - apenas você pode - e não há dúvida de que seria útil. — Ele balançou a cabeça como se finalmente tivesse me achado aceitável, e eu senti o suor escorrer na minha testa com o esforço de não golpeá-lo na cabeça novamente.

— Mais útil do que força bruta — Eu disse acaloradamente.

— Você parece com ciúmes — Disse ele, e depois riu quando meu aperto aumentou sobre minha espada. — Eu posso ver que você quer tentar usar isso em mim novamente, então eu vou ceder. — Ele olhou para o corvo ainda voando acima de nós. — Você queria respostas minhas - o que você gostaria de saber?

— Qual é o seu plano? Como você pretende parar os gigantes?

— Meus homens me esperam em Dyflin, então devo me reunir a eles e falar com o rei. — Cruzei os braços sobre o peito com a menção da palavra nórdica para a cidade de Dubhlinn. Eles mudaram o nome quando conquistaram a cidade, e ainda me irritava ouvi-lo assim ser chamado. Pior ainda era o fato de ele estar se referindo ao rei Sigtrygg, inimigo do meu reino.

— Sigtrygg não vai ajudá-lo. Ele não se importa com nada além de incursões e acumular riquezas. Eu estaria mais inclinada a concordar com você, se você dissesse que seu plano era atacá-lo e assumir o comando de Dubhlinn.

Leif sorriu. — E você chamou meu povo de sanguinário. Sigtrygg nos ajudará porque ele é obrigado; meu pai lhe emprestou navios e homens para seus ataques, muito antes de ele ser rei. Agora ele nos deve o mesmo: navios e homens. Preciso da ajuda dele para derrotar Fenris, o líder dos jötnar.

— Ainda não entendo por que deve ser Sigtrygg para todas as pessoas, mas admitirei que ter navios e homens pode ser útil. Você vai me falar sobre Fenris? Como você planeja derrotá-lo?

— Fenris era o líder no reino do jötnar. Fenris entrou em nosso reino e agora que está aqui, ele reuniu mais do meu povo à sua causa, chama-se Jarl de Skien - um dos nossos portos mais importantes. O jötnar que Fenris trouxe com ele de Jötunheimr montou acampamento em Skien, junto com muitos homens. Mas homem ou jötunn, eu vou lutar com eles. Devo reunir o maior número de

guerreiros que puder e voltar para matar Fenris e quem tentar entrar no meu caminho.

Um ataque direto e uma demonstração de força da magnitude que Leif sugeria certamente intimidariam qualquer invasor mortal dos nórdicos - esse simplesmente não era o método preferido de guerra deles. Isso se aplica a monstros? — Quando você vai zarpar?

— Assim que eu puder. Embora pelo que ouvi, pode não ser tão fácil. — Quando o olhei sem expressão, ele disse: — Ouvi falar de homens como gigantes aqui em Éirinn.

Uma onda fria de medo me atingiu. — Você quer dizer o... Jötnar já está aqui?

Seus olhos encontraram os meus, sua expressão sombria respondeu o suficiente.

Eu balancei minha cabeça. — Eles não podem causar sua destruição aqui.

— Você vai se juntar a mim, então? Deixar as armadilhas confortáveis do seu castelo, sua família, seu clã e siga seu inimigo?

Ele não sabia que eu já tinha deixado tudo isso para trás - que eu não poderia voltar se quisesse. Eu não aguentava dizer a verdade em voz alta. O corvo estava empoleirado em uma pedra, nos observando, olhos vermelhos de sangue na luz. Minha mente estava quieta, tanto da voz de Morrigan quanto de visões.

A essa altura, Áthair já teria anunciado meu exílio. Quão pior seria minha punição quando descobrisse que o nórdico estava vivo? Mas, sabendo o que eu sei sobre os jötnar, como eu poderia ficar de lado quando tinha o poder de detê-los? Eu uniria forças com um invasor assassino, um homem que havia matado

muitos do meu próprio povo. Parar o mal maior dos gigantes negaria o pecado de ajudar meu inimigo?

Eu não sabia o quão bem sucedido Leif tinha sido em sua busca até agora, mas sabia que ele estava certo sobre uma coisa: meu clã nunca prestaria sua ajuda até que fosse tarde demais. Fui eu quem recebeu essa visão e era eu quem deveria tomar uma posição.

Voltei minha espada para a bainha. Com a mão direita em punho, coloquei-a sobre o coração. — Vou me juntar a você na destruição dos jötnar aqui nesta terra.

— Não posso dizer que você tomou a decisão certa, mas não vou me afastar de sua oferta. — Ele caminhou em direção a Sleipnir. — Agora venha. Toda essa conversa nos fez perder muito tempo.

Ele agarrou meu cavalo de guerra como se fosse dele e montou. Sleipnir levou apenas um instante para perceber que não era eu em suas costas. Seus ouvidos se achataram e ele resistiu e torceu, seus poderosos músculos tensos como um arco.

A mandíbula de Leif estava tensa de concentração, mas ele conseguiu ficar montado. De má vontade, eu deixei continuar por mais um momento ou dois antes de finalmente dizer: — Sleipnir

As orelhas do meu cavalo continuaram achatadas, mas ele parou de tentar derrubar o nórdico.

— Você deveria saber melhor do que montar o cavalo de guerra de outra pessoa — Eu disse com um sorriso. — Ou talvez ele tenha se ofendido por ser chamado de égua.

— Ele é mais forte do que parece. — Respondeu Leif com um sorriso que de repente o fez parecer muito mais jovem.

Quando ele continuou a sorrir para mim, desloquei-me desconfortavelmente e disse: — Você terá que abrir espaço para mim.

Leif deslizou de volta pela espinha de Sleipnir alguns centímetros - com cuidado. Depois de dar um tapinha no pescoço de Sleipnir, agarrei um punhado de crina e subi. Foi um caso embaraçoso, já que não tinha espaço para balançar a perna com Leif no caminho. Mas consegui sem a assistência do nórdico, que era tudo com o que eu realmente me importava.

Fiquei rígida como pedra quando Leif se aproximou de mim, e eu estava dolorosamente consciente de que minhas costas estavam agora contra a frente dele. — Está tudo bem em tomar as rédeas? — Leif perguntou. — Ou ele vai nos derrubar dessa vez?

— Pegue elas. — Eu disse entre dentes. Eu estava posicionada muito perto do pescoço de Sleipnir para segurá-las confortavelmente.

Uma risada baixa vibrou pelas minhas costas. — Você não pode permanecer tão rígida. Relaxe, ou será um passeio doloroso até Dyflin.

Ele apertou os calcanhares nas laterais de Sleipnir, e o garanhão seguiu para a frente, me jogando contra o peito do nórdico.

— Como posso relaxar quando você está tão intimamente contra mim? — Eu disse, meu tom agudo de vergonha.

— Existe uma espada larga entre nós. — Diversão era clara em sua voz. — Se você quiser, poderia me entregar por segurança. Então nós dois estaremos mais confortáveis.

Eu bufei. — Eu não vou me separar dela. Você terá que encontrar sua própria arma.

— Eu sou arma o suficiente.

Ele guiou Sleipnir para longe da costa e para as colinas verdejantes além. A névoa rolou do mar e cobriu a terra, até que ficou difícil ver muito mais longe do que o comprimento de um cavalo na nossa frente. Ainda assim, ele manteve Sleipnir em um ritmo cansativo.

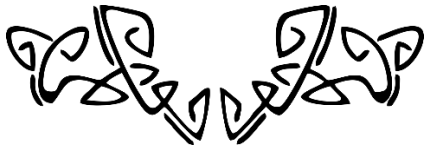
— Você não precisa correr com ele até que ele fique esbaforido — Eu estourei eventualmente. A falta de controle foi torturante.

— Já perdemos tempo suficiente.

A neblina ficou mais espessa, diminuindo a temperatura até eu tremer. O sol brilhava há pouco tempo, e mesmo nesta terra com seu clima caprichoso, era quase natural ter uma névoa espessa. Eu queria me virar e olhar para o reino que eu estava deixando rapidamente, mas resisti ao desejo. Eu só teria um vislumbre do peito do nórdico com meu esforço de qualquer maneira.

Além disso, eu tinha tomado minha decisão.

Não haveria como voltar agora.



Leif ficou em silêncio, exceto por sua respiração tranquila, enquanto Sleipnir galopava por colinas verdes. Depois de um tempo, permiti que meu corpo relaxasse, embora ainda estivesse o mais longe possível do nórdico. Fiquei

desconfortável contra a cernelha de Sleipnir, cada passo machucando minhas coxas.

O som da água fresca, um riacho cortando as colinas, chamou nossa atenção. Leif diminuiu o passo de Sleipnir e o guiou em sua direção.

A água azul prateada borbulhava sobre as rochas, convidativamente fresca. Examinei as margens em busca de sinais de espíritos do rio vigiando o rio. Leif desmontou e caminhou em direção à água descaradamente, sem uma pitada de cautela. Eu balancei minha cabeça com nojo.

Ajoelhou-se e lavou os dois braços na água antes de beber. Quando nada o atacou, eu desmontei e fui até a água, alerta para qualquer sinal de dano.

As orelhas de Sleipnir se viraram para um lado e para o outro, mas até ele mergulhou a cabeça na água para beber. Coloquei minhas mãos em concha e peguei um punhado de água, apreciando o frescor na minha língua. Bebi até não poder mais beber. Quando me levantei novamente, encontrei Leif me observando.

Ele caminhou em minha direção e eu me afastei, afundando em uma pose defensiva. Um sorriso tocou seus lábios. — Por que eu escolheria agora para prejudicá-la? — Ele perguntou. — Eu só quero ajudá-la a voltar para o seu cavalo.

Eu não sabia o que ele pretendia, mas sabia que não confiava nele. — Eu posso administrar isso bem o suficiente.

Eu o observei até que ele deu de ombros e se afastou. Eu me virei para Sleipnir para montar quando senti a espada ser puxada da bainha nas minhas costas. Com um silvo zangado, eu me virei para Leif. Em um movimento suave, puxei a adaga sob minha capa.

Ele levantou a mão e a minha espada em um gesto de paz. — Você estava se machucando contra os ossos do cavalo para não me tocar. Essa espada me impediu de me aproximar para que pudéssemos estar confortáveis. É melhor que eu carregue.

Seu desrespeito casual pelo meu julgamento me encheu de tanta raiva que minhas mãos tremiam. — É assim que você trataria seus homens? Despojando-os de suas armas, ordenando-os como cães?

Ele sorriu. — Mas você não é um homem.

Eu olhei. — Eu sou a guerreira que concordou em ajudá-lo em sua busca. Aquela cujas habilidades você precisa, e ainda assim você me trata como... — Lutei para me lembrar do insulto que ele havia usado anteriormente. — Uma meyja.

— Se este é o seu único meio de defesa — Ele apontou para a minha espada nas costas dele. — Então você não é a guerreira que eu acreditava que fosse.

Eu olhei para o cabo, apenas visível por cima do ombro dele. Eu aprimorei minhas habilidades com uma espada, mas meu verdadeiro meio de defesa era minha capacidade de controlar a mente de outro. Cerrei os dentes ao perceber que ele havia apontado a verdade: embora eu tivesse uma habilidade de outro mundo, eu ainda estava limitada pela minha capacidade de lutar. Eu tinha aproveitado o terreno quando lutei com Leif, mas não havia dúvida de que ele era mais habilidoso.

Eu levantei meu queixo até que eu estava olhando em seus olhos azuis-geleira. — Pergunte, então — Eu disse. — Pergunte se você pode carregar minha espada para mim.

— Eu não pergunto — Disse ele. — Eu pego.

— Você tira de seus inimigos; você pergunta a seus aliados. Eu sou sua aliada. Trate-me como tal, ou será você quem caminhará até Dubhlinn.

— Dyflin. — Ele corrigiu, e meus olhos se estreitaram em fendas.

Ele se ergueu em toda a sua altura, o que o fez se elevar sobre mim, mas eu peguei uma pitada de respeito em seus olhos. — Por favor, permita-me carregar sua espada para você, milady — Disse ele, com uma voz tão áspera quanto pedra.

Eu sorri e mergulhei minha cabeça. — Como quiser.

Depois de devolver minha adaga ao seu esconderijo, puxei-me para cima de Sleipnir. Leif se sentou atrás de mim, e sem a presença sólida da espada entre nós, eu pude sentir cada respiração dele nas minhas costas.

Enquanto Sleipnir caminhava, Leif respirou fundo como se dissesse alguma coisa, mas depois soltou o ar novamente. Por fim, ele disse: — Eu poderia ajudá-la a aprimorar suas habilidades com uma lâmina - se você estiver disposta.

Ocorreu-me que eu deveria me sentir insultada por sua insinuação, mas foi sua hesitação em sugerir isso que manteve minha indignação afastada. — Você achou minha esgrima tão terrível, então? — Eu perguntei com uma risada auto-depreciativa.

— Não é terrível de forma alguma, mas posso dizer que não é sua arma de escolha. — Eu pude ouvir o sorriso em sua voz quando ele acrescentou: — Embora é claro que eu não fazia ideia de que sua mente era sua arma.

Pensei em nosso breve choque de espadas. — Você estava se segurando quando lutou comigo — Eu disse, quase para mim mesma. Só confirmou o que eu suspeitava durante a batalha.

Ele resmungou em resposta.

— Por quê?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que finalmente arrisquei um olhar para ele. — Você poupou a vida do meu irmão. Vi que você era jovem e bonita, e não consegui acabar com sua vida. — Seus olhos queimaram nos meus, e eu não conseguia desviar o olhar. Eu senti a propagação de um rubor nascido de surpresa e algo mais... Algo que se mexeu por dentro e me encheu de calor. — E então você me bateu na cabeça com uma pedra.

Seu riso estrondoso vibrou através de mim quando eu quebrei seu olhar e incitei Sleipnir em um galope suave.

Eu queria parar de corar como uma donzela.

CAPITULO 7

O sol já havia mergulhado no horizonte quando Leif diminuiu Sleipnir para uma caminhada. Embora me perturbasse admitir, houve muitas ocasiões em que eu fui embalada pela marcha suave de Sleipnir e relaxei contra o peito de Leif... apenas para acordar cada vez com um sobressalto, forçando minha coluna tão reta quanto uma espada. Leif nunca comentou, apesar da chance óbvia de zombar de mim.

Com sua resistência no limite, o peito de Sleipnir estava fortemente ensopado de suor. Inclinei-me para a frente e dei um tapinha em seu pescoço, sussurrando para ele que logo pararíamos. Como se Deus tivesse enviado, um rio serpenteava através da rocha, acenando-nos com suas águas frias.

— Vamos acampar aqui, perto do rio — Disse Leif.

Eu olhei para a vasta paisagem, intercalada com pedras e densas copas de árvores. Qualquer coisa poderia estar escondida fora da nossa vista, e a água era um local privilegiado para criaturas perigosas. Parar brevemente para nos refrescar era uma coisa; acampar era outra. Nós tivemos sorte antes. Podemos não ter sorte novamente.

— Arriscamos avisar coisas melhor deixadas em paz se dormirmos perto do rio — Eu disse, ainda cautelosamente examinando a área. — Deveríamos dormir com as pedras nas costas, para saber o que está por perto.

Leif zombou e desmontou. Ele estendeu os braços para mim para me ajudar, mas eu o ignorei e desmontei sozinha. Finalmente livre de sua carga, Sleipnir se sacudiu e desceu até a beira da água.

— Éirinn tem muitos perigos — Eu disse. — Vamos viver mais se formos cautelosos.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Você acha que as terras dos nórdicos estão livres de criaturas que nos desejam mal?

— Não importa. O que importa são as criaturas desta terra.

Eu estava prestes a jogar para cima minhas mãos e dizer que ele poderia acampar onde quisesse, mas em vez de continuar argumentando, ele se afastou da margem, voltando para vários pedregulhos no sopé de uma colina. Ele começou um fogo, suas mãos largas fazendo o trabalho rápido da tarefa difícil. Juntei-me com Sleipnir na beira da água para esconder minha satisfação por ele ter me ouvido pela primeira vez.

A água do rio estava mais uma vez fria e refrescante, e enquanto me limpava do pó de nossa viagem, ocorreu-me que logo seria obrigada a dormir durante a noite. Com um nórdico.

Bem, não seria a primeira vez que eu dormia com a mão em volta da minha adaga.

— Vou caçar uma lebre para a gente comer hoje à noite — Disse Leif, vindo atrás de mim com passos surpreendentemente leves. Ele soltou minha espada de suas costas e a entregou para mim. — Então você não ficará desarmada — Disse ele em resposta ao meu olhar interrogativo.

— Como você vai pegar alguma coisa sem uma arma? — Não que uma espada larga fosse particularmente útil na captura de uma lebre, mas era melhor que mãos nuas.

Ele sorriu, um lampejo de dentes. — Eu tenho outros meios.

Cansada demais para contemplar como ele pensava que perseguiria e mataria uma lebre com as próprias mãos, eu assenti e me fiz confortável perto do fogo. Ainda tínhamos pão e queijo, para não morrermos de fome esta noite. Eu o observei enquanto ele seguia o rio mais ao sul, impressionada com a sua agilidade, apesar do tamanho grande, como um leão em vez de um homem.

Sleipnir pastava na grama verde e comprida à beira do rio, e relaxei contra a pedra fria. Sozinha com meus pensamentos, uma espécie de saudade melancólica caiu sobre mim. Minha mãe e minhas irmãs já estavam em casa agora, e uma dor como uma torção de adagaa começou no meu estômago. Minha ausência indubitavelmente as preocuparia, e embora meu arrependimento por isso fosse palpável, tive que me lembrar de que não tinha outra escolha. Elas conversaram com Áthair? O que Máthair diria quando soubesse o que eu fiz? Estremeci ao imaginar a reação dela - nojo? Medo? Pior seria como minhas irmãs reagiram. Eles diriam a verdade? Que eu havia atacado nosso pai e sido exilada?

Eu forcei esses pensamentos fora da minha cabeça. Eu sabia que faria tudo exatamente igual se tivesse outra chance. Meu corpo ainda se arrepiava com o que Morrigan havia me mostrado. Não havia dúvida de que isso aconteceria, e se formar uma aliança com meu inimigo era a única maneira de impedi-lo, então eu arrumaria minha cama ao lado dele.

Mas meu pai... A raiva e o desapontamento de Áthair seriam tão terríveis quanto o fogo de um dragão quando ele descobrisse que eu havia unido forças

com nosso inimigo. Mesmo que eu conseguisse expulsar gigantes de Éirinn, não tinha certeza de que isso mudaria a maneira como meu pai me via: como um monstro em vez de uma filha. Em minha mente, vi minha família lado a lado, seus cabelos loiros, olhos claros e rostos em forma de coração parecendo dizer que a possibilidade de eu ser uma changeling não era tão difícil de acreditar, afinal.

— Saio por apenas alguns minutos — Disse Leif, retornando com uma braçada de coelhos — E você parece que pode chorar. Você achou que eu tinha abandonado você?

— Se ao menos tivesse — Eu disse, meus olhos se estreitaram com o seu sorriso. Imperturbável pelo meu tom ácido, ele se sentou na minha frente e puxou uma pequena lâmina para esfolar os coelhos. — Onde você conseguiu a faca?

Ele continuou esfolando o coelho, mas ele me olhou por um momento. — Eu tive isso o tempo todo — Disse ele. — Seus homens não me revistaram o suficiente. Inúteis como aquelas correntes. — Um lampejo de dentes. — Você realmente não pensou que elas iam me segurar, não é?

Eu pensei, na verdade, mas é claro que nunca admitiria isso. Minha mão apertou o punho da minha espada quando pensei sobre a facilidade com que ele escapara. Seu perfil estava virado para mim, o nariz tão reto como uma lâmina, o rosto inteiro como se tivesse sido esculpido na própria rocha, embora seus lábios fossem surpreendentemente cheios. Ele era bonito, uma beleza perigosa, e novamente pensei na minha comparação anterior dele como um leão. — Se as correntes eram tão ineficazes, por que você não saiu mais cedo?

Ele rapidamente e eficientemente terminou de esfolar um coelho e passou para o seguinte. — Eu queria ouvir o que você tinha a dizer. E — acrescentou ele com um sorriso — Se você se lembra, eu recentemente sofri um golpe na cabeça.

Ele poderia ter saído a qualquer momento. Um rubor de vergonha subiu pelo meu pescoço. — Eu poderia ter te matado — Retruquei, — Embora suponho que você teria gostado mais disso, já que os nórdicos estão todos tão ansiosos para morrer.

— Não apenas morrer — Corrigiu Leif. — Morrer em batalha.

Eu zombei. — De qualquer maneira, você estaria morto.

Ele deslizou os coelhos em duas varas e os segurou sobre o fogo. — Você gostaria que eu te explicasse sobre o nosso pós-mundo, então? Sobre os salões dourados de Valhalla, cheios de cerveja e hidromel - onde podemos lutar o dia inteiro e festejar a noite toda.

— Como isso é diferente do que você faz na terra?

Diversão tocou as bordas de sua boca. — Porque em Valhalla, nunca cansaremos ou envelheceremos.

Eu mudei meu olhar do fogo para o rosto dele. — E quantos anos você tem? Você não pode ser muito mais velho do que eu.

Ele virou os coelhos habilmente sobre as chamas. — Velho o suficiente para ter conquistado o direito de velejar em minha própria embarcação, de liderar meus próprios homens. — Eu sacudi minha cabeça por sua resposta enigmática, mas então ele acrescentou: — Eu tenho dezoito anos.

Como eu pensava, apenas um ano mais velho do que eu. Mas como eu aprendi há muito tempo: o poder envelhecia você. — Você vai me contar mais sobre o inimigo que enfrentamos?

— Depende. Quanto você sabe dos nossos deuses?

— Nada. — Embora isso não fosse inteiramente verdade. Eu sabia um pouco; era difícil não saber, quando os nórdicos se infiltraram em muitas de

nossas cidades, casando-se com meu próprio povo, trazendo consigo seus deuses estranhos. Eu sabia que Odin era o pai dos deuses e o deus da guerra. Seu filho mais famoso era Thor, o deus do trovão. — Você disse que os gigantes queriam derrubar os deuses. Por que eles querem fazer isso?

— Os deuses e os jötnar podem ser descendentes do mesmo ser, mas eles lutam entre si pelo controle dos reinos desde o início dos tempos. Os jötnar são gulosos de tudo: ouro, mulheres, poder, carne. Mais do que tudo, eles desejam controlar a humanidade - para serem adorados como os deuses. Por causa disso, os deuses os baniram para seu próprio reino: Jötunheimr. Os jötnar sempre tentaram se libertar de seu reino, mas sempre confiamos nos deuses para mantê-los sob controle. Até o mais poderoso deles, liderado por Fenris, escapar.

Meu pai teria imediatamente descartado tudo o que Leif havia dito como um absurdo pagão herético, e parte de mim queria fazer o mesmo, mas havia um poderoso aro de verdade em suas palavras. Eles levantaram o cabelo na parte de trás do meu pescoço.

— Por que os homens se juntariam a esses monstros?

— Porque os homens são atraídos pela mesma coisa que os jötnar. Promessas de riquezas e poder. Em troca de homens para conquistar as terras dos deuses celtas e dos nórdicos, eles derrotam os deuses, que já se tornaram fracos desde que o Deus cristão se espalhou por nossas terras. Não ter que responder aos nossos deuses é uma proposta tentadora para muitos que estão cansados de sacrifícios sangrentos que não foram respondidos pelos deuses.

Fracos. Morrigan certamente não parecia fraca quando ela estava me segurando em cativeiro na minha própria banheira. Mas então, ela também estava trabalhando comigo... E possivelmente com Leif. Seria porque ela não tinha o

poder de parar o jötnar sozinha? Isso me fez pensar no que Morrigan havia dito antes - que os velhos deuses de Éirinn haviam ficado fracos e incapazes de interferir no reino mortal. Era difícil de acreditar, mas Morrigan também era uma deusa da guerra. Ela já teria destruído os gigantes se tivesse o poder de fazê-lo.

— Você viu esses gigantes?

Seu olhar mudou para o meu brevemente. — Eu vi evidências deles, e conversas sobre eles se espalharam pelo norte.

— Deve ser uma forte evidência para você assumir essa missão.

— Tão forte quanto a visão de um corvo — Disse ele com um sorriso.

Desviei o olhar - não queria me lembrar daquela visão horrível. — O que eu vi foi terrível o suficiente para me fazer juntar a você, é verdade. — Eu olhei de volta para ele. — Que evidência você encontrou?

Um músculo em sua mandíbula flexionou - talvez na memória deles. — Há pouco tempo, encontrei uma vila nórdica reduzida a estilhaços. Não havia corpos para queimar; restavam apenas poças de sangue. Como um rebanho de suínos que havia sido abatido - em alguns lugares, o sangue pingava do telhado. Meus homens e eu encontramos pegadas, dez vezes maiores que as de um homem normal, cobrindo a vila. Ficou claro para nós o que havia acontecido - que os jötnar haviam escapado de Jötunheimr. Quando consultamos o vidente, as advertências de nossos deuses foram repassadas para nós: que Fenris planejava derrubá-los e dominar Midgard.

Uma veia na minha testa batia junto com o meu coração. Eu tinha visto a destruição que os jötnar eram capazes na visão de Morrigan, mas ainda era difícil de aceitar. Havia pessoas em meu próprio clã que sussurravam sobre os deuses antigos, mas meu clã há muito se converteu ao cristianismo. Acreditar nelas me

rotulava de herege, e, no entanto, não podia argumentar contra a existência de Morrigan.

— Por que matar todas essas pessoas?

— Na verdade, eu acreditava que eles estavam matando mortais pela mesma razão que matamos animais: para comer. Mas o vidente pensa o contrário.

Ele parou para me entregar um dos coelhos, e eu só o peguei, embora estivesse faminta. — O vidente acredita que não é tão simples assim?

— Ela disse que os jötnar se cansaram de sua existência exilada — Disse Leif, rasgando seu próprio coelho com apetite.

Eu olhei para Leif. — O vidente é uma mulher?

— A maioria com esse poder são mulheres. Você está surpresa? — Ele acrescentou com uma sobrancelha levantada. — Os jötnar querem que acreditemos que eles querem derrubar os deuses e libertar a humanidade, mas a vidente acredita que o oposto é verdadeiro. Eles querem o controle de Asgard e o reino mortal de Midgard - para governar o mundo com todos os seres humanos como seus súditos. A mãe de Odin é jötnar; eles acreditam que podem reivindicar.

Horror habitava na boca do meu estômago. — E eles planejam fazer isso nos matando?

— O medo é um poderoso motivador. Eles pouparam os que se uniram a eles - eles precisarão de alguém vivo para adorá-los, afinal.

Na minha cabeça, vi Éirinn virar cinzas.

Eu me sentia mais fria do que nunca, como se eu estivesse no meio de uma nevasca furiosa. Arrepios irromperam sobre minha pele, e eu pude ver esse mundo que ele falou. Governado por homens que provocavam o mal em todos nós.

Caímos em um silêncio mutuamente perturbado.

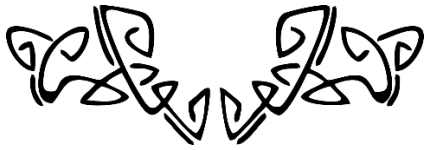
— Não devemos vigiar esta noite — Disse Leif depois de algum tempo, sua voz tão baixa quanto o fogo crepitante. — É melhor se nós dois dormíssemos. Amanhã precisaremos de nossas forças.

Sacudi minha capa e me cobri com ela, da cabeça aos pés, até que apenas minha cabeça estava visível. Eu me enrolei de lado, de costas para o nórdico. Se eu não estivesse cansada demais para me importar, sem dúvida ficaria acordada a noite toda, consciente de minha proximidade com um homem que não era do meu próprio sangue. E um inimigo além disso.

— Você tem tanta certeza que meus homens do clã não nos seguirão? — Eu perguntei.

— Eu nunca durmo profundamente. Você não tem nada a temer.

Por que eu temeria meus próprios homens do clã? Eu pensei, mas logo, o sono estava sobre mim, me lavando em um mar de escuridão.



Acordei lentamente, com a sensação de estar sendo observada. Ainda estava escuro, a lua coberta por nuvens e o céu um preto sem fim. O fogo tinha se reduzido a uma pequena chama, e eu estava gelada com apenas minha capa para me cobrir. Meus olhos se ajustaram às bordas mais escuras ao redor do fogo, até que eu consegui ver formas: plantas perto da costa, rochas maiores do rio e o próprio rio.

Movimentos perto da beira da água capturaram minha atenção e eu enrijeci. Era um cavalo, de cor negra profunda como o céu noturno, seus olhos refletindo a luz baixa de volta para mim com um brilho amarelo sinistro.

— Deus nos salve — Eu sussurrei e me curvei.

— Ele está nos observando há algum tempo — Sussurrou Leif. Ele ficou imóvel, mas eu pude ver a tensão de seus músculos, como se ele estivesse pronto para se levantar.

Sleipnir bateu o chão à minha esquerda, ouvidos pontudos em direção ao Each-uisge perto do rio.

— Não olhe muito tempo em seus olhos — Eu avisei. Um calafrio de desconforto se espalhou por mim. Eu mudei para uma posição agachada o mais furtivamente possível.

— Ele guarda o rio? — Leif perguntou. — O que o trouxe aqui?

Balancei minha cabeça ao pensar na história que havia contado às minhas irmãs. — Eu não sei. Não é surpresa ver um Each-uisge, mas é raro. Vai tentar nos afogar para banquetear-se com a nossa carne. Não devemos tocar em nenhuma parte dele, ou seremos enredados em sua pele. — Eu olhei para Leif.

Ele assentiu uma vez. — Como podemos derrotá-lo?

— Nós não podemos. Devemos esperar o amanhecer. Se tentarmos escapar agora, ele apenas nos perseguirá.

Ele bufou. — Tudo pode ser morto. Qual é a sua fraqueza?

O Each-uisge deu alguns passos em nossa direção, mas seu olhar parecia focado em nosso fogo. Ele sacudiu a cabeça como se estivesse frustrado. Gotas de água voaram de sua crina molhada. Andava mais como um gato ou lobo selvagem faria do que como um cavalo, buscando nosso ponto fraco. Mas

tínhamos rocha sólida nas costas, um afloramento de uma encosta íngreme atrás de nós e o fogo, embora morrendo, diante de nós. Depois de um momento, ele soltou um relincho apavorante, estridente como um grito, sua frustração evidente.

Então pareceu ondular diante de nós, sua pele tremendo na noite. Ele se transformou de um cavalo marinho escorregadio em um homem de beleza tão escura que até eu senti sua sirene chamar. Seu cabelo era longo e preto, seu corpo magro e musculoso.

— Venha, minha beleza — Disse ele. — Eu estive esperando por você.

Um nevoeiro parecia descer à minha mente, e fiquei presa naquele crepúsculo entre sonhos e realidade.

Eu me levantei e o homem bonito estendeu a mão, acenando.

A parte racional da minha mente ordenou que minhas pernas não se mexessem, mas elas não ouviram. Eu sempre considerara minha mente poderosa, mas, enquanto me esforçava e lutava contra cada um dos ataques, percebi rapidamente que minhas defesas eram tão fracas quanto as de uma criança.

Eu dei um passo à frente.

Ao meu lado, Leif ficou de pé e me puxou para o lado dele. — O que aconteceu com você? Você vê um homem bonito e de repente você abandona todos os seus sentidos?

Me ajude, pensei. *Eu perdi o controle de mim mesma.*

— Qual é o seu nome, donzela? — O Each-uisge perguntou.

— Não responda a ele — Disse Leif com um grunhido, mesmo quando meus lábios se separaram e disseram meu nome.

— Ciara — Repetiu o Each-uisge, sua voz mais bonita que uma sinfonia de anjos.

Com meu nome verdadeiro falado da boca do demônio, minha mente pareceu quebrar.

Quem sou eu? Pensei sonhadora.

O homem diante de mim era tão bonito, e ele me olhou com um olhar tão cativante em seus olhos. Olhei para a mão que me continha e rosnei de frustração.

Quem é esse garoto que me restringe? Eu devo ir para o outro - aquele que é tão bonito - ele precisa de mim.

O garoto apertou meu braço mais forte, e eu lutei loucamente contra ele, como uma gata selvagem presa em uma rede.

— Fique quieta! — O garoto gritou, mas eu apenas lutei ainda mais.

O homem bonito me chamou novamente, e o garoto detestável me empurrou para trás dele, seu grande corpo bloqueando minha visão. Ele nos apoiou na rocha até que a pedra foi pressionada contra minha espinha, me prendendo.

— Ciara, minha beleza de cabelos escuros — Disse o homem bonito, e eu lutei cada vez mais, a pedra dolorosa nas minhas costas. Eu empurrei contra o detestável com tudo o que tinha, mas ainda assim, ele não se mexia.

O homem bonito estendeu a mão para mim e, de repente, a névoa em minha mente se aprofundou. Todo o resto desapareceu - a pedra nas minhas costas, o garoto detestável, o cavalo preto como breu. Todos, menos o homem bonito e o rio diante de mim.

Por que você se esconde atrás do seu inimigo, Ciara? Sua voz hipnótica ecoou na minha mente. *Ele é uma praga, assim como os gigantes de sua terra que em breve*

transformarão nosso mundo em cinzas, mas você o segue de bom grado. Você traiu sua família.

Nojo estava no meu estômago, escuro e oleoso. Pensei nos muitos nórdicos com que havia lutado; homens que mataram meus clãs e irmã. Homens que saquearam e queimaram mosteiros. E eu me afastei do meu clã e me juntei a eles.

Em minha mente, minhas irmãs apareceram diante de mim, pálidas e abaladas. *Por que você nos deixou, Ciara?* Perguntou Bran. Lágrimas seguindo pelo rosto de Deirdre. Atrás delas, minha mãe apareceu. *Eu sempre soube que você nos trairia no final*, ela disse.

Deirdre estendeu a mão e tentei pegá-la.

— Não! — Uma voz profunda gritou, penetrando na névoa.

Por um momento, eu quase consegui pensar com clareza, e então o homem bonito falou novamente. *O nórdico mente, Ciara. Ele a desviou. Ele está em aliança com os gigantes. Você deve destruí-lo e fugir. Só eu posso ajudá-la agora.*

Uma raiva negra ferveu dentro de mim, enchendo meu corpo com uma força desumana. Eu explodi passando por Leif e peguei minha espada.

Diante de mim, o rosto de Leif parecia piscar e mudar, seus traços se tornando mais parecidos com um dragão. Distante, eu me perguntei se minha mente finalmente tinha quebrado.

Mate-o, disse a voz melódica. *Vê como ele está revelando sua verdadeira forma? Os nórdicos nada mais são do que dragões que saqueiam e queimam.*

Eu levantei minha espada. Meu braço tremia enquanto eu lutava contra a força que mantinha minha mente em cativeiro. Havia uma razão para eu não atacar esse nórdico em particular... O que era isso?

O nórdico gostaria nada mais do que matar suas irmãs, disse a voz, mais insistente desta vez.

Uma onda de raiva ardente caiu sobre mim, mas ainda assim eu lutei. Havia algo sobre essas palavras... Algo que soava falso. Não era o nórdico que mataria minhas irmãs...

Minhas irmãs... Seus rostos cintilaram na minha mente. Branna, sua mandíbula firme e determinada. Deirdre, seus olhos suaves e doces. Alana...

O poder que tomou conta de minha mente tentou fortalecer seu domínio e, naquele momento, recuperei o controle suficiente de mim mesmo para saber uma coisa:

Terei que revidar.

Uma dor intensa passou pela minha cabeça como se uma espada tivesse esmagado meu crânio, mas ainda assim eu empurrei contra a mente externa. Foi o oposto do que fiz para controlar a mente de outra pessoa: empurrei o poder do Each-uisge para longe, em vez de alcançá-lo. Ele segurou-se tenazmente, como um gato selvagem tentando segurar sua presa, mas eu me provei mais forte. Com mais um empurrão poderoso em minha mente, o Each-uisge tropeçou para trás e caiu, como se eu o tivesse empurrado fisicamente.

A neblina que permeava minha mente se dissipou como se um vento forte a tivesse levado. O Each-uisge tentou se levantar novamente. Antes que ele pudesse, Leif abaixou minha espada em um arco arrebatador. Cortou o Each-uisge do ombro ao quadril, dividindo seu corpo. Ambos os lados caíram no chão, sangue escuro jorrando na fraca luz do amanhecer.

Eu encontrei o olhar de Leif, e nós dois ofegamos. Foi-se qualquer indicação de que ele era nada menos que humano. O Each-uisge atacou meus medos mais

profundos - até os pesadelos de que os homens do norte eram dragões vestindo pele humana.

Leif sacudiu a cabeça. — Eu pensei que tinha te perdido.

Respirando com dificuldade, eu olhei para o Each-uisge morto aos nossos pés. Um demônio a menos para ameaçar os filhos de Éirinn. Que vergonha eu ter sido vítima de seu feitiço, quando mesmo a criança na história que contei para minhas irmãs não o fez. Eu não pude deixar de tremer, porém, ao perceber que tudo o que havia sentido nas garras do controle da mente do Each-uisge deveria ser exatamente o que minhas vítimas experimentavam. Vítimas que incluíram muitos dos meus clãs.

— Obrigada por me ajudar — Eu disse a Leif.

— Você se salvou. — Ele entregou minha espada de volta para mim. Com o sol nascendo atrás de nós, ele esfregou a parte de trás do pescoço antes de dizer abruptamente: — Vou caçar algo para quebrar nosso jejum, e então devemos continuar a Dyflin.

Ele se afastou sem esperar minha resposta, e eu deixei a espada deslizar da minha mão. Fiquei feliz com a ausência de Leif, pois tremia violentamente. Ficar presa no controle da mente do Each-uisge me fez perceber o quão aterrorizante minhas habilidades eram.

O Each-uisge era malévolo e poderoso, mas mesmo assim eu entendi.

Pior ainda era a constatação de que, embora a batalha com o Each-uisge tivesse sido uma luta, não era nada comparado ao que enfrentaríamos com os jötnar.

CAPITULO 8

Com o sol da tarde escondido intermitentemente por nuvens, cavalgamos por um campo de trigo, seguindo em direção ao sul em direção a Dubhlinn. O vento fazia o campo parecer um mar dourado, soprando a grama como ondas. Estendi minha mão quando passamos, permitindo que o grão roçasse na palma da minha mão. O vento estava forte hoje; puxava meu cabelo antes de jogá-lo de volta na minha cara. A crina de Sleipnir também voava aos meus braços.

Quanto mais viajávamos por Mide, e quanto mais viajávamos de minha casa, mais deprimido meu humor se tornava. Meu pai já deveria ter feito a proclamação do meu exílio. Ele teria proibido qualquer um de me procurar, embora apenas Fergus pensasse em fazê-lo. Não seria a primeira vez que Áthair proibia outros de me seguirem, só que desta vez, ele não precisava.

Eu era mais jovem que Branna na época e era minha segunda batalha. Meu poder era tão novo para mim que eu mal conseguia entendê-lo e muito menos capaz de controlá-lo com sucesso. Quando meu pai recebeu a notícia de que os nórdicos estavam invadindo nossa costa no norte, ele levou um pequeno contingente de vinte homens, inclusive eu, para detê-los. Quando finalmente chegamos à vila, fomos recebidos pelos gritos moribundos das pessoas de lá. A maioria deles se reuniu na igreja por segurança, mas os nórdicos a incendiaram para queimá-los. Eles queriam os tesouros dentro: o tabernáculo de ouro, o cálice de prata e pedras preciosas, peças de prata e ouro para honrar a Deus.

Duas mulheres foram arrastadas para as correntes e, ao vê-las implorar para dois nórdicos impiedosos, com os rostos retorcidos de terror, desencadeou algo dentro de mim. Restos do meu próprio sofrimento doloroso pela morte da minha irmã e raiva pelo que estava acontecendo com as mulheres na minha frente quebraram sobre mim como uma onda na praia. Estendi a mão e assumi o controle do nórdico que segurava as correntes das mulheres. Eu o forcei a virar a arma para si mesmo, cortando sua própria garganta com a ponta do machado. Assim que o sangue dele fluiu, eu liberei sua mente, deliciando-me com o puro pânico que vi em seu rosto.

De mandíbula frouxa, o outro homem viu o camarada se matar. Estendi a mão e assumi o controle dele também, mas em vez de fazê-lo tirar a própria vida imediatamente, forcei-o a massacrar a maioria de seus amigos inocentes. Cada homem reagiu da mesma maneira: choque e descrença completos de que um deles se voltou contra eles.

Eles eram tão fáceis de matar quanto cordeiros.

Os aldeões reagiram a mim não como se eu fosse sua salvadora, mas como um monstro a ser temida. Eles correram de mim gritando, assim como fugiram dos nórdicos. Enquanto eu estava no meio da destruição, a raiva que a provocou desapareceu tão rapidamente quanto havia acontecido. Mas foi quando vi o medo nos olhos de meus próprios homens do clã que pulei sobre Sleipnir e corri.

Lágrimas me cegaram, e Sleipnir galopou sem direção. Em pouco tempo, eu estava irremediavelmente perdida em meu próprio reino. Quando a noite caiu, nos abrigamos em uma caverna e, enquanto eu ficava perto do meu cavalo para me aquecer, disse a mim mesma que meu pai viria atrás de mim.

Quando amanheceu sobre a caverna, foi Fergus quem me encontrou.

— Meu pai enviou você? — Eu tinha perguntado.

Ele balançou a cabeça, a pena enchendo seus olhos. — Não, milady.

Foi então que percebi que não apenas teria que controlar o poder dentro de mim, como não podia mais confiar em ninguém além de mim.

Ao longe, uma ovelha branca baliu, afastando minha atenção dos meus pensamentos melancólicos. A fumaça de uma pequena casa de pedra flutuava em direção ao céu. O vento trouxe o cheiro para mim: madeira queimada e pão fresco. Um caminho atravessava a terra em direção à pequena casa de fazenda, desgastada por carroças e cavalos, mas Leif manteve Sleipnir firmemente apontado para o sul.

— Como você conhece o caminho para Dubhlinn? — Eu perguntei. Fiquei surpresa que ele estivesse nos guiando tão facilmente, sem caminhos desgastados ou a costa como referência.

— Meu pai tem mapas dessa terra e me mandou estudá-los muito antes de eu velejar em meu primeiro navio.

Meu queixo ficou tenso. — Então você poderia encontrar as áreas principais para ataques?

— Sim — Disse ele sem arrependimento, — Mas também porque é perigoso navegar para uma terra completamente desconhecida.

Eu não poderia culpar a sabedoria nisso, e isso me irritou. — Seu pai ainda está vivo?

— Ele está.

Pensei nas muitas batalhas que havia travado com meu próprio pai. Estranho que o pai de Leif não estivesse com ele. — Ele navega sua própria embarcação, então? Cerca outros mosteiros inocentes?

— Não mais — Ele disse. A diversão em sua voz fez meus dentes cerrarem. — Eu navego seus navios para ele agora. — Ele ficou quieto por um momento antes de acrescentar: — Um dia, quando estiver cansado deste mundo, ele se juntará a nós em ataques até cair em batalha.

Eu podia ouvir o desânimo em sua voz, mas também o orgulho. — Valhalla de novo?

Ele soltou um suspiro com uma risada calma. — Sim, Valhalla.

Eu conhecia o suficiente dos nórdicos para saber que era impressionante que Leif liderasse os ataques com apenas dezoito anos. Ficamos em silêncio novamente, enquanto Sleipnir continuava firmemente.

Mas quando paramos para beber água, Leif me parou antes que eu pudesse montar. — Eu perguntei uma vez antes, e acho que agora seria um momento tão bom quanto qualquer outro. Você vai treinar comigo?

Dei de ombros, mesmo que ansiasse pela chance de me provar capaz com uma lâmina. — Como vamos praticar com apenas uma espada?

Ele pegou sua adaga. — Eu vou atacar com isso, e você desviará com sua espada.

Olhei para sua arma distintamente menor sem nenhuma pouca quantidade de ceticismo, mas no final, descobri que não me importava se ele sofresse alguns cortes. Segurei minha espada com as duas mãos e me preparei.

Ele atacou, tão rápido que seu corpo era um borrão. Não era nada como lutar com ele pela primeira vez, e eu percebi com um fio frio de horror na espinha que meus instintos estavam corretos naquele dia: ele estava se segurando. Instintivamente, levantei minha espada para proteger meu rosto, usando o lado afiado para desviar seus golpes.

— Não — Disse Leif, parando abruptamente. — Nunca use a ponta da sua espada para deslocar um ataque. Isso embotará e enfraquecerá o metal. — Ele deu um passo à frente e segurou minhas mãos. — Use o plano da lâmina. — Ele gentilmente girou meus pulsos até que a ponta da espada apontava para fora.

Eu balancei a cabeça lentamente, já surpresa ao saber que eu estava desviando incorretamente por anos. — Novamente.

Era insondável - ele estava me atacando com uma adaga, e tudo o que eu podia fazer era tentar bloqueá-lo. Eu dancei e teci, tentando afastar os golpes. Muito rápido, meus braços e pernas começaram a se cansar.

Leif cedeu. — Você está cansada?

Eu arfei em resposta, e ele sorriu. Ele estava gostando disso.

— Isso é porque você está usando movimentos ridículos e amplos. — Ele gesticulou para eu entregar a espada, e eu o fiz com os olhos estreitados. Ridículo, de fato. Ele demonstrou o que quis dizer, balançando a espada em um amplo arco à nossa frente. Os músculos tensos em seus braços incharam. — Em vez disso, faça seus movimentos pequenos, deliberados. — Ele fez um pequeno giro no pulso, como se estivesse evitando um ataque. — Você quer bloquear o golpe do seu oponente para que o impulso dele seja quebrado, mas o seu o encontre.

— Ou eu poderia controlá-lo mentalmente e fazê-lo cair sobre a minha espada — Eu disse com um sorriso malicioso.

— Você poderia. Mas quantos você pode controlar ao mesmo tempo?

Eu me mexi desconfortavelmente. — Um.

— Então você ainda está vulnerável. Vou tentar protegê-la na batalha o melhor que puder, mas...

— Não se engane, nórdico — Interrompi, minhas mãos fechadas em punhos ao meu lado. — Não preciso da sua proteção.

Ele ergueu as sobrancelhas, fingindo surpresa, mas sabiamente ficou em silêncio. Peguei a espada de volta e continuamos nossa prática até meus braços se recusarem a empunhar a arma pesada. No final, porém, fui capaz de aplicar com sucesso todas as técnicas que ele me ensinou - não perfeitamente, mas com alguma proficiência. Eu sempre fui uma estudante rápida de esgrima.

Enquanto remontamos, praguejei em silêncio - em todas as nossas conversas, havia me esquecido que deveríamos ser aliados temporários, mas ele ainda era um inimigo? -, mas era como se minha boca não pudesse obedecer. — A habilidade que você tem para a batalha — Eu disse, meus olhos focados na crina de Sleipnir. — Vai além de uma afinidade natural por ela, não é?

Arrisquei um olhar para ele e vi diversão tocar as bordas de sua boca. — Sim.

— E você não vai me dizer como você se tornou um lutador tão excelente?

— Vou lhe contar quando você me contar como pode usar sua mente para controlar os outros.

— Não posso contar porque não sei. — Ele estava quieto, e foi seu silêncio que me levou a oferecer mais. — Meus homens do clã sempre sussurravam que eu era uma changeling, mas ninguém nunca elaborou porque meu pai os proibiu de falar sobre isso.

Eu podia sentir seus olhos em mim. — O seu não é um presente das fadas. Eles nunca desistiriam de uma criança com suas habilidades para meros mortais.

Uma estranha sensação de alívio combinada com um abismo de desespero me dominou. Uma changeling significaria que a verdadeira princesa, o bebê com

cabelos louros e olhos claros como o resto da minha família, vivia uma vida de futuro incerto cercado pelas fadas. Por tanto tempo, me torturou pensar que eu havia tomado o lugar de uma criança humana. No entanto, eu ainda não sabia de onde vinha meu poder.

— Então não tenho explicação para o meu poder. É algo com que convivi há muitos anos, mas nunca soube sua origem.

— Um presente dos deuses, então — Disse ele.

— Existe apenas um Deus. — Eu disse isso automaticamente, as palavras tão familiares para mim quanto meu próprio nome.

— Seu Deus cristão nunca lhe daria o poder de matar tantos homens.

— Ele achou adequado agraciar os outros antes de mim; O padre Briain nos contou muitas histórias de tais homens.

Ele me encarou com um olhar penetrante. — E o kráka?

Eu desviei meus olhos. Morrigan já foi adorada como uma deusa, e pode ser ainda. Não era incomum meu povo se apegar a superstições que claramente contradiziam o dogma de nossa fé cristã, mas eu ainda não sabia dizer exatamente como a Morrigan se encaixava no sistema de crenças que eu sempre conheci.

— Como você conseguiu seu poder pouco importa — Continuou Leif. — O que importa é como você o usa.

Eu balancei minha cabeça interiormente. — Por que você parece tão sábio quanto um velho? Você é um pouco mais velho do que eu. — Mas eu sabia que ele fez um excelente argumento. Minhas habilidades me permitiam proteger as irmãs que me restavam, o que realmente importava.

Mais uma vez, o vento puxou e arrebatou meu cabelo, e eu o empurrei para trás, irritada.

— Pegue as rédeas — Disse Leif, jogando-as no meu colo.

Eu quase pulei da minha pele quando senti suas mãos nos meus cabelos. Com movimentos suaves, mas eficientes, ele afastou meu cabelo do meu rosto. Seus dedos estavam quentes e fortes quando roçaram meu pescoço, e eu pude sentir um calor de resposta se agitar dentro de mim. Ninguém além da minha criada já havia tocado meu cabelo, e ter um homem o tocando parecia intensamente íntimo. Alguns momentos de puxões, e então meu cabelo estava trançado ordenadamente atrás de mim.

— Obrigada — Eu disse calmamente. Estendi a mão para trás e senti a trança suave. Que estranho esse guerreiro nórdico saber fazer algo tão doméstico. — Como você aprendeu a fazer isso?

Ele pegou as rédeas do meu colo. — Eu tive uma irmã uma vez. Ela tinha cabelos compridos e rebeldes, e depois que nossa mãe morreu, muitas vezes fui chamado para ajudá-la a dominá-los.

Suas palavras eram práticas, mas eu ouvi a corrente dolorosa de seu tom. Eu me virei para ele, e nossos olhares se encontraram e se seguraram. Uma ferida antiga era visível em seus olhos, e eu senti algo se mover dentro de mim em resposta. Ele teve dois irmãos - uma que morreu antes. As semelhanças entre nós não podiam ser ignoradas. Uma sensação desconfortável de autocensura me invadiu com meus pensamentos anteriores de que ele era um bárbaro, sob minha observação. Ele era alguém que sofreu, de muitas maneiras, tanto quanto eu.

Mas, mesmo quando senti meus pensamentos se suavizarem em relação a ele, ouvi os gritos dos meus homens do clã, vi o sangue de Alana escorrer por seu pescoço.

Limpei minha garganta suavemente. — Como ela morreu?

— Ela foi assassinada — Disse ele. A dor e a ira em sua voz eram tão aparentes que eu me encolhi.

Não pude parar minha resposta, não quando sabia exatamente o que ele estava sentindo. — Eu também perdi uma irmã.

As mesmas emoções pareciam pairar no rosto de Leif, e então, quando ele fez a pergunta inevitável, eu quase não queria responder a ele por medo de quebrar a frágil amizade que criamos.

— Como? — Ele perguntou.

— Ela foi assassinada — Respondi, roubando suas palavras. Eu me virei para olhá-lo novamente.

Ele procurou meu rosto por um momento e encontrou a resposta lá no conjunto da minha mandíbula, na mudança do meu olhar. Felizmente, ele não me forçou a dizer: que foi o seu próprio povo que a matara.

Um trovão retumbou diretamente acima de nós e eu olhei para cima bruscamente.

Distraída com a nossa conversa, eu não tinha notado o estado do tempo ao nosso redor. O vento soprava em uma enorme nuvem escura, que pairava ameaçadoramente acima de nós. O clima imprevisível e as rápidas mudanças não eram incomuns para Éirinn, mas pareciam acontecer mais quando um abrigo não estava disponível.

Uma torrente de chuva se lançou sobre nós, penetrando quase instantaneamente em nossas capas e roupas, de modo que elas ficaram molhadas e coladas contra nós.

Leif incitou Sleipnir a galopar em direção a uma floresta densa de altos carvalhos e freixos. Uma caverna seria mais bem-vinda, mas pelo menos as folhas

filtrariam parte da chuva. A água fria corria em rios pelo meu rosto, me arrepiando até meus dentes baterem.

Enquanto galopávamos para o abrigo da floresta, o chão lamacento revelou um conjunto de trilhas deixadas por animais com patas tão grandes quanto os cascos de Sleipnir. Muito maior do que lobos. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram.

Meu coração bateu forte no meu peito. *Volte*, meus instintos gritaram comigo.

Gritei para Leif parar, que deveriamos voltar, mas ele não podia me ouvir sobre o rugido da tempestade.

Chegamos à floresta, as árvores filtrando um pouco da chuva, pelo menos até o ponto que eu pude ouvir novamente. Do fundo da floresta veio um pequeno som. Leif parou Sleipnir, e eu me esforcei para ouvir. O latido de cães, seguido pelo som baixo de uma trompa de caça.

Meus olhos se arregalaram de terror. — Mova-se. Temos que sair agora. — As palavras saíram em pânico.

— Que criatura gaélica macabra está atrás de nós agora? — Leif perguntou. Havia mais diversão em seu tom do que a terrível situação justificava.

— Esses sons são a caçada selvagem, e se formos descobertos, se até sentirem nosso cheiro, seremos caçados e abatidos como ovelhas.

Todo nervo, todo instinto dentro de mim estava em chamas com a necessidade de escapar.

Leif bufou e me apertou mais forte, incitando Sleipnir mais uma vez a galope. — Você também disse que um cavalo marinho não poderia ser morto —, ele gritou acima dos cascos de Sleipnir. — Quem está nos caçando?

O som arrepiante dos latidos se aproximou ainda mais, até Sleipnir bufou de terror. O caminho entre as árvores ficava cada vez mais estreito. Galhos agarravam nossas roupas encharcadas. O medo dentro de mim cresceu para proporções tão colossais que desenvolveu um gosto. Tinha gosto de sangue.

— Outro dos Tuatha Dé Danann, Flidais — Eu disse sombriamente. — Ela é uma protetora de animais selvagens e caça humanos por esporte, mas é estranho encontrá-la durante o dia.

Lembrei-me das histórias da Caçada Selvagem - principalmente histórias para assustar as crianças por vagarem pelas florestas sozinhas, mas elas se apegaram aos recônditos da minha mente. As vítimas eram levadas para outro reino, do qual não havia escapatória. A floresta da caça era interminável, as próprias árvores ajudando o caçador a prender a presa. Os cães variavam, desde lobos a híbridos de cães-javali, mas sempre rasgavam a presa em pedaços tão pequenos que não havia mais nada para pássaros de carniça.

Com latidos desenfreados para anunciar sua presença, os cães do inferno irromperam das árvores. Eles eram enormes, quase do tamanho de Sleipnir. Arrisquei um olhar enquanto corríamos, apenas para ver criaturas hediondas com olhos amarelos, seus pelos da cor de folhas podres. Um deles se lançou contra nós, dentes afiados estalando. Leif torceu as rédeas para a direita e usou o ombro poderoso de Sleipnir para bater o cão em um amplo carvalho. Sleipnir sacudiu a cabeça, o branco dos olhos quase tudo o que pude ver.

Leif virou Sleipnir para onde tínhamos entrado na floresta, e um dos cães quase agarrou sua mandíbula forte em torno da perna de Sleipnir, mas Sleipnir voou sobre ele como se tivesse asas.

Seus cascos trovejavam pelo terreno lamacento, enviando torrentes de água em seu rastro, e os cães ainda se aproximavam. Eles uivavam e batiam contra os quadris de Sleipnir, perseguindo nele enquanto ele ziguezagueava para evitá-los.

Nós nos libertamos da floresta apenas para nos encontrarmos nos dirigindo em direção a outro bosque. Só que desta vez, quando nos aproximamos, percebi que não era uma floresta comum. Os topos das árvores haviam se curvado e entrelaçado um ao outro em cada um dos lados de um caminho largo, até formarem um túnel formado por galhos e folhas retorcidas.

Um silêncio ensurdecedor caiu sobre nós assim que Sleipnir entrou no túnel, como se a chuva tivesse acabado em um instante. Os sons dos cães desapareceram, mas senti que estávamos longe da segurança. Quando olhei para trás, a torrente ainda caía, em todos os lugares, menos na entrada da floresta. Eu estremeci.

Sleipnir sacudiu as orelhas e começou a recuar, mas logo encontrou resistência.

Inclinei-me para a frente e esfreguei seu pescoço em um esforço para acalmá-lo, embora eu estivesse tão aterrorizada quanto ele. —Não adianta voltar agora. Entramos no túnel das fadas e só poderemos sair se e quando lhes convier.

— Se não podemos voltar, devemos continuar — Disse Leif, cutucando Sleipnir, relutante.

O silêncio sinistro da floresta, completamente ausente de pássaros cantando, pequenos animais movendo-se pela vegetação rasteira ou até insetos zumbindo, me encheu de tanto medo quanto o uivo dos lobos. Os ascos de Sleipnir pareciam um barulho alto de bateria em comparação, e eu procurei nas árvores por algum sinal de vida quando passamos.

Eu não pude deixar de temer que tivéssemos sido levados diretamente para uma armadilha.

CAPITULO 9

À medida que corríamos mais fundo na floresta sem ter como saber nossa direção, ou se algum dia descobriríamos nossa saída, o medo em mim cresceu até que era como se o próprio medo fosse outro monstro que corria ao nosso lado. Agarrei a crina de Sleipnir com mãos embranquecidas, e meu coração disparou ao som de seus cascos. Quando olhei para Leif, fiquei ainda mais com medo de ver seu rosto pálido. Ele passou um braço em volta de mim, e os músculos estavam tão tensos que pareciam pedra.

As árvores estavam borradas, mas quando me concentrei, peguei lampejos de rostos nas árvores. Pareciam fazer parte dos troncos das árvores, como se as árvores estivessem vivas: uma cinza branca com o rosto de uma velha, um enorme carvalho com um rosto esbelto como uma ninfa, uma árvore abatida com galhos retorcidos, um rosto assustador. E luzes, luzes azuis nas árvores. Eles dançaram alegremente, sedutoramente. Ignis Fatuus, eu tinha certeza, para nos desviar, ou mesmo de volta à caça.

Pois, de fato, os latidos se aproximaram novamente e Sleipnir bufou de medo. O mesmo medo atingiu meu peito e o segurou, deixando gelo em seu lugar.

Onde antes havia árvores, agora de repente uma parede de pedra se ergueu da floresta, bloqueando nosso caminho. Leif parou Sleipnir e se jogou de suas costas. Eu segui, assumindo a mesma postura defensiva de Leif. Nós dois ficamos juntos, pálidos e já ofegando. Leif conseguiu afastar seu medo primeiro; ele

desembainhou a espada e eu puxei minha adaga por baixo da capa assim que estabilizei a respiração. Segurando a espada diante dele com as duas mãos, Leif deu um passo na minha frente.

Com um grunhido de frustração, me afastei dele. — Se você está tão preocupado com a minha segurança, então me dê minha espada, seu tolo — Eu estalei.

Ele me poupou um breve olhar. — Eu posso matar essas criaturas muito mais rápido com isso - e nos manter vivos.

Os cães saíram da cobertura das árvores, aproximando-se mais de nós com os pelos arrepiados. Pelo canto do olho, vi Leif levantar a espada. Assim que os cães de caça se reuniram para pular em nossas gargantas, os de trás latiram excitados. Como soldados bem treinados, eles se separaram no meio e ficaram atentos, permitindo que seu líder passasse.

Um cervo branco, com seus chifres tão afiados quanto punhais, ergueu o olhar para nós. Apesar de sua aparência masculina, era uma voz feminina que ressoava a partir dela - e de todos os lados. Ela ecoou das árvores e reverberou em nossas mentes.

— Receio que vocês tenham se encontrado como presa da Caçada Selvagem. — A voz era suavemente ameaçadora, bonita e terrível ao mesmo tempo. — Meus cães os trouxeram como ovelhas para o meu reino, e não há escapatória.

Senti a mente de todas as criaturas diante de nós - selvagens e desesperadas pela matança. Além dessas mentes, porém, havia a mente de um ser tão incrivelmente poderoso que eu não podia esperar violá-lo. A mente do veado fazia a parede mental de Leif parecer uma fina folha de pergaminho. Era uma

fortaleza, uma montanha - intocável. Havia algo no poder impressionante que me lembrava Morrigan. Eu tentei com mais força, e no momento em que minha mente tocou a dela, a voz soltou um silvo zangado.

Um vento uivante veio do nada, e a floresta escureceu. O veado estreitou os olhos para Leif. — Você tem a mesma aparência daquelas abominações - aqueles gigantes do norte que percorrem toda a terra, matando enquanto avançam, enquanto os mortais não fazem nada. Todas as criaturas antigas de Éirinn foram libertadas de seus lugares de descanso - cada cavalo marinho de seus rios, sluaghs de suas florestas e margens, até o túnel das fadas em que você se encontra preso - respondendo à presença contaminada deles.

Suas palavras transformaram meu sangue em gelo. Ela viu os jötnar? Minha surpresa quebrou meu silêncio. — Os gigantes - você já lutou com eles? Onde você os viu? — Espero que não, Mide. Certamente não tínhamos ido longe o suficiente.

O veado abaixou a cabeça, os chifres afiados apontados para nós, ameaçadores. — Você ousa me questionar? Como se eu fosse apenas um camponês mortal para você comandar? — Suas palavras fizeram os cães rosnarem novamente, até que a floresta estava cheia com o som de rosnados. — Eu posso não ser capaz de caçar as abominações do norte no reino mortal, mas você está no meu reino agora. — O veado empinou, e os olhos dos cães brilhavam enquanto eles seguiam em nossa direção.

Minha mão apertou minha adaga. O medo voltou a cair sobre mim como uma grande ave de rapina, mas eu a empurrei e me concentrei. Eu não conseguia controlar o dono da voz, mas poderia ser capaz de agarrar um dos cães. Eu agarrei a mente da criatura mais próxima de mim e, uma vez que me conectei, quase o

libertei imediatamente, pois o cão estava imaginando com detalhes vívidos como seria rasgar minha carne e beber meu sangue enquanto estivesse fluindo. Apesar do horror de seus pensamentos negros, eu segurei. O cão parou em frente, balançando a cabeça descontroladamente, como se pudesse me tirar da cabeça. Empurrei com mais força, dobrando sua vontade para a minha.

Ele quebrou sob a força do meu ataque, capitulando ao meu desejo de que ele lutasse por mim, em vez da voz do veado. Antes que um dos outros cães pudesse dar o primeiro salto para minha garganta, meu campeão escolhido se virou, afundando os dentes no pescoço desavisado do cão ao lado.

Embora eu tenha sido poupada por enquanto, um cão enorme se lançou em Leif, que imediatamente o cortou com a espada. Mais dois substituíram o primeiro, mas eu não conseguia mais acompanhar a batalha de Leif. Outro cão, olhos brilhando de malícia, me atacou pelo lado. Seu queixo estalou a meros centímetros da minha garganta. Eu golpeei com minha adaga enquanto convocava meu cão com força suficiente para fazê-lo atacar meu atacante, enviando-o batendo nas rochas atrás de nós.

Outro cão substituiu o primeiro com um rosnado cruel. Antes que eu até pudesse tomar um fôlego, ele se lançou em mim. Eu o desviei da melhor maneira que pude com minha adaga - pegando-o no pescoço. Ele lutou loucamente, deixando arranhões longos das minhas costelas ao meu quadril. Eu chorei de dor, mas ainda segurei até que ele desabou. Ofegando, eu me virei para a próxima ameaça. Dois caminharam em minha direção, seus músculos contraídos. O cão que eu controlava os cortou antes que eles pudessem atacar, e então eles estavam rosnando, estalando e rasgando um ao outro, o som tão alto e terrível quanto a guerra.

Leif se aproximava de mim a cada morte, a pilha de cães mortos em seu rastro crescendo exponencialmente. Todos os seus movimentos foram um golpe fatal - sem esforço desperdiçado. Ele era rápido e forte, cortando a espada através de vários cães, como se fossem tão substanciais quanto grama. Sua capacidade de luta foi além de meramente qualificada e entrou no reino do desumano.

E então, o pior resultado possível. O cão que eu controlava caiu, sua mente mergulhando na escuridão como se uma vela tivesse sido apagada.

Os cães que o mataram vieram para mim.

Eu fiquei em uma posição defensiva, equilibrando meu peso nas pontas dos meus pés. Um deles correu à esquerda enquanto o outro saltou, suas patas pesadas me acertando no peito. Fui derrubada nas minhas costas e minha cabeça bateu em uma das pedras. A escuridão se seguiu, e eu pisquei rapidamente quando o hálito fétido do cão estava quente em meu rosto. Minha visão voltou, mas o mundo girou ao meu redor.

Eu me livrei do meu torpor e agarrei a garganta do cão, empurrando-o da minha posição prostrada. Dentes amarelos estalaram centímetros de mim. Suas garras lutaram para pegar o pedaço de couro no meu peito. Não consegui libertar minha mão para esfaqueá-lo com minha adaga. Desesperadamente, peguei sua mente.

Leif gritou meu nome através dos sons pesados dos cães que estava derrotando. Ainda assim, eu sabia que ele não me alcançaria a tempo - passei pelo meu próprio terror e encontrando forças agarrei a mente do cão. Os dentes do cão se fecharam; os músculos dos meus braços gritavam com o esforço de impedir que rasgasse minha garganta.

Eu forcei a criatura a parar em seus esforços para me matar, quando uma enxurrada de asas batendo ecoou no bosque silencioso.

Seis corvos, do tamanho de águias, voavam baixo sobre a cabeça dos cães. Eles pousaram nos galhos acima de nós, observando com olhos escuros e inteligentes. Os cães olharam de volta para o veado, como se de repente não tivessem certeza.

Aproveitando a distração momentânea dos cães, Leif correu para o meu lado e cortou o cão ameaçador em dois. Pulverizando-me com sangue, as duas metades afundaram úmidas em ambos os lados de mim. Leif chutou o cão para longe de mim e cuspiu no chão. Ele me levantou. Arranhões profundos cobriam seus braços, mas ele parecia inteiro.

O grito de um corvo chamou nossa atenção para o céu, onde circulava bem acima de nós. Ele dobrou as asas e mergulhou. Pouco antes de cair no chão, ele se transformou - mas apenas parcialmente. Era o corpo de uma mulher toda vestida de preto, exceto a cabeça, que ainda era a de um corvo com suas penas negras e bico afiado: Morrigan

Ela olhou para mim, com os olhos vermelhos. Ao meu lado, até Leif parecia subitamente inseguro, seu aperto na espada era tão forte que os nós dos seus dedos estavam pálidos.

O cervo abaixou os chifres e bateu na terra, mas quando ergueu a cabeça novamente, seus olhos escuros estavam ansiosos.

Morrigan disparou para a frente, tão rápido quanto uma víbora, e afundou cada mão no peito de um cão. Com um som doentiamente molhado, ela arrancou seus corações. Aconteceu tão rápido que os animais caíram mortos sem um som.

Eu tremi quando o sangue escorreu por seus braços, tão vermelho contra sua pele branca pálida. Segurando os corações diante dela, ela rasgou cada órgão com o bico do corvo, borrifando sangue até que eu tivesse certeza de que ficaria doente. O veado parecia congelado no lugar - seja por medo ou choque, eu não sabia.

— Vou me banquetear com seus corações — Disse Morrigan. A voz era áspera e distorcida e infligiu tanto medo em mim que não consegui me mexer.

O veado soltou um som ofegante e angustiado. Se os dois seres estavam conversando, era uma conversa que não estávamos a par. Arrisquei um olhar para Leif. Todos os seus músculos estavam tensos, o rosto pálido.

De repente, o veado virou-se para Leif e abaixou os chifres. Leif levantou a espada.

Meu corpo inteiro ficou rígido. *Não ele*, pensei, me surpreendendo com minha própria veemência.

Esquecidos e silenciosos até agora, os corvos se agitavam em seus galhos, garras raspando a madeira ameaçadoramente. De repente, a temperatura na floresta caiu. Nossas respirações fizeram plumas diante de nós.

Morrigan olhou para os corvos antes de nivelar o olhar com o veado. O significado era claro: quem quer que fossem os corvos, estavam do nosso lado.

Os cães recuaram para o lado do veado. O animal branco fantasmagórico inclinou a cabeça apenas uma vez antes de se afastar, seus cães hediondos seguindo.

Morrigan voltou-se para nós. Seus olhos vermelhos encontraram os meus antes que penas negras irrompessem por todo o corpo. Um grito quebrou o ar

quando ela se transformou em um corvo e voou. Com um farfalhar pesado de asas, os corvos seguiram, até que apenas Sleipnir, Leif e eu permanecemos.

Com uma exalação explosiva da respiração, meus joelhos dobraram e afundei no chão.

Uma mão quente tocou meu ombro, tão firme que eu percebi que estava tremendo violentamente. — Eles se foram — Disse Leif, sua voz mais suave do que eu já a tinha ouvido. — Venha, deixe-me ajudá-la.

Eu estendi minhas mãos trêmulas para ele, e ele me puxou. — Você ouviu o que ela disse antes? Sobre os gigantes? Os jötnar já estão aqui. Deve ter sido por isso que encontramos o cavalo marinho. — Começamos a caminhar em direção a Sleipnir, mas quando tropecei, Leif olhou para mim alarmado.

— Você está machucada? — Leif perguntou, verdadeira preocupação ali, em vez de seu sarcasmo habitual.

— Eu vou viver — Eu disse, tocando cuidadosamente a parte de trás da minha cabeça. Quando minhas pontas dos dedos saíram com sangue vermelho brilhante, senti a cor sumir do meu rosto.

Leif examinou-o gentilmente. — Os ferimentos na cabeça sempre sangram horrivelmente. Como você está se sentindo? Se parece que você está prestes a perder o conteúdo do seu estômago e tudo ao seu redor está inclinando como um navio em águas agitadas, então não devemos perder tempo levando você a um curandeiro.

Olhei ao meu redor, repentinamente percebendo a escuridão. — Estou perdendo minha visão ou a noite caiu?

Os dedos de Leif se afastaram da minha cabeça quando ele olhou para a lua brilhante acima de nós. — Não, não é sua visão. Parece ser o meio da noite, mesmo que fosse de tarde quando entramos naquela floresta.

Eu balancei minha cabeça e depois estremeci. — É o túnel das fadas. Eu nunca fui pega em um, mas sei o que eles dizem: é um reino entre reinos. O tempo é medido de maneira diferente lá. Pode não ser o mesmo dia em que entramos.

Leif deu um passo para trás, alarmado. — Então perdemos dias em vez de horas?

— É possível. — Murmurei, sentindo de repente como se precisasse me sentar.

— Deveríamos continuar para Dyflin se você se sentir capaz - é a única maneira de encontrarmos um curandeiro. — Disse Leif.

No momento seguinte, eu estava montada em Sleipnir, erguida no ar por Leif. Se eu não estivesse tão atordoada, teria me lembrado de estar indignada por ser tratada como uma donzela indefesa. Mas mesmo com um tratamento tão gentil, minha cabeça latejava. As árvores ao meu redor se inclinaram e agarrei a crina de Sleipnir. Leif se sentou atrás de mim, apenas uma mão nas rédeas, a outra enrolada com segurança em volta do meu abdômen. Não fiz nada para desencorajá-lo; na verdade, recostei-me contra ele, incapaz de me impedir.

— Você pode confiar em mim para mantê-la neste cavalo. — Disse ele suavemente. — Não desperdice sua força tentando se manter levantada.

Sleipnir avançou ansiosamente, desesperado para deixar a floresta macabra. Um amplo caminho apareceu, guiando o nosso caminho. Em apenas alguns passos, as árvores desapareceram e prados rochosos e verdes estavam diante de nós. Cada batida dos cascos de Sleipnir trazia uma dor terrível, que

rapidamente se espalhou por todo o meu corpo até eu tremer. Enquanto minha visão embaçava, perdi o domínio frágil que tinha em minha consciência.

Mas, mesmo quando a escuridão me engoliu, vi as coisas em um estado de sonho. O mundo ao meu redor estava nebuloso. Embora eu ainda visse Sleipnir e a campina rochosa além, era através de uma névoa que os via. Todas as cores foram lavadas da cena ao meu redor, e um vento terrível golpeava meus ouvidos, de modo que nenhum outro som pudesse penetrar.

Com um terrível abalo de surpresa, percebi que, enquanto meu corpo permanecia montado em Sleipnir, eu podia ver minha forma ainda encostada a Leif. Sem cor, Leif e eu estávamos em tons de preto e branco, mesmo à luz brilhante da lua. Essa era uma visão então? Ou alguma alucinação provocada pelo choque que meu corpo sofreu?

Eu estava morta?

Mas não, eu assistia enquanto meu peito subia e descia. No momento em que me concentrei no meu corpo, vi uma mancha vermelha brilhante em meio a todo o preto e branco - uma coisa pulsante que brilhava com vitalidade. Era onde estava meu coração, e quando olhei para Leif, percebi que ele tinha o mesmo.

Eu vi Leif parar Sleipnir e gentilmente balançar meus ombros. Eu podia sentir a força de qualquer forma que eu tivesse tomado agora - um puxão insistente que parecia vir do meu âmago. Fechei os olhos contra a sensação cada vez mais desconfortável... E os abri para o mundo cheio de cores novamente.

Leif soltou um suspiro forte. Eu pisquei lentamente para ele, ainda atordoada. Ele me colocou em seu colo para que eu estivesse olhando diretamente em seus olhos. Seu rosto estava torcido em alguma expressão que eu ainda não

conseguia nomear, mas depois que minha mente se esclareceu, percebi o que era. Ele estava preocupado comigo.

— Eu pensei que tinha te perdido. — Disse ele.

Algo dentro de mim suavizou-se com suas amáveis palavras e seus olhos preocupados, e isso me assustou tanto que convoquei minhas forças e me endireitei. Minha cabeça doía e meu lado onde o cão o arranhara queimava, mas vi que podia suportar. Certamente não foi uma lesão grave o suficiente para me fazer perder a consciência. Quanto mais eu tentava decifrar a estranha ocorrência, mais confusos meus pensamentos se tornavam.

Leif parou Sleipnir e me ajudou a descer, com a mão no meu ombro. — Você vai ficar bem sozinha? — Ele perguntou. — Eu quero pegar água para você, mas... — Ele parecia tão inseguro, tão longe de sua costumeira arrogância, que minha respiração parou.

— A água ajudaria — Eu disse, apenas para que ele saísse e parasse de me olhar assim. *Tola*, pensei. *Alguém - um inimigo - mostra o mínimo de bondade e seu coração se suaviza como...*

Como aconteceu com Séamus. Pensar nele me fez alcançar o colar que ele me dera, mas quando toquei minha clavícula, não havia nada além de pele. Com uma pontada dolorosa de arrependimento, percebi que o cão infernal deve ter rasgado o colar durante a batalha. Agora estava perdido no túnel das fadas e minha garganta inchou. A última conexão com minha vida antes que meus poderes se manifestassem havia sido arrancada. Como passei muitos momentos perdidos nessa linha de pensamento perturbadora, não percebi imediatamente que Leif havia retornado até que ele me entregou o frasco de água.

— Melhor? — Ele perguntou depois que eu bebi a maior parte do frasco.

— Sim.

Ele pegou o frasco de mim e sentou-se. — O que aconteceu?

— Eu apenas desmaiei por um momento. — E de alguma forma flutuei fora do meu corpo. — Eu devo ter batido minha cabeça com mais força do que eu pensava.

— Deveríamos acampar aqui. Eu não acho que você chegará a Dyflin hoje à noite.

Ele começou a trabalhar em um fogo, e eu o observei, desejando que minha cabeça parasse de girar. Eu nunca perdi tanto o controle da minha mente que deixei meu próprio corpo, e temi que isso acontecesse novamente. Se Leif não estivesse comigo, eu teria caído. — Obrigada por ficar comigo — Eu disse calmamente, sem olhar para ele.

Ele virou. — Você acabou de me agradecer? — Ele riu quando minha expressão rapidamente se transformou em uma careta. — Eu não deixaria um aliado ferido. Você lutou bem contra esses cães.

Embora eu não quisesse ser lembrada de nada do que tínhamos acabado de ver no túnel das fadas, isso me fez pensar em nossos estranhos salvadores. — Os corvos lá — Eu disse. — Quem são eles realmente?

O sorriso saiu de seu rosto. — A Valquíria - os Escolhedores dos Mortos. Eles decidem quem vive e morre em batalha, e os mortos que carregam para Valhalla.

A consciência gotejou através da névoa. Como deusa pagã da guerra, Morrigan também era responsável por quem vivia e morria no campo de batalha.

Um presente dos deuses, então, Leif havia me dito quando discutimos meu poder, como se ele tivesse experiência no assunto.

Pensei em suas habilidades sobrenaturais em batalha, e uma conexão fina se formou em minha mente. — O que a Valquíria tem a ver com seu poder?

Ele ficou quieto por um momento. — Eu tenho um pacto com a Valquíria; eles me deram o poder de derrotar Fenris e sua espécie.

— E os termos deste pacto?

— Eles não são algo com que você precisa se preocupar.

— Tal coisa nem sempre termina bem para os mortais — Eu disse calmamente.

Ele riu sem humor. — Eu não me importo.

— Você me disse que queria vingança contra os gigantes. Foi por isso que você procurou a Valquíria?

— Você junta as coisas rapidamente. — Ele parecia relutantemente impressionado. — Sim, a vingança foi o que me motivou.

Sentamos e ouvimos o fogo consumir avidamente os galhos de madeira, e pensei que Leif não falaria mais nada, mas então sua voz se juntou aos sons do fogo. — Aquela vila de que te falei - não foram apenas pegadas sangrentas que encontramos. Também encontramos minha irmã... O que restou dela.

Eu olhei para ele, mas seu rosto poderia ter sido esculpido em pedra. Todos os músculos do seu corpo estavam tensos. Fiquei surpresa com meu desejo de alcançá-lo - colocar minha mão em seu braço para dizer a ele sem palavras o quanto eu entendia - mas sabia que isso o impediria de continuar sua história, e sabia que precisava ser contada.

— Finna estava visitando nossa tia e tio na aldeia natal de nossa mãe - ela passava todo verão lá o tempo que me lembro. Eu acho que ela precisava disso - para que alguém fosse mãe dela. Era limitado o que eu poderia fazer por ela —

Ele disse, e acenou com a cabeça para minha trança com um sorriso fantasma. — O verão é o melhor momento para o comércio, então meu pai e eu estávamos fora por muitos meses de qualquer maneira. Mas desta vez, chegamos em casa mais cedo. Papai me enviou para buscá-la, e eu lembro enquanto ia para lá... — Ele parou, sua boca torcida pela dor. — Lembro-me de pensar como ela ficaria animada ao ver as sedas que trouxemos de volta.

— Quando cheguei lá, fiquei dizendo a mim mesmo que tinha tomado uma direção errada de alguma forma. Eu não poderia estar na vila da minha mãe. Não havia mais nada. Tudo estava escurecido e as cinzas flutuavam no ar. Fui até onde ficava a casa do meu tio, e foi onde encontrei Finna no chão, do lado de fora de onde costumava estar a porta. Ela estava mutilada, quase irreconhecível — Ele disse, sua voz rouca e irritada. Eu não conseguia olhar para ele. Eu conhecia essa dor: ver sua irmã, uma vez cheia de vida, morta. — Seu cabelo estava encharcado de sangue, seu peito foi rasgado do pescoço ao umbigo, com seus órgãos se espalhando ao seu redor.

Náusea queimou na minha garganta quando imaginei não apenas o corpo de sua irmã, mas o de Alana. Desta vez, eu não conseguia me conter. Estendi a mão e toquei seu braço - apenas uma vez e apenas por um momento. — Sei o que é suportar a perda de uma irmã e entendo que precisa se vingar de seus assassinos.

Seus olhos encontraram os meus. — Então você sabe que não há nada que eu não daria para parar os jötnar.

— Então você fez um pacto com a Valquíria? — Pensei no modo como Morrigan sempre me seguiu como um corvo, e como ela finalmente se revelou para mim. Estremeci e me aproximei do fogo. — Como você os encontrou?

— Quando trouxe o corpo da minha irmã de volta à nossa aldeia, fui imediatamente à vidente. Eu implorei que ela me dissesse o que eu poderia fazer para destruir as criaturas que haviam feito isso com Finna. A vidente me disse que eu teria que atravessar uma geleira e escalar uma montanha e, mesmo assim, teria mais a pagar antes de receber o poder necessário para vingar minha irmã. — Sua mão se fechou em punho. — Fui para a caverna no mesmo dia. As Valquírias aparecem apenas durante o solstício de verão, em uma caverna onde os videntes recebem suas primeiras visões, no alto da montanha. Levou-me apenas três dias para chegar lá.

— Eu estava quase congelado e exausto por falta de comida e sono quando finalmente peguei meu caminho para a caverna. Uma luz vermelha brilhava por dentro, como se os fogos do inferno ardessem em suas profundezas, e eu tivesse que me arrastar para dentro como um animal. Eles não eram corvos na caverna - eram mulheres vestidas com armaduras douradas idênticas, enormes asas negras elevadas sobre os ombros. Havia seis delas, e elas estavam na frente do fogo vermelho, com a metade do rosto na sombra.

Pensei novamente em Morrigan, aparecendo como metade pássaro, metade mulher. — Como deve ter sido aterrorizante procurar essas criaturas.

Leif sacudiu a cabeça. — Não foi bravura naquele momento. Eu estava desesperado e quase delirando com o frio e a falta de comida. O medo era a coisa mais distante da minha mente. — Ele zombou. — Embora agora eu ache que ficaria com medo.

— Acho que vimos em primeira mão o quão assustador esses imortais podem ser — Eu disse enquanto meu lado e cabeça latejavam em simpatia.

Ele me passou o frasco de água. — Você acha que pode comer?

— Prefiro ouvir o fim da sua história.

Ele mostrou os dentes para mim em um sorriso sombrio. — Não há muito mais para contar. Elas fizeram previsões, uma das quais já se tornou realidade: que eu seria forçado a me aliar ao meu inimigo.

— Hm. Nós compartilhamos a mesma profecia, eu vejo.

— Eu não te salvei daqueles cães? Parece que a profecia funcionou a seu favor.

— Nós nos salvamos — Eu disse, mas meu coração não queria corrigir suas suposições arrogantes. — Deve haver mais na história - o que a Valquíria prometeu a você?

— Elas me disseram que me dariam o poder de derrotar o jötnar - força, capacidade de luta. — Ele olhou para seu braço, onde os arranhões dos cães já estavam desaparecendo. — Cura rápida. Força mental para nunca perder o foco durante a batalha.

Meu olhar disparou para o dele. — Foi assim que você resistiu a mim? Sua mente é tão fortalecida pela força de suas deusas quanto seu corpo?

Ele assentiu uma vez.

Exatamente o que ele havia negociado com a Valquíria por esse poder? Inclinei minha cabeça. — E eu tenho certeza que elas se ofereceram para fazer isso de graça - sem nenhum custo para você.

— Não há nada que eu não faria para parar os jötnar — Disse Leif, ecoando as palavras que eu jurei para mim mesma. — O preço é alto, mas ainda mais alto se eu falhar. Se os jötnar derrubarem os deuses, escravizarão aqueles que pegarão armas com eles e matarão o resto. As Valquírias também prometeram que, se eu

falhar, negará a morte de um guerreiro em Valhalla e serei levado diretamente ao reino de tortura do Inferno.

— E se você tiver sucesso?

Sua mandíbula se contraiu, desencorajando outras perguntas. — Era necessário, e eu faria de novo, não importa o custo. — Enquanto eu observava, uma névoa de pressentimento parecia rastejar por suas feições. — Eu mantive você acordada por muito tempo. Vou caçar algo para comer, e então você deve dormir.

— Eu devo? Fico feliz por ter você para me dizer quando devo comer e dormir.

Ele bufou enquanto se afastava, e então eu estava sozinha com meus pensamentos e o fogo. Os eventos do dia haviam cobrado seu preço - a Caçada Selvagem, o momento perturbador em que eu estava fora do meu corpo e a história de Leif sobre a Valquíria - eu mal envolvi minha capa em volta de mim antes de cair de lado para dormir. Tão exausta como estava, as palavras de Leif me assombravam. O assassinato brutal de sua irmã tornou sua vingança contra os gigantes quase nobre, e eu odiava termos tanto em comum. Tudo o que eu já sabia sobre os nórdicos dificultava acreditar que ele se esforçaria tanto por alguém que amava. Eu tinha pensado nos nórdicos como monstros bárbaros que não podiam amar mais do que uma cobra poderia.

Não havia dúvida: Leif amava a irmã. Talvez tanto quanto eu amava Alana. O suficiente para arriscar sua própria alma para vingá-la.

Eu faria de novo, não importa o custo, ele havia dito.

Mesmo quando minhas pálpebras se fecharam e eu adormeci, uma coisa ficou em minha mente: o preço desse poder deve ser mais terrível do que eu poderia imaginar.

CAPITULO 10

Dubhlinn, finalmente. A manhã havia revelado que havíamos acampado perto o suficiente para ver o rio Liffey serpenteando pela terra ao longe. Corria pelo coração de Dubhlinn, então sabíamos que não estávamos longe da cidade. Mesmo assim, Leif manteve Sleipnir em um ritmo muito mais lento, embora eu tivesse dito repetidamente que meu ferimento na cabeça era muito mais suportável esta manhã. Mas agora, eu não pude deixar de me sentir um pouco tonta e cobrir meu nariz com a ponta da minha capa. O cheiro combinado de animais, a fumaça espessa de madeira, o desperdício humano e o lixo eram tão acres - mesmo através da minha capa - que meus olhos lacrimejaram. As ruas eram estreitas, nos pressionando perto das casas de palha feitas de barro, onde eu podia ouvir o aumento e queda de vozes quando passávamos. Não havia privacidade; Eu podia ver a totalidade de suas casas de um quarto nas costas de Sleipnir. Eu assisti um par de meninos carregando pão de volta para a mãe, os pés vestidos apenas em meias de lã. A pobreza deles fez meu coração torcer no meu peito; a sorte deles era tal que, mesmo que eu desse a eles todas as moedas que tinha comigo, eles nunca escapariam do destino de viver e morrer em uma daquelas casas de um quarto.

Quanto mais cavalgávamos para a cidade, mais eu começava a temer o momento em que chegássemos ao castelo de Sigtrygg, no extremo norte de Dubhlinn.

Quando entramos na parte comercial da cidade, o barulho rapidamente brotou com o cheiro pungente de estímulo mais esmagador. A batida do martelo do ferreiro, a multidão de pessoas, os balidos e os gritos dos animais, e a ascensão e queda de vozes em gaélico, inglês e nórdico criaram tal cacofonia que eu cerrei os dentes com tanta força que meu queixo latejava.

Acima de tudo, havia uma magnífica catedral, com torres que quase apagavam o sol. Era construída em pedra cinza pomba, tão deslocada na cidade suja e cheia de gente que a catedral tornava inferiores todas as casinhas de palha abaixo dela. A construção da catedral foi uma das poucas coisas que o rei Dubhlinn já havia feito que não me enfureceu.

Leif guiou Sleipnir pelas ruas estreitas em direção à catedral. Do outro lado da igreja havia um castelo, igualmente grande, com um muro de pedra que envolvia seu pátio. Esta, então, era a sede do rei Sigtrygg.

Quanto mais perto do castelo do rei, mais apreensão me enchia. Olhei para a minha capa nas cores verde e dourada do meu clã. Este era o rei que estava em desacordo com meu pai, que invadira um mosteiro sob a proteção de nosso reino. Como ele reagiria a mim? Mas havia outra parte de mim - uma parte muito maior - que acolhia esse confronto. Eu confiava em minha capacidade de me proteger e queria conhecer esse rei meio pagão, aquele que ousara profanar terreno sagrado e invadir como um nórdico.

— Espero que você se lembre de que o rei Sigtrygg não é meu aliado — Disse a Leif. — Eu suspeito que ele não vai me receber de braços abertos. Ou, pelo menos, se ele fizer... Provavelmente é uma armadilha.

— Ele a tratará da mesma maneira que trata qualquer outra donzela nascida do alto. — Disse Leif com um sorriso irônico. — Ele oferecerá levá-la para a cama. Se você aceitar ou não, é com você, mas eu desaconselho.

Eu me irritei com seu tom de provocação. — Você não entende. Eu sou mais do que uma mera donzela...

— Quão bem eu sei.

— Eu sou uma princesa. Princesa Ciara Leannán de Mide.

Ele ficou em um silêncio surpreso por um momento, mas se recuperou rapidamente. — Muito mais que uma donzela guerreira, então. Nós somos aliados, você e eu. — O tom de Leif ficou perigoso. — Se ele fizer algo tão tolo a ponto de atacá-la na minha presença, então removerei a cabeça dele.

Enrolei minha incriminadora capa verde e dourada mais perto de mim. Estávamos entrando na cova dos leões, mas eu tinha escolhido essa busca por vontade própria, e gostaria que fosse concluída. Eu não confiava em Leif - ainda não - mas tinha fé em minhas próprias habilidades.

Atravessamos um fosso verde-acastanhado, com os cascos de Sleipnir ecoando na ponte de madeira. Dois homens nos saudaram antes de entrarmos no pátio, equipados com cota de malha. Seus cabelos estavam cortados rentes, exceto por longas tranças nas costas.

Um deles olhou para nós, uma cicatriz feia enrugando a carne da testa. — Seu nome, senhor, ou você não irá mais longe.

— Leif Olafsson. — Disse ele, com uma ponta no tom.

— Este é o que eles nos disseram para esperar. — Disse o outro. Suas bochechas eram tão lisas quanto as de um garoto, e seus cabelos eram da cor de

trigo. Ele se virou para Leif. — Você é bem vindo aqui. O rei foi chamado para outra parte do reino, mas ele lhe dará audiência assim que voltar.

Leif apertou as rédeas de Sleipnir até que o cavalo se remexeu. — Pouco me importo com o que o rei está atualmente se ocupando. Meus homens. — Ele enunciou lentamente. — Vou esperá-los aqui. A senhora também precisará de um curandeiro.

Os dois devem ter percebido a crescente tensão de Leif porque um dos guardas se apressou sem dizer outra palavra, presumivelmente para fazer o que Leif exigia.

Enquanto esperávamos, Leif desmontou e me ajudou a descer suavemente, apesar de sua óbvia irritação. Para meu alívio, eu pude ficar de pé. — Você não precisa falar com eles como se fossem sujeira. — Eu disse com um olhar. Sua mandíbula flexionou repetidamente, tensão evidente em todos os músculos.

— Vou tratá-los como tal até ver com meus próprios olhos que Arinbjorn está bem.

Minhas sobrancelhas franziram até que eu percebi que ele devia estar falando de seu irmão. Em um tom mais gentil, eu disse: — Você disse antes, o rei sempre o recebeu. Você duvida da segurança de Arinbjorn?

Seus olhos se voltaram para os meus brevemente. — Não saberei o que pensar até o ver. Arinbjorn é leal a uma falha - ele pode ter decidido fugir e me encontrar sozinho - especialmente se o rei tiver sido hostil com meu povo.

Os dois guardas voltaram, seguidos por um pequeno exército de guerreiros nórdicos. Como sempre fazia diante de inúmeros nórdicos, procurei aquele que havia assassinado minha irmã e fiquei aliviada por não encontrar nenhum que apresentasse sua semelhança. Leif caminhou na direção deles e abraçou um

nórdico de cabelos grisalhos, do tamanho de um boi. Os outros se revezavam batendo nas costas de Leif.

Enquanto todos sorriam largamente um para o outro, cheguei mais perto de Sleipnir, minha mão em seu pescoço. Uma pontada de raiva passou por mim ao vê-los: os homens que mataram muitos dos meus homens do clã. Os homens que teriam matado ou escravizado nosso povo e saqueado nosso castelo se não tivéssemos lutado para detê-los. Mas agora esses eram os aliados do meu aliado. Uma imagem surgiu espontaneamente em minha mente: do olhar aquecido de Leif e da reação vergonhosa do meu corpo.

Como pude desonrar minha família de maneira tão abominável?

— Por que você demorou tanto tempo, Leif? — Um dos guerreiros perguntou, afastando minha atenção de meus próprios pensamentos. — Todos nós envelhecemos dez anos esperando por você. Esperamos por pelo menos duas semanas. Teríamos saído, apenas a vidente nos disse para ficar.

Os outros riram, mas Leif e eu trocamos um olhar. Para nós, foram apenas três dias. Qualquer coisa poderia ter acontecido em tanto tempo. Olhei de volta para a entrada do pátio. Minhas irmãs...

Leif também parecia surpreso. Ele se inclinou para mim como se quisesse dizer algo, mas então uma comoção chamou nossa atenção para a fortaleza do castelo. Alguém estava vindo em nossa direção.

Os guerreiros nórdicos se separaram, e um garoto entrou, com a cabeça baixa. Leif assistiu seu progresso, os braços cruzados, o rosto sem demonstrar emoção.

Arinbjorn parou na frente de Leif, os olhos lançados ao chão, como se esperasse censura de seu irmão. E lembrei-me: Leif disse quando nos conhecemos

que seu irmão era um passageiro clandestino. — Sinto muito, irmão. Você não vai contar ao nosso pai, vai?

Leif surpreendeu a todos rindo. — Tenho certeza que ele já sabe, Arin. — Ele deu um passo à frente e abraçou seu irmão, e eu soltei o ar que eu nem tinha percebido que estava segurando. Arin passou os braços magros o melhor que pôde pelas costas largas de Leif.

Leif afagou o cabelo de seu irmão, tão amarelado quanto o dele, e Arinbjorn sorriu para ele. Depois de um momento, Leif virou-se para mim e chamou meu nome. O sorriso de Arinbjorn desapareceu rapidamente quando me aproximei.

Ele esfregou a parte de trás da cabeça. — Esta é a guerreira que tentou esmagar a minha cabeça.

Em minha mente, vi Leif como ele era quando apareceu pela primeira vez no campo de batalha, como um anjo vingador, mergulhando para proteger seu irmão mais novo. Estava ficando claro que ele cuidava de seus irmãos tanto quanto eu cuidava das minhas.

Leif sorriu. — Se ela pretendesse esmagar seu cérebro, Arin, ela faria. — Ele se virou para seus guerreiros. — Esta é a princesa Ciara de Mide.

O boi grisalho nórdico rugiu de tanto rir. — Apenas Leif Martelo de Guerra poderia enganar tão facilmente seu sequestrador para se juntar à sua causa. — Ele me avaliou com pequenos olhos escuros que demoraram muito no meu peito, quadris, pernas. — Espero que você a tenha convencido a se juntar a você em sua cama também. — Os outros riram tumultuadamente quando a raiva incandescente explodiu dentro de mim.

— Você se atreve... — Comecei, mas Leif deu um passo à frente até que ele estava a apenas um centímetro do rosto do outro nórdico.

O rosto de Leif era sombriamente ameaçador como uma nuvem de tempestade. — Gunnarr — Ele se dirigiu ao homem, — Isso não é nenhuma moça em uma taberna baixa - é uma princesa e, mais importante, minha aliada. Fale com ela dessa maneira novamente, e eu pessoalmente assegurarei que seu próximo suspiro será o seu último.

Tentei esconder a surpresa do meu rosto, mas meus olhos continuaram arregalados. Eu não esperava que Leif me defendesse tão ferozmente contra seus companheiros.

Os sorrisos presunçosos nos rostos de todos os nórdicos desapareceram como um. — Você tem minhas desculpas, milady. — Disse Gunnarr. — Eu não tinha percebido o quanto- — Ele fez uma pausa e pareceu escolher suas palavras com mais cuidado. — Eu não tinha percebido que você era uma aliada.

Eu abaixei minha cabeça, mas não disse nada, nem aceitando seu pedido de desculpas nem recusando-o. Muitos dos outros estavam me avaliando abertamente, seus olhos examinando o meu comprimento.

— Milady? — Nesse momento, uma criada de fala mansa apareceu ao meu lado, dando amplo espaço ao pequeno exército de nórdicos. — Eu sou Aideen. Vou servir como sua criada durante a sua estadia. Um quarto foi preparado para você, assim como roupas novas. — Seu olhar passou sobre o sangue emaranhado nos meus cabelos. — Os homens também disseram que você foi ferida, mas nosso curandeiro acompanhou o rei. — Disse ela se desculpando. — Eu tenho algumas habilidades de cura, no entanto, e prepararei um banho e um emplastro para você imediatamente.

As muitas pequenas feridas em meu corpo doíam, como se chamar atenção apenas causasse mais ferimentos. — Isso seria muito bem-vindo — Eu disse.

— Siga-me, milady — Disse ela. Ela parou quando eu segui com Sleipnir a reboque. — Nenhum cavalariço chegou para o cavalo ainda? Eu vou correr e buscar um.

Uma sombra caiu quando ela se apressou para ir embora, e eu olhei para cima e encontrei Leif pairando sobre mim. Meu coração disparou em resposta, e eu fiz uma careta como se pudesse afastar meus sentimentos com uma careta. O resto dos homens de Leif estavam voltando para o castelo, seus passos pesados e vozes altas criando tanto clamor que era difícil ouvir mais alguma coisa.

Mesmo assim, Leif se inclinou perto do meu ouvido e disse em voz baixa: — Você não vai me ouvir, mas vou perder o meu fôlego de qualquer maneira. Fique no seu quarto esta noite. Não desça ao salão principal.

— E por que eu me esconderia no meu quarto como uma criança assustada? — Eu perguntei.

Ele soltou um suspiro impaciente. — Porque você sofreu uma lesão na cabeça, por exemplo. E mais ainda, esses homens são meus melhores lutadores, mas perdem todo o senso depois de consumirem o suficiente de hidromel. Se eles a avistarem, eles a quererão e não se importarão com a nossa aliança. Você entende?

Se o comportamento amedrontado da criada servisse de indicação, eles já haviam demonstrado tal comportamento. Pensei nas palavras vulgares de Gunnarr, e mesmo que ele parecesse arrependido o suficiente quando Leif havia explicado nossa aliança, eu tinha pouca dúvida do que Leif dizia ser verdadeiro sobre seus apetites. Mas estes eram homens dos quais não me livraria logo. Eu teria que ganhar o respeito deles e garantir minha própria segurança - sem Leif me manter trancada atrás de portas sólidas.

— Sua criada retorna — Ele disse, observando o progresso da garota através do pátio. — Você deve jurar que ficará no seu quarto pelo resto da noite.

— Eu vou jurar por nada.

Leif segurou meus braços, seu rosto determinado. — Você é forte, Ciara, mais forte do que a maioria dos guerreiros que eu já vi, mas posso ver a dor e a exaustão em seu rosto. Você deveria descansar.

Eu me afastei de seu aperto. — Não cometa o erro de me tratar como subordinada. Não vai dar certo para você.

— Não seja tão teimosa. — Disse ele em quase um rosnado. — Você não vai dar ouvidos ao meu aviso?

Eu estreitei meus olhos para ele, não querendo responder. A raiva cresceu dentro de mim como uma grande onda, lavando a simpatia que eu sentia. Eu poderia ter sido ferida, mas não precisava de mimos.

Aideen voltou para me levar para o meu quarto, e eu fui salva de fazer garantias que não iria manter. Nada me manteria confinada no meu quarto contra a minha vontade, nem mesmo um nórdico arrogante.

CAPITULO 11

Aideen acabou sendo mais do que uma aprendiz de curandeiro. Depois de um breve exame da minha cabeça, ela declarou que era apenas uma lesão leve e depois me preparou um banho perfumado com ervas doces. Com dedos gentis, ela aplicou uma pomada na minha cabeça e os arranhões no meu lado. Quando ela terminou, minha tontura desapareceu, minha ferida parou de pulsar e meus músculos tensos finalmente relaxaram. Deitei na cama macia com a intenção de descansar por apenas um momento. Mas assim que meus olhos se fecharam, fui varrida.

Meus sonhos estavam cheios de violência. Morrigan, rasgando o coração do cão; Alana com a garganta cortada diante dos meus olhos; e até a irmã de Leif, Finna, embora eu nunca a tivesse visto antes, visitou meus sonhos, seu corpo terrivelmente mutilado.

No meu sonho, vi Leif chorando por seu corpo quebrado, e meu próprio coração sangrou por ele. Fui até ele como não podia fazer na vida, passando a mão sobre sua cabeça dourada. Ele se virou e me pegou em seus braços, e eu fechei meus olhos, ouvindo a batida forte de seu coração. Eu me afastei para olhá-lo e, quando sua boca estava descendo sobre a minha, vi o brilho vermelho em seu peito - o mesmo que eu tinha visto quando flutuava acima do meu corpo.

Antes que eu pudesse reagir ao fato de estar sonhando com Leif me beijando, ele desapareceu. Névoa escura caiu no quarto em seu lugar, e Morrigan

deu um passo à frente. Ela usava um cocar de penas de corvos pretos, mas o resto de sua figura estava obscurecida pela névoa.

Encontre a vidente do nórdico. Existe um poder que você deve dominar antes de concluir sua jornada. O inimigo está mais perto do que você pensa. Cada momento que você desperdiça os aproxima de seus objetivos.

Que poder? Tentei perguntar, mas no caminho dos sonhos, Morrigan desapareceu tão rapidamente quanto ela veio.

O estrondo do trovão me acordou, acompanhado pelos gritos dos homens. Sentei-me na cama larga, meus olhos se ajustando à luz fraca de um fogo queimando alegremente na enorme lareira de pedra. As palavras da Morrigan ecoaram em minha mente, e eu sabia que era mais do que apenas um sonho. Ela estava se referindo a minha nova capacidade de flutuar para fora do meu corpo? Não consegui ver como isso era um poder - parecia mais um passivo, especialmente em batalha. Se ela quis dizer que eu precisava aprender a controlá-lo para que não acontecesse quando eu não estivesse pronta, então eu concordei. Poderia significar minha morte se eu perdesse o controle de mim mesma no momento errado. Estremeci ao pensar no resto da mensagem da Morrigan. *O inimigo está mais perto do que você pensa.* Os homens de Leif haviam dito antes que a companhia deles incluía uma vidente e, embora eu não a conhecesse quando chegamos, tive que acreditar que ela estava no castelo em algum lugar.

Ainda vestida com o lindo vestido verde-esmeralda que Aideen havia me dado, eu me levantei lentamente, e embora o quarto parecesse se inclinar por um momento, tudo se endireitou após algumas respirações profundas. Novamente o estrondo veio. Totalmente consciente agora, reconheci que não era um trovão,

mas o som de canecas batendo nas mesas de madeira. O rugido de homens bêbados ecoou embaixo do meu quarto. A vidente estaria entre eles?

Só h uma maneira de descobrir.

Toquei a adaga embainhada que amarrei no meu antebraço antes de ir dormir. O aviso de Leif sussurrou em minha mente, e por um momento eu me envergonhei, hesitando. O medo não me manteria prisioneira aqui, nem Leif.



Os quartos de hóspedes no qual eu me encontrava estavam localizados em uma das torres da grande sala. Uma escada de pedra sinuosa me levou para baixo, e puxei a saia de veludo pesada do meu vestido mais alto enquanto caminhava. Essa era uma das muitas razões pelas quais eu sempre usava minhas calças de couro macio. Os vestidos, embora bonitos, mas eram muito pesados.

A lua pairava baixa no céu; era tarde, tarde demais para tanta folia. Eu segui os sons baixos das vozes masculinas até atravessar duas enormes portas de madeira. O salão cavernoso estava tão desarrumado que fiquei imediatamente agradecida por o rei não estar aqui, pois ele certamente nos jogaria de seu castelo. Restos de comida espalhavam-se por todas as superfícies disponíveis; cálices derramados, pratos vazios e a carcaça de um porco foram espalhados como se os cães tivessem sido libertados. Mas mesmo essa não era uma visão tão caótica quanto os homens, que estavam deitados do outro lado das mesas em estado de

total inconsciência, empanturrando-se com grandes canecas de cerveja ou hidromel ou jogando uma partida em uma placa de madeira entalhada.

No caos, era difícil encontrar alguém, mas rapidamente ficou claro na sala cheia de homens corpulentos que a vidente não estava aqui. Eu teria que encontrar Leif e ver se ele sabia onde encontrá-la. Mas entre tantos homens de enorme estatura e cabelos loiros, tive que procurar no quarto várias vezes antes de encontrar Leif. Ele estava sentado na cabeceira da mesa onde o jogo era jogado. Encantados como todos estavam com suas diversas atividades, ninguém me notou.

Com uma postura determinada no queixo, caminhei em direção a Leif. Antes que eu pudesse chegar à sua mesa, porém, um grande urso de homem estava no meu caminho. Ele lambeu os lábios enquanto corajosamente me encarava, hidromel pingando de sua barba.

— Ah, a moça está sozinha. — Disse ele com um sorriso lascivo. — Desça da torre dela para uma queda.

Meu primeiro instinto foi contra-atacá-lo, mas parei com a mão. Havia mais do que desejo em seus olhos, algo mais parecido com desejo de sangue, e eu faria bem em estar em guarda. — Se você colocar as mãos em mim, vou garantir que você nunca faça isso de novo. — Eu mudei para as pontas dos meus pés, pronta para me mover, se ele investisse em mim.

Como se eu tivesse gritado, minha voz feminina comparativamente alta chamou a atenção de todos os nórdicos do salão - exceto aqueles que já haviam caído em um estupor bêbado. Na cabeceira da mesa, Leif se mexeu, mas pude poupá-lo apenas um breve olhar. Minha atenção total estava no nórdico diante de mim.

O sorriso do homem aumentou. — É amplamente sabido que uma mulher espirituosa vale o esforço. — Ele se inclinou para frente até eu quase engasgar com o cheiro de sua barba imunda e trançada. — Muito mais divertido quando ela finalmente está quebrada.

Com uma velocidade surpreendente para alguém tão grande, sua mão disparou. Eu me esquivei, mas minhas saias amaldiçoadas se enroscaram nas minhas pernas. Ele me pressionou contra a mesa, a madeira cavando nas minhas costas. Um grito veio do outro lado da sala, mas nem o homem nem eu prestamos atenção. Eu desembainhei minha adaga e a cortei em sua bochecha.

Suas narinas queimaram como as de um touro, e seus olhos se estreitaram em fendas, mas ele se afastou. Eu apertei meu agarre na minha adaga.

— Você vai pagar por isso, prole de Loki. — Disse ele em um rosnado. — Vou arrancar seu vestido do seu corpo e tê-la aqui no chão.

Como se eu tivesse sido esfaqueada com uma lâmina ardente, uma raiva intensa passou por mim. Ele atacou, e eu segurei minha adaga frouxamente, como o breve treinamento de Leif havia me ensinado. Eu o castraria como um cavalo; ele nunca mais ameaçaria uma mulher.

Antes que o nórdico pudesse me alcançar, Leif parou na frente do homem do norte, com as pernas abertas. — Ulric, — Leif disse, sua voz mortal, — Pare agora, ou por Thor, eu vou te matar onde você estiver.

Ulric parou, mas seus pequenos olhos brilharam com um ódio ardente. — Maldito seja, Leif. Se você me negar os meus direitos, então eu o matarei.

O semblante de Leif escureceu assassino. — Você não tem direitos para reivindicar. Ela é uma aliada, que você bem sabe. — Ele deu um passo à frente. — E eu não aceito ameaças levianamente.

A cena era como a de um lobo desafiando seu alfa. Uma nuvem negra de violência iminente parecia descer sobre o salão. Os que ainda estavam conscientes assistiram à interação entre os dois homens com crescente expectativa, e eu fiquei tensa, preparada para a batalha.

Ulric respondeu a Leif, puxando um machado das costas.

— Assim seja. — Disse Leif, e disparou para frente antes que Ulric pudesse levantar o machado pesado.

Ele bateu em Ulric embaixo do queixo com tanta força que seu pescoço estalou para trás. Ulric balançou o machado, mas Leif o atingiu de novo e de novo no rosto até o sangue escorrer do nariz. Os golpes de Leif eram tão rápidos quanto ataques de víbora e totalmente impiedosos. Mais uma vez, Ulric balançou o machado. Leif se esquivou e o machado dividiu uma das longas mesas de madeira em duas.

Muitos dos homens rugiram em aprovação, mas eu só pude assistir em um silêncio sombrio.

Ulric atacou novamente, o machado levantado, mas Leif pegou uma adaga. Ele encontrou a carga de Ulric com um poderoso impulso para cima da lâmina. Ele se alojou no coração de Ulric, e o nórdico caiu de joelhos. O machado caiu no chão. Depois de dar um último suspiro, o resto do corpo de Ulric o seguiu.

Meu batimento cardíaco bateu nos meus ouvidos enquanto eu olhava incrédula para o nórdico morto a nossos pés. Eu esperava que isso terminasse com Ulric caído na inconsciência, não na morte.

— Tire esse usurpador fracassado da minha vista. — Disse Leif, com um olhar de nojo torcendo suas feições. — Queime o corpo.

Dois homens imediatamente avançaram para fazer o que ele pediu. Grunhindo com esforço, eles levantaram o corpo morto de Ulric no ar e o carregaram da sala.

O som de batidas de canecas batendo na mesa começou logo depois. — Olafsson! Olafsson! — Os homens cantaram.

Fiquei em uma espécie de choque com o desprezo insensível pelos mortos - mesmo que o homem fosse um cretino nojento. Eu me virei para Leif. — Espero que você não tenha matado um dos seus por minha conta.

Ele olhou incisivamente para a adaga que eu ainda agarrava na minha mão direita. — E eu acredito que você não tinha planos de usar isso?

— Não para matar. Só castrar, o que seria uma punição justa para alguém tão imundo.

Leif riu sem humor. — Privá-lo de sua masculinidade? Princesa, ele teria implorado sua morte. Não, meu castigo foi muito mais humano.

— Humano? — Eu disse com um olhar incrédulo. — Ele está morto!

— Você não entende nossos caminhos, e ainda assim julga. Esses homens me seguem por vontade própria. Eles podem sair a qualquer momento, mas enquanto estiverem sob minha liderança, não devem me desafiar. — Os olhos dele escureceram. — Eu te avisei para ficar no seu quarto, e você não me deu atenção. Ele teria tido um grande prazer em estuprá-la antes de tudo. O que você estava fazendo aqui embaixo?

Minhas bochechas coraram e eu me arrepiei. — Ele nunca teria tido a chance. Não preciso de um homem para me defender; Eu posso me proteger.

— Você pode - você já provou isso antes - mas isso não significa que você precise procurar situações perigosas para se colocar.

Minha raiva acendeu. — E deveria ser minha culpa que ele tenha me atacado, então? Eu não deveria estar lá - sendo toda feminina e tentadora?

— Claro que não é sua culpa-

— Eu vim aqui para encontrar sua vidente, não procurar perigo. — Eu interrompi, mais do que um pouco enojada com a culpa implícita. E, se eu estava sendo honesta, ainda estou um pouco abalada com o repentino surto de violência. — Obviamente ela não está entre vocês muitos bárbaros, então vou procurar em outro lugar. — Eu dei meia volta para ir embora.

— Não tive medo muitas vezes na vida, — Disse Leif de repente — Mas fiquei com medo quando Ulric te ameaçou. — Ele estendeu a mão e tocou minha bochecha, e fiquei tão chocada com o toque repentino que congelei. — Eu nunca senti tanta raiva.

Horrivelmente, pensei no meu sonho mais cedo naquela noite, com Leif quase me beijando. Meus olhos caíram para sua boca, e o horror tomou conta de mim quando percebi que estava realmente contemplando como seria sentir seus lábios nos meus. Ele deu um passo mais perto de mim e meu olhar saltou para ele. Meu coração bateu forte quando vi a labareda de calor presa dentro do azul gelado de seus olhos.

Você o quer, uma parte de mim sussurrou, e eu pisoteei essa parte de mim com um silvo. Ele era um *nórdico*.

Afastei-me, lembrando-me do motivo de descer até o salão em primeiro lugar - para encontrar a vidente. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, as portas do grande salão se abriram. A atenção de Leif mudou - relutantemente, parecia - para a entrada do salão. Eu me virei para ver dois homens entrando.

Não eram os mesmos homens que haviam deixado o corpo de Ulric, mas pareciam os mesmos que os outros. Alto, loiro, grosseiro.

Leif chamou a atenção de Gunnarr e fez um gesto agudo com o queixo. Gunnarr se aproximou de nós, puxando o machado.

— Quem são eles? — Eu perguntei.

— Eu não sei. — Disse Leif.

Os homens caminharam em direção a uma das mesas mais próximas de nós, e dei um passo involuntário para trás quando os vi. Seus rostos pareciam cera derretida, como se tivessem sido gravemente queimados no começo da vida. Suas sobrancelhas caídas pesadamente, quase nos olhos. O nariz de um era tão proeminente quanto o de um cavalo, o outro mal estava lá, como o de uma cobra. Normalmente, essa visão me levaria a ter pena. Olhando para esses homens, no entanto, os pelos finos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Estremeci como se um vento frio de repente uivasse pelo corredor.

Se notaram a crescente tensão no salão, as armas sacadas, não deram sinal disso. Eles rasgaram vorazmente pães escuros, aparentemente inconscientes de seu ambiente. E, no entanto, eles tinham uma aura de malevolência, como se um movimento repentino pudesse provocá-los à violência.

Aquele com o nariz de cobra se inclinou para o outro e falou rapidamente em um idioma que não reconheci. Era duro e gutural, e de repente congelei. Eu já ouvira essa língua antes. Na visão do corvo.

— Deveríamos ver quem são eles. — Disse Leif, e deu um passo na direção deles, um conjunto determinado em sua mandíbula. Minha mão disparou e agarrou seu braço. Ele olhou para mim surpreso.

— Este salão viu sangue suficiente para a noite. — Eu disse em tom baixo.

A sobrancelha de Leif franziu, mas ele não tentou remover minha mão.

Estes eram os jötnar que caçamos? Embora eles fossem facilmente os homens mais altos do salão, eles não eram gigantes. E ainda... Lembrei-me do som da língua deles. *Seus inimigos estão mais próximos do que você pensa*, dissera Morrigan, e o veado na floresta havia dito que gigantes estavam agitando as criaturas de Éirinn. Ainda assim, envolvê-los aqui, sem saber com certeza quem eram e do que eram capazes, era loucura. Olhei para Leif e Gunnarr. Leif acabara de matar um dos seus. O que ele pode fazer com um inimigo? Eu não arriscaria.

Uma criada entrou no salão então, ela era muito menos tímida do que a da criada que esperava por mim. Seus quadris largos balançavam quando ela se dirigiu para a mesa dos jötnar sem medo. Eu fiquei tensa, de repente, com medo por ela. — Meus senhores, — Disse ela, — Seus quartos foram preparados e lamento sua espera. — Seus olhos examinaram o salão, um olhar de nojo no rosto. — O salão está em péssimas condições no momento. Vocês se importariam de tomar suas refeições em seus quartos?

Eles balançaram as cabeças desfiguradas e se levantaram, elevando-se sobre a mulher. — Você pode nos mostrar o caminho. — Disse aquele com o nariz proeminente, seu gaélico tão gutural quanto sua própria língua.

A criada assentiu devagar, como se ela tivesse problemas para entender. — Sigam-me. — Disse ela depois de um momento.

Pelo que Leif havia me dito, pensei que os jötnar estariam com tanta fome de carne humana que atacaria a mulher ali no corredor. Embora nada tenha acontecido, eu não podia negar o deslizar de aviso na minha pele.

Leif os observou em alerta até que finalmente deixaram o salão. Como se uma grande tempestade tivesse passado, a tensão desapareceu do salão. Gunnarr abaixou o machado e soltei um suspiro lento.

— Devemos seguir? — Gunnarr perguntou. — Eu não gostei da aparência deles. Podemos separar suas cabeças feias de trolls de seus corpos antes que eles tenham a chance de atacar.

— Você não pode atacar alguém só porque não gosta da aparência deles. — Eu disse, embora tivesse que admitir que entendi o sentimento. — Você nem sabe quem eles são.

— Eu sei que eles levantaram o cabelo na parte de trás do meu pescoço. — Disse Gunnarr com um olhar de nojo. — Isso é o suficiente para mim.

— Talvez a vidente tenha a resposta? — Eu disse olhando para Leif. Fiquei feliz por ter uma desculpa para conversar com a vidente. Leif ainda não tinha dito nada, e seu rosto era uma máscara de pedra. — Talvez ela possa adivinhar se eles são amigos ou inimigos.

Leif sacudiu a cabeça. — Ela só pode ver o que os deuses permitem; suas respostas e poder são limitados.

— Então não devemos perder tempo perguntando a ela. — Disse Gunnarr, quase ansiosamente. — Nós devemos interrogá-los nós mesmos.

Todos os nórdicos estavam tão ansiosos para morrer, então? — Ainda assim, — Eu disse. — É melhor descobrir tudo o que podemos.

— Gunnarr, Ciara está certa. É tolice correr para uma situação da qual não temos conhecimento.

O rosto de Gunnarr caiu. — Pergunte a vidente, então, mas venha me buscar antes de fazer o que precisa ser feito. Faz muito tempo que não uso meu machado.

Eu escondi um sorriso com as palavras de Gunnarr. Ele parecia muito com Conall, mas minha diversão desapareceu quando percebi com quem estava comparando meu clã.

— Onde posso encontrá-la? — Leif perguntou.

— Dormindo em um dos quartos acima de nós. — Disse Gunnarr com um empurrão no queixo em direção ao teto. — Onde mais ela estaria? Ela é tão velha quanto Odin.

— Qual quarto? — Eu perguntei.

— Primeira porta à sua direita - basta seguir o cheiro das ervas que ela sempre traz. — Ele disse com um toque labial semelhante a Conall.

Leif passou por nós e abriu uma das portas pesadas. — Vamos ver se ela vai responder.

— Você traz mulheres velhas com você em todos os seus ataques? — Eu perguntei enquanto corria pela porta - eu nunca tinha estado tão ansiosa para deixar um lugar. Com o ataque de Ulric e os homens estranhos aparecendo, o grande salão do rei parecia tão proibitivo quanto uma cripta.

— Em missões tão importantes quanto esta.

Nós dois examinamos a entrada escura quando as portas se fecharam atrás de nós. As chamas das tochas das paredes tremeluziam e dançavam, lançando sombras sinistras, mas se havia alguém escondido no escuro, elas estavam completamente silenciosas.

Fui primeiro para as escadas, e Leif seguiu, nossos passos abafados pelos tapetes no chão de pedra.

Trepidação me encheu; todos os meus passos pareciam pesados. Se aqueles homens fossem verdadeiramente jötnar - ou em aliança com eles - toda a cidade poderia estar em perigo. O fato de estarem aqui, no castelo do rei Sigtrygg, parecia sugerir que ele não era o aliado que Leif pensava que ele fosse.

Se nosso inimigo já tinha chegado a Dubhlinn, onde mais em Éirinn poderiam estar? Minhas irmãs ainda estavam seguras em casa?

Eu temia as respostas.

O cheiro de sálvia era tão forte do lado de fora da porta da vidente que me perguntei como não havia notado antes.

Leif bateu uma vez, mas a porta estava entreaberta o suficiente para que o punho de Leif a abrisse mais. A fumaça de sálvia fluiu para fora da sala e se envolveu em torno de nós, quase sufocando em sua intensidade.

— Sigrid? — Ele chamou com uma tosse e um aceno de mão na fumaça.

— Venha — Respondeu uma voz grave.

Leif cruzou o limiar e eu o segui na escuridão. Levou um momento para meus olhos se ajustarem, pois o quarto estava iluminado por apenas uma única vela, e a vidente estava longe da luz. Pude ver uma mulher inclinada para a frente com a idade, segurando uma vara de madeira retorcida. Túnicas cinzas pendiam de seu corpo, e elas farfalhavam como se fossem feitas de musselina dura quando ela gesticulou para que sentássemos.

Havia apenas uma outra poltrona e uma cama pequena, então eu assumi a cadeira enquanto Leif parava ao meu lado. A vidente acendeu outra vela na mesa precária ao lado dela. À luz tremeluzente, ela parecia ainda mais antiga, com o

rosto tão desgastado quanto uma rocha usada por mil anos de vento e água. Seus cabelos eram tão grisalhos quanto suas vestes, selvagens e meio trançados.

— O que você deseja saber? — Ela perguntou.

— Há homens estranhos aqui — Disse Leif, com a voz baixa. — Eles estão aliados aos jötnar?

A vidente observou a chama da vela por vários momentos. — Os jötnar têm quase tanta magia quanto os deuses. Eles podem assumir muitas formas.

— Você não respondeu minha pergunta. — Disse Leif, com uma frustração evidente nos ombros.

— Então você não ouviu.

— O que você vê do reino de Mide? — Eu perguntei, minhas mãos segurando a saia do meu vestido. — Minha família está segura?

Ela se virou para mim, seus olhos quase leitosos com a idade. — Este reino de que você fala está envolto por uma névoa escura que nem meus olhos conseguem penetrar.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei, uma ansiedade doentia crescendo comigo. — Diga-me, minhas irmãs estão seguras?

— Eu digo de novo, criança. Há algo que me impede de ver o destino do seu reino.

Morrigan? Eu pensei. Minha ansiedade por minha família aumentou até que eu temi estar prestes a vomitar. O forte cheiro da sálvia e as batidas prolongadas do meu ferimento na cabeça não ajudaram. De repente, a mão quente de Leif tocou meu ombro, e olhei para cima para encontrá-lo me olhando com simpatia.

— Você tem outras preocupações. — Continuou a vidente. — Um novo poder que assusta você.

Saindo do meu próprio corpo. Eu ainda não conseguia ver como era um poder, mas certamente me assustou. — Eu preciso aprender a controlá-lo. Eu preciso saber o que é.

— Você está fraca demais agora e não tem a disciplina e o verdadeiro desejo de dominá-la.

Eu me inclinei mais perto. — Disseram-me que você poderia me ajudar. — Embora isso não fosse estritamente verdade. Morrigan nunca prometeu que a vidente poderia ajudar... Só me disse que eu deveria encontrá-la.

A vidente se aproximou de suas vestes. — Você está cercada pela escuridão. Sua vida depende de um único fio, e não consigo ver qual será o resultado.

Olhei para Leif novamente, e ele deve ter visto o desespero nos meus olhos, pois disse a vidente: — O que isso significa? Ela pode morrer, então você se recusa a ajudá-la?

Imperturbável por seu tom de raiva, a vidente balançou a cabeça. — Ela deve passar pelo teste antes que o poder possa ser dominado. — Ela respirou fundo como se a conversa tivesse se tornado cansativa para o corpo murcho. — Você deve se lembrar que seu poder conecta você ao reino espiritual. Poderia salvar sua vida — ela olhou para Leif — e a dele.

— Por que é da natureza dos videntes falar em enigmas? — Leif exigiu.

— Só consigo ver o que os deuses escolhem me mostrar. Todos somos impotentes aos seus caprichos.

— Você não pode fazer mais, então? — Leif perguntou. — Não há nada que você possa fazer para adivinhar o destino da família de Ciara?

— Esta terra não é nossa. Existem seres antigos aqui, criaturas como nossos deuses no norte, e eles também têm controle sobre o que eu posso ver. — Ela me

observou por um momento até que o desconforto se juntou à sensação de mal estar no meu estômago. — Eles não querem que eu veja o destino da sua família.

Com essas palavras proibitivas, ela soprou a vela, mergulhando o canto na escuridão novamente.

Leif fez um barulho de nojo e foi embora. Eu me levantei. — Obrigada por falar conosco. — Murmurei.

— Seu poder, — A vidente disse baixinho, e eu parei, — É uma porta tão real quanto a que está neste quarto. Não tenha medo de passar por isso.

Mais enigmas. Mas pude ver que ela estava tentando me ajudar, então assenti uma vez. — Eu vou lembrar.

Segui Leif pelo corredor escuro e fechei a porta da vidente atrás de mim.

Eu queria correr para os estábulos, pular em Sleipnir e galopar de volta para Mide. Mas não podia. É claro que não podia - fui exilada por atacar meu próprio pai, e os jötnar já deveriam estar aqui neste castelo. Mas minhas irmãs...

O medo tomou conta de mim como as garras de um falcão rasgam um rato.

— Ciara — Disse Leif, a preocupação gravada em seu rosto, quase me quebrou. — Sua família... Só porque Sigrid não podia vê-los, não significa que alguma coisa aconteceu.

Eu me aproximei dele - não pude evitar. Queria que alguém me dissesse que estavam bem, que nada havia acontecido com eles, que esse sentimento não significava nada. — Perdemos onze dias no túnel das fadas, Leif. Há homens aqui que poderiam estar em aliança com os jötnar, e eles poderiam facilmente ter ido a Mide e voltado.

— Eles poderiam ter, — Concordou Leif, — E eu entendo seu medo, mas você não pode deixar que isso a prejudique. Por mais que eu odeie ficar inútil,

acho que talvez seja melhor assistir e esperar, pelo menos até de manhã. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — A menos que você saiba mais do que está me dizendo.

Pensei em mentir, mas Leif parecia mais contido agora do que no grande salão. — Eu já vi homens como eles antes em uma visão. Sua língua estranha é o que os denunciou como jötnar, mas eles claramente não são gigantes. Por esse motivo, segurei minha língua. — Seu corpo ficou tenso como um arco, e eu estendi a mão para tocar seu braço. — Você disse que devemos assistir e esperar. — Lembrei-o gentilmente. Eu podia sentir a necessidade de violência zumbindo logo abaixo de sua pele, e eu entendi. Se eles tivessem sido responsáveis pela morte de uma das minhas amadas irmãs... Havia muito pouco que me impediria de matá-los como ovelhas.

— Se tiver a chance, — Continuei. — Posso entrar na cabeça deles, talvez descobrir mais.

Leif deixou escapar o fôlego. — Você está certa. — Um pouco da tensão pareceu deixá-lo, e ele se virou para ir embora. — Está tarde. Eu deveria encontrar Arinbjorn. — Antes de sair, ele apontou para minha cabeça. — Sua lesão - está melhor?

Eu sorri. — Muito. — Eu quase tinha esquecido. A dor reduziu a uma dor maçante que eu poderia facilmente ignorar.

— Bom. Você vai ficar no seu quarto agora que viu que eu tinha motivos para avisá-la?

Meus olhos se estreitaram. — Sim, e eu não preciso de outro aviso. Eu posso cuidar de mim mesma.

Ele sorriu como se esperasse que eu respondesse exatamente dessa maneira.

— Boa noite então.

— Boa noite. — Murmurei e corri para o meu quarto.

Fechei a porta e me encostei nela, de repente exausta. Com tudo o que havia acontecido, percebi com uma inquietação crescente que ainda tínhamos que ver o rei.

Poderia haver mais inimigos sob esse teto do que apenas os dois nórdicos estranhos.

CAPITULO 12

O som de uma corneta baixa pela manhã anunciou o retorno do rei e de seu grupo. Os servos do castelo voaram em um frenesi organizado, preparando o salão e os aposentos para seu mestre. Eu assisti com músculos tensos, como se estivesse me preparando para a batalha.

Eu tinha uma riqueza de energia nervosa, embora tivesse passado a maior parte da noite com medo de que, se eu caísse no sono, Morrigan me revelaria outra coisa - como o destino da minha família. Tentei não me preocupar com minhas irmãs, mas só de pensar nelas me fez desejar a minha casa perdida. Hoje, porém, jurei que baniria tudo, menos essa missão, da minha mente. Havia muito mais para me preocupar. O rei já era um problema, mas eu também tinha receio de encontrar os homens estranhos da noite passada. Quando entrei no salão, fiquei aliviada ao encontrá-lo de volta aos eixos após a celebração dos nórdicos na noite passada. Os criados passaram por mim, carregando castiçais ornamentados, tigelas douradas de frutas e cestas de pão. Eu podia sentir o cheiro de javali sendo assado no espeto. Um pano bordado vermelho e dourado cobria as mesas, um trono de espaldar alto foi posto em seu lugar de honra e já chegavam dançarinos, bobos da corte e menestréis. Esses eram os ingredientes de um banquete, mas, em vez de gerar um sentimento de alegria, senti apenas uma fria apreensão.

— Um banquete, um grande banquete para um ataque bem-sucedido. — Gritou um barítono alto atrás de mim.

Olhei para cima e vi um homem de aparência normal, exceto por sua altura, vestido com uma túnica vermelha e dourada, como se quisesse combinar com as toalhas de mesa. Ele não usava uma coroa na cabeça, mas estava claro pela maneira como seus olhos examinavam a sala possessivamente, e pela riqueza de suas roupas, que ele era o rei.

Ele reparou em mim, a única dama do salão em um mar de criados, e correu para o meu lado. — Pensei conhecer todos os convidados deste castelo, mas confesso que não sei quem você pode ser. — Não havia acusação em seu tom, apenas curiosidade, seus olhos castanhos claros me observando com interesse.

— Perdoe-me, sua graça. — Eu disse. — Cheguei na companhia de Leif Olafsson.

Passos altos atrás de mim anunciaram a presença de outra pessoa, e eu e o rei nos viramos. Leif deu um passo à frente, seu irmão apenas um ou dois passos atrás dele, e o rei cumprimentou os dois com um sorriso largo. — Olafsson! É uma honra tê-lo na minha corte.

Leif fez uma reverência rígida. — Meus agradecimentos por abrigar meus homens até que eu pudesse voltar.

— Você quer dizer até que você pudesse escapar. — O rei Sigtrygg riu. — Ah, bem, não foi nenhuma dificuldade da minha parte. Embora eles tenham executado meus servos esfarrapados. — Seus olhos se voltaram para mim. — Mas fiquei surpreso ao encontrar uma grande dama como essa em sua presença. Ainda estou esperando uma introdução.

— Esta é Ciara Leannán, princesa de Mide.

Relutantemente, baixei em uma reverência. Quando me levantei novamente, havia uma luz nos olhos do rei, uma espécie de fome gananciosa. —

Uma princesa guerreira acompanhando você. Que aliança perfeita. Eu deveria saber quem você era no momento em que te vi. A filha guerreira de cabelos escuros do rei de Mide. Eu me perguntava por que você não estava ao lado de seu pai.

Eu endureci. — Você viu meu pai?

Ele sorriu, mas não havia nada amigável no gesto. — Acabei de vir de Mide. O rei foi mais do que hospitaleiro. — O sorriso dele aumentou. — Na verdade, me sinto mais rico só por ter jantado à mesa dele.

Era difícil imaginar meu pai permitindo que esse rei jantasse em nossos salões, mas eu estava mais preocupada com as notícias de minha mãe e irmãs. — Então minha família está bem? Minha mãe e irmãs?

— A rainha e as princesas estavam em excelente estado de saúde quando saí apenas alguns dias atrás. — Disse ele, e soltei um suspiro de alívio. — Sua mãe foi igualmente hospitaleira depois que o rei e eu chegamos a um acordo.

Um acordo? O rei de Dubhlinn foi responsável pelo ataque ao mosteiro. Parecia que meu pai estava mais inclinado à batalha com Sigtrygg do que à paz. Mas isso foi duas semanas atrás. O que aconteceu para mudar a mente de Áthair? — Espero que tenha sido um acordo de paz.

— Chegamos a um acordo muito pacífico no final. — Concordou o rei, mas ainda havia algo em seu tom que estava errado. Eu não podia confiar nele.

Os olhos do rei se voltaram para Arinbjorn, que passava de um pé para o outro como se preferisse correr do que ficar à toa. — Esse garoto se parece com você —, disse ele a Leif. — Mas ele é velho demais para ser seu filho. Ele é seu parente?

— Meu irmão. — Disse Leif.

— Irmão de um grande guerreiro. Você é tão habilidoso?

Arinbjorn cruzou os braços sobre o peito. Sua expressão imitava a arrogância da de seu irmão. — Tão hábil em quê?

Se essa fosse uma das minhas irmãs, eu ficaria mortificada com a audácia de tal pergunta, mas Leif apenas sorriu.

— Nas batalhas, filho. — Disse o rei, um ligeiro tom de voz. — Em ataques, em guerra.

— Ninguém é tão habilidoso quanto meu irmão. — Disse Arinbjorn com um olhar orgulhoso para Leif.

— Eles dizem que a princesa se aproxima, — Disse o rei — E há dois nórdicos aqui que afirmam ter habilidades que ninguém tinha visto antes. Isso me faz desejar um coliseu. Como eu adoraria colocar suas habilidades umas contra as outras.

Seu olhar melancólico disparou um desdém ardente através do meu coração. — Essa barbárie está morta há muito tempo, sua graça. — Eu disse.

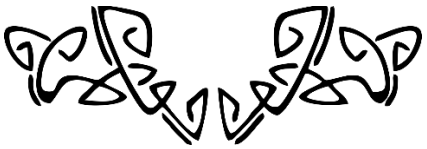
— Uma pena. Terei que satisfazer minha sede de sangue com ataques como qualquer outro nórdico.

Uma maldição surgiu na ponta da minha língua, mas eu consegui suprimi-la. — Se você me der licença, devo ter certeza de que meu cavalo está sendo tratado adequadamente. — Eu disse com uma reverência superficial.

Leif empurrou Arinbjorn em minha direção. — Vá com ela. — Disse ele.

Seu irmão parecia que protestaria, mas então ele assentiu.

Sleipnir foi sem dúvida bem cuidado, mas eu tinha certeza de que, se ficasse um pouco mais, me esqueceria e diria algo que traria a ira do rei sobre minha casa e clã.



Os estábulos estavam quietos. Parecia que todos estavam se preparando para o banquete no castelo, e não havia um único cavalariço a ser encontrado. Os sons suaves dos cavalos e o cheiro de feno fresco acalmaram um pouco da minha raiva do rei. Ele poderia ter sido educado, mas eu não pude deixar de não gostar dele. Não depois de tudo o que ele havia feito - invadindo e saqueando nosso reino e muitos outros como um nórdico. Ele tinha uma falsidade que eu não confiava.

Arinbjorn se encostou na parede, uma expressão sombria em seu rosto jovem. Seus olhos acompanharam todos os meus movimentos enquanto eu checava Sleipnir quanto à consistência e o alimentava com um punhado de grãos.

— Você não precisa ser tão carrancudo. — Eu disse. — Você prefere ouvir o barulho de um rei tolo?

Um sorriso apareceu no canto de sua boca antes que ele pudesse escondê-lo. — Não estou de mau humor. Eu só queria que meu irmão não tivesse me enviado do salão como um serviçal.

— Ele fez um grande favor a você. Seja grato.

Ele se aproximou até espiar a baia. — Eu lembro desse cavalo.

Dei um tapinha no pescoço de Sleipnir com carinho. — Ele é difícil de esquecer.

— Você não estava andando com ele quando tentou me matar.

— Eu não estava tentando matar você, como eu tenho certeza que você bem sabe.

Seu olhar encontrou o meu acusadoramente. — Eu não era um oponente digno?

— Não foram suas habilidades que me pararam; era minha irmã. Vocês dois devem ter nascido no mesmo ano, e eu só via o rosto dela quando olhava para você. Eu fiz o meu melhor para apenas subjugar você em vez de tirar sua vida.

Grande parte da confusão pareceu deixar seu rosto. — Tivemos uma irmã uma vez, embora eu não me lembre dela tão bem quanto Leif. Mas lembro bem o suficiente e sei o que aconteceu com ela. — Suas mãos se fecharam em punhos. — Foi por isso que me afastei dos desejos de Leif. Também sou irmão dela e deveria ter o direito de vingá-la.

Toquei o braço de Arin. — É uma coisa terrível perder um irmão.

— Ela foi assassinada pelos jötnar. — Disse ele em um rosnado, como se eu não tivesse dito nada. — Seu corpo era o único que não era apenas um respingo de sangue. Eles queriam que soubéssemos que a mataram.

Um choque de apreensão correu através de mim. — Por que você acha isso - que os jötnar queria que sua irmã fosse encontrada?

— Porque era óbvio. Ela era a única que restou. Por que fazer isso se eles não queriam que a encontrássemos?

— Sim, mas por que sua família? Por que só vocês?

Arin ficou um pouco mais reto. — Porque meu pai, e agora Leif, são os maiores atacantes do norte.

Eu podia entender como eles pensariam que os jötnar os desafiaria de tal maneira, mas havia algo que me fez pensar que era mais ameaçador do que isso... um sentimento que deslizou pela minha espinha.

— Ainda sou jovem, — Continuou Arin. — Mas isso não significa que não quero minha chance de defender minha própria família.

— É uma busca digna.

Arinbjorn parecia quase ansioso. — Então você convencerá Leif que devo fazer parte disso? Que eu, como irmão de Finna, também tenho o direito de caçá-los?

Eu sorri e balancei a cabeça. — Você superestima minha influência em seu irmão, receio.

— Eu acho que não. Nunca vi Leif tratar uma garota como ele trata você. É quase como...

Um grito terrível, agonizante em sua intensidade, rasgou a quietude do estábulo. Arinbjorn e eu congelamos, e os cabelos na parte de trás do meu pescoço estavam arrepiados.

Chegou novamente, um final agudo em uma respiração estrangulada.

Corri em direção à fonte do som. Do lado de fora do estábulo, um rastro de sangue escurecia a terra dura e compactada. Olhei de volta para Arinbjorn, que encontrou meu olhar com uma expressão sombria. O sangue salpicava a lateral do celeiro, e gotas dele apontavam para um canto escuro.

Com um medo frio me agarrando, segui a trilha, tomando cuidado para silenciar meus passos.

Lá, em um canto escuro, estava um dos homens estranhos da noite passada - aquele com o nariz como uma cobra. Ele pairava sobre o corpo prostrado de

uma jovem garota, de costas para nós. Eu me aproximei, Arinbjorn logo atrás de mim. O cabelo da garota se soltou dos alfinetes e derramou ao seu redor. Seus suaves olhos castanhos eram vítreos e cegos, e, com um sobressalto, percebi que era Aideen.

Um barulho de trituração chamou minha atenção de volta para o homem. Ele se virou e nas mãos havia um braço arrancado de Aideen. A mão estava em punho; ela lutou antes que fosse arrancada de seu ombro. Pedaços de carne estavam faltando, e eu pulei de horror quando percebi o porquê. O sangue escorria da boca do homem com o nariz de cobra, manchando os dentes de vermelho.

Leif e eu não tínhamos certeza de que esses homens não eram humanos, mas agora estava claro que não era um homem mortal. Embora grande por qualquer padrão humano, ele ainda não era do tamanho de um gigante. Seu apetite monstruoso, no entanto, parecia provar que ele era, não importa seu tamanho. Procurei com a minha mente, mas não agarrei nada; seu olhar foi para todo lugar, menos meus olhos, e eu precisava dessa conexão. Espiei um forcado próximo e agarrei-o. Brandindo-o diante de mim como uma lança, eu disse: — Deixe a garota, ou eu vou passar por você.

O nórdico me encarou com um sorriso sombrio. — Por quê? Acho que nós dois sabemos que você pode fazer pouco para me impedir. Além disso, ela já está morta e sua carne é doce.

Atrás de mim, Arinbjorn vomitou, e meu próprio estômago revirou. Este era realmente o trabalho do diabo. — Eu não posso permitir que você profane o corpo dela.

Ele largou o braço com um baque repugnante e abriu os próprios braços. — Então vamos juntar nossas forças e ver quem é o mais forte.

Antes que eu pudesse me mover, o nórdico se lançou para mim, mais rápido do que seria possível para um homem desse tamanho. Ele me jogou no chão. Mal tive tempo de levantar minha arma improvisada antes que ele estivesse em mim novamente. Ele deu três golpes nas minhas costelas e senti os ossos machucados, mas não quebrado. Eu me forcei a ficar de pé novamente. Ainda assim, ele evitou fazer contato visual comigo, como se sentisse minhas intenções.

O nórdico me rodeou como um tubarão, e Arinbjorn chamou minha atenção, perseguindo-o na escuridão. Abruptamente, o homem se virou, fixando o garoto com o olhar. Ele atacou como um touro, batendo no meio de Arinbjorn. Arin tomou uma respiração rápida e se deitou no chão, atordoado. Corri em direção a eles, os dentes do meu forcado apontados para o intestino do nórdico. Antes que pudesse fazer contato, ele se esquivou tão ágil quanto uma dançarina. Ele usou meu próprio impulso contra mim, agarrando meus braços enquanto eu passava e me virando de costas.

Arinbjorn sacudiu o transe e tentou se levantar.

— Corra. — Gritei para Arinbjorn. — Encontre Leif.

Eu me levantei de novo, furiosa com o pensamento de que eu tinha sido derrubada não uma, mas duas vezes. Dei um empurrão ao garoto teimoso em direção ao castelo antes de encontrar outro ataque frontal do nórdico.

Senti sua carne ceder ao meu forcado afiado e tropecei de volta. Ele olhou para a madeira saliente do seu lado e a soltou como se fosse apenas um espinho. Depois de quebrá-lo ao meio, ele jogou no chão aos meus pés com um sorriso

provocador. Seus olhos se fixaram nos meus, finalmente me dando a oportunidade que eu precisava para alcançar com minha mente.

Era como mergulhar na escuridão, como me encontrar perdida em uma floresta estranha durante uma noite sem lua. Uma inundação de emoções vis caiu sobre mim: repugnância, fome de carne, sede de sangue. Ele queria me separar e comer a carne dos meus ossos.

Eu lutei para manter o controle de sua mente, mas era tão escorregadia quanto uma enguia. E forte. Não havia como uma mente tão forte ser a de um mero mortal.

Suas mãos dispararam e envolveram minha garganta fina. Ele me levantou até chegarmos ao nível dos olhos, minhas pernas chutando inutilmente. Eu agarrei suas mãos. Eu arranhei seus dedos. Meus pulmões ardiam, desesperados por ar.

Não vou morrer, gritei em minha mente. *Eu não serei comida.*

Agarrei-me ao aperto fraco que tinha em sua mente até que a dor na minha cabeça era como golpes repetidos de um martelo. Manchas pretas apareceram nas bordas da minha visão. Eu perderia a consciência em breve e tudo acabaria.

Meus olhos se fecharam contra a minha vontade.

Então uma grande porta apareceu em minha mente, uma luz brilhante brilhando atrás dela. Era uma alucinação de uma garota morrendo, mas eu ainda estava atraída por ela. De repente, lembrei-me das palavras da vidente: que meu poder era uma porta. Eu ainda não entendia, mas uma parte de mim avançou, a escuridão quase assumindo minha visão, meu corpo morrendo por falta de ar. Eu abri a porta.

Eu me afoguei em um mar de luz.

Mas então eu pude ver com uma clareza surpreendente. Mais uma vez, eu estava acima de tudo, olhando a carnificina como um pássaro. Eu assisti o nórdico sufocar a vida de mim. Eu assisti minhas pernas continuarem a chutar sem sucesso.

Meu corpo estava iluminado como o sol, mas o nórdico era a própria escuridão. Seu corpo era fumaça, preto e insondável. Mas no centro havia uma mancha vermelha pulsante. Eu fui atraída por isso como eu fui atraída pela porta. Os braços do meu corpo não tinham mais forças, mas essa forma, essa forma fantasmagórica flutuante, tinha poder ilimitado. Cheguei ao centro de seu peito e agarrei a energia vermelha. Ela bateu na minha mão como um pássaro assustado, e eu apertei, esmagando-a no meu punho.

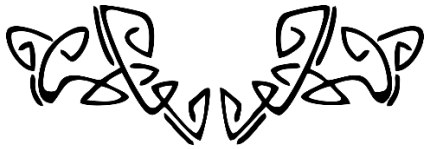
Com pressa, voltei ao meu verdadeiro corpo. As mãos do nórdico caíram do meu pescoço e eu bati no chão, ofegando.

Com um gemido, rolei de joelhos, apenas para cair novamente com um acesso de tosse. Depois de um momento, forcei-me novamente e tropecei em direção ao nórdico.

Ele estava prostrado de costas. Seus olhos encaravam o céu, nublado e sem ver. Eu assisti por vários batimentos cardíacos, seu peito subiu e caiu superficialmente. Estava claro que ele estava morrendo.

Um pedaço dentado do forcado permaneceu. Sem um momento de hesitação, eu estaquei o nórdico através do coração. Ele não fez um único som quando a vida deixou seu corpo. Pensei em Aideen e na irmã inocente de Leif, ambas abatidas como animais. Um calafrio de inquietação se espalhou por mim com esse novo poder, mas quando olhei para o corpo abusado de Aideen, só pude sentir alívio por o assassino dela estar morto.

Agora que a ação terminou, a energia pareceu me deixar de uma só vez, e eu balancei de pé. Meu corpo doía como se eu tivesse sido pisoteada por cavalos selvagens, mas me forcei a voltar para o castelo. Eu tinha que ter certeza de que Arin estava seguro, e Leif precisaria ser informado; o outro nórdico teria que ser lidado - segure as consequências.



Os sons de menestréis e o cheiro de javali e pão recém-assado sinalizavam que o banquete já estava em andamento no grande salão quando eu cheguei lá. Eu passei pela porta, ciente de que meu vestido estava rasgado, sujeira e sangue formavam uma pasta nos meus braços e rosto, e meu cabelo seria mais adequado para uma banshee. Cada respiração era dolorosa através da minha garganta ferida, mas não era hora de descansar e me recuperar. À primeira vista, não consegui encontrar Leif no salão cheia de foliões e na movimentada corte de Dubhlinn.

Pela graça de Deus, Arinbjorn entrou na minha linha de visão e acenei para chamar sua atenção. Ele correu para o meu lado. — Estive procurando pelo meu irmão, mas acabo de descobrir que ele está em uma conferência particular com o rei. — Disse ele às pressas. — Você não está ferida? Você parece... — Ele estremeceu. — Você parece relativamente inteira.

— Tenho certeza de que estou horrível, mas pelo menos não estou morta. — Eu disse, minha voz rouca com o dano causado na minha garganta. — Não

poderei entrar no grande salão assim, mas precisamos encontrar o outro homem que era o companheiro desse monstro. Você o viu?

Arinbjorn balançou a cabeça. — Não. Procurei por Leif no salão inteiro e teria notado aquele homem.

Meu estômago caiu com a notícia. De quem ele estava se deliciando, se não do javali? — Você sabe onde Leif e o rei estão falando?

— Um dos criados me contou. Não é longe. — Ele se afastou e eu segui o melhor que pude, meus pulmões protestando a cada respiração.

Arin parou na frente de uma porta grossa de madeira. Quando ele levantou a mão para bater, eu o parei e coloquei o dedo na boca em sinal de silêncio. Vozes saíram da sala, as quais eram familiares para mim.

— Eu já contei tudo o que sei sobre os homens que se autodenominam a Destruição de Odin. — Disse o rei.

— Eles não são homens. — Disse Leif com uma voz cheia de nojo. — Eles são monstros.

— Eles são lutadores fortes, sejam eles quem for, embora eu já tenha ouvido rumores... Apetites escuros. Mas chega disso. E a princesa que você traz para a minha corte? — Seu tom ficou quase alegre, e eu fiz uma careta na porta. — Ela é um preço que vale mais que ouro.

— Ela não está à venda.

O rei abaixou a voz, de modo que fui forçada a pressionar o ouvido contra a porta como um criado que escutava. — Ela vale um pequeno exército. Homens que você precisa para a sua causa. — Minhas mãos se fecharam quando Leif não respondeu imediatamente. — Ouça, guerreiro. A princesa é a herdeira do trono de Mide, e uma guerreira lendária por mérito próprio. Depois que descobrirem

que eu a tenho, não há nada que seus homens do clã não dariam para recuperá-la. Não tenho tanto orgulho de pensar que posso mantê-la aqui contra a vontade dela - sei que não tenho o poder de aprisionar alguém com suas habilidades - mas com a sua ajuda, posso segurá-la para resgate. Meu próprio filho custou mais de mil cabeças de gado como resgate, e a princesa e herdeira valem muito mais.

As palavras do rei não faziam sentido. Ele não tinha me dito antes que tinha feito as pazes com meu pai? Por que arriscar sua ira e vingança me segurando por resgate? Pior, Leif não parecia estar discutindo com ele.

Por fim, Leif disse: — O que você propõe?

Eu dei meia volta e me afastei.

— Princesa Ciara, espere. — Arinbjorn sussurrou urgentemente.

Ele me alcançou apesar dos meus passos zangados. — Deixe-me. — Eu disse.

— Você não ouviu meu irmão concordar, ele não-

— Eu ouvi mais do que o suficiente.

Silenciado por um olhar afiado de mim, ele ainda me seguiu obstinadamente até o meu quarto. Ele observou enquanto eu reunia meus poucos pertences: minha espada e as roupas com as quais eu havia chegado, consertadas cuidadosamente - sem dúvida por Aideen, que agora estava em pedaços do lado de fora dos estábulos.

— Você não pode sair. — Disse ele, seus olhos implorando. — E aqueles homens que podem ser jötnar? Você deve explicar o que encontrou para Leif. Não sei como você derrotou aquele monstro, mas sei que meu irmão precisará de sua ajuda.

— Por que eu deveria ficar? Você foi testemunha tão bem quanto eu e não vou ficar aqui como cativa. — Fiquei tão enfurecida que tremi por toda parte.

— E a missão? Você a abandonaria?

Eu parei, uma mão na maçaneta da porta. Na verdade, eu não tinha pensado além da minha própria fuga deste castelo, e suas palavras provocaram uma pontada indesejada de culpa. — O que você quer que eu faça? Espere no meu quarto até que seu irmão venha me acorrentar? Ele me traiu. — Uma dor dolorosa seguiu rapidamente essa afirmação; Eu era uma tola por ter confiado nele. Ter pensado que ele poderia ser qualquer coisa, menos meu inimigo era o pior tipo de erro.

— Você não sabe ao certo. — Ele disse fracamente.

— Eu sei o suficiente para não correr o risco.

Abri a porta e caminhei para uma parede de peito nórdico. Com um silvo zangado, eu pulei de volta.

Enfrentei Leif com o peso equilibrado nas duas pernas, a mão solta ao meu lado, preparada para desembainhar a espada à menor provocação.

Seus olhos varreram meu corpo, aparentemente me vendo pela primeira vez. — O que aconteceu, Ciara? Você está ferida? — O rosto dele ficou sombrio. — Um dos meus homens... — Estendeu a mão para mim, mas eu me afastei.

A súbita preocupação refletida em sua voz e semblante colocou meus dentes no limite. — Você se atreve a perguntar pelo meu bem-estar depois de fazer um acordo com o rei?

Os olhos de Leif se voltaram para o irmão atrás de mim. — Arin, deixe-nos.

A mandíbula de Arinbjorn se contraiu por um momento, mas ele assentiu rigidamente e saiu da sala.

Leif observou-o ir antes de voltar para mim. — Não há acordo que fiz com o rei, exceto onde vou dormir esta noite. Já chega disso. Fale diretamente. O que eu te fiz?

Sua confusão óbvia fez minha raiva desaparecer, e eu a agarrei como um homem se afogando estendido em direção à superfície da água. — Você nega ter conspirado com o rei para me segurar por resgate?

— Eu absolutamente nego. Por que eu concordaria com um ato que garantiria a perda de aliança entre você e eu?

— Para mais homens. Para o exército que você precisa — Falei, sentindo meu argumento sumir a cada respiração. — Você não pode negar que a conversa ocorreu; eu e seu irmão ouvimos.

Ele soltou uma risada aguda. — Ele concordou em me emprestar mais homens e navios, mas é algo que ele é obrigado por juramento a me dar. Você sabe disso.

— Eu sei o que ouvi. — Eu disse, minhas mãos em punhos ao meu lado. — Você nunca denunciou o plano dele.

— Então você não ficou tempo suficiente. Não lhe mostrei que pode confiar em mim? Eu matei um dos meus homens em defesa de sua honra.

Eu balancei minha cabeça. — Ele poderia ter sido alguém que você queria matar por insubordinação, e eu era apenas a desculpa. Como vou saber? Eu mal conheço você!

Ele deu um passo em minha direção. — Você me conhece o suficiente para quase me beijar.

Suas palavras arrebataram meu fôlego. — Talvez, mas eu não fiz.

— Você quer. — Disse ele, e aquele fogo que eu tinha visto antes em seus olhos acendeu novamente. — Você quer fazer mais do que isso.

O calor queimava minhas bochechas. — Que direito você tem de me dizer essas coisas?

— Eu não tenho o direito e também não posso fazer você confiar em mim. Você sempre pode inventar um contra-argumento, mas no final terá que escolher: você será minha aliada e confiará em mim ou não? Além disso, — Ele disse com um sorriso. — Você acredita que eu poderia mantê-la em cativeiro contra sua vontade?

Minha última raiva escapou em um suspiro. — Eu não sei em que acreditar em você, isso está claro.

— Somos aliados, e eu nunca trairia um aliado. Eu sou um homem de palavra. A honra é o único código que defendemos, e eu morreria por isso.

Suas palavras soaram verdadeiras, e eu tinha que admirar isso nele. Quase me fez sentir mal por ter duvidado dele. — Então como você deixou as coisas com o rei? Ele não ficou com raiva quando você se recusou a me manter em cativeiro?

— Furioso, na verdade. Mas não o suficiente para ousar testar sua força contra a minha. Você não tem nada a temer dele.

— Há coisas piores neste castelo do que um pequeno rei pomposo. — Eu disse.

Leif parou. — O que você quer dizer?

— Encontrei um daqueles homens hediondos da noite passada... Canibalizando minha serva. Ele pode não ter o tamanho de um gigante, mas sua força estava muito além de um homem mortal. Você consegue entender? — De

repente me lembrei dos velhos deuses que apareceram para nós como corvos e veados. — Eles têm o poder de se transformar?

As sobrancelhas dele se franziram. — Muitos dos jötnar têm poder sobre os elementos, mesmo sobre a própria natureza, mas eu não ouvi falar da capacidade de transformação.

Pensei na impressionante beleza da natureza, e imagens de pesadelo do nórdico de nariz de cobra rasgando o braço de Aideen encheram minha mente. — Mas certamente o comportamento deles vai contra a natureza...

— Nem todos os jötnar são maus. Até a mãe de Lorde Odin é jötnar.

Eu balancei minha cabeça para ele. — E você não achou que fosse uma informação que eu deveria saber?

— Isso nunca apareceu. Os jötnar que devemos destruir são os que se autodenominam a Desgraça de Odin.

Lembrei-me do rei dizendo isso durante sua conversa com Leif, e eu fiz uma careta. — São aquelas... Criaturas que vimos na noite passada em aliança com Sigtrygg?

Leif considerou por um momento. — Sigtrygg está constantemente buscando aliados fortes, e tenho certeza que eles se aproveitaram disso. Eu não deixaria passar o rei para unir forças com eles. Acho que Sigtrygg pode estar ainda mais interessado em ataques do que meu próprio povo. Ele não está satisfeito em ser apenas rei de Dyflin; ele quer ser rei de toda Éirinn.

Meu estômago caiu com a notícia. — Eu sabia que ele tinha projetos em Mide, mas não sabia que ele tinha tanta fome de poder.

— O suficiente para formar uma aliança com abominações — disse Leif, com nojo claro em sua voz. — Não devemos permanecer nesta cidade por muito mais tempo. A criatura que atacou você - onde ele está agora?

— Eu o matei. — Toquei meu pescoço e respirei estremecendo. Eu quase podia sentir suas mãos em volta da minha garganta mais uma vez.

— Sozinha? Se ele era verdadeiramente jötnar, como isso poderia ser possível? Morrigan lhe emprestou ajuda?

Eu balancei minha cabeça, pela primeira vez não ofendida por seu ceticismo. O nórdico de nariz de cobra era um inimigo superior; por todos os direitos, eu deveria estar morta. — Não sei explicar. Ele quase me sufocou a vida, mas eu consegui agarrar sua mente e revidar. Quando eu fiz, algo estranho aconteceu... — Eu parei quando tentei pensar na maneira certa de explicar o que havia acontecido quando eu mal conseguia entender. — Separei meu espírito do meu corpo e fui capaz de esmagar o coração do gigante.

Ele assentiu devagar, e eu pude perceber que ele estava tão perplexo quanto eu. — Agradeço aos deuses que você foi capaz - me assusta quando penso no que poderia ter acontecido... — Ele olhou para minha garganta e engoliu.

Eu levantei um ombro e deixei cair como se a mera lembrança da batalha com o gigante - e o que eu tinha achado fazer com aquela pobre garota - não me enchesse de terror.

— Você já fez isso antes - separou seu espírito de seu corpo?

Eu hesitei. — Só uma vez. Após a batalha no túnel das fadas. Não fazia ideia de que era uma nova manifestação de poder. — Esse pensamento me lembrou a gentileza de Leif em cuidar de mim, e senti um rubor subir pela minha garganta machucada.

Ele estendeu a mão e passou um dedo suavemente ao longo da minha mandíbula. — Você está com dor? Não suporto o pensamento de você estar quase morta.

Eu sufoquei o delicioso arrepio que percorreu minha espinha ao seu toque. Por que ele tinha esse efeito em mim?

Seus olhos varreram meu corpo, para a cama atrás de mim. Meu pulso acelerou. Pensamentos espontâneos e proibidos de arrancar as roupas de seu corpo, minhas unhas cravando na carne de suas costas enquanto eu me pressionava contra ele, veio sobre mim. Meu corpo se encheu de calor. Ao mesmo tempo, nojo se agitou dentro de mim. Que pessoa tinha pensamentos como esses? Sobre um nórdico assassino, nada menos.

E agora, um garoto que não tinha intenção de se casar - os nórdicos se casavam? - que com certeza só queria uma noite de prazer, me observou com desejo. Ele era meu aliado agora, sim, mas como eu poderia esquecer que ele tinha sido meu inimigo? Meus lábios se separaram para lhe dar boa noite, mas as palavras não vieram.

Ele deu um passo em minha direção, seu olhar concentrado no meu. Ele estava perto o suficiente para tocar. Perto o suficiente para beijar. Minha respiração ficou presa na garganta. Eu o queria. Por um momento, a tentação foi tão intensa que quase sucumbi a ela.

Ele é um nórdico, lembrei-me severamente.

Eu abaixei minha cabeça e empurrei contra seu peito largo. — Não posso.

O desejo ainda ardia em seus olhos, mas ele deu um passo para trás. — Você negaria que quer isso tanto quanto eu? — Eu podia ouvir a decepção escondida atrás de suas palavras.

— Eu não nego, — Eu disse suavemente. —Mas tem um preço muito alto.

Ele deu um passo para trás. — Eu não vou pressionar você. Basta que você continue confiando em mim.

Eu sorri para ele. — Eu nunca disse isso.

Uma batida hesitante soou da minha porta e nós dois nos viramos. — Irmão? — Arinbjorn chamou. — Eu preciso falar com você.

Leif abriu a porta e Arinbjorn correu, com as feições tensas. — O outro homem fugiu. Eu descobri isso agora de um servo.

Leif ficou tenso. — O servo viu para onde foi?

— Só que ele pegou seu cavalo de guerra e seguiu para o extremo norte da cidade.

— Então devemos seguir. Arin, prepare os cavalos. Trarei quem estiver sóbrio o suficiente para vir.

— Estou sóbrio. — Disse Arin.

Leif colocou o braço em volta do irmão. — Você deve ficar aqui. Você tem os ingredientes de um grande guerreiro, mas esse tempo ainda não chegou. Ciara e eu vamos rastrear o outro e, depois de derrotá-lo, voltamos aqui.

Arin franziu o cenho. — Prefiro ir com você, irmão.

A expressão de Leif não levou em consideração nenhum argumento. — Você tem sorte de não ter enviado você para casa com um guarda armado. Você pode ficar com nossos homens, mas não vai entrar em perigo diretamente.

Ele assentiu rigidamente, e eu lancei a ele um olhar de simpatia. Eu sabia que naquela idade era difícil saber que você não podia lutar, e mesmo assim entendia por que Leif não queria que seu irmão enfrentasse tanto perigo. Quando eu tinha apenas um pouco mais de idade que Arin, e meus poderes mal se

manifestavam, eu estava andando na praia quando avistei as velas de um invasor nórdico. Eu implorei a Fergus e Conall que me deixassem ficar, mas eles me arrastaram da costa como um lobo, impedindo que um filhote jovem se juntasse à caçada. Felizmente, essa batalha em particular não foi além das nossas costas.

Arin pode já ter aprendido o básico da luta, mas ele não era hábil o suficiente para enfrentar esses monstros - nenhum de nós era. Olhei para o meu vestido rasgado, de repente desesperada para vestir minhas próprias roupas, minha armadura familiar. Eu olhei para cima e encontrei Leif me observando.

— Sinto muito que você não tenha um momento para descansar. — Disse ele gentilmente. Seus olhos caíram no meu pescoço e um músculo em sua mandíbula se contraiu. — Sua garganta provavelmente lhe causará mais dor.

Era um dos muitos hematomas e ferimentos, mas há muito deixei de lado a dor. Isso me torturaria mais tarde, quando eu ficasse em repouso, mas enquanto eu ainda estava ativa e focada em outras coisas, era mais do que suportável. — Eu vou ficar bem. — Eu dei um passo para trás, longe dele e longe da preocupação em seus olhos. — Vou me juntar a você nos estábulos, mas primeiro preciso me trocar. Este vestido restringe demais o meu movimento.

Arin riu. — Não em pedaços como é.

Eu o afastei com um sorriso de resposta. — Vão. Deixem-me. Eu vou me juntar a vocês em breve.

CAPITULO 13

Depois de um afetuoso adeus a Arin, que me surpreendeu ao abraçar-me, Leif e eu montamos nossos cavalos de guerra. De alguma forma, Leif havia adquirido um enorme cavalo castanho, suas costas largas e ombros poderosos, fortes o suficiente para transportar dois homens confortavelmente. Eu suspeitava que ele apenas se serviu de algum no estábulo do rei, e se assim fosse, seria apenas o que o rei merecia.

Quatro dos homens de Leif conseguiram despertar e, depois de vestir cota de malha e armadura de couro, montaram seus próprios cavalos emprestados.

Leif trouxe o cavalo ao meu lado, a brisa da noite agitando a pele de lobo prateado que ele usava sobre os ombros. — Lembre a princesa Ciara de seus nomes novamente. — Disse ele a seus homens. — É justo que ela saiba os nomes dos homens com quem lutará ao lado.

— Você já me conhece. — Disse Gunnarr com um sorriso. Era ele quem me lembrava tanto Conall que eu não pude deixar de sorrir de volta.

— Eu sou Ulf. — Outro disse com uma voz estridente. Ele era tão grande que me perguntei se o cavalo seria capaz de acompanhar o resto de nós.

Outro avançou o cavalo. — E eu sou Olafur. Você vai se lembrar de mim porque eu vou derrubá-la - jötnar ou não. — Ele sorriu ameaçadoramente, e os outros riram. Eu sorri porque me lembraria mais dele pela tatuagem de dragão em seu pescoço.

Leif fez sinal para o jovem guerreiro à minha direita falar. — Eadric. — Disse ele. Seus cabelos e barba estavam em tranças elaboradas. Seus modos eram distantes, como se ele estivesse pronto para sair e não tivesse tempo para nossas apresentações. Eu pensei que ele provaria ser um lutador impiedoso.

Eu me curvei tão graciosamente quanto pude no topo de Sleipnir. Não foram necessárias banalidades sem sentido com esse grupo; há muito que a atenção deles voltara a Leif.

— Vamos para o portão norte. — Disse Leif, já instando o cavalo a galope.

Nós o seguimos pelas ruas imundas de Dubhlinn, uma sensação desagradável de puxão crescendo em meu abdômen quanto mais perto chegávamos dos portões. Com o pôr do sol, a cidade estava alta, cheia de pessoas correndo para terminar o dia de trabalho. Além do som dos cavalos, nosso grupo ficou sombriamente silencioso.

Leif parou o cavalo assim que passamos pelo portão norte. — Norte? — ele perguntou-me.

Examinei o chão em busca de sinais de passagem, mas não havia faixas na terra dura e rochosa a seguir. Sleipnir bufou impaciente. Um vento provocou as pontas dos meus cabelos enquanto eu olhava para o norte, e o ar ficou estranhamente frio.

— Norte — Eu concordei.

Incitamos nossos cavalos a um ritmo vertiginoso. Quanto mais ao norte de Dubhlinn fomos, mais frio o vento aumentou, até parecer que a própria natureza estremeceu com a passagem de tal abominação.

Depois de horas galopando até o vento bater em nossos rostos, alternando com intervalos para permitir que os cavalos diminuíssem a velocidade, paramos em um riacho para deixar os cavalos beberem.

Leif examinou os arredores com cautela. — Não haverá outras monstruosidades gaélicas para nos atrasar, haverá?

Olafur deu um tapinha no cavalo, cujos lados já estavam arfando. — Esta terra é tão perigosa quanto a nossa, então?

— Eu rezo que não. — Eu disse. — Viajei por Éirinn e nunca encontrei nada, mas assim que me juntei a Leif em sua missão, encontrei criaturas das quais só ouvi falar. Mas então, o caçador no túnel das fadas nos disse que os gigantes os estavam perturbando.

— Não pode estar muito mais longe. — Disse Olafur. Seus pequenos olhos examinaram nosso ambiente. — Ele não teve muito avanço.

— Vamos pega-lo. — Disse Leif. Seu olhar mudou para mim gentil. — Você está pronta para andar? Você não está tonta ou enjoada com a lesão na sua cabeça?

Eu zombei. — Se você me acha tão debilitada, cometeu um erro terrível ao me escolher como sua parceira nesta próxima batalha. Mesmo com a chance de seis contra um, teremos a sorte de escapar com nossas vidas.

A diversão brilhava claramente em seu rosto e se espalhava pelos outros homens, mas Leif não disse nada enquanto montava seu cavalo. Uma onda de náusea e tontura me atacou quando me puxei para Sleipnir, lembrando-me que não havia me recuperado completamente. Eu mantive um aperto firme na crina de Sleipnir, furiosa com o meu corpo por provar que Leif estava certo.

Os cavalos avançaram, prontos para retomar o ritmo constante. Eu deixei Sleipnir levar sua cabeça, e ele e o garanhão Leif cavalgaram um ao outro com

passos largos. A dor da minha garganta e o latejar da minha cabeça ameaçavam me engolir como uma onda, uma tortura ardente a cada respiração, mas lutei de volta até que tudo que eu podia sentir era o trovão dos cascos dos cavalos.

Deus sabia que eu precisaria da minha força.



Alcançamos o jötunn com cara de cavalo na calada da noite, a lua acima de nós como se estivesse iluminando o caminho. Ele havia acampado no meio de um prado. O gado no campo manteve distância e ficou amontoado como se sentisse um lobo entre eles.

Ele acendeu uma grande fogueira, a fumaça subindo descaradamente. Ele se reclinou diante dela, suas costas contra um carvalho alto. Como o jötunn de nariz de cobra que consegui matar, este poderia passar como um homem comum de longe. E de sua posição relaxada, ficou claro que ele não temia ser descoberto.

Leif sacou a espada e os outros prepararam seus machados e escudos. Eles incitaram seus cavalos para frente e eu os segui a distância. O estrondo de seus cascos alertou o jötunn, e ele ficou de pé, com o rosto horrivelmente torcido à luz do fogo.

Ele riu e estendeu os braços. — Vocês estão muito atrasados agora. Vamos separá-lo, pedaço por pedaço.

Com a palavra nós, puxei Sleipnir para uma parada deslizante, um grito de advertência para os outros morrendo em meus lábios. Dois outros jötnar

apareceram da capa de fumaça. Eu os tinha confundido com árvores, mas agora, para meu horror, percebi meu erro. Enfrentávamos três agora, em vez de um, e com uma terrível sensação de afundamento, eu sabia que encontraríamos nossas mortes aqui na escuridão.

A carga de Leif não pôde ser interrompida a tempo. O primeiro jötunn atingiu tão rápido quanto um raio. Ele se afastou do caminho da espada de Leif e cortou as pernas de seu cavalo debaixo dele com um machado de guerra. Seu cavalo caiu no chão, mas Leif saltou de costas no último momento. Um choque de metal contra metal soou durante a noite quando a espada de Leif encontrou o machado do jötunn.

Gunnarr e Ulf correram para ajudar Leif. Um dos gigantes cortou Ulf de seu cavalo, seu machado enviando um jato de sangue da garganta de Ulf. Ulf caiu do cavalo com um baque doloroso.

Enquanto o caos da batalha tomava conta de mim, percebi que nunca havíamos discutido estratégia. Eram homens experientes que haviam travado muitas batalhas juntos, e eu estava acostumada com meus próprios homens do clã que sabiam me cobrir enquanto eu procurava controlar a mente do inimigo.

O bater dos pés com botas pesadas me interrompeu antes que eu pudesse decidir o melhor curso de ação.

Um gigante com cabelos tão escuros quanto o céu noturno trovejou em minha direção, seus lábios se abriram em uma careta feroz. Ele derrubou um grande machado e eu afundei o calcanhar no lado de Sleipnir para evitar o ataque. Eu temia que não tivesse forças para enfrentar seu golpe de frente, então galopei atrás do gigante e enfiei minha espada nas costas dele. Ele girou com um grito de raiva e desviou meus ataques. Com cada golpe atingido, ele empurrava contra

minha espada até meu braço estar gritando com o esforço. Embora estivesse montada em Sleipnir, não tinha a vantagem da altura. O gigante de cabelos pretos pairava acima de nós, tão alto que as pontas das orelhas de Sleipnir atingiam apenas os joelhos do monstro.

Eu não duraria muito em uma batalha física, mas precisava de um momento em que não corresse o risco de ter minha cabeça cortada para estender a mão e assumir o controle. Normalmente, eu tinha que fazer contato visual para dominar a mente de outra pessoa - era a conexão mais forte e assegurava que eu tinha controle total - mas o gigante não estava cooperando. No entanto, havia outro caminho. Eu havia treinado apenas algumas vezes para aumentar a distância da qual eu poderia controlar outro, e minha taxa de sucesso não tinha sido alta. Ainda assim, eu tentaria aqui e agora.

Girei Sleipnir e galopei a uma curta distância - o suficiente para me dar um tempo. Concentrando-me no gigante de cabelos escuros, estendi a mão para sua mente. Escuridão escorregadia me esperava, tão difícil de agarrar quanto a água. O gigante congelou. O suor escorria pela minha testa enquanto eu lutava para manter o controle. Sua mente era tão poderosa quanto a do gigante que eu havia lutado em Dubhlinn - apenas meu senso de suas emoções diferia muito. O ódio estava presente em abundância, em relação aos nórdicos e, especialmente, em relação a seus deuses estranhos, mas havia mais... Um lampejo de uma mulher sendo levada por um homem musculoso, com cabelos esvoaçantes e barba trançada.

Uma parte de mim queria agarrar a memória e analisá-la - havia mais nesses gigantes selvagens do que assassinatos sem sentido? -, mas eu não tinha esse luxo. O gigante lutou comigo por controle, conseguindo se libertar apenas o suficiente

para começar uma marcha lenta em minha direção. Eu não tinha que estar em sua mente para saber que, uma vez que ele me alcançasse, ele me destruiria.

Possíveis soluções passaram pela minha mente. Eu poderia tomar a força vital dele como fizera em Dubhlinn? Mas como? Nas duas vezes, eu estava quase inconsciente. Tentei procurar dentro de mim a estranha porta de luz, mas tudo resultou em relaxar meu aperto no gigante.

A terra ao meu redor estremeceu quando a velocidade dele em minha direção aumentou, e lutei para lutar novamente com o controle. Minha cabeça latejava com o esforço, mas consegui diminuir o avanço dele.

Eu podia ver apenas uma maneira de sair disso: eu teria que esperar que o meu domínio sobre ele fosse suficiente para dar poder real a um ataque ofensivo. Com o mínimo toque dos meus calcanhares nas laterais de Sleipnir, disparamos em direção ao gigante de cabelos escuros. Eu golpeei com minha espada, meus olhos na área do peito dele acima do coração, mas no último momento, o gigante levantou o machado.

Minha espada mordeu seu braço, cortando até os ossos. Ele largou o machado com um uivo de dor. Eu ataquei novamente, empurrando a ponta da minha lâmina em seu peito. Um lampejo de surpresa percorreu nossa conexão mental, seguido rapidamente por pensamentos sobre a mulher novamente e intensos sentimentos de amor e arrependimento.

Sua mente ficou escura quando ele caiu no chão, deixando-me de pé um pouco aturdida.

Ao meu redor, os sons de machados atingindo um ao outro era quase ensurdecedor. Gunnarr ajudou Leif enquanto Olafur e Eadric lutavam contra o gigante que havia matado Ulf. A maioria dos outros havia sido despojado de seus

cavalos. Os corpos dos pobres animais estavam amontoados no chão, e um repentino medo me apunhalou quando pensei em Sleipnir. Nunca antes eu temi pelo meu grande cavalo de guerra, mas estes não eram homens normais.

À minha direita, o jötunn que Olafur e Eadric lutavam sacudiu a terra com todos os seus movimentos. Os guerreiros foram forçados a desviar dos pés do gigante como ratos. Um terrível grito estrangulado momentaneamente chamou minha atenção. Olafur errou e o jötunn o esmagou. Eadric cortou os tornozelos gigantes do jötunn quando a monstruosidade cortou a cabeça de Olafur de seu corpo. Sem a ajuda de Olafur, Eadric logo cairia.

Meus olhos se fecharam em concentração, cheguei à mente do gigante. Eu me conectei com nada além de ar vazio - a distância era muito grande -, mas Sleipnir disparou em direção ao inimigo com quase nenhuma insistência. O escudo de Eadric cedeu sob o poderoso golpe do gigante, e eu agarrei a mente do gigante, finalmente me conectando a tempo de impedi-lo de esmagar Eadric sob outro golpe de seu machado.

Mas muito cedo, meu aperto frágil escapou. Minhas muitas feridas reabriram e estavam sangrando livremente. Meus músculos tremiam de fadiga.

Pelo canto do olho, vi Leif lutando com o jötunn com cara de cavalo. Para minha surpresa, o monstro agora era tão alto quanto os outros gigantes.

Apesar do tamanho do gigante com cara de cavalo, Leif parecia capaz de desviar seus ataques, os músculos do braço inchando como se logo se libertassem. Com um grito alto, Leif executou uma série de ataques tão rapidamente que eu mal conseguia rastreá-los com os olhos. O gigante também só podia se defender contra apenas alguns deles. Uma grande torrente de sangue jorrova do gigante por vários ferimentos, mas antes que qualquer um de nós pudesse saborear nossa

vitória, o gigante bateu em Leif e o jogou no chão. Ele imediatamente apreendeu Gunnarr e o esmagou.

Três já estavam mortos.

Mais uma vez o medo correu através de mim, de que nunca deixaríamos essa batalha vivos.

Os olhos de Leif encontraram os meus e vi sua boca começar a formar a palavra recuar.

Antes que ele pudesse, os dois gigantes restantes se ergueram sobre nós, e eu senti o primeiro tentáculo escuro de desespero envolver meu coração. Sleipnir virou-se, levando-me em segurança contra a minha vontade. O gigante com cara de cavalo agarrou Eadric pelos braços e balançou seu corpo em direção ao outro gigante. O outro gigante agarrou as pernas de Eadric e os dois gigantes puxaram.

Eles rasgaram Eadric ao meio em meio a gritos agonizados e ao som de carne e tendões rasgados, seu corpo se separando nas articulações tão facilmente quanto um pato assado.

Superados, enfraquecidos e facilmente derrotados, não tínhamos chance - mas eu ainda tinha meu cavalo. Abaixo de mim, os músculos de Sleipnir tremiam, esperando meu comando. Meus calcanhares mal tocaram seus lados, e ele disparou para frente.

Minha respiração veio rápida enquanto meu coração batia quase dolorosamente contra o meu peito. Minha mão tremia tanto de medo e fadiga que eu mal conseguia segurar minha espada. Ainda assim, alcancei a mente do gigante com cara de cavalo. Eu não poderia usá-lo como guarda-costas, mas poderia detê-lo. Parecia que minha mente se separaria, a dor quase me cegando. Mas eu não poderia ceder a isso.

O gigante com cara de cavalo congelou no lugar. Seu rosto se contorceu com o esforço de lutar contra mim, e manchas escuras dançaram diante dos meus olhos quando senti meu aperto frágil sobre ele ceder.

O gigante levantou o machado para dar o que certamente seria um golpe mortal, e Sleipnir saltou para fora do caminho, de repente eu perdi o meu lugar.

Caí com força, minha respiração deixando meus pulmões em um instante. Com o meu olhar para o céu, vi um pássaro preto fazendo círculos lentos acima de nós.

Em um passo, o gigante com cara de cavalo estava em cima de mim novamente. Foram meus próprios poderes mentais que me mantiveram respirando - forcei meus pulmões protestantes a respirar. Eu rolei para o lado para evitar o machado dele. Ele o derrubou novamente, mas desta vez encontrou um tinido de metal. Leif ficou entre nós, encontrando golpe por golpe do gigante.

Eu tropecei de volta aos meus pés. A terra tremeu e levantei minha cabeça para ver o outro gigante caindo sobre nós. Tão rápido quanto ele era, ele estava retardado por lesões óbvias nos tendões das pernas. Eu assisti Leif repetir o movimento no gigante com cara de cavalo diante de nós. Ele deslizou por baixo do balanço do machado e cortou o gigante logo acima do tornozelo.

Com um rugido, o gigante com cara de cavalo recuou. Leif estava na minha frente, bloqueando meu corpo com o dele quando o outro gigante chegou até nós.

De perto, a altura deles era estonteante. A cabeça de um era tão volumosa e deformada que parecia um rosto de uma montanha escarpada. Leif atacou, mas o gigante o agarrou como uma criança faria um brinquedo. Ele segurou Leif no alto, apertando os dedos em torno de todo o meio do corpo de Leif. Em momentos ele seria esmagado como um inseto.

Minha mente atacou, arrebatando o gigante como uma ave de rapina. Algo quente e úmido começou a pingar do meu nariz. Eu o forcei a largar Leif e toquei a ponta do meu dedo no meu lábio superior. Voltou vermelho com sangue.

No instante seguinte, eu estava no ar.

O gigante com cara de cavalo rugiu na minha cara. Seus dedos eram mais longos e mais grossos que minhas pernas, e ele os envolveu cada vez mais apertado em volta da minha cintura. Eu lutei loucamente, tentando ganhar um centímetro de espaço para respirar. Seu aperto apenas aumentou. Mordi o dedo mais próximo de mim, mas não houve reação.

Leif gritou quando o gigante que me segurava na mão o chutou violentamente nas costelas.

Liberando o outro gigante, chamei novamente, e o poder dentro de mim lutou para responder. Os dedos do gigante com cara de cavalo continuaram se fechando ao meu redor até que, com um grito, senti cada costela ceder. Com uma explosão de energia nascida do desespero, eu bloqueei a dor e mudei minha mente para sua mente. Seus dedos perderam o controle sobre mim, e eu caí em um monte quebrado ao lado de Leif. Se Leif tivesse o poder de curar-se de tal trauma, certamente não chegaria a tempo.

Através da minha névoa de agonia, senti um calor tocar meus dedos. Leif estendeu a mão para mim, sua mão apenas roçando a minha. Eu desejava agarrar, mas não conseguia mexer mais os dedos do que podia suportar. Os rostos das minhas doces irmãs brilharam diante da minha mente; uma dor muito mais profunda do que a dos meus ossos quebrados torceu dentro de mim. Eu falhei com elas.

Um desespero sombrio tomou conta de mim quando o gigante com cara de cavalo riu acima de nós. Eu não mentiria aqui e aceitaria meu destino. Eu não faria.

Algo estalou dentro de mim, mesmo quando o sangue escorria do meu nariz e minhas muitas feridas. Minhas pálpebras se fecharam, a escuridão me engoliu inteira. A porta da luz apareceu mais uma vez, embora desta vez eu pudesse sentir um movimento além do limiar.

Puxe-se para cá uma voz chamava.

Não sem ele, pensei.

Com a minha última força minguante, segurei a mão de Leif. Eu podia sentir os gigantes pairando acima de nós. Por dentro, arrastei eu e Leif em direção à porta.

A agonia despedaçou meu corpo em um milhão de pedaços. O nada negro da morte ameaçava se firmar, mas eu lutei, meu olhar fixo na porta iluminada.

Caí, meus dedos entrelaçados com os de Leif.

Em uma queda livre, nossos corpos desciam através de uma luz branca ofuscante.

E então não havia nada.

CAPITULO 14

Eu pisquei lentamente em consciência. A luz do sol batia no meu corpo, deliciosamente quente. A grama me embalava como o chão mais fofo. Uma brisa suave provocava meus cabelos e mexia as folhas da árvore acima de mim. Mas com pressa, lembrei.

Eu pulei para cima como se tivesse sido marcada, ficando de pé em uma onda. Eu me preparei para um ataque de dor, mas não havia nada. Quando toquei cuidadosamente os locais das minhas antigas feridas, não encontrei nada além de pele curada.

Um bosque de árvores me cercava. Eles eram como guardiões da floresta, suas folhas balançando suavemente com a brisa. Os troncos eram tão largos e retorcidos que não havia dúvida de que eram antigos e, por um momento, todos os músculos do meu corpo ficaram tensos. Certamente não havíamos tropeçado no túnel das fadas novamente.

— Leif? — Chamei, suavemente a princípio, depois com crescente ansiedade quando não ouvi resposta. Eu girei em um círculo, meu coração batendo rápido. — Leif!

A brisa aumentou, atraindo meus olhos para os cabelos dourados suavemente farfalhantes da cabeça de Leif.

Ele estava deitado à sombra de uma das enormes árvores, os membros projetados em ângulos estranhos do corpo, como se ele tivesse sido jogado ao chão em um estado de inconsciência.

Eu corri para o lado dele. Garras dolorosas de medo me seguravam enquanto eu observava seu peito pela respiração reveladora. Suas roupas estavam desfiadas, mas a pele por baixo era lisa, como se já estivesse curada. Após um momento agonizante, ele respirou. Era raso, mas lá. Alívio fez meus ombros cederem.

— Leif? — Eu disse novamente suavemente. Seus olhos tremeram, mas ele não se mexeu.

Meu olhar viajou do peito para as pernas; até suas perneiras de couro foram rasgadas, mas não havia sangue, hematomas, nenhum sinal de que quase deixamos este mundo. Há quanto tempo estamos aqui?

Tentativamente, afastei o couro e a cota de malha que cobriam seu torso, mas assim que meus dedos tocaram a pele quente por baixo, os olhos de Leif se abriram.

Eu pulei para trás como se estivesse escaldado, e seus lábios se torceram em um sorriso irônico. — Por todos os meios, princesa, continue seu intenso escrutínio. — Disse ele com uma voz muito mais rouca que o normal. — Só espero que você tenha encontrado tudo ao seu gosto.

Desejos em guerra de abraçá-lo e sufocar a vida dele competiam dentro de mim. Decidi encarar.

— Certamente eu não mereço esse olhar, mais uma vez por pouco perdendo a chance de caminhar pelos corredores de Valhalla.

Calma, suavizei minha expressão. — Eu estava examinando você por alguma lesão. Você se curou rapidamente, então?

Com um gemido, ele rolou para o lado antes de se levantar laboriosamente. Ele balançou por um momento como se perdesse o equilíbrio, e eu arremessei

minha mão para segurá-lo. — Nem eu posso me recuperar tão rapidamente dessa batalha. — Seu olhar passou por mim. — Embora pareça que você sim.

— Você fala a verdade, mas eu não sei como aconteceu. Eu nem sei onde estamos.

— Tenho certeza de que estamos em algum lugar com uma abundância de monstruosidades celtas. — Disse Leif, observando o ambiente com uma expressão cautelosa. — O que está claro é que você nos transportou para algum lugar que o jötnar não podia seguir.

Agora que Leif estava de pé e, se não estivesse completamente curado, certamente a caminho, uma nova ansiedade tomou conta de mim. — Sim, mas como voltaremos se eu nem souber como chegamos aqui?

— Vamos nos preocupar com isso mais tarde. Primeiro, precisamos encontrar água.

Ele se afastou como se soubesse para onde estava indo, e foi então que eu também ouvi - o murmúrio silencioso de um riacho.

Seguimos o som até sua fonte, a uma curta distância de onde estávamos. O riacho abria um caminho entre as árvores, a água tão lindamente clara que brilhava como pedras preciosas quando a luz do sol a atingiu. Leif pegou com as mãos em concha e bebeu sem hesitar, engolindo avidamente. Observando-o beber, fiquei subitamente consciente da minha própria sede, minha garganta seca como areia. Ansiosamente, me ajoelhei, segurei em minhas mãos e bebi. A água estava tão fria quanto um córrego da montanha, e tão deliciosamente deliciosa que eu bebi várias vezes antes que minha sede fosse finalmente saciada.

Limpando o excesso de água com a borda da minha capa, afundei-me nos calcanhares.

Leif sentou-se pesadamente ao meu lado e, por um momento, encaramos o riacho e respiramos. — Acho que é hora de descobrirmos onde estamos. — Disse ele.

— O que você lembra? — Eu perguntei, pensando na porta brilhante.

A mandíbula de Leif se contraiu. — Todos os meus homens morrendo. O jötnar quase matou a nós dois. E... — Seus olhos mudaram da água para o meu rosto. —... Sua mão sobre a minha.

Seu olhar intenso capturou minha atenção por um momento, e mordi o interior da minha bochecha apenas para impedir que meu corpo traidor fechasse a distância entre nós. Olhei para a mão dele ao meu lado, os tendões e veias visíveis à prova de sua força. E, no entanto, fracassamos.

Imaginei os jötnar continuando seu caminho de destruição até Mide, e minhas respirações vieram mais rápidas. — Uma porta apareceu em minha mente, e uma voz me disse para entrar. — Eu encontrei seu olhar. — Mas eu não poderia te deixar.

Ele tocou minha bochecha com a mão que eu estava apenas admirando, o calor se espalhando pelo meu corpo. — Estou agradecido que você me salvou. Sinto muito que você precisava. É claro que fomos poupados, então a missão continuará. Vamos encontrar um caminho de volta.

Mas o que então? Com toda a nossa força, mal sobrevivemos. Eu não podia dizer os pensamentos em voz alta, como se dar voz a eles lhes desse poder sobre mim.

Um sussurro veio das árvores acima de nós. Sutil no começo, como uma brisa suave agitando as folhas. Logo chegou a um nível em que era aparente que palavras estavam sendo trocadas, embora a linguagem estivesse além do nosso

entendimento. Parecia tão orgânico quanto a água que fluía sobre a rocha ou o vento uivando através dos galhos.

Olhei de volta para Leif, e ele assentiu - um reconhecimento tácito de que não estávamos sozinhos.

A água se juntou, murmurando na mesma língua que as árvores, aumentando a cacofonia. Em meio a esse caos, uma porta apareceu dentro da árvore mais próxima de nós, e um animal bem iluminado entrou.

Era uma cadela graciosa, de pernas longas, com a pele amarelada como a de um leão. Ela nos assistia com olhos dourados inteligentes. Naqueles olhos, eu quase conseguia distinguir outra forma, a figura esbelta de uma mulher. Outra deusa?

— Vejo que vocês encontraram as águas curadoras. — Disse uma voz suavemente melódica, sussurrando através das árvores e em nossas mentes. Parecia que essas não eram as palavras da cachorra, mas sim outra falando através dela. A inteligência da cadela era clara, mas eu acreditava que a verdadeira dona da voz usava a cadela para permitir que ela visse sem estar fisicamente presente.

A expressão da cadela era aberta e amigável, mas, mesmo assim, lembrei-me do meu último encontro com um animal imbuído de poderes imortais. Eu teria que escolher minhas palavras com cuidado. — Pedimos perdão se invadimos. Estávamos em uma batalha por nossas vidas, e o que eu fiz para nos trazer aqui foi um ato de desespero.

— Você não pode invadir se for convidada. E eu sei tudo sobre sua batalha; suas feridas foram tratadas.

— Então espero que você passe nossos agradecimentos a quem teve a gentileza de nos atender. — Eu disse. — Posso perguntar, então, onde estamos?

— Você está no reino dos Tuatha Dé Danann. — Disse a voz. — Eu sou Brigid.

Um pequeno choque de reconhecimento passou por mim. — Você é a deusa da cura. — Eu disse, principalmente para o benefício de Leif. — Deve ser você a quem devemos nossos agradecimentos.

A cachorra emitiu um som suave de reconhecimento.

— O que eu não entendo, — Eu disse. — É como chegamos aqui. — Lembrei-me do momento terrível em que Leif e eu quase tínhamos morrido, quando a porta de luz branca se abriu em minha mente. O que havia de diferente dessa vez?

— Alguém abriu a porta deste lado - a porta que liga o nosso reino ao seu. — Disse a voz, como se isso fizesse sentido.

Leif e eu trocamos um olhar confuso. —E há quanto tempo estamos aqui? — Leif perguntou.

— Este reino é um tempo sem tempo, — Disse a voz. — Mas em sua terra, várias semanas se passaram.

Eu senti a cor sumir do meu rosto; minha cabeça bateu com um aviso. De novo não. Imagens de pesadelo de minhas irmãs e homens do clã à mercê dessas monstruosidades surgiram diante de minha mente. Muito tempo para continuar em Mide. Até bastante tempo para navegar para o norte, até a terra natal de Leif, em busca de reforços. Tanto quanto eles sabiam, os dois únicos guerreiros com o poder de detê-los haviam desaparecido.

— Semanas? — Leif exigiu, sua expressão tão sombria quanto a minha. — Nós devemos voltar.

A cabeça da cachorra inclinou-se para o lado. — Se você voltasse agora, por quanto tempo acha que poderia sobreviver contra as abominações nórdicas?

A mandíbula de Leif se contraiu. — Perdemos essa batalha, mas aprendemos com ela. Não vamos falhar novamente.

— Vocês dois receberam grandes presentes; Ciara, você nasceu com um poder sobrenatural. — Os olhos dourados da cachorra encontraram os meus antes de mudar para Leif. — E você, Leif, fez um pacto para alcançá-lo.

Eu me aproximei. — Quem sou eu? Como nasci com tanto poder? — Algo como consciência provocou o fundo da minha mente, como se eu estivesse no limiar de responder a um grande mistério.

— Você saberá - com o tempo. O conhecimento agora apenas a atrapalharia, e não é minha verdade para dizer. Embora agora você deva perceber que não é mortal. — Suas palavras pairavam no ar. Eu sempre soube que era algo mais do que humana, mas ainda era tão chocante quanto uma rajada de vento gelado confirmar isso por um ser antigo.

O desespero de saber a verdade sobre o meu poder não diminuiu com o aviso dela, mas eu sabia que discutir com a decisão dela de não me dizer era provavelmente inútil. Eu tentei uma tática diferente. — Então eu sou imortal?

Seus olhos encontraram os meus, a sabedoria rodando em suas profundezas. Mais uma vez, vi a figura de uma mulher escondida lá dentro. — Você quer dizer que você não pode ser morta? A resposta é que você viverá muito mais tempo do que o seu companheiro, e, no entanto, uma flecha bem direcionada ainda pode tirar sua vida. É esse toque de sangue imortal que trouxe você aqui.

— Se eu sou imortal, — Eu disse lentamente, ainda envolvendo minha mente com a revelação. — Então somos poderosos o suficiente para derrotar os jötnar?

— Você diz que aprendeu com sua batalha, mas não sou eu quem pode determinar isso. Você deve ir e falar com alguém que é mais experiente na guerra. Ela lhe dará o conselho de que ambos precisam para derrotar os gigantes.

Fiquei quase certa de que ela falou de Morrigan, especialmente porque esse era o reino dos Tuatha Dé Danann. — Perdoe-me, — Eu disse. —Mas por que as pessoas deste reino não podem nos ajudar lutando contra os gigantes? Certamente você é mais experiente e poderosa, e se nos der sua ajuda...

Mas a cachorra balançou a cabeça de ouro. — Uma vez, poderíamos ter feito isso. Uma vez, poderíamos ter caminhado sobre a terra e feito mudanças físicas nela. Agora é o Deus cristão quem governa Éirinn, e nós somos apenas sombras do que já fomos. Só temos formas físicas neste reino. Até curar você tinha que fazer neste reino, em vez do mundo mortal - lá, só podemos agir através de visões ou aparecer como animais.

Olhei para Leif e pensei nas Valquírias. — E o que dizer dos deuses da terra dele?

O olhar da cachorra pousou em Leif. — Eles têm uma influência maior por lá, mas até a influência deles está diminuindo. Eles procuraram o maior guerreiro em sua terra para ajudar na luta contra os gigantes, e pediram que enviássemos nosso guerreiro mais poderoso. Quando percebemos que Éirinn estava em perigo, concordamos.

Era difícil acreditar que eu seria considerada por alguém a guerreira mais poderosa, e especialmente pelos seres imortais antigos, mas também sabia que havia muito do meu poder ainda inexplorado.

— Você está ansiosa para retornar ao seu reino, — Ela continuou. — Mas antes de você ir... — Ela indicou com a cabeça uma bolsa de couro ao lado dela, despercebida até agora. — Presentes para vocês.

Timidamente, dei um passo à frente e peguei a bolsa. De dentro do recipiente enganosamente pequeno, tirei a armadura mais bonita que já vi. Perneiras de couro preto e prata e peitoral reforçados com cota de malha para mim e armadura de couro preto e cota de malha para Leif. Botas de couro resistentes para nós dois. Leif sorriu quando eu peguei seu manto prateado de pele de lobo; se era novo ou apenas reparado, eu não sabia.

— Estes são lindos presentes. — Eu disse, acariciando o couro flexível.

— Bonito e útil. — Disse a voz. — Você os achará mais fortes e mais ágeis do que outras armaduras. A cota de malha desviará qualquer lâmina.

— A armadura até Freyja e Odin ficariam orgulhosas de usar. — Disse Leif. — Você tem meus agradecimentos.

— E o meu também — Eu disse.

A cachorra assentiu antes de dar alguns passos para longe. Ela fez uma pausa e olhou para trás, o convite a seguir claro.

Uma brisa rodopiou ao meu redor então, o sussurro de um beijo no topo da minha cabeça. — Há grandeza em você, Ciara de Mide, além do que você realizou até agora. Pouco importa de onde vem seu poder, apenas que você o recebeu para proteger seu povo, como os Tuatha Dé Danann fizeram uma vez.

Uma resposta de esperança floresceu no meu peito.

A cachorra castanho-amarelada passava agilmente pela floresta antiga, a luz do sol fazendo com que as folhas brilhassem sobre nós. Foi embora a voz melódica e, embora o cão parecesse ter uma inteligência muito além da de um animal normal, a sensação de que um ser poderoso se apossara dele desapareceu.

Quanto mais nos levava, mais escuros ficavam os bosques, até os troncos das árvores eram pretos. Uma névoa serpenteava entre as árvores, fresca contra nossas pernas e quase tão alta quanto o cachorro. Aqui, a luz do sol lutava para penetrar nas folhas escuras, lançando tudo na sombra. O cachorro trotava a passos largos, mas parecia mais alerta, com as orelhas tremendo de um lado para o outro. Houve um silêncio gravíssimo, como a maneira como o ar parece tremer em antecipação a uma tempestade que se aproxima.

Leif, que vinha acompanhando de perto os calcanhares da cachorra, recuou até ficar ao meu lado. — Depois de encontrar cães infernais na última vez em que estivemos juntos na floresta, devemos ficar próximos.

Eu balancei a cabeça uma vez, movendo-me em direção a ele até nossos braços roçarem a cada passo. Por mais que eu odiasse admitir, eu me consolava com a proximidade dele, com a sensação do calor irradiando de seu corpo.

Um farfalhar chamou minha atenção para os galhos acima. Incontáveis olhos escuros e brilhantes olhavam para nós. Toquei o braço de Leif, indicando com o queixo o bando de corvos nos observando.

Um abriu o bico. *Caw-caw-caw*.

Logo outro se juntou, e outro, até que as árvores estavam cheias de gritos de corvos.

Até a cachorra se encolheu. Ela parou na nossa frente, e Leif e eu ficamos em posições de luta. Os pássaros começaram a bater as asas até a floresta ecoar com os sons deles.

Então, de repente, os corvos se calaram. Fumaça negra jorrou das raízes das árvores, deslizando pelo chão. Ele parou a meros pés de distância e solidificou-se em uma figura.

Ela estava vestida como se estivesse preparada para a batalha, completamente em couro preto flexível quase idêntico ao conjunto que eu recebi. Agarrava-se a ela como uma segunda pele. Sua cabeça ainda era a de um corvo e, ao meu lado, eu podia sentir Leif estremecer.

Os olhos de Morrigan encontraram os meus, sua expressão ilegível. Quando ela finalmente falou, sua voz era severamente distorcida pelo bico do corvo, eu me encolhi como se estivesse antecipando um golpe. — Vejo que Brigid curou vocês dois, embora vocês mal merecessem depois de perder a batalha tão espetacularmente.

Com isso, a cachorra emitiu um som estridente, como se estivesse se despedindo. Ela se sacudiu uma vez antes de se afastar como um cervo, desaparecendo na névoa.

Enquanto nossa atenção estava voltada para a cachorra, Morrigan se aproximou. Agora ela estava a apenas um pé de distância. Ela se inclinou ainda mais perto e Leif ficou tenso ao meu lado. — Ouça-me, nórdico. Vocês dois falharão. Um exército de homens nunca poderia derrotar o jötnar - mesmo com seu poder. Esta última batalha provou isso. Vocês falharam porque ainda lutam

separadamente. Você — Seus olhos de corvo encontraram os de Leif — Tem a força e a capacidade de luta de um deus. E você — Aqueles olhos sinistros voltaram para os meus — Tem a capacidade mental de comandar um exército de homens. No entanto, você não faz nada para combinar esses poderes. Vocês são arrogantes e tolos além da medida.

Suas palavras formigaram contra a minha pele. Pensei em Leif e eu lutando contra dois gigantes diferentes - por que não fui imediatamente em seu auxílio? Parecia óbvio agora que eu deveria ter tomado o controle da mente do primeiro gigante por tempo suficiente para Leif derrubá-lo. E, no entanto, eu estava tão acostumada a confiar principalmente em minhas próprias habilidades. Foi arrogância, então? Eu acreditava que era forte o suficiente - física e mentalmente - para derrotar um gigante sozinha? — Se aprendermos a trabalhar juntos, seremos capazes de superá-los? — Eu perguntei.

Morrigan inclinou a cabeça. — Possivelmente. Mas, novamente, há outro caminho. — Ela deu outro passo à frente até que eu pude sentir o frio emanando dela tanto quanto pude sentir o calor de Leif ao meu lado. — Além de muitas outras habilidades, Ciara tem a capacidade de convocar um exército de grande poder.

Um choque de surpresa passou por mim. — Mas como? Eu...

— Requer um grande sacrifício. — Os olhos dela escureceram, transformando-se em duas gotas de sangue por um momento fugaz. — Um sacrifício de sangue.

Eu dei um passo para trás. — Então não... Eu não poderia...

— Quantos? — Leif perguntou, seu rosto uma máscara de pedra.

Um sorriso lento e terrível curvou os lábios de Morrigan. — Os nórdicos não evitam sacrifícios de sangue, não é? O sangue de duzentos homens deve ser oferecido como pagamento.

A respiração correu dos meus pulmões como se eu tivesse sido batida nas minhas costas. — Isso não pode ser feito - não será feito.

— Conte-me mais sobre esse exército. — Disse Leif.

Agarrei seu braço. — Pare com isso. O preço é muito alto.

— O preço é alto, — Concordou Morrigan. — Mas o preço será ainda mais alto para Éirinn se você não pagar. Eu previ: sem este exército, você irá falhar. Mesmo agora, os jötnar voltaram para Skien, no norte, e Fenris trará essa batalha para nossas costas. — Sua atenção se voltou para mim. — Eu mostrei as consequências, Ciara, e você ainda me diz que o preço é muito caro?

O pânico borbulhou dentro de mim, enquanto eu encarava essa escolha que eu nunca poderia fazer.

— Conte-nos do exército. — Repetiu Leif.

— É composto por guerreiros que não podem morrer, por homens que são talentosos em batalha. — Morrigan ergueu o olhar para Leif. As penas em sua cabeça tremeram por um momento. — Eles são guerreiros que já morreram.

CAPITULO 15

Os corvos acima de nós bateram suas asas com o pronunciamento de Morrigan, e água gelada nadou em minhas veias. — Como os mortos podem lutar batalhas? — Eu perguntei.

— Eles são o exército dos mortos-vivos. — Respondeu Morrigan enigmaticamente. Seu olhar mudou para Leif. — Este sabe de guerreiros caídos que vivem para lutar novamente. Ele espera ser recebido nos corredores do próprio Valhalla um dia.

Um olhar de surpresa e quase esperança brilhou no rosto de Leif. — Você quer dizer que Ciara será capaz de chamar os einherjar?

A frustração cresceu dentro de mim. — Quem são os einherjar?

— Acredito que ele esteja se referindo às almas guerreiras que são levadas pelas Valquírias para Valhalla. — Disse Morrigan, com um brilho de diversão nos olhos. Ela voltou sua atenção para Leif. — Mas Ciara é filha de Éirinn. Ela não pode chamar os einherjar.

A decepção de Leif ficou evidente na queda de seus ombros.

— Se não eles, então quem? — Eu perguntei.

— Seu próprio povo. — Disse Morrigan. — Brigid deu a você presentes de armadura, mas eu tenho espadas que perfuram até a carne dura dos jötnar. — Ela puxou duas espadas da névoa a seus pés, espadas quase tão altas quanto Leif. — Para você, nórdico. — Disse ela, entregando-lhe uma espada com um punho ornamentado. Um nó celta compunha o pomo. — Essa é Vingança, assim

chamada porque se alimenta da necessidade de vingança. — Ela se virou para mim e me presenteou com uma espada tão bem trabalhada, só que o pomo era uma caveira em miniatura. — E para você, Ciara de Mide, eu dou a Espada dos Caídos.

Eu peguei com relutância. Assim que minha mão envolveu o punho, a espada vibrou, ganhando vida como se estivesse adormecida.

— Esta espada é a chave para convocar o exército de mortos-vivos. — Seu tom ficou astuto. — Você não gostaria de dar aos mortos um propósito nobre?

— Não à custa de condenar suas almas. — Eu debati.

Os olhos de Morrigan brilharam ameaçadoramente na luz sombria. — Então você condenou o povo de Éirinn - e suas irmãs restantes - à morte.

A raiva subiu tão rápido dentro de mim que eu quase engasguei com isso. — Você queria que eu lutasse por essa missão e é o que tenho feito, mas se essa era sua intenção o tempo todo, não serei manipulada. Leif e eu lutaremos juntos e derrotaremos os jötnar, apoiado por um exército de homens com carne e sangue e corações pulsantes. — Eu tremi por toda parte, a fúria repentina fazendo minha visão ficar avermelhada nas bordas. — Diga-me como voltar.

Morrigan olhou para mim por vários momentos, sua expressão perigosa. Foi apenas a minha raiva fervente que me impediu de temer que ela rasgasse meu coração tão facilmente quanto os do cães do inferno. — Você só precisa abrir a porta.

Assim que ela disse isso, tomei consciência da outra parte de mim, a parte etérea que podia abrir portas de luz e roubar a força vital de um jötunn. Eu indiquei para Leif me seguir antes de me afastar, ansiosa por me libertar da presença contaminada de Morrigan.

Eu quase consegui sair do bosque dos corvos antes de perceber que Leif não estava atrás de mim. Eu me virei, apenas para encontrar Morrigan e ele terminando uma conversa. Leif assentiu uma vez e se virou. A raiva se contorceu dentro de mim com o pensamento de ele ficar do lado de Morrigan. — O que você estava discutindo? — Eu perguntei assim que ele me alcançou.

Suas sobrancelhas estavam arqueadas acima de seus olhos, como se estivesse perdido em pensamentos. Ele olhou para cima e um sorriso irônico apareceu em seu rosto. — Eu estava implorando para ela não te matar, princesa. Deusas antigas da guerra não gostam de ser repreendidas como crianças.

Meus olhos se estreitaram. — Eu duvido disso. Você não é um pacificador de língua de prata.

— Não importa. Eu vou te apoiar, Ciara. Convocar o exército é sua escolha. Lutaremos contra os jötnar juntos. — O sorriso dele se tornou provocador. — Não sei ao certo de que serve um exército de celtas mortos.

Retornei seu sorriso, apesar do ódio de mim mesma, minha raiva se esvaindo tão rapidamente quanto tinha chegado. — Então devemos retornar.

Fechei os olhos e afundei na minha mente tão facilmente quanto me submergir em um banho. O som do vento nas árvores, o farfalhar dos animais, tudo, menos o som do meu batimento cardíaco desapareceu. Eu podia ver a porta, a luz brilhando logo depois. Com os olhos ainda fechados, peguei a mão de Leif, senti seu calor calejado forte contra a minha.

Em minha mente, a porta ficou tão grande quanto a de um castelo, a luz amarela tão brilhante quanto a luz do sol.

Fiquei no limiar com a mão de Leif firmemente na minha. A luz me envolveu, e eu me deixei cair.

O doce cheiro doentio de carne podre foi a primeira sensação a me cumprimentar quando eu tropecei, desorientada e nauseada em um campo. O mugido de uma vaca veio até mim na brisa, e eu pisquei meus olhos turvos. Lentamente, Leif entrou em foco. Ele estava agachado ao meu lado, de cabeça baixa, como se estivesse tão desorientado quanto eu. De alguma forma, estávamos vestidos com nossa armadura talentosa, embora eu não tivesse lembrança de colocá-la. Eu encostei no punho da minha espada.

E então eu os vi - o que restou dos homens com quem lutamos.

Dedos esqueléticos estavam perto de mim, a carne colhida dos ossos. Um torso logo atrás deles, costelas expostas, a carne restante podre e coberta de moscas. Cobri o nariz quando o vento mudou de direção, soprando o cheiro dos nórdicos caídos em nossa direção. Ossos estavam espalhados como se animais tivessem se banqueteado com eles, embora eu tivesse minhas dúvidas de que os restos tivessem sido depositados por animais, tendo visto do que os jötnar eram capazes.

A brisa fez com que algo longo e preto tremulasse no chão rochoso, e eu congelei.

Leif ficou de pé e eu agarrei seu braço, meus dedos cravando no músculo. Pisquei rapidamente, lágrimas já obscurecendo minha visão.

— Ciara? — Leif disse, mas depois viu também.

Dei um passo e depois outro, até me ajoelhar ao lado do que restava do meu belo cavalo de guerra. Eles o rasgaram em pedaços, o brilho opaco de osso tão berrante contra o vermelho de sua carne. Sua crina foi o que chamou minha atenção, presa à sua cabeça decepada. Os olhos foram revirados até que apenas os brancos aparecessem.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto até que eu não consegui mais conter os soluços. Eu tinha esse cavalo desde que ele era um potro; Eu mesma o treinei. Perdê-lo era como ser exilada novamente, como perder o último pedaço da minha conexão com casa... Com Mide. Pior ainda foi a maneira como ele foi morto. Ele deve ter ficado aterrorizado.

— Me perdoe, Sleipnir, me perdoe. — Eu disse repetidamente. Lágrimas queimaram em minhas bochechas, caindo como chuva. Eu estava engasgando com as minhas palavras, engasgando com os soluços na minha garganta.

Leif colocou uma mão firme no meu ombro. Eu tremi quando a angústia e a dor caíram sobre mim. Ele me puxou para os meus pés e em seus braços, e eu o segurei como se ele fosse a única coisa que me mantivesse de pé. — Vamos reunir o que resta deles e construir uma grande pira. — Disse ele no meu cabelo. — Eles terão o funeral que merecem.

Ele me segurou até eu não sentir mais que a dor me puxaria para baixo como a maré. Lentamente, ele se desvencilhou de mim e caminhou até uma árvore com um tronco um pouco maior que a perna. Com um golpe poderoso, tão rápido que sua lâmina mística ficou embaçada, Leif cortou a espada através do tronco como se não fosse nada além de palha.

A árvore caiu no chão e começamos a trabalhar cortando galhos e juntando bastões secos suficientes para construir a pira. Foi um trabalho difícil, e Leif teve que me orientar na construção, como eu nunca havia feito nada parecido antes. Meu corpo apreciava o trabalho e minha mente estava agradecida por ter um objetivo.

A noite tinha caído quando terminamos.

Quando restava apenas Sleipnir para ser adicionado à pira, Leif me parou quando me inclinei para recuperar a cabeça de Sleipnir, as lágrimas embaçando minha visão. — Permita-me fazer isso por você.

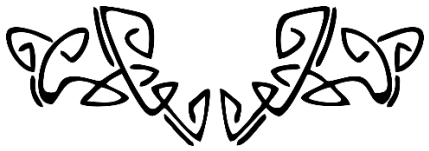
Eu balancei minha cabeça. — Não, você já reuniu os homens que conheceu e lutou ao lado. Não quero que você aguente minha dor também.

— Não é um fardo. — Disse ele, mas ficou de lado quando viu o olhar determinado nos meus olhos.

Peguei o que restava de Sleipnir e cuidadosamente o coloquei no topo da pira. Acariciando sua bochecha mais uma vez, inclinei minha cabeça. — Perdoe-me, Sleipnir. Você merece muito melhor que isso.

Leif me entregou uma das tochas que havia acendido. Com uma expressão sombria, ele tocou a chama no fundo da pira. — Fenris e todos os homens e jötnar que se juntaram a ele serão destruídos.

Eu adicionei minha própria chama à pira. Logo, o jötnar também queimaria, e eu seria a único a acender o fogo.



— Devemos continuar para Mide antes de voltarmos a Dubhlinn. — Eu disse a Leif, enquanto nos aconchegávamos diante da luz da nossa fogueira. Ao longe, a pira funerária ainda queimava. Exilada ou não, eu não poderia continuar sem saber que minha família estava segura. Havia perdido tanto tempo entre

quando eu saí e agora. — Eu devo ter certeza de que minhas irmãs estão seguras. E... Precisaremos de mais cavalos.

— E depois que chegarmos a Dubhlinn? — Leif perguntou. Ele se virou para olhar para mim, o reflexo das chamas em seus olhos. — Você me disse uma vez antes que só lutaria esta batalha em sua própria terra, mas e agora que você sabe que os jötnar se reuniram no norte? O que então, princesa?

Leif e seus homens partiriam para Skien, deixando as costas de Éirinn para trás. Eu odiava o mar. Eu nunca tinha estado em um barco, muito menos em um barco dos nórdicos... Mas também sabia que não podia ficar aqui e não fazer nada.

Eu encontrei o olhar de Leif, e algo apertou meu coração quando vi a preocupação que ele não estava se preocupando em esconder. Ele tinha medo que eu dissesse que não iria.

— Eu irei com você. — Eu disse. — Vou ver essa busca até o fim.

Ele estendeu a mão e me puxou para seu peito. Seus braços me envolveram como faixas de ferro. — Estou feliz que você tenha concordado por conta própria. Eu teria levado você à força se não o fizesse.

Eu ri para esconder o fato de que meu coração agora estava disparado irregularmente no meu peito. — Você não tem força.

Seu olhar aquecido encontrou o meu, e as risadas morreram na minha garganta. Meus olhos traidores se voltaram para seus lábios carnudos. Sua boca desceu sobre a minha antes que eu pudesse protestar. Com as duas mãos, ele embalou meu rosto, sua língua provocando meus lábios até que eu os abri.

Nossas línguas se encontraram, e a reação dentro de mim foi como um repentino relâmpago. Eu queria arrancar a cota de malha do corpo dele, passar os dedos sobre a pele macia por baixo. A atração do desejo lascivo era tão forte

que eu tremi com ela. Enquanto o calor crescia dentro de mim, minha mente procurou me lembrar que este era um homem que não tinha o direito de me tocar tão familiarmente, que era um nórdico, mas eu era surda a tudo isso. Seus dedos percorreram meu pescoço, deixando um calor ardente em seu rastro.

Mais, pensei, aprofundando o beijo.

Eu nunca tinha sido beijada antes - ninguém ousara.

Eu não pergunto, ele disse, *eu tomo*.

Eu não deveria ter gostado. Mas eu gostei.

— Finalmente. — Disse Leif enquanto arrastava beijos pelo meu pescoço. — Eu queria fazer isso há muito tempo.

Inclinei minha cabeça para lhe dar melhor acesso, um pequeno som me escapando quando seus lábios tocaram a pele sensível. Mas, naquele momento, as chamas da pira funerária chamaram minha atenção, e eu enrijeci. O cheiro acre de carne queimada flutuou em minha direção. Empurrei delicadamente contra ele e recostei-me. — Isto está errado. Não devemos fazer isso enquanto os homens que lutaram ao nosso lado ardem perto o suficiente para eu sentir as chamas.

Leif me avaliou com pálpebras pesadas. — Foi tão terrível me beijar, então?

Senti o calor subir do meu núcleo até as bochechas em um rubor. — Não.

— Devo tentar de novo? — Ele perguntou, seu olhar aumentando ainda mais a minha temperatura.

Sim. — Não.

Ele assentiu como se soubesse que seria a minha resposta. Puxei meus joelhos no meu peito e descansei meu queixo neles enquanto um vento frio agitava meu cabelo. — Eu tenho uma proposta para você. — Disse Leif, sua voz um mero murmúrio ao meu lado. — Se passarmos esta noite nos braços um do

outro, te darei a minha palavra que não farei nada além de dormir ao seu lado. A noite está fria e nós dois perdemos muito.

Não havia manipulação em sua voz. Ausente também estava seu habitual excesso de confiança. Na escuridão, era apenas uma alma pedindo calor e conforto à outra.

— Só por hoje à noite. — Eu sussurrei de volta.

Nós deitamos em seu manto prateado de lobo, minhas costas em seu peito. Ele passou os braços em volta de mim e, quando o calor bem-vindo me inundou, fechei meus olhos contra as lágrimas que ameaçavam vir. Nos braços de Leif, percebi que a agitação e angústia mental que sentia por ele eram infundadas. Leif era um nórdico, um estranho, mas ele me aceitou mais do que qualquer um do meu clã nunca fez.

Pois não pude deixar de pensar que ninguém jamais me segurara assim, nem eu precisava deles também.

Mas nessa noite escura, não ousei me afastar.

CAPITULO 16

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, o chão estava fresco com névoa e orvalho, mas os últimos raios de fumaça da pira funerária ainda estavam flutuando para o céu. Apertei minha mandíbula para impedir que as lágrimas fluíssem de novo e me inclinei para tocar a pilha de cinzas, imaginando Sleipnir como ele era antes.

Inclinando a cabeça, enviei uma oração por Sleipnir e até pelos nórdicos que haviam lutado ao meu lado. *Me dê a força para me vingar*.

Mantivemos um ritmo cansativo a pé até Mide. Ficamos em silêncio e focados, e eu sentia falta de Sleipnir a cada passo. Apesar de ter empurrado Leif para longe, como tantas vezes antes, as coisas pareciam ter mudado entre nós - como se tivéssemos descoberto parte de nossas almas. Pela primeira vez, senti um suspiro de esperança. Com nossa força combinada, havia pouco que pudesse nos parar.

Empolgada como eu, com esses pensamentos de nossa quase invencibilidade, o sentimento diminuiu quando pensei em realmente voltar para casa. Que recepção eu receberia ao entrar no pátio? Meu pai proibiria minha entrada no castelo? Mais importante, o que eu faria se ele tentasse? Eu sabia a resposta para isso; Eu sabia que gritaria a verdade sobre a ameaça jötnar no meio do terreno do castelo, se fosse necessário. Meus homens do clã poderiam não acreditar em mim, mas eles tinham o direito de saber o que logo os ameaçaria - se já não fosse uma ameaça imediata. Mais uma vez, um choque de medo por

minhas irmãs subiu pela minha espinha. Eu tinha que vê-las novamente, exílio ou não exílio.

Olhei para Leif correndo ao meu lado, o sol transformando seus cabelos em ouro, e eu sabia que, com o que quer que eu fosse ser recebida, lidaríamos com isso - juntos. Ele me pegou admirando-o e deu um sorriso que eu retornei facilmente. Uma amizade e aliança forjadas por derramamento de sangue e perda compartilhada.

Uma gaivota gritou por perto, e eu diminuí o ritmo. Quando respirei fundo, o sabor salgado da brisa do oceano encheu minhas narinas, trazendo uma torrente de lembranças. Os aromas familiares de casa.

Só que... Outro cheiro se apresentou - mais forte que os outros. O cheiro acre de algo queimado.

No topo da próxima colina, paramos. O castelo de meu pai pairava diante de nós na próxima subida, e a saudade de minha casa me atingiu no peito como uma flecha.

O cheiro de queimação no ar ficou mais forte, e as primeiras pontadas de medo perfuraram meu abdômen. — Espere por mim aqui. — Eu disse apressadamente para Leif. — Meu pai teria sua cabeça em um prego.

Sua mandíbula se apertou. — Eu não vou.

— Leif, por favor...

Ele cruzou os braços. — Onde você vai, eu vou. — Disse ele.

Olhei de seu rosto determinado para o contorno do castelo de meu pai ao longe. Não tive tempo de debater. — Está bem. Nós vamos juntos.

Descemos a colina e subimos o penhasco traiçoeiro do castelo de meu pai. Apenas dois guardas nos esperavam nos portões, com o rosto cinzento e sombrio.

— Princesa Ciara! — Disse o homem que eu reconheci tardiamente como Faelan, irmão de Fergus. Sua presença era um sinal ameaçador, pois ele era um fazendeiro, não um guerreiro. — O que você está fazendo aqui? Nós pensamos que você tinha sido exilada.

— Eu fui. — Eu disse, me preparando para as instruções que meu pai havia lhe dado no caso de eu voltar para casa.

— Brádan, — Disse ele ao homem magro ao seu lado. — Apresse-se e notifique a rainha que sua filha voltou.

Confusa que ele deveria chamar minha mãe em vez de meu pai, dou um passo em sua direção. — Faelan, onde está meu pai? — Eu perguntei.

Faelan se silenciou, e o pânico que me envolveu desde que cheirei o fogo começou a me sufocar. — Princesa, não é para eu dizer... — Seu olhar deslizou longe do meu, de volta para o castelo, a muralha que impediu muito do meu olhar, mas de repente eu estava desesperada para ver o interior.

Agarrei seu braço. — Minhas irmãs, onde estão Branna e Deidre?

— Seguras, milady. Com sua mãe na fortaleza...

Passei por ele, Leif seguindo logo atrás. Eu tinha que vê-las, tinha que ver meu pai, que lançaria luz sobre o que havia acontecido.

Depois que passamos pelos portões, o pátio estava estranhamente ausente de vida. Nenhum animal balindo, nenhuma voz carregada pelo vento, nenhuma pessoa se apressando no dia. Quando cheguei ao centro do pátio, ficou claro de onde vinha o cheiro das cinzas.

A capela era uma ruína enegrecida. Meu primeiro pensamento foi uma invasão nórdica, mas não havia outros sinais. Sem manchas de sangue ou outros

remanescentes de uma batalha. Nenhum outro prédio foi danificado, apenas a igreja.

Corri para a porta quebrada, meu coração batendo forte. Correntes estavam empilhadas nos degraus, elos como se fossem cortados. Eu não tinha passado por essa porta por tantos anos que, por um momento, não consegui me mexer. Minha mão tremia quando eu abri o que restava da porta.

Leif me impediu de cair quando eu soltei um grito estrangulado.

Tantos corpos, todos homens, vestidos para a batalha. Armas estavam espalhadas pelo chão ou estavam em mãos esqueléticas e enegrecidas. O cheiro de carne carbonizada, fumaça de madeira e cinzas era tão forte que me inclinei e me silenciei. A maioria dos homens havia morrido perto da porta da igreja, como se eles tivessem tentado sair.

Tremendo, e com lágrimas picando meus olhos pelos restos de fumaça, examinei os corpos em busca de sinais de Fergus ou Conall.

Eu tropecei para frente, tropeçando nas pernas enegrecidas e segurando dedos. Furiosamente, procurei através das cinzas até minhas mãos ficarem pretas como piche. Lágrimas se misturaram com as cinzas até gotículas negras e gordas rastrearem minhas bochechas. Leif ficou de guarda na porta, sua expressão sombria.

Encontrei o que procurava nos degraus do altar. Com os dedos trêmulos, eu o peguei: a coroa de ouro do meu pai.

Perto estava um cadáver que caíra ainda segurando sua espada, e eu imediatamente reconheci o punho de joias. Como os outros corpos, a pele havia queimado de seus ossos, mas ainda assim eu sabia. Ao contrário dos outros, esse corpo havia sido decapitado. Toquei o crânio quando pedaços de mim se

separaram por dentro. Minhas respirações estavam ficando mais rápidas, misturando-se aos meus soluços presos. Apertei o aro com tanta força que senti o metal enfraquecido começar a ceder.

A raiva estava se formando dentro de mim, um fogo se alimentando da minha dor não contida. Eu queria encontrar quem tinha feito isso, rasgá-los membro por membro. Eu queria queimar a vila deles até o chão.

Um barulho suave veio da entrada da igreja, e me virei para encontrar minha mãe ao lado de Leif, com o rosto pálido e abatido.

— Máthair. — Eu disse apressadamente, correndo para o lado dela. — O que aconteceu aqui? Áthair...

— Ele está morto — Disse minha mãe, com a voz rouca e desprovida de emoção, como se tivesse passado semanas em agonia pela dor e não tivesse emergido como a mesma pessoa. — Ele está morto, juntamente com cerca de duzentos do seu clã. — Seus olhos encontraram os meus, e eu respirei fundo quando vi o ódio refletido lá. — E você não estava aqui para protegê-los, graças ao seu ataque infiel ao seu próprio pai.

Queimado vivo. Duzentos homens, incluindo meu pai. O chão parecia se abrir e me engolir inteira. — Quem incendiou a igreja?

— Homens do rei Sigtrygg. — Disse ela, e a cabeça de Leif se levantou. — Isso aconteceu apenas alguns dias depois que você foi exilada. Sigtrygg ficou zangado por sua invasão ao mosteiro ter falhado por causa de seu pai, então eles revidaram. Ele veio no domingo como o pagão nórdico que ele é — Disse ela com um olhar de repulsa a Leif — E seus homens cercaram a igreja. Eles pegaram as mulheres e os homens que não podiam lutar como escravos, e os outros - seu pai e seus homens - eles mataram e os trancaram na igreja para queimar.

Um silêncio horrorizado desceu sobre mim quando pensei no que meus homens do clã e meu pai deveriam ter passado - e as evidências ainda estavam aos meus pés. Enquanto olhava para os restos mortais do que vivia, respirando homens, o número duzentos continuava se repetindo em minha mente. Não poderia ser uma coincidência. Morrigan fez parecer que o sacrifício de duzentos homens ainda seria algo por vir - algo que eu teria que escolher para mim -, mas eu via a verdade agora. A verdade é que isso já havia acontecido.

Pior, Sigtrygg havia chegado no dia do Senhor - assim como os assaltantes dos nórdicos, sete anos atrás. Sem dúvida, a única razão pela qual minha mãe e minhas irmãs sobreviveram foi porque, desde aquele dia, elas assistiram à missa em um horário diferente de todos os outros. Caso a igreja fosse atacada novamente. Eu senti a raiva continuar a crescer. Como eu pude acreditar naquele rei duplicado quando ele me disse que ele e Áthair haviam chegado a um acordo pacífico? Meu pai nunca teria feito um tratado com ele.

— E Fergus e Conall? — Eu perguntei. — E eles?

— Eles estavam entre os duzentos. — Disse ela. Meu estômago revirou. Sleipnir. Áthair. Fergus e Conall. Não havia fim para o horror? — Como Séamus.

Suas palavras me atingiram, e eu não pude evitar o fluxo de imagens de todos os homens que eu já amei. Pensei neles lutando por suas vidas antes de finalmente serem consumidos pelas chamas, e lágrimas arderam nos meus olhos.

— Eu não entendo. — Eu disse com uma ponta desesperada na minha voz que até eu podia ouvir. — O rei Sigtrygg me disse que ele e Áthair haviam feito as pazes - ele disse que jantou com ele no salão.

— Ele jantou no nosso salão, — Disse Máthair, com tanto desgosto que ela estava cuspindo praticamente. — Mas foi depois que ele queimou a igreja no

chão. Ele forçou nossos servos a esperá-lo e sentou-se à minha frente como se não tivesse acabado de brutalmente assassinar meu marido. Ele ficou sentado e me disse que era sua misericórdia que permitia a mim e às princesas viver, mas sei que ele as mantém vivas como uma ferramenta de troca - ele acha que respondemos a ele agora.

Tremi de repulsa quando percebi: meu pai e os outros já haviam sido mortos por Sigtrygg enquanto eu ficava e jantava em seu castelo. Quando Sigtrygg deu aquele grande banquete, foi porque ele havia conseguido assassinar meu pai e assassinar meu clã.

— Não vejo como isso é culpa de Ciara — Disse Leif, sua voz me firmando.

Ela estreitou os olhos. — Se ela não tivesse atacado seu pai com sua habilidade repugnante, ela estaria aqui para detê-lo.

— Parece lógica ruim. — Disse Leif, e a expressão de Máthair ficou ainda mais fria.

— Máthair. — Eu disse, estendendo a mão para ela apenas para ter minha mão escarnecida. Eu deixei cair para o meu lado. — Máthair, — Tentei novamente. — Sinto muito pelo que fiz com Áthair, e ainda mais arrependida e envergonhada por não estar aqui para defendê-los contra essa traição, mas não posso assumir a culpa por isso – quem fez isso foi Sigtrygg. Ele é quem deve pagar.

— Oh, você está arrependida, não é? — Ela disse, apontando o dedo na minha direção. — Desculpas, não o traz de volta! Pela primeira vez suas habilidades demoníacas poderiam ter sido úteis!

Ela estava gritando agora, e eu fiquei momentaneamente atordoada. Eu nunca a tinha visto levantar a voz assim - era quase como se a morte de Áthair tivesse feito com que ela ficasse desequilibrada.

— Eu não sou invencível. — Eu disse calmamente. — Nem eu poderia ter escapado de um prédio em chamas.

Leif estava ouvindo nossa conversa com um olhar preocupado no rosto. Agora ele gesticulou em direção aos restos à nossa volta. — Por que eles não foram postos para descansar?

— Esta é a tumba deles agora. — Disse ela, com a voz trêmula. Ela colocou os braços em volta de si mesma como se estivesse com frio e voltou sua atenção para mim. — Eu nunca deveria ter concordado em criar você! Você trouxe destruição para esta família, assim como prometi ao seu pai que traria.

Recuei como se ela tivesse me atingido. Suas palavras ecoaram em minha mente e, embora eu tentasse afastar o significado por trás delas, a horrível sensação de afundamento foi suficiente para confirmar a verdade. — Então... Você não é minha mãe? — Eu perguntei em voz baixa que nem soava como se fosse minha.

— É claro que não sou. — Disse ela. — Você é um monstro, nascido do momento patético de fraqueza de seu pai. Ele me implorou para criar você como meu próprio bebê depois que perdi meu próprio bebê no parto. Somente sua babá sabia a verdade e ela morreu enquanto você ainda era criança - sem dúvida por causa de seus poderes malévolos.

Eu me senti doente. *Não*, eu queria gritar com ela. *Não, você está mentindo. Não, tem que haver outra razão pela qual todos na minha família são loiros e de olhos claros... Todos menos eu.*

Com a verdade, a fachada de Máthair de ser uma mãe carinhosa desapareceu completamente. O verdadeiro ódio era aparente no lampejo de seus olhos, no frio penetrante de sua expressão. Se meu pai se afastara dos votos matrimoniais e eu - com todas as minhas habilidades assustadoras - fosse o resultado, então eu quase não poderia culpar minha mãe por seu ódio.

Meu pulso estava batendo nos meus ouvidos, minha visão ficando tingida de sangue. — Quem sou eu, então?

— Você é filha do rei, — Disse ela, com um tom claro em seu tom de voz. —Mas foi Morrigan que te concebeu. — Uma imagem de Morrigan como um corvo dilacerando os corações dos cães do inferno apareceu na minha mente, e eu queria agarrar o meu próprio rosto. *Ela é como ela*, minha mãe já falou de mim. *Muito poderosa. Muito perigosa*. Agora eu sabia de quem ela estava falando.

— Ela seduziu seu pai em um campo de batalha, aparecendo nua diante dele, e ele foi tão dominado pela luxúria que a teve ali entre os mortos. Ela mesma não a criou, e nós estávamos com muito medo dela para recusar. Você é amaldiçoada, parte demônio - você mancha esta capela com sua própria presença.

Pensei na lembrança que tinha visto na mente de meu pai todas aquelas semanas atrás, quando eu assumi o controle dele - de Morrigan aparecendo no campo de batalha - e senti um pedaço do meu coração murchar. Pensei no modo como ele empalideceu quando lhe contei a visão de Morrigan - a simples menção do nome Morrigan o assustara. Havia tantos sinais, e eu fui estupidamente cega para todos eles.

— Seu pai te baniu desta igreja, rezando para que isso nos poupasse da justiça de Deus. Ele voltou-se para Deus, tentou reparar seus pecados no campo de batalha, mas tudo foi por nada. — As palavras de minha mãe eram como unhas

afiadas perfurando meu coração. — Ele morreu no final, me deixando sozinha para lidar com... Tudo. Sigtrygg, este reino, você. Concordei em pegá-la como minha própria filha, mas isso foi antes de você atacar seu próprio pai. Você é perigosa, sempre foi perigosa, e agora que ele se foi, não vejo razão para continuar a charada. — Ela olhou para mim com nojo, e algo morreu dentro de mim. — Você não deveria ter voltado aqui. Não há nada para você aqui.

Ela girou nos calcanhares e começou a se afastar. Envolvi meus braços em volta de mim protetoramente, ouvindo o eco de cada vez que fui chamada de monstruosa e maligna, de cada olhar medroso e sussurrado de lado.

Inclinei-me para a frente como se tivesse levado um soco no estômago, e Leif se abaixou e me puxou de pé. — Ela ficou louca com a dor. Não deixe que as palavras venenosas que ela vomita a deixem incapaz. — Ele disse no meu ouvido.

Eu quase a deixei ir embora. Quase deixei que fosse a última coisa que ela me dissesse, mas depois pensei em minhas irmãs, neste reino e no fato de que eu era a verdadeira herdeira de Mide.

Senti o calor da mão de Leif em meu braço, forte e reconfortante, e fiquei em pé. Eu poderia ser a filha da Rainha Fantasma, mas era esse sangue que me permitiria defender meu reino e meu mundo dos verdadeiros monstros que o ameaçaram.

— Não, você está errada. — Eu disse, e ela se virou lentamente. — Este é o meu reino. Essas são minhas irmãs - não importa que eu compartilhe apenas metade do seu sangue. Meu pai era o rei e, para o bem ou para o mal, fui criada como princesa de Mide.

Os olhos dela se estreitaram. — É verdade. Seu pai a nomeou herdeira, mas que bem isso trará? Este reino foi reivindicado por Sigtrygg.

Pensei não apenas em Sigtrygg, mas na maior ameaça dos jötnar. — Então vá embora com minhas irmãs enquanto puder. Pegue Branna e Deirdre e fuja para outro reino; temos outros aliados...

— Não posso deixar seu pai — Ela disse em um rosnado. — É claro que não vou abandonar ele e esse clã.

Olhei para os restos carbonizados dos homens que nos cercavam e engoli em seco. Ela não estava em sã consciência, mas eu ainda tinha que tentar fazê-la ver a razão. Com Sigtrygg abrigando jötnar sob seu próprio teto, Mide poderia estar em perigo muito real. — Por favor, Máthair, há coisas piores que Sigtrygg que ameaçam esse reino. Foi-me dada uma visão de Éirinn...

— Pare! — Máthair estalou. — Não vou ouvir essas bobagens pagãs. Você macula esse solo sagrado ao proferir uma coisa dessas.

— Você faria bem em ouvir. — Alertou Leif. — A vida de suas filhas pode depender disso.

— E quem é você para dizer? — Exigiu Máthair. — Pela sua aparência, você é um nórdico. Qual é a verdadeira razão, então, da sua aliança com Ciara? Ela te seduziu como a mãe uma vez fez o rei?

Eu me encolhi com a implicação quando Leif se ergueu até sua altura total. — Não lhe devemos nenhuma explicação.

Ela voltou sua atenção para mim. — Você não é bem vinda aqui. Com Sigtrygg vivo, este reino não é mais seu.

Ficou claro que ela não quis ouvir nada do que dissemos. E com Sigtrygg aliado ao jötnar que encontramos em Dubhlinn, não tivemos tempo para fazê-la ver a razão. Eu queria agarrá-la pelos ombros e dar sentido a ela, mas não havia nada mais importante agora do que a busca.

— Vamos precisar de cavalos. — Eu disse, engasgando com a última palavra. Não havia um cavalo nos estábulos igual ao que eu havia perdido.

— Leve-os, então. — Ela enrolou sua capa com mais força e se afastou sem olhar para trás.

Leif agarrou meu braço. — Sigtrygg é responsável por isso, e ele será tratado como.

Sigtrygg. Pensei no que o rei pagão havia feito aos meus homens do clã, ao meu pai - ao meu reino. A raiva aumentou até que tudo que eu pude ver foi vermelho. Eu queria encontrar os homens que queimaram a igreja e os matar como porcos. — Eu o quero morto. — Nesse momento meu corpo estava cheio de uma quantidade impossível de energia, como se eu pudesse enfrentar todo o exército de Sigtrygg. Ele aumentou e aumentou até meus músculos vibrarem. Eu provei sangue na minha língua e queria mais.

Leif pegou meu rosto em suas mãos e encontrou meus olhos. Eu odiava pensar no que refletia de volta para ele. — Então faremos isso.

— Duzentos homens, Leif. Eles morreram e por quê?

Leif estava quieto, seus olhos procurando os meus. Finalmente, ele disse: — A morte deles não precisa ser em vão.

A Espada dos Caídos brilhou em vida nas minhas costas. Eu senti algo dentro de mim se levantar para responder. — Não. É isso que Morrigan quer, o que ela queria o tempo todo.

— Morrigan quer que nossa busca seja bem-sucedida. — Ele deu um passo atrás de mim. — Ela me disse como criar o exército.

Minhas mãos tremiam com a necessidade de machucar algo. — Eu sabia que você não estava implorando por minha vida; Eu nunca deveria ter confiado em você.

— Eu já disse antes que a decisão era sua. Ela me segurou e me contou o ritual, caso você tivesse uma mudança de coração.

— Uma mudança de... E o que, de repente, decidi que sim, que queria usar o sangue de duzentos homens inocentes? Ela não é uma deusa benevolente. E se o ritual condenar suas almas? — Minhas palavras o chicotearam como um chicote, mas ele permaneceu inflexivelmente diante de mim.

— Independentemente do porque me disseram, esses homens estão mortos. Eles foram massacrados como animais em um lugar que seu povo considera sagrado. Você tem o poder de tornar suas mortes dignas; eles terão dado a vida para criar um exército forte o suficiente para destruir os jötnar. — Suas mãos se fecharam em punhos. — Um exército forte o suficiente para colocar Sigtrygg e seus aliados jötnar de joelhos.

Vingança, a escuridão nascida dentro de mim no momento em que entrei na capela parecia sussurrar, ou talvez fosse minha própria mente rachando sob a pressão de tantas perdas insuportáveis. Pensamentos de invadir Dubhlinn com um exército imparável subiram espontaneamente à frente da minha mente.

Eu sabia que Leif estava certo. Sigtrygg poderia estar a caminho neste exato momento - o hediondo jötnar ao lado dele - para terminar o que havia começado no meu reino, e eu precisava de um exército.

As únicas coisas que estavam entre o rei vil e o meu reino eram nós.

Puxei a Espada dos Caídos. Brilhava na luz, e um zumbido fraco veio de dentro da lâmina. Eu encontrei o olhar de Leif.

— O que devo fazer?

CAPITULO 17

Leif se agachou e tocou os dedos nas cinzas e fuligem no chão. — Sangue e cinzas são necessários para o ritual - seu sangue.

Olhei para a lâmina brilhante. Era como se sussurrasse o que deveria ser feito, uma voz calma em minha mente. — A espada deve ser ungida com sangue e cinzas. Então o que?

— Aí você deve dizer: 'Então o sangue da Rainha Fantasma flui em minhas veias, então devo convocar o exército de mortos-vivos.'

Eu o encarei. — Você sabia sobre Morrigan. — Fiquei em choque total por ele não ter dito nada, e me encolhi quando me lembrei do que nós dois testemunhamos de Morrigan - o que ele deve ter pensado de mim?

— Eu sabia apenas que você compartilhava sangue, não que ela era sua mãe.

— Você sabia que eu era parente de um ser tão horrível, e ainda assim você... Me beijou? E agora que você sabe que ela é minha mãe...?

— Meu desejo por você não mudou. Por que eu me importaria com quem é sua mãe? Eu te beijei quando pensei que você era celta, afinal. — Ele sorriu provocadoramente, mesmo em meio à carnificina aos nossos pés, como só um nórdico podia. Ainda não consegui devolvê-lo, mas apreciei o gesto.

O alívio por ele não ter me julgado pelas ações horríveis de Morrigan floresceu no meu peito. — Eu não posso expressar para você o quanto suas palavras significam para mim.

— Você sempre pode me mostrar. — Disse ele, e seu olhar caiu na minha boca. Isso trouxe um sorriso relutante ao meu rosto, mesmo quando o desejo se agitou dentro de mim. Minha respiração parou quando ele estendeu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo. — Mais tarde, então. — Disse ele.

Forcei minha mente de volta à tarefa em questão. — Depois de realizar o ritual, o que acontecerá?

— Ela não disse, mas em breve descobriremos por nós mesmos.

Um traço de desconforto se espalhou pela minha espinha, enquanto a Espada dos Caídos vibrava ansiosamente pelo meu sangue. Estendi minha mão e, com a outra, fiz um corte raso ao longo da palma. O sangue imediatamente fluiu, e Leif segurou minha mão machucada suavemente. Ele borrifou as cinzas que havia coletado sobre a ferida, a fuligem preta misturando-se com o vermelho escuro.

De repente, minha visão escureceu nas bordas e todo o som pareceu desaparecer. Como se eu tivesse realizado esse ritual mil vezes antes, segurei a lâmina da minha espada e manchei o sangue misturado e as cinzas ao longo dela. Desapareceu na lâmina como água ao sol.

A igreja estava parada. Eu podia ouvir meu próprio batimento cardíaco, o zumbido da espada na minha mão e um pulsar mais alto - o batimento cardíaco de outro reino. Bati a ponta da minha lâmina no chão e disse as palavras que convocariam um exército poderoso o suficiente para salvar todos nós.

Um estrondo ensurdecedor e uma onda de poder ondulou para fora. Os corpos a nossos pés se desfizeram em pó, e o pó foi sugado pela onda de poder, deixando apenas as armas dos homens para trás. O silêncio que desceu depois foi ensurdecedor.

Respirei fundo e soltei a espada. Um tremor começou, o chão sob nossos pés tremia com intensidade crescente até que o vidro das poucas janelas restantes se quebrou. Uma névoa fria desceu, obscurecendo nossa visão. Leif agarrou meu braço e me puxou para perto dele.

O tremor continuou, e nos preparamos para algo terrível por vir. E então, tão repentinamente quanto começara, parou. A névoa diminuiu, revelando uma visão fantasmagórica.

Meu pai estava diante de mim, duzentos homens atrás dele. Meu coração parecia o bater das asas dos pássaros nos meus ouvidos. Com o rosto cinza, eles estavam diante de nós. Não havia cheiro de decadência. Eles não tinham cheiro algum. Eles estavam completamente equipados com a mesma armadura preta de Leif e eu, espadas escocesas amarradas às costas. O preto do couro contrastava fortemente com a cor desbotada da pele. Era como se eu os visse debaixo d'água. Nenhum detalhe de seus corpos além da armadura que usavam podia ser visto com nitidez. Eles estavam enevoados, um pé neste reino, outro no próximo.

— Áthair? — Eu perguntei, sem saber se era realmente meu pai ou apenas algo que se parecia com ele.

— Princesa Ciara, filha da Rainha Fantasma, ouvimos sua convocação. — Ele fechou o punho com a mão e cruzou-o sobre o peito em um estranho gesto de respeito. Os outros imediatamente fizeram o mesmo. Este, então, não poderia ser meu pai. Mas, assim que eu duvidei, ele disse: — Embora eu nunca teria concordado com um ritual tão blasfemo na vida, depois de me mostrar a destruição que aguarda Éirinn sem esse exército, você tem a minha bênção.

Eu abaixei minha cabeça. — Áthair, fico feliz por sua bênção, porque saber que não pude defendê-lo quando sua vida foi tirada quase me destruiu.

— Não é você de quem eu desejo vingança.

Antes que eu pudesse responder, um som chamou minha atenção para a parte de trás da igreja. Era o som de um casco batendo nos degraus de um altar. Um cavalo preto como breu trombeteava um relincho impaciente. — Sleipnir? — Eu disse às pressas. — Como?

Os guerreiros se separaram quando meu enorme cavalo de guerra se aproximou. Seu pelo estava tão lustroso quanto as penas de um corvo, sem nenhum indício do trauma que lhe ocorrera. Mas quando ele se aproximou, vi a diferença: seus olhos não eram mais o marrom quente de um cavalo, mas o vermelho profundo de um espectro.

Quando ele estava perto o suficiente, ele baixou a cabeça, fungando minhas mãos. Joguei meus braços em volta do pescoço dele, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ele poderia ter olhos como o diabo agora, mas ele ainda era Sleipnir. Eu não tinha medo dele.

— O rei e seu cavalo mantiveram suas identidades, — Disse Leif no meio da minha reunião. — Mas parece que o resto dos guerreiros não.

Olhei para cima e descobri que Leif estava certo. Os guerreiros alinharam-se em fileiras perfeitas, com os braços ainda sobre o peito, os rostos sem emoção.

Meus olhos examinaram os guerreiros, procurando por Fergus e Conall. Eu os encontrei de pé em atenção, o mesmo que os outros. Quando me aproximei deles, nenhum lampejo de reconhecimento apareceu em seus rostos; eles permaneciam assustadoramente imóveis. Não muito longe deles estava Séamus, e o nada sombrio que vi refletido em seus olhos era quase mais doloroso do que ver seu ódio.

— Você está certo. — Eu disse a Leif, profundamente arrependida de abrir esse caminho no meu coração. Foi tolice acreditar que eu poderia ter tudo. — Eles não me reconhecem.

— Eles a reconhecem apenas como quem os comanda. — Disse Áthair.

— Mas você lembra quem você é? — Eu perguntei a ele.

Meu pai balançou a cabeça e pude ver que ele era apenas uma sombra de si mesmo. — Morrigan veio até mim assim que minha alma deixou meu corpo. Ela disse que como rei: eu teria a chance de vingar não apenas a minha própria morte, mas a morte de todos os meus homens do clã. Só me lembro do que preciso saber para trazer vingança ao rei Sigtrygg.

Olhei para o meu cavalo e me perguntei se ele sentia o mesmo em relação ao jötnar. Ele morreu jurando que não descansaria até se vingar?

— Você terá sua vingança. — Leif virou-se para mim. — Vou encontrar um cavalo para mim, e então devemos marchar para Dyflin. Já passou tanto tempo que não tenho dúvidas de que Sigtrygg começou a marcha até aqui. Caso contrário, podemos tirá-lo de Dyflin. Com um exército de mortos-vivos, imagino que você não terá que depender de emboscadas para derrotá-lo; pode lutar em batalha aberta.

Ele saiu da igreja e fiquei impressionada com o quanto tê-lo aqui foi uma ajuda para mim. Isso me permitiu focar no que precisava ser feito. Eu me virei para me dirigir aos homens, sua comandante agora na morte, como nunca fui na vida. — Homens do clã, para o portão.

Dei uma última olhada na devastação que outrora fora a igreja, meu queixo cerrado. Com uma mão no pescoço de Sleipnir, desci os degraus. Meu exército macabro seguiu silenciosamente atrás, até seus passos abafados.

Uma vez lá fora, peguei um punhado da crina de Sleipnir e me puxei para cima. Os homens continuaram, marchando cinco lado a lado em perfeito uníssono. Meu pai estava com o resto deles, e sem coroa ou túnica para se diferenciar dos outros, era difícil de reconhecer. Eu estava contente; o som explosivo da convocação e a visão dos guerreiros silenciosos já atraíam uma multidão.

— Princesa Ciara. — O povo sussurrou.

Faelan, percebendo nosso retorno, correu para o meu lado. —Milady, quem são esses homens? — Ele olhou de volta para os portões - a única entrada no pátio - e para trás. — De onde eles vieram?

— Você não precisa saber. Tudo que você precisa saber é que vamos nos vingar do rei Sigtrygg e garantir a segurança deste clã.

Sleipnir patinou a terra com o casco, como se estivesse ansioso por estar a caminho. Eu não pude deixar de concordar. Eu queria ir embora antes que alguém reconhecesse esses homens. Eu não conseguia imaginar as reações de meus companheiros de clã quando vissem seus entes queridos ressuscitados, ou pior ainda, seu rei. Com sua pele cinza e rostos inexpressivos, as identidades dos mortos-vivos seriam camufladas - mas não por muito tempo.

As orelhas de Sleipnir se ergueram quando Leif saiu do estábulo montado em um belo garanhão cinza-manchado - o cavalo de guerra de meu pai. O cavalo era temperamental e difícil de montar com todo mundo, menos meu pai, mas Leif o manejava com facilidade, o cavalo tão calmo quanto um gatinho.

— Você escolheu bem. — Eu disse a ele enquanto nossos cavalos se cumprimentavam nariz a nariz. — Esse é Abrax, o cavalo do meu pai.

Leif deu um tapinha no pescoço dele. — Eu o escolhi porque ele era o único no estábulo que parecia ansioso para sair.

Eu sorri. — Ele é quase tão malvado como Sleipnir.

— Eles vão se satisfazer em breve. — Disse Leif. — Nós devemos sair agora. Você está pronta?

Eu olhei de volta para o castelo com saudade. — Minhas irmãs...

Leif estendeu a mão sobre os cavalos e tocou minha perna. —Elas estão seguras e você garantirá que elas continuem assim.

Eu sabia que ele estava certo; sabia que a cada momento que permanecíamos Sigtrygg se aproximava. — Guerreiros, — Gritei. — Marcharemos para Dubhlinn.

Leif estimulou Abrax, e os homens mortos-vivos imediatamente começaram sua marcha silenciosa. Sleipnir dançava no lugar, ansioso para me mover, mas não consegui parar de voltar a olhar o castelo do meu pai pela última vez.

— Ciara, espera! — Uma voz gritou do lado direito do pátio. Branna e Deirdre correram em minha direção e eu imediatamente me joguei das costas de Sleipnir.

Eu peguei Deirdre em um abraço firme, o seu vestido de pele fazendo cócegas na minha bochecha. Branna passou os braços em volta da minha cintura enquanto lágrimas se acumulavam em seus olhos. —Máthair disse que você foi exilada! Ela disse que você atacou Áthair e fugiu com os nórdicos, mas sabíamos que não podia ser verdade.

— É verdade, Bran. — Eu disse, sentindo como se estivesse prestes a vomitar. — Eu não posso explicar agora... Mas toda Éirinn está em perigo.

— Áthair... — Disse Deirdre, mordendo o lábio como se estivesse segurando as próprias lágrimas.

Eu toquei sua bochecha. — Eu sei, Deirdre. Eu sinto muito. E sinto muito por estar saindo sem te ver...

— Máthair se perdeu — Disse Branna, quase com medo. — Ela não permitirá que nenhum dos homens enterre Áthair. Ela nem nos deixou sair da fortaleza, mas vimos você da nossa janela.

— Sinto muito, Bran. Eu ficaria aqui com você se pudesse — Eu disse, lágrimas ardendo nos olhos com o medo nos dela.

— Por favor, não vá. — Disse Deirdre, sua voz tão baixa em comparação com a de Branna.

— Eu devo. Com a morte de Áthair e nenhum herdeiro do trono, o rei Sigtrygg não terá oposição. Ele virá atrás de Mide, e não deixarei seu destino nas mãos dele. — Eu as abracei novamente, cada uma por vez, desejando não ter que me soltar. Toquei as tranças loiras pálidas de Deirdre, lembrando-me há pouco tempo quando o cabelo dela era apenas algumas mechas macias. — Eu amo muito vocês duas.

— Eu amo você, Ciara. — Disse Deirdre, sua voz cheia de tristeza.

— Vingue nosso pai. — Disse Branna, com as mãos em punhos.

Eu me arrastei sobre Sleipnir mais uma vez. — Eu vou. — Prometi. — Eu amo vocês duas. Fiquem seguras. — Depois de um último olhar para minhas lindas irmãs, toquei meus calcanhares nas laterais de Sleipnir, e ele avançou.

Voltarei, prometi a mim mesma, *e nunca mais deixarei Mide ser ameaçada novamente.*

O exército marchou incansavelmente e, embora os raios do sol ardessem acima, Sleipnir e os homens nunca suaram nem pareciam cansar. Quando Leif e eu paramos para beber água, nenhum dos mortos-vivos participou, nem Sleipnir. Meu pai estava tão calado quanto o resto dos homens, embora talvez seus olhos escuros brilhassem um pouco mais ferozmente.

Me torturou pensar que Branna e Deirdre estavam sendo deixadas para trás - possivelmente em perigo -, mas eu sabia que a melhor maneira de protegê-las era primeiro parar Sigtrygg e continuar nossa busca. Já era tempo de o rei atacante de Dubhlinn ser chamado por seus crimes.

Foi quando o sol já havia atingido seu pico e se aproximava do horizonte que tudo mudou. Sleipnir quase me derrubou se levantando, e os homens que estavam marchando silenciosamente para frente de repente sacaram suas armas. Embora tenha esticado os ouvidos, não ouvi nada além do vento.

Um campo rochoso estava diante de nós, e além disso, colinas escarpadas.
— Você acha que eles sentem os homens de Sigtrygg? — Perguntei a Leif, cujos olhos estavam vasculhando o horizonte com cautela.

Abrax bufou e balançou a cabeça, mas parecia que ele estava apenas respondendo a Sleipnir, que dançava no lugar com ansiedade. Puxei minha espada e Leif fez o mesmo.

Continuamos em frente, procurando qualquer sinal de um exército que se aproximava. Foi só depois de trotarmos vários quilômetros que os ouvimos à distância: cavalos.

— Temos a vantagem. — Disse Leif. — Chegue ao próximo topo da colina e os emboscaremos lá.

— Avante. — Eu disse aos meus guerreiros mortos-vivos, mal conseguindo impedir Sleipnir de avançar.

Quando chegamos ao topo da colina, Leif e eu assumimos as posições mais avançadas. Meu exército se espalhou e ficou em silêncio, atento, com as espadas desembainhadas.

— Sigtrygg estará com eles? — Eu perguntei a Leif.

— Ele adora nada mais do que invadir, e vai querer estar presente para assumir o trono de seu pai.

Seu trono, a voz de Morrigan sussurrou dentro de mim. — Eu o quero morto —, eu disse, minha mão apertando o punho da minha espada, — Mas devemos capturá-lo primeiro. Precisamos saber sobre a aliança dele com os jötnar.

— Assuma sua mente para afrouxar a língua, — Disse Leif, seus lábios se curvando — E então ele deve ser executado. Ele não merece morrer em batalha.

— Eu não prometo. — Eu disse através da minha mandíbula cerrada. — Depois de ter o que preciso dele, talvez não consiga me ajudar.

Nesse momento, os cavaleiros a cavalo alcançaram o pico seguinte, nos viram esperando e atacaram. Os gritos dos homens de Sigtrygg contrastaram fortemente com o silêncio sinistro do meu próprio exército. — Espere. — Eu disse, tanto para Sleipnir quanto para os guerreiros. — Vamos pegá-los quando eles subirem a colina.

Os dois primeiros fizeram a escalada; Leif cortou a cabeça do primeiro homem e minha espada espetou o peito do outro. Mais e mais homens vieram, mas não tanto quanto o nosso exército. Sigtrygg trouxe talvez trinta homens ao todo, como se não esperasse muita resistência. E por que ele deveria? Ele matou ou escravizou a maioria dos meus homens do clã.

Mas então vi a verdadeira razão pela qual ele trouxera tão poucos homens: o jötunn com cara de cavalo de Dubhlinn - aquele que quase nos matou - estava no exército de Sigtrygg. Embora Leif tivesse cortado seu tornozelo, ele apareceu sem ferimentos. Com um aliado assim, eles não precisariam de muitos homens para nos derrotar.

O jötunn com cara de cavalo estava crescendo diante dos meus olhos, e eu sabia que não demoraria muito para que ele fosse do tamanho de um carvalho.

— Leif! — Eu gritei, e ele olhou de volta para mim. Eu empurrei meu queixo em direção ao jötunn. Eu tive um momento em que o medo ameaçou me desabilitar em seu aperto gelado, mas eu o sacudi. Não, o resultado da nossa batalha desta vez seria muito diferente. Não seríamos derrotados por esse gigante.

Alguns dos homens de Sigtrygg passaram por nós e vi meu exército fazer um trabalho rápido com eles. Eles se moviam com a mesma velocidade não natural que Leif tinha; eles tentaram bloquear os golpes, mas as espadas dos mortos-vivos os perfuraram antes que eles pudessem levantar completamente os braços. Eles caíram com gritos roucos, enquanto meus guerreiros permaneciam sempre de boca fechada.

Girei Sleipnir em direção ao grupo mais próximo do meu exército. Eu precisava deles para concentrar seus esforços no jötunn. Com a mão na espada,

apontei com a lâmina em direção ao jötunn com cara de cavalo. —Traga-o para baixo. — Eu disse ao meu exército.

Onze deles responderam imediatamente, subindo a encosta como uma névoa sombria.

Mas antes que eu pudesse segui-los, dois homens de Sigtrygg avançaram de súbito. Enquanto eu trazia minha espada para baixo em um, Sleipnir atacou o outro com tamanha ferocidade, minha respiração ficou presa na garganta. Com as orelhas presas e os dentes à mostra, ele parecia mais lobo que cavalo. Até o formato de seus dentes havia mudado: não era mais largo e plano para cortar folhas de grama, mas com caninos longos e pontudos. Ele afundou os dentes no braço do outro homem, rasgando a carne até os ossos. Os gritos do homem foram terríveis, e eu balancei minha espada em um arco, cortando sua garganta apenas para acabar com seu sofrimento.

Quando procurei o jötunn novamente, fiquei impressionada ao encontrá-lo no chão. O gigante rolava e se contorcia em um esforço para desalojar meus homens mortos-vivos que se arrastavam por cima dele, esfaqueando-o repetidamente com suas espadas.

Pensei em como o monstro havia segurado Leif e eu em suas mãos, como realmente pensei naquele momento que morreríamos, e então olhei para o meu cavalo fantasma. O que ele suportou depois que partimos? Eles o mataram e rasgaram seu cadáver. Como se estivesse lendo meus pensamentos, Sleipnir atacou o gigante caído.

Mas antes que eu pudesse saltar e acabar com o monstro, Leif apareceu.

Com o rosto torcido em fúria, ele enfiou a espada diretamente no coração do jötunn. O gigante se contorceu uma última vez e ficou quieto. Com os

músculos do braço inchados, Leif puxou a espada novamente. Ele encontrou meu olhar do outro lado do campo, o peito arfando. Mas esse olhar dizia muito: seus homens que foram mortos foram vingados.

Meus homens mortos-vivos imediatamente se mudaram para os soldados humanos restantes, e eu os segui.

—Sigtrygg! — Leif gritou, e eu segui sua linha de visão até Sigtrygg montado em um cavalo cinza escuro. Em contraste com seus soldados claramente blindados, o rei usava roupas enfeitadas com pele de raposa, um pequeno círculo de ouro em sua cabeça. A raiva ferveu em mim ao vê-lo, e Sleipnir jogou a cabeça para trás e emitiu um aviso.

Antes que Leif pudesse atacá-lo, mais homens de Sigtrygg atacaram, dividindo a atenção de Leif. Eu estava sozinha.

Eu nem precisava tocar meus calcanhares nas laterais de Sleipnir - ele galopou em direção ao rei sem avisar, com os ouvidos contra a cabeça. Sigtrygg estava pálido - ele sabia do que eu era capaz -, mas ele levantou a espada para encontrar a minha.

Nossas lâminas ecoaram pelo campo. Sleipnir tirou um pedaço de carne do pescoço do cavalo cinza e seus gritos aumentaram a brutal cacofonia.

Apesar do meu treinamento com Leif, o rei ainda era o lutador superior, e ele teria me derrubado das costas de Sleipnir se não tivesse encontrado meu olhar com o dele. Estendi a mão e segurei a dele, forçando-o para trás.

— Como você está viva? — Ele exigiu entre dentes, enquanto sua mente lutava contra a minha. — Eles não encontraram nenhum rastro de você. Mide deveria ser minha!

Mas ele pensou em muito mais que Mide. Vi projetos para o resto de Éirinn, para as terras nórdicas além e mais além. Tudo isso, por causa de uma aliança com os jötnar.

Choque e nojo guerrearam dentro de mim quando as lembranças passaram pela cabeça do rei: o jötnar vindo até ele, oferecendo-lhe a chance de dominar o mundo conhecido com eles. Oferecendo a ele a chance de ser o rei de muito mais do que Dubhlinn.

— Você trouxe um jötunn com você, mas e os outros? E os que estão livres para percorrer Éirinn?

Ele se recusou a responder, então eu rasguei em sua mente até que ele estava gritando por misericórdia.

— Onde eles estão? — Eu exigi novamente.

Desta vez, ele não se atreveu a me recusar. — O líder deles os chamou para o norte. Ele está se preparando para mover seu exército como um.

— Você nos traiu, unindo forças com criaturas que vão queimar Éirinn em cinzas. Você nunca será rei de Mide.

Ele lutou lamentavelmente contra o meu aperto, e eu sorri sombriamente.

— Vou derrotá-lo em batalha, e então tomarei sua coroa para mim, pagão. Está na hora de uma celta governar Dubhlinn novamente.

O rei me surpreendeu rindo. — Nós somos iguais, você e eu. Você deveria admitir a verdade: você quer meu reino para si mesma.

A vingança tinha sido minha principal motivação, mas havia algo que despertou dentro de mim com a menção de seu reino, uma ambição ardente que eu nunca soube que tinha.

— Você me chamou de pagão, mas você não é melhor - que feitiço você lançou sobre mim, se não magia negra?

Seu argumento pareceu reverberar em minha mente. Com meu exército de mortos-vivos à minha volta, e como filha de Morrigan, como eu poderia zombar daqueles considerados pagãos quando não era melhor? Com um empurrão zangado, libertei sua mente.

Ele caiu de costas, sua espada jogada a alguns metros de distância. Desmontei apressadamente e segui em direção a ele. Sigtrygg esforçou-se para ficar de pé, sem dúvida atordoado por sua queda forte.

Eu chutei sua espada em sua direção. — Pegue. — Eu disse em um rosnado. Este era um duelo, e eu não trairia usando meu controle mental sobre ele. Ele morreria razoavelmente - apenas pela minha lâmina.

Assim que ele pegou sua espada, eu ataquei. Ele teria sido hábil se já não estivesse muito enfraquecido pelo meu ataque mental, e minha sede de vingança fez minha espada girar de verdade. Ele aparou dois dos meus balanços, até me chutou de volta com uma bota no meu abdômen. Mas no terceiro, minha espada cortou seu peito. Mesmo com sangue saindo da ferida, ele continuou a vir para mim.

Ele balançou novamente, mas eu bati sua espada de lado e chutei poderosamente. Ele caiu novamente com um poderoso estrondo e não tentou se levantar. Eu fiquei de pé sobre ele com minha espada levantada. — Não mostrarei piedade, assim como seus homens não deram nenhuma a meu pai.

Eu perfurei seu coração, e seus olhos se arregalaram quando o sangue derramou no chão.

Leif caminhou até o lado dele e cuspiu no chão. — Que você nunca entre em Valhalla.

Vimos como ele estremeceu uma vez e depois ficou quieto.

Eu me virei para ver o destino de seus outros homens, e um calafrio passou por mim. Meus guerreiros mortos-vivos haviam derrotado todos eles. Eles estavam acima da carnificina tão implacáveis quanto pedra.

Uma trituração barulhenta veio de trás de mim e me virei para encontrar Sleipnir devorando um dos soldados caídos, seus dentes rasgando facilmente a carne. O sangue cobria seu nariz e boca, assustadoramente artificial. Um gemido baixo de horror me escapou.

A batalha havia atraído pássaros carniceiros, e eles voavam repetidamente sobre nós, esperando a vez deles pelo que restasse. Leif estava ao meu lado, seu rosto uma máscara de pedra. Abrax pressionou-se perto dele, como se procurasse conforto do horror diante de nós.

— O que eu fiz? — Eu sussurrei.

CAPITULO 18

Depois que Sleipnir ficou satisfeito, ele caminhou em nossa direção, sangue escorrendo da boca e respingando nas pernas e no peito. Abrax girou para longe dele nervosamente. Até eu tive que me equilibrar. Tive vontade de chorar; o que eu fiz com meu lindo cavalo? Mas, novamente, ele era um animal selvagem agora, apto para a filha de um dos seres antigos mais cruéis que Éirinn já conhecera.

Se ele estava ciente do nosso medo, ele não mostrou nenhum sinal disso. Ele se sacudiu como um cachorro e torceu o rabo, e se não fosse pelo sangue, ele teria sido exatamente como sempre fora. Eu estendi minha mão para ele, mas Leif a puxou com uma sacudida de cabeça.

— Ele não vai me machucar. — Eu disse, tanto para mim quanto para Leif.

Sleipnir abaixou a cabeça para ser coçado e soltei o ar. Depois de esfregar os pelos macios de sua crina, eu me afastei. Os guerreiros mortos-vivos estavam mais uma vez em atenção.

Leif caminhou até o corpo de Sigtrygg e pegou sua espada e coroa. Ele apresentou os dois para mim, e eu levantei uma sobrancelha interrogativamente.

— Você matou o rei de Dubhlinn. A cidade é sua.

Sim, afirmou a voz dentro de mim, quando a ambição ardente tomou conta novamente. Havia muito bem que eu poderia fazer em tirá-lo das mãos do meio nórdico, muitos desprezados por suas constantes incursões nos reinos vizinhos. — Traga-a conosco como prova, então, mas não vou usar tanta sujeira na minha cabeça. — Eu disse.

Ele assentiu em aprovação e escondeu a coroa no manto. Uma vez montado em Abrax, ele disse: — Deveríamos viajar até o anoitecer, embora eu suspeite que somos apenas nós dois que iremos precisar descansar.

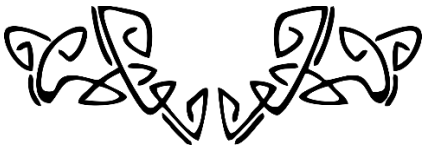
Meus olhos mudaram dos pássaros carniceiros, que agora brigavam pelos restos do exército de Sigtrygg, para meus próprios guerreiros imóveis. Depois de uma exibição tão assustadora, quase desejei poder mandá-los de volta de onde eles vieram. Se não fossem os trinta homens e os terríveis jötunn que eles mataram tão facilmente quanto ovelhas, para não falar das inúmeras batalhas à nossa frente, eu teria.

— Avante, então. — Eu disse.

Os mortos-vivos marcharam atrás de nós em um ritmo veloz e devorador de terra, e o simples pensamento deles atrás de mim tencionou todos os músculos do meu corpo.

Poderíamos ter vencido essa batalha, mas, quando olhei para os mortos-vivos que me seguiam, sabia que a maior guerra estava por vir.

Eu esperava que o preço terrível que paguei pelo meu exército valesse a pena.



O vento uivava, espalhando brasas da nossa fogueira. Ao cair da noite, tínhamos acampado ao norte de Dubhlinn, talvez a um dia de distância da cidade. Embora minha barriga estivesse confortavelmente cheia com o braço de coelhos em que nos deleitamos, a visão assustadora do exército de mortos-vivos em pé na escuridão como sentinelas silenciosas me gelou até os ossos. Leif sentou-se ao meu lado diante do fogo. Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor saindo dele em ondas, e ainda assim muito perto para conforto. Por alguma razão, eu não conseguia parar de pensar em uma conversa que uma vez ouvi entre meu pai e minha mãe, uma para decidir meu destino como mulher. Eu já tinha dezesseis anos e não fora criada como a futura dama de uma casa, nem possuía nenhuma habilidade feminina, exceto costurar. Minha mãe perguntou a meu pai o que seria de mim; eles não deveriam começar a procurar um marido adequado?

— Ciara é poderosa demais para que qualquer homem a tome como esposa - imprevisível demais. — Dissera meu pai. — Ele tentará quebrar o espírito dela e morrer tentando, ou a odiará e se ressentirá por ser mais forte. Ela é uma guerreira, não uma donzela. Melhor concentrar seus esforços em Branna e Deirdre, crie-as para serem grandes damas do nosso clã.

Eu nunca tinha ouvido a resposta de minha mãe, pois tinha apertado meu peito e corrido para o meu quarto antes que o soluço pudesse escapar da minha garganta. Foi uma coisa terrível ter meu destino decidido sem meu

consentimento, sem sequer uma única palavra de contribuição, mas mesmo isso não foi tão doloroso quanto o consenso de meus pais: que eu era muito repulsiva para o casamento.

Mas pouco tempo depois, percebi que meu pai havia me dado um presente. As meninas da minha posição tinham dois caminhos na vida: casamento ou convento. Meu pai havia aberto um terceiro caminho para mim, um onde eu poderia viver minha vida com toda a liberdade de um homem. O único custo foi que veio com o fardo sugador de almas da solidão.

E agora, meu pai estava a poucos metros de distância enquanto eu me sentava voluntariamente ao lado de um ex-inimigo. Embora depois de tudo que eu fiz, pareceu ser o menor dos meus crimes.

Ao chamá-los de volta dos mortos, sem dúvida eu amaldiçoei meus membros do clã e meu pai, mas havia uma parte de mim que teve grande satisfação com a vingança que eles me deram. E se eles eram necessários para destruir os jötnar, havia uma parte ainda maior de mim que não se arrependia de arrastá-los de volta dos mortos. Eu tremi com meus pensamentos. De onde vinha esse crescente sentimento de ambição? Sempre esteve lá, espreitando no meu subconsciente?

Gentilmente, Leif virou meu rosto em direção ao dele. — O que a incomoda?

Muitas coisas, pensei, mas não disse. Não queria expor minhas lembranças da crença de meus pais de que não era adequada como esposa - não para Leif. Além disso, havia questões mais urgentes. Meu olhar mudou para o meu exército de clãs mortos-vivos.

— Nenhuma guerra foi ganha sem sacrifício. — Disse Leif. — Este exército deu a você uma vingança contra Sigtrygg - que não apenas matou seu pai e

homens do clã, mas estava ligado aos jötnar - e ao reino de Dubhlinn. Seu exército é uma arma; vamos usá-los para esmagar os jötnar. Quando nossas terras estiverem seguras, você os libertará, e talvez eles durmam na paz de que os cristãos sempre falam.

A sugestão de um sorriso tocou meus lábios. O conceito de vida após a morte dos nórdicos era tudo menos pacífico. — E se nossos papéis fossem invertidos? E se fosse você quem chamasse seu pai e amigos? Todo traço de quem eles foram se foi, e apenas cadáveres ambulantes sobrando? Vê-los destruir seus inimigos em poucos minutos?

— Meu pai aceitaria tal destino com grande zelo. Qualquer um de nós teria orgulho de ser einherjar, ser chamado a lutar após a morte.

Suspirei, exasperada com os nórdicos sempre famintos de sangue. — Mas se meu pai ainda mantivesse o senso de si mesmo, ele ficaria cheio de vergonha.

Leif apontou para os homens silenciosos no escuro. — Ele fica tão imóvel quanto todos os outros. Seu pai como você o conheceu se foi. O que resta vai salvar a todos nós.

Toquei sua mão por um momento, mas então os ecos da conversa de meus pais ecoaram em minha mente. *Uma guerreira, não uma donzela*. Eu retirei minha mão. — Você me dá bons conselhos e mais do que um pouco de conforto.

Ele segurou meus olhos. — Eu não sou seu inimigo, Ciara. Eu posso ter sido... Uma vez. Mas isso mudou no momento em que te conheci no campo de batalha.

Eu tentei rir dele. — Porque eu te derrotei tão profundamente?

— Porque você poupou meu irmão. Porque algo em você tornou impossível para mim desviar o olhar.

Ele estava derretendo minha decisão, ainda assim eu lutei contra isso. Nós nos aliamos, e eu superei a sensação de que ele era meu inimigo, mas não pude deixar de acreditar na crença de longa data de que não estava em condições de ser amada como outras donzelas. Eu mal me conhecia; como eu poderia de boa fé me entregar a outro? Mas o rosto de Leif bloqueou tudo. Havia apenas nós dois na escuridão - sozinhos.

— Sua irmã. — Ele disse de repente, e eu congelei. — Foi um dos meus que a matou?

Dor por mim mostrou-se em seu rosto - e arrependimento. — Sim, era um nórdico, — Respondi, — Mas certamente nenhum dos homens que o acompanha. — Em voz baixa, acrescentei: — Ela era apenas uma criança quando a vi ser morta.

— Ela foi assassinada... Na sua frente?

— Eu assisti minha irmã sendo assassinada em meus sonhos com tanta frequência que conheço todos os detalhes, — Eu disse, quase para mim mesma, — Até os cílios perdidos que caíram em sua bochecha.

Ele pareceu doente por um momento e depois irritado, com o queixo flexionado. — Eu também vejo minha irmã nos meus sonhos, e não consigo imaginar como seria agora se tivesse visto tudo isso acontecer. — Seus olhos se voltaram para os meus. — Se eu pudesse tirar suas memórias de você e poupar-lhe essa dor, eu faria.

Quase contra a minha vontade, inclinei-me para ele. — A proposta que você fez ontem à noite, — Eu disse calmamente. — Você a manterá novamente esta noite? — Meu desejo de proximidade era uma sirene que eu não pude resistir; e de fato ele era o único que podia me entender agora.

Ele riu baixinho. — Você ainda vai me matar. — Disse ele. Mas em resposta, ele me puxou para o lado dele e nos envolveu em seu manto de pele.

Esse homem que já foi meu inimigo - com seus braços fortes em volta de mim - me fez sentir mais segura do que em semanas, mas ainda assim não sucumbi ao sono. — Ainda temo por Mide... E por minhas irmãs — Sussurrei na escuridão. Leif ficou calado, mas eu percebi pela ligeira mudança de seu corpo em direção ao meu que ele estava ouvindo. — Matamos o rei Sigtrygg, mas em breve outros virão. Eles verão a morte de meu pai como um convite aberto para conquistar o trono - através do casamento ou pela força.

—Então você deve assumir o trono por si mesma. — Disse Leif. Suas palavras ressoaram através de mim como as cordas vibrantes de um alaúde.

Sim, sussurrou a voz dentro de mim e, pela primeira vez, não tinha certeza se era minha ou de Morrigan. Por lei, eu era a herdeira de meu pai, mas não tinha certeza se Máthair contestaria. Ela revelaria a verdade do meu nascimento - que eu era uma bastarda, nem mesma inteiramente humana - ou o meu exílio era obrigatório? Mide era um reino valioso, rico em recursos. Sem uma força poderosa para dominá-lo, sempre seria suscetível a outros reis fortes e ambiciosos.

— Vou precisar de ajuda se quiser tirar Mide da minha mãe. — Eu disse.

— Eu sou seu aliado, princesa. — Disse ele. — Um dia você verá isso.

Ao adormecer, pensei: *Talvez eu já veja.*

O sonho me invadiu com imagens tão vívidas que eu sabia que era mais do que apenas um sonho.

Eu estava no salão das ruínas de um grande castelo. Estrelas brilhavam claramente acima de um enorme buraco no teto; raízes abriam caminho através das pedras do chão, deixando rachaduras; centenas de videiras enroladas na escada de pedra diante de mim.

Névoa escura derramava, fluindo ao meu redor como seda. Se eu olhasse tempo suficiente, eu conseguiria ver a forma de uma mulher. De repente, o salão destruído estava cheio de corvos. Suas penas negras caíram no chão, solidificando-se na figura de uma mulher que permanecia escondida nas sombras do grande salão. — Você sabe a verdade do seu nascimento agora. — Disse Morrigan.

— Sim. — Eu disse, minhas mãos se fechando em punhos ao meu lado. — Embora eu ainda não tenha certeza do por que você fez esse esforço.

— Não estamos sem nossos próprios videntes e sabíamos dos planos dos gigantes muito antes de eles saírem de seu reino. Recusei-me a ficar de lado e vê-los destruir a terra que já foi minha. Posso estar fraca demais para lutar com esses monstros, mas poderia criar alguém que pudesse. A linhagem do seu pai me deu a guerreira perfeita. Você.

A confusão diminuiu minha reação. — A linhagem dele?

A névoa escura rodou até que a visão de uma mulher de túnica branca estendeu os braços para o sol enquanto ele se levantava, os pálidos raios amarelos a banhando em sua luz. No momento em que a tocou, o desfiladeiro atrás dela foi iluminado e outras sacerdotisas vestidas de branco se moveram em direção à luz.

— Seus ancestrais, os druidas, viveram e adoraram ao lado dos Tuatha Dé Danann, aproveitando o poder da natureza para lhes dar habilidades além das dos meros mortais: o dom da cura, o dom da visão e a capacidade de viajar entre reinos. — Seu olhar misterioso, sombrio e insondável, caiu sobre mim. — Os druidas desapareceram assim como os Tuatha foram expulsos do reino mortal, mas os traços de suas linhagens, embora raros, permanecem. Seu pai carregava uma das linhagens mais antigas, e isso lhe dava potencial para grande poder. Poder que estava adormecido, esperando que sangue imortal o despertasse. Juntos, fizemos uma arma poderosa.

Um nascido para isso, Morrigan havia dito quando ela apareceu pela primeira vez para mim.

— Por quê? Por que você me criou? Você conhecia o monstro que enviaria ao mundo.

Ela sorriu, mas o gesto foi de astúcia e não de benevolência. — Eu precisava de um guerreiro com o poder dos antigos. Não me importei com o preço.

Minha cabeça doía com a dissonância da fé em que sempre acreditei e a verdade que não podia mais negar.

— A influência do novo deus está se espalhando, mas os deuses antigos continuam vivos. — Disse ela. — Eu faria qualquer coisa para proteger esta terra. Seduza um rei lamentável, dê à luz a uma filha e permita que ela seja criada por mortais tolos que desconhecem os velhos costumes, até unir forças com deuses do norte.

Pensei na maneira como Morrigan apareceu ao lado dos corvos no túnel das fadas - os corvos que haviam se revelado as Valquírias. Meus olhos se arregalaram. — Você quer dizer as Valquírias? Você se juntou...

— As Valquírias são apenas mensageiras dos deuses mais poderosos do norte. Elas escolheram seu próprio guerreiro para corrigir os erros cometidos por seus deuses, e fui eu quem o levou à sua porta.

Ela parecia completamente arrependida de que, ao levar Leif para mim, muitos dos meus homens do clã haviam morrido na batalha que se seguiu com os homens de Leif. Isso me fez sentir vontade de vomitar, como se eu fosse parcialmente culpada, mesmo que eu não estivesse consciente da minha parte em trazê-los para nossas costas.

Mas também me trouxe Leif. O pensamento sussurrou em minha mente, e eu não podia negar o quanto eu estava agradecida por isso.

— Então você veio a mim em um sonho para se gabar de como manipulou meu pai e inclinou os outros à sua vontade?

— Vim te avisar. — Ela disse, trazendo uma visão de Leif lutando contra o jötnar com toda sua força. — Ao contrário do seu poder, com o qual você nasceu, o nórdico foi concedido a ele como um presente dos deuses, mas isso não o torna invencível. Em breve você navegará para o norte e, assim que chegar às costas dos nórdicos, perderá todo o acesso ao reino dos Tuatha Dé Danann. Existem outros seres antigos que guardam aquelas margens, e eu não posso atravessá-las. Você pode se encontrar sem aliados no final. Você tem que ser forte o suficiente. Sua única esperança será dominar suas habilidades antes de você chegar. Torne-se a rainha guerreira que você deveria ser. — A névoa se transformou em penas onduladas de tinta preta. — Não falhe. — Com um *caw*, ela completou sua transformação em corvo e voou.

A marcha para Dubhlinn não foi longa, mas foi longa o suficiente para me torturar com pensamentos das palavras de Morrigan. Parecia especialmente ameaçador que ela dissesse que Leif não era invencível. Continuei enviando-lhe olhares preocupados, mas ele estava perdido em seus próprios pensamentos, sem dúvida ansioso para voltar a Arin e seus homens. A apreensão parecia se espalhar por mim e Leif, até ficarmos quase desesperados para chegar. Eu era rainha agora, mas não havia tempo para tomar formalmente a cidade, nem para decidir o que seria feito com a esposa e a família de Sigtrygg. Eu sabia que a esposa dele era celta, então ela poderia ter fugido para o pai, o Rei Supremo. Pensei em minha própria mãe, recusando-se a sair, recusando-se a enterrar os restos mortais de seu marido. Eu duvidava que a esposa de Sigtrygg fosse tão dedicada - não eram muitos os casamentos arranjados. Ainda assim, com o Rei Supremo atrás dela, a esposa de Sigtrygg poderia representar um problema que eu não estava preparada para lidar.

Não antecipei ninguém na cidade protestando contra minha reivindicação ao trono, não com meu exército de pesadelos nas costas, a coroa do rei em minhas mãos e minha própria reputação intimidadora, mas sabia que se tinha alguma esperança de manter o reino de Dubhlinn para mim, então eu teria que deixar alguém para ocupar a cidade.

Olhei de relance para Leif, notando novamente as linhas de tensão ali. Ele temia por Arinbjorn, eu sabia. Estávamos atrasados há tanto tempo agora,

qualquer coisa poderia ter acontecido enquanto estávamos fora. Seus homens haviam sido instruídos a preparar os navios, mas isso foi há semanas. Eles até acreditam que estamos vivos?

Se eles tivessem esperado por nós e se os navios estivessem prontos, partiríamos amanhã. Estremeci ao pensar nas proas com cabeça de dragão, nas velas quadradas. Como eu sempre detestei essa visão. Agora, muito cedo, eu estaria a bordo deles enquanto navegávamos para o norte, à mercê do mar e do céu.

Eu me senti completamente despreparada e, embora Leif tivesse aliviado minhas preocupações com a navegação em geral, eu ainda questionava o quão confortável seria a viagem.

— O que você faria se chovesse? — Perguntei a Leif na noite anterior, quando minha ansiedade por velejar havia chegado ao ponto em que eu não conseguia mais pensar em silêncio.

Ele sorriu e disse: — Nós nos molhamos.

Eu imaginei o quão miserável essa jornada poderia ser e decidi não fazer mais perguntas.

Mas não pude manter todas as minhas preocupações afastadas enquanto marchamos em direção à cidade. Olhei para meus guerreiros mortos-vivos. Eles seguiam o nosso rastro, sem mostrar sinais de fadiga, embora não tivessem dormido. Foi só quando chegamos à ponte para Dubhlinn que percebi que os levaríamos para a cidade. Os garotos sem sapatos que eu tinha visto na primeira vez que passamos vieram à mente. Eu estava trazendo monstros que eu sabia muito pouco para as portas de pessoas inocentes?

— Acho que o exército deve esperar aqui - nos portões. — Disse a Leif.

— Por quê? Precisamos viajar para a cidade para chegar aos navios, e seria tolice deixá-los aqui apenas para voltar mais tarde. Prefiro que você tenha a proteção extra; não podemos saber o que nos espera na cidade. Os homens de Sigtrygg podem desafiá-la pelo trono.

Olhei de volta para o meu exército mórbido, seus rostos cinzentos e sua marcha incansável. Leif tinha razão. Podemos precisar deles. — Prefiro não colocá-los contra meus próprios súditos, mas suponho que sim, se for necessário, se o povo de Dubhlinn nos desafiar.

Leif assentiu em aprovação.

— E o que dizer de Sleipnir? — Eu perguntei. — Posso confiar nele em um estábulo com outros cavalos?

— Você teme que ele devore os outros pobres animais no estábulo? Ele esteve ao lado de Abrax o tempo todo e não o lambeu.

— Ele conhece Abrax, no entanto. Os outros... — Eu parei quando os ouvidos de Sleipnir subiram de repente. Sentindo a atenção do outro cavalo, Abrax fez o mesmo.

Um bando de homens a cavalo estava vindo em nossa direção. Leif e eu cautelosamente sacamos nossas espadas e esperamos na ponte.

Assim que eles estavam perto o suficiente para se identificar, Leif embainhou sua espada. Eu sorri quando vi quem estava na liderança. — Arin — Disse Leif com alívio claro no sorriso em seu rosto. — Bondade sua vir nos encontrar. Me poupa o trabalho de destruir a cidade para encontrar você.

— Me encontrar? — Seu irmão disse, balançando a cabeça. — Vocês são os que estão desaparecidos há séculos. — Ele sorriu quando encontrou meu olhar,

mas então quando percebeu os mortos-vivos em nossas costas, a expressão rapidamente se transformou em apreensão. — Quem são esses homens?

— Meu exército. — Eu disse, incapaz e sem vontade de explicar mais.

— O exército que usamos para destruir o rei Sigtrygg depois que ele matou o pai de Ciara e queimou duzentos de seus membros do clã. — Disse Leif, sombrio.

— Isso é terrível, Ciara. — Disse Arin, todo o rosto desenhado em simpatia.

— Toda a maldita cidade se voltou contra nós enquanto você estava fora. — Disse um dos homens andando com Arin. — Os homens de Sigtrygg tentaram nos cercar e nos manter prisioneiros, então fomos forçados a matar todos eles e queimar o castelo.

— Sigtrygg nunca soube escolher o lado vencedor. — Disse Leif. Ele se virou para mim com um sorriso irônico. — Parece que seu castelo foi queimado, minha rainha.

Arin e o nórdico trocaram um olhar de confusão. — Rainha? — Arin perguntou.

— Vou explicar tudo mais tarde. — Disse Leif. — O que eu preciso saber agora é: os navios foram preparados?

O rosto de Arin se iluminou. — Eles foram, irmão. Não apenas nosso navio, mas outros quatro.

Leif assentiu com aprovação. — O suficiente para duzentos homens.

Ele olhou para o exército nas minhas costas. — Homens vivos, de qualquer maneira.

— Homens e cavalos. — Disse o outro nórdico. — Os navios estão cheios de armas e comida - o suficiente para substituir aqueles que perdemos. Nós invadimos a cidade depois de espancarmos os homens de Sigtrygg.

— Você deixou algum vivo? — Leif perguntou.

—Alguns se renderam. — Disse Arin, e pude ver pelo brilho em seus olhos que ele havia gostado de sua primeira batalha. — Embora muitos não continuem vivos. Sigtrygg pensou que seu exército de cinquenta homens seria suficiente para nos levar, mas eles estavam errados.

Fiquei surpresa com a quantidade de homens que Sigtrygg havia deixado para defender sua cidade. Nós derrotamos o pequeno batalhão que Sigtrygg havia trazido com ele, mas certamente seu exército consistia em mais de oitenta homens. — Onde estão os outros homens de Sigtrygg?

— Invadindo. — Disse Arin com naturalidade.

— Os restantes terão uma escolha, então. — Disse Leif. — Juntar-se a nós na batalha, como foi originalmente prometido pelo rei Sigtrygg, executado por sua nova rainha.

Pensei nos meus homens do clã que haviam sido queimados vivos pelos homens de Sigtrygg. Os homens que agora estavam atrás de mim, alimentados pelo sangue dos caídos. — Que uso tenho para homens traidores? — Minhas mãos apertaram as rédeas, e Sleipnir sacudiu a cabeça. — De que servem os homens que roubam minha igreja no dia do Senhor e a queimam e meus homens do clã em cinzas?

— Mais corpos para bloquear os golpes dos jötnar. — Disse Leif. Seu tom era calmo, mas o fogo dentro de mim queimou ainda mais. — Nem todos os homens foram culpados de atacar seus clãs, Ciara.

— Quem não tem nada a ver com isso pode vir à batalha. Aqueles que tiveram... Irão morrer.

CAPITULO 19

Entramos em Dubhlinn com muito mais alarde do que eu gostaria. Leif e eu cavalgamos lado a lado, seguidos pelo meu exército de guerreiros caídos. Os homens de Leif seguiram em frente e gritaram ao povo enquanto passávamos: — Povo de Dyflin, o rei Sigtrygg está morto. Veja sua nova rainha, Rainha Ciara!

Um alto clamor de surpresa percorreu a multidão, que atraiu ainda mais pessoas de suas casas. Eles alinhavam os dois lados da estrada e me encaravam enquanto eu passava. Com a maioria dos homens de Sigtrygg derrotados ou capturados pelos de Leif, não havia ninguém para contestar minha reivindicação, e o povo de Dubhlinn parecia não lamentar a perda de Sigtrygg. Os camponeses originários do norte não gostavam dele por ser meio celta, e os celtas que viviam em Dubhlinn não gostavam dele por seus ataques a Éirinn.

Ouvi murmúrios na multidão. — Os olhos de seu cavalo são vermelhos. — Disse um homem, e sua observação percorreu a multidão.

— Quem são os homens que a seguem? — Outro perguntou, segurando o filho ao lado dela.

Olhei para o meu exército, mas eles não quebraram a formação. Leif e os outros cavalgavam como se estivessem acostumados a tanto escrutínio de uma multidão grande, mas achei a atenção inquietante. Foi só quando notei um dos garotos pequenos e sujos que eu vira na primeira vez que cavalgamos pela cidade que pude sorrir.

Ele acenou vigorosamente quando eu me aproximei, suas bochechas manchadas de lama. — Rainha Ciara! — Ele chamou e eu respondi ao seu aceno com um meu.

Era isso que tínhamos a perder se não pudéssemos derrotar os jötnar: esse garoto e todos os outros como ele. Minhas irmãs - mais inocentes que perderiam a vida para os gigantes se eu não os parasse. Eu pensaria neles quando embarcasse em um navio que sempre desprezara, enquanto viajasse para longe de Éirinn. Eles deram um rosto à destruição sem nome que aguardava esta terra e seu povo se fracassássemos.

Ao longe, a fumaça do castelo ainda fumegante subia ao céu. Nisso, pelo menos, tive minha vingança. Os homens de Sigtrygg queimaram minha igreja, mas os homens de Leif queimaram seu castelo. Era uma coisa lamentável que o castelo fosse meu agora.

— Foi um erro queimar o castelo. — Disse Leif, como se estivesse expressando meus próprios pensamentos. — Agora teremos que dormir nos estábulos durante a noite.

Enquanto Leif falava, um de seus homens desacelerou sua montaria até estar acompanhando o nosso ritmo. — Dormimos nos navios ontem à noite. Nem todo o castelo foi queimado. Apenas colocamos fogo em sua sala do trono.

— E os criados e a família de Sigtrygg? — Eu perguntei, estimulando Sleipnir através da multidão. — Você os deixou ilesos?

— O filho dele foi um dos homens que nos atacou, então nós o matamos, mas os servos ainda estão vivos. A esposa dele implorou por misericórdia, e nós permitimos que ela pegasse seus pertences e deixasse a cidade.

— A esposa dele é filha do Rei Supremo. — Disse a Leif, revertendo as implicações em minha mente.

— Será um problema? — Leif perguntou.

— Cada reino em Éirinn tem domínio autônomo, e meramente prestamos homenagem ao rei supremo. Sigtrygg e o rei podem ter tido uma aliança, mas uma batalha foi travada de maneira justa e eu fui a vencedora. — Eu disse. — Por direito, a terra dele é minha. — Mesmo que a vingança em potencial do Rei Supremo fosse um problema, era para mais tarde. Tínhamos problemas maiores para lidar agora - como os jötnar potencialmente dominando o mundo.

A essa altura, nosso grupo chegou ao pátio do castelo, mas, diferentemente da última vez em que Leif e eu estivemos lá, agora não havia guardas nos portões. Nenhum criado correu para nos atender. A fumaça, vinda do meio do castelo, flutuava preguiçosamente em direção ao céu. O ar estava maduro com o cheiro de madeira queimada e um cheiro muito mais picante, com o qual eu estava familiarizada demais: carne carbonizada. Meu exército se espalhou atrás de nós quando paramos, e meu olhar caiu sobre meu pai. Como se sentisse meu olhar, ele virou a cabeça e nossos olhos se encontraram. Uma consciência queimou nele novamente, e pensei em sua necessidade de vingança.

— Onde estão os homens que se renderam durante sua batalha? — Eu perguntei a Arin.

— Nós os jogamos na masmorra. — Disse Arin, orgulho de suas realizações evidentes no inchaço do peito.

— Eu quero que todos eles sejam trazidos até mim. — Eu disse com um olhar para o meu pai. Não poderia descansar até ter lidado com eles.

Leif acenou com a cabeça em direção a seus homens. —Erik, Oleif, leve um homem de cada vez à rainha. Está na hora de responderem por seus crimes.

— Eu vou. — Disse Arin, mas Leif levantou a mão.

— Você vai ficar. — Disse Leif, e Arin olhou para seu irmão mais velho.

Erik e Oleif desmontaram e caminharam em direção ao castelo. Não demorou muito para que voltassem, cada um arrastando um homem acorrentado atrás deles.

Erik se aproximou primeiro com seu cativo, puxando-o para a frente cruelmente, até que o homem tropeçou e caiu diante de Sleipnir. As orelhas do meu cavalo imediatamente dispararam para trás. Quando ele arreganhou os dentes afiados, coloquei uma única mão em seu pescoço.

De cara pálida e imunda, o homem correu para trás fora do alcance de Sleipnir, apenas para ser parado com força pelo pé de Erik.

— Chega. — Eu disse a Erik e Sleipnir, que pareciam desejar prejudicar o prisioneiro. Eu me virei para o cativo na terra. — Erik trouxe você ante a mim para lhe dar uma escolha: jure lealdade a mim e se junte ao meu exército, ou seja executado por seu ataque contra meus aliados.

Trêmulo, o homem se levantou e inclinou a cabeça. — Terei prazer em atendê-la, minha rainha.

— Eu aceito sua lealdade, — Eu disse, — Mas como sua rainha, devo saber, que papel você desempenhou no ataque de Sigtrygg a Mide?

Com o olhar escuro nos meus olhos, o homem começou a tremer novamente. — Eu deveria ajudar os outros a derrubar os homens de Leif aqui na cidade. — Disse ele, os olhos se arregalando como se não soubessem qual era a resposta correta. — Tentamos emboscá-los, mas eles ainda nos derrotaram.

— E você nunca deixou Dubhlinn?

— Não, minha rainha. — Disse ele, olhando de um lado para o outro entre Leif e eu com medo.

— Remova as correntes dele. — Eu disse a Erik. — Ele navegará para o norte conosco.

O homem caiu para frente com alívio, e eu acenei para o próximo cativo em frente. Ao contrário do primeiro, este homem não tremia ou demonstrava medo de qualquer tipo. Ele era tão alto quanto Leif e ainda maior em volta. Ele encontrou meu olhar com desafio. Eu o desprezei à vista.

— Conte-me do seu envolvimento no ataque de Sigtrygg a Mide. — Eu disse, meu tom agudo.

— Eu matei pessoas. — Disse ele com um sorriso mostrando os dentes.

Oleif avançou e empurrou o homem na parte de trás da cabeça com tanta força que eu praticamente podia ouvir seu pescoço estalar. — Responda a sua rainha corretamente.

O cativo estreitou os olhos. — Eu matei seu povo. Queimamos a igreja deles no chão porque eles eram estúpidos demais para sair.

Quando a raiva repentina dentro de mim quase me deixou sem fôlego, houve uma estranha agitação atrás de mim. Os guerreiros mortos-vivos haviam mudado como um só, seu foco agora no cativo. Meu pai se aproximou dele, sua expressão feroz.

— Qual era o plano de Sigtrygg? — Leif perguntou antes que eu pudesse responder.

Com o olhar cauteloso ainda em meu pai, o cativo respondeu: — O rei Sigtrygg fingiu querer um tratado com o rei de Mide, e foi seu pai quem nos

convidou para o seu reino. Mas ele não esperava que chegássemos no dia do Senhor. — Ele disse com desdém. — Eles eram tão fáceis de matar como cordeiros. Seu pai incluído — Ele acrescentou, encontrando corajosamente o meu olhar.

— Palavras corajosas para um homem que está prestes a morrer. — Eu disse, relaxando meu aperto em Sleipnir. Ele avançou ameaçadoramente. Eu puxei minha espada. — Você confessou ter matado meus homens do clã, e por isso, terei justiça.

Ele ficou sem piscar diante de mim, com os olhos frios e sem medo. Ele tinha usado a mesma expressão insensível enquanto matava minha família? O movimento chamou minha atenção e eu parei Sleipnir. Meu pai havia empatado comigo. Ele olhou para mim e puxou sua espada, determinação evidente no conjunto de seus ombros.

Executaria o homem rapidamente decapitando, mas duvidava que qualquer punição que meu pai tivesse em mente fosse tão rápida. Ao olhar para o condenado, pude ouvir os gritos dos duzentos homens moribundos, queimados vivos.

— Ele é seu para fazer o que quiser. — Eu disse ao meu pai.

Não houve hesitação. Ele acelerou tão rápido que seu movimento ficou embaçado, e eu só pude ver o resultado: as entranhas do cativo se juntaram a seus pés. Ao meu lado, Arin se inclinou e parecia querer vomitar, e até meu próprio estômago revirou.

Ainda mais perturbador foi o silêncio em que essa exibição horrível foi realizada. Meu pai não emitira um único som e ele voltou ao seu lugar entre os outros guerreiros, igualmente em silêncio.

Com base na reação do meu pai, ficou claro que o homem deveria ser o único a decapitá-lo, e um pouco do meu desgosto foi temperado pela raiva justa. Ele merecia morrer, e eu procuraria todos os homens que foram fundamentais para matar meus homens do clã.

Enquanto o sangue continuava a derramar ao redor do cativo executado, eu disse severamente: — Traga os outros.



Mais quatro homens foram executados e vinte e dois foram adicionados ao nosso exército. Parecia que Sigtrygg havia levado um pequeno grupo de homens para Mide, mas foi o primeiro homem que produziu essa reação em meu pai. Eu mesma matei o resto, acabando com eles rapidamente. Não pude impedir Sleipnir de devorar seus cadáveres, seu comportamento antinatural muito perturbador mesmo para os homens endurecidos pela batalha de Leif. Ninguém quase vomitou à vista como o pobre Arin, mas partiram às pressas, com a desculpa de que precisavam fazer os preparativos finais nos navios. No final, eu gostaria de poder escapar da cena horrível.

Depois que nossas tarefas macabras foram concluídas, ordenei que as pessoas que haviam sido tomadas como escravas do meu reino fossem encontradas. Alguns eram, mas muitos já haviam sido vendidos e levados para longe. Cada perda me fez querer matar Sigtrygg novamente.

Com tanto a ser feito, a escuridão chegou muito cedo e não cedo o bastante. Eu estava exausta e desejava minha cama em Mide com suas peles quentes e travesseiros macios. Aqui eu não receberia esse luxo. Passei minha primeira noite como rainha deitada nos estábulos. Embora houvesse queimado apenas a sala do trono e os corredores circundantes, o cheiro de fumaça persistia, forte o suficiente para fazer nossos olhos lacrimejarem incessantemente. Por outro lado, o estábulo estava quente e o feno cheirava doce. No passado, eu dormia na mesma baia que Sleipnir. Mas agora nem eu estava disposta a me perder em um sono vulnerável ao lado de uma criatura cujos olhos brilhavam vermelhos na escuridão.

Sacudi e me virei, incapaz de encontrar uma posição confortável o suficiente para descansar. Sentia falta dos braços fortes de Leif ao meu redor, o cheiro e a respiração do seu manto de pele macia, o céu claro acima de nós. Sem uma desculpa de sofrimento agudo e noites frias e solitárias em fuga para abraçar, voltamos a dormir separadamente. Mas agora me perguntava por que achava necessário manter a modéstia - quem estava assistindo? Quem se importaria? Com raiva de mim mesma agora, apertei minhas pálpebras... Apenas para abri-las novamente ao som de uma bota farfalhando na palha da baia.

Leif estava acima de mim, sua expressão esperançosa e envergonhada. Ele segurava o pedaço de couro do peito por cima do ombro. Meus olhos varreram sua forma muscular, claramente revelada por sua túnica de linho leve e calças de couro. — Eu não conseguia dormir. — Disse ele, e deitou-se ao meu lado como se pertencesse a ele.

O prazer floresceu dentro de mim com o pensamento de que ele sentiu o mesmo que eu. Eu rolei de lado e encontrei seu olhar aquecido. — Eu também não. — Eu admiti. — Estou nervosa com esta viagem ao norte. — Ele estava

quieto, então eu continuei falando. — Nunca estive em lugar algum além de Éirinn e nunca estive em um navio - nem mesmo em um barco de pesca. — Esfreguei meu braço, sentindo-me estranhamente vulnerável, revelando esses medos comparativamente inconsequentes. Nós enfrentamos perigos muito maiores. Era tolice admitir que eu tinha medo de um barco de madeira na água.

Ele se deslocou e ficou de frente para mim. — Não quero que se preocupe. A jornada para o norte é fácil nesta época do ano, e já naveguei várias vezes. Mas, ao mesmo tempo, entendo essa tristeza e medo de deixar sua própria terra. Sei o quanto isso é difícil para você, mas estou tão feliz por você vir comigo, que posso compartilhar com você a beleza de velejar em águas abertas.

Suas palavras fizeram a tensão nos meus músculos derreter. Eu confiava nele, e se ele dissesse que estaria tudo bem, então estaria. — Eu gostaria de compartilhar isso com você também.

Ele tocou minha bochecha, seu polegar apenas escovando meus lábios. — Não sei se posso manter nosso acordo esta noite, princesa. Eu quero beijar você. Quero fazer muito mais do que isso, mas não gostaria de tentar o destino.

O desejo cresceu tão rapidamente dentro de mim que se tornou uma necessidade dolorosa. Antes mesmo de formar um pensamento racional em minha cabeça, me inclinei sobre ele e pressionei meus lábios nos dele. Ele me puxou para mais perto até nossos peitos ficarem um contra o outro. Nossos lábios se separaram com fome, sua língua encontrando a minha, incendiando todo o meu corpo. Minhas mãos deslizaram sob sua túnica, e não demorou muito para ele se sentar e puxá-la sobre sua cabeça. Sua armadura havia escondido várias tatuagens. Um dragão esquelético enrolado em sua omoplata; os dois bíceps

estavam cobertos com belos e complexos padrões de nós; e nas suas costas havia um enorme martelo de guerra, cercado por correntes e runas.

Embebedei-me com a vista delas, traçando cada um com a ponta do dedo. — São tão lindas. — Eu disse.

— Eu vou tatuar cada centímetro do meu corpo, se você continuar tocando nelas assim.

Eu sorri. — Não há cicatrizes para estragá-las. Você foi vitorioso nas batalhas, pelo menos até me conhecer.

Uma risada rosnada escapou dele, e ele me puxou para baixo dele.

Nossas línguas se encontraram novamente quando suas mãos varreram meu corpo, deixando rastros de fogo em todos os lugares que ele tocava. Ele me beijou até que nós dois ofegássemos, até que eu não conseguia pensar em nada além da dureza de seus músculos, da plenitude de seus lábios. Minhas unhas roçaram suas costas quando ele beijou a lateral do meu pescoço. Meu desejo febril pareceu se espalhar para Leif, até que houve desespero em nossos toques.

De repente, ele se afastou, um olhar de dor no rosto. — O que foi? — Eu perguntei, e a distância entre nós e o ar fresco da noite parecia me trazer de volta aos meus sentidos.

— Há algo que você deve saber. — Disse Leif, sua boca desenhada em uma linha sombria. — Você me perguntou uma vez o que eu trocara com as Valquírias pelo meu poder.

Meu estômago torceu dentro de mim. Como eu poderia ter esquecido? O que quer que fosse, não era bom, e eu queria estender a mão e silenciá-lo antes que ele pudesse continuar.

— Troquei minha vida.

Eu congelo. Eu precisava saber o que ele queria dizer, mas, ao mesmo tempo, eu temia sua resposta. — O que você quer dizer?

Eu assisti Leif engolir em seco. Ele não queria me dizer. — As Valquírias me deram as muitas habilidades necessárias para derrotar Fenris e os outros jötnar, mas depois que eu tiver sucesso, elas me sacrificarão e levarão minha alma a Valhalla.

O rugido de sangue nos meus ouvidos parecia um rio. — Por que você faria uma coisa dessas? — Eu sussurrei finalmente, minha boca seca.

— Eu precisava, e faria novamente. Eu me importo com você, Ciara. Foi por isso que contei a verdade sobre isso antes de prosseguirmos, mas não há nada que eu não faça para me vingar do jötnar que tirou minha irmã de mim.

Foi então que percebi duas coisas: eu também me importava com ele - demais. E eu não podia vê-lo morrer.

Um soluço ficou preso na minha garganta. Por que barganhar com sua vida? Mas enquanto pensava, sabia que faria o mesmo.

— Você deveria ter me dito antes. — Eu disse. *Antes de você me beijar assim. Antes que eu percebesse o quanto eu...*

Eu estava de repente desesperada para escapar. Eu não podia me permitir pensar sobre isso - agora não. Ele se esgueirou sobre mim lentamente, esse carinho... Essa profundidade de sentimento por Leif. Já era suficientemente ruim carregar tanto peso quando éramos apenas ex-inimigos. Era algo completamente diferente saber que eu me sentia assim por ele e que ele seria sacrificado no final de nossa busca.

— Onde você vai? — Leif perguntou enquanto me observava avançar em direção à porta do estábulo.

Sentindo minha presença, a cabeça de Sleipnir apareceu em cima de sua própria baia. Ele levantou a cabeça suavemente em saudação. — Para um passeio. — Eu disse.

Depois de libertar Sleipnir de sua baia, eu montei. Eu precisava de um tempo longe de Leif. Hora de me preparar para uma viagem longe de qualquer coisa que eu já tivesse conhecido.

Hora de trancar minhas emoções em uma caixa onde elas pertenciam, para que não me arrastassem para baixo.



Sleipnir e eu vagamos pela cidade na sombra e na escuridão, nosso caminho iluminado apenas pelo luar. Minha mente me torturou com imagens de Leif morto de muitas maneiras diferentes: dilacerado por gigantes, derrubado por uma espada, decapitado pelas valquírias. Senti-me doente e sozinha, e me odiava por fugir assim, mas não podia ficar. Meu corpo ainda queimava por ele. Eu não podia simplesmente me deitar ao lado dele como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse acabado de saber que poderíamos ter sucesso em nossa busca apenas para perdê-lo.

Por um tempo, considerei procurar Sigrid para ver se ela adivinharia o mesmo destino terrível para Leif. No final, eu decidi deixá-la descansar. Eu estaria em um navio com ela em breve, afinal. Eu treinaria com ela e ficaria mais forte, e talvez isso fosse poder o suficiente para salvá-lo.

Você não sabe se ele pode ser salvo, minha mente me lembrou dolorosamente, e eu apertei meus olhos com força.

Isso não significava que planejava ficar parada e ver isso acontecer.

Depois de um tempo, os cheiros e sons do mar próximo me chamaram e guiei Sleipnir em direção ao cais. O som das ondas batendo em cinco navios nórdicos nos recebeu, os cascos de Sleipnir batendo nas pranchas de madeira adicionando sua própria música. As proas de cabeça de dragão, iluminadas à luz suave da lua, davam a aparência de grandes monstros do mar adormecidos, erguidos das profundezas.

Afastei meus pensamentos de Leif e foquei na jornada à frente.

Com tantos navios fora do porto, Dubhlinn ficaria vulnerável. Precisávamos que a maior parte dos homens viesse conosco para o norte, mas alguns homens de confiança precisariam ficar para trás para proteger a cidade. Infelizmente, os únicos homens em quem confiava além de Leif estavam mortos.

Ao me aproximar dos navios, eu esperava uma festa estridente dos homens de Leif, mas tudo estava quieto. Eu assisti o vento brincar com as cordas segurando as velas quadradas atualmente esvaziadas. De manhã eu estaria a bordo, nada entre mim e o clima, exceto as roupas nas minhas costas. Eu estaria no maior navio, o de Leif, com seu irmão e homens. Seria desconfortável, lotado, frio e teria uma total falta de privacidade. Mesmo assim, não havia como voltar agora.

Uma figura veio em nossa direção do navio de Leif, interrompendo meus pensamentos e empurrando os ouvidos de Sleipnir para frente. Quando ele se aproximou, reconheci Arin.

— Você não conseguia dormir também? — Ele perguntou, seu rosto pálido e seus olhos excitados.

— Não. — Eu disse. Olhando para o rosto sério de Arin, percebi que ele conheceria os homens, assim como Leif. — Arin, existem homens entre vocês em quem você confia?

Ele pareceu momentaneamente surpreso, mas satisfeito por eu ter lhe feito uma pergunta tão importante. — Alguns dos melhores foram com você e Leif para combater os jötnar, — Disse ele. — Mas ainda há muitos outros que são confiáveis.

— Preciso de homens que permaneçam aqui e mantenham Dubhlinn até eu voltar.

— Leif sempre disse que Erik e Oleif têm a mente de chefes. — Disse Arin. — Eles agiram rapidamente no ataque contra nós enquanto você estava fora, e eles nos comandaram bem.

Eu assenti pensativamente. Erik e Oleif também foram rápidos em cumprir as ordens de Leif. Ambos eram homens capazes, e eu gostei de como Oleif impôs respeito a mim nos cativos. Mas eles não podiam manter a cidade por conta própria. Idealmente, deixaríamos para trás um pequeno batalhão, mas eu não tinha certeza de quantos Leif poderia poupar. Seria melhor se um dos homens capturados de Sigtrygg ficasse para trás para dar orientação aos nórdicos. Mentalmente, eu examinei os homens que havia interrogado.

— Você teve contato com o restante dos homens de Sigtrygg? — Eu perguntei a Arin.

— Alguns. Eles queriam dormir em suas próprias camas esta noite, mas não confiamos neles o suficiente. — Ele apontou para um dos navios no meio. — A maioria está lá.

— Então não há quem você confie? Qual foi o primeiro cativo que interrogamos? Ele parecia bastante honesto.

Arin tragou visivelmente. — Ele não tem sido um problema. Ainda não confiaria nele com a minha vida, mas ele parece endurecido pela batalha.

— Eu deveria falar com ele, então. — Eu disse, desmontando de Sleipnir sem problemas.

Arin observou Sleipnir com um olhar cauteloso. — Eu posso pegá-lo para você. — Disse ele.

— Não é necessário. — Eu disse, já caminhando em direção ao navio. Minhas botas bateram no cais de madeira e logo se juntaram às de Arin.

Arin me lançou um sorriso tímido, como se não quisesse ficar sozinho. — Eu vou com você.

Juntos, nos aproximamos do navio, e mesmo no escuro eu pude ver que ele era lindamente construído, elegante e aerodinâmico. Ele rangeu suavemente enquanto as ondas o sacudiam. Lá dentro, eu pude ver as formas escuras dos homens adormecidos, mas havia alguém que estava encostado no mastro, já alerta para a nossa aproximação.

Eu reconheci sua forma alta e dura como o homem que eu estava procurando. — Estou feliz que você esteja acordado. — Eu o chamei suavemente.

Ele se endireitou e caminhou em nossa direção, passando por cima de pernas e torsos. — Minha rainha? — Ele perguntou assim que saiu do navio.

Agora que ele estava mais perto, eu podia ver o suor escorrendo ao longo de sua testa e o tom nervoso nos olhos.

— Eu só quero falar com você. — Eu disse, enquanto olhava ao nosso redor. Havia algo que eu tinha perdido? Algo para colocar este homem em alerta? Olhei para Arin, mas ele não parecia alertado para qualquer perigo invisível. — Mas primeiro, quero saber seu nome.

— Donal. — Disse ele.

Seu olhar deslizou para longe do meu, e senti uma pontada de pena. — Donal, quando o sol nascer, navegaremos para o norte. Dubhlinn ficará vulnerável.

Ele olhou por cima do ombro. — Isso é verdade, minha rainha.

Mais uma vez, procurei no cais por algum sinal de perigo. — Do que você tem medo, Donal? — Minha pergunta pareceu pegá-lo de surpresa e ele estremeceu. Quando ele não conseguiu encontrar meus olhos, percebi a terrível verdade. — Você tem medo de mim. — Eu disse calmamente.

Usar o medo para comandar homens é para os fracos. As palavras do meu pai sussurraram na minha mente. Por muito tempo eu lutei sob o comando de meu pai, mas nunca o tinha visto usar essas táticas para ganhar respeito ou obediência. Eu também pensei em Morrigan, como até a visão dela fez minha pele entrar em erupção. Era isso que estranhos viam quando olhavam para mim? Um monstro escondido atrás da forma de uma mulher?

— Você... Você veio sozinha? — Donal perguntou. — Sem o seu exército de ossos?

Eu parei e, ao meu lado, Arin se mexeu desconfortavelmente. — Por que você os chama assim?

Se possível, Donal ficou ainda mais pálido. — Quando eu olho para eles... Só vejo esqueletos e chamas vermelhas onde seus corações deveriam estar.

Pensei na maneira como via meu exército de mortos-vivos. Eles estavam envoltos em neblina, e pareceu um grande esforço para descobrir qualquer detalhe em seus rostos, mas eles não pareciam esqueletos para mim. — Eles se parecem com qualquer outro guerreiro. — Eu disse.

— Não para mim.

— Você tem a visão. — Disse Arin, com reverência em seu tom. — Você era vidente de Sigtrygg?

Donal deu um passo para trás. — Vidente? Eu não. Não, claro que não.

Arin olhou para mim com uma confusão clara no rosto. Lembrei-me de como Sigrid era respeitada pelos nórdicos, ou pelo menos tolerada. — A visão é considerada herética em nossa cultura. — Expliquei. — Algo que apenas os pagãos usam.

Arin bufou. — Não é de admirar que os celtas tenham sido tão fáceis de invadir.

Eu dei a ele um olhar de advertência e voltei minha atenção para Donal. — E o que você vê quando olha para mim?

— Minha rainha, eu...

— Nenhum dano lhe acontecerá, Donal. Eu estou apenas curiosa.

Ele respirou fundo. — Penas de corvos no seu cabelo, a morte ao seu lado.

Eu assenti lentamente. Eu não precisava de um vidente para me dizer o que esses símbolos significavam. Pelo menos ele não tinha dito que eu parecia um esqueleto. — E quando você pensa em nossa busca no norte? O que você vê então?

— Vejo você montando um cavalo feito de fogo em vez de carne, o chão tremendo embaixo de você. Nada mais - nada útil. Essa visão nunca me mostra nada além de símbolos e enigmas.

Ele parecia frustrado, e eu pude simpatizar. — Obrigada por ser tão sincero comigo, e espero... Espero conquistar seu respeito em vez de seu medo.

Ele inclinou a cabeça como se tivesse vergonha. — Sobre o que você gostaria de falar comigo, minha rainha?

— Quando partirmos para o norte gostaria que você ficasse e aconselhasse aqueles que ficam para trás. Você vai fazer isso por mim?

— Seria uma honra. — Disse ele, um sorriso hesitante, mas aliviado, no rosto.

Toquei seu ombro e fiquei feliz quando ele não se afastou. — Obrigada, Donal. Descanse em sua própria casa esta noite e, de manhã, informe-se no pátio do castelo.

Depois de me agradecer, ele correu para a noite e eu me virei para Arin. — E você? Você está pronto para dormir?

Arin balançou a cabeça. — Prefiro dormir no navio enquanto navegamos. Ajuda a passar o tempo.

— Então me ajude a encontrar Oleif e Erik. Com o toque da visão de Donal, acho que dez homens devem ser capazes de manter a cidade, mas quero suas opiniões sobre quem deve ficar para trás.

Comecei a ir em direção a outro navio, mas as palavras de Arin me pararam. — Eu não tenho medo de você, você sabe.

Voltei com um sorriso. — Estou aliviada ao ouvir isso.

— Esse exército que você tem é muito assustador, mas você não é.

Eu sorri e esfreguei o topo da cabeça de Arin. — Nada deve ser assustador para você depois de ver o que aquele monstro fez.

Ele sorriu, seus dentes brancos, mesmo na penumbra. — Eu poderia ajudá-la a lutar uma próxima vez.

A arrogância dele era tão parecida com a do irmão, que era como se rasgasse o meu coração. — Você não pode, e você não vai. Mais alguma conversa assim, e certamente deixarei você para trás.

— Você é tão ruim quanto Leif.

Eu me inclinei para perto. — Eu sou pior. — Eu me endireitei e me afastei. — Agora venha. Temos que encontrar Erik e Oleif.

Ele seguiu com relutância, e eu prometi a mim mesma e a Deus que não permitiria que nenhum dano lhe acontecesse - não importa o quanto ele desejasse isso.

CAPITULO 20

O sol nasceu muito cedo e, quando terminei de decidir quem ficaria para trás com Oleif, Erik e Donal, eu só podia descansar minha cabeça no pescoço de Sleipnir e cumprimentar o nascer do sol com um olhar irritado. Arin estava sentado no cais, não muito longe de mim, de costas contra um poste.

Os homens que dormiram nos navios agora faziam os preparativos finais. Eu assisti enquanto dois homens lutavam com uma enorme gaiola de madeira cheia de corvos, e minhas sobrancelhas se uniram.

— Certamente não vamos comer isso. — Gritei para um dos homens. Os pássaros se acalmaram com o som da minha voz, seus olhos treinados em mim como um. Era assustador, mas não de maneira ameaçadora.

O homem olhou para a gaiola antes de olhar para mim. — Nós os trazemos para ter certeza de que estamos próximos da terra.

Suas palavras fizeram um tremor de ansiedade correr através de mim. Logo estaríamos à mercê das águas abertas. O homem carregou a gaiola para o maior navio, e foi à luz do dia que percebi que havia diferenças distintas. O maior, que eu reconheci como o de Leif, tinha uma proa tão ornamentada que era quase linda. De longe, tudo que eu tinha visto era a boca aberta do dragão, mas de perto eu podia ver o trabalho do nó tão carinhosamente esculpido. A vela ainda não havia sido elevada, mas eu sabia que era branca com uma insígnia de um dragão esquelético de sangue. Eu só esperava que isso atingisse o medo nos corações dos

jötnar quando o virem cair sobre eles, como no meu quando o vi aparecer ao longo da costa de Éirinn.

Ao lado do navio de Leif, havia outro mais curto, com pelo menos seis metros, mas muito mais largo e mais robusto. Nesse navio, os homens levavam vários animais, incluindo muitos cavalos de guerra retirados dos estábulos do antigo rei. Lonas foram presas no meio, fornecendo uma aparência de abrigo para os animais.

— Eu não tinha percebido que os nórdicos tinham tipos diferentes de navios.

Arin me deu o mesmo olhar de surpresa que ele sempre dava quando eu mostrava minha ignorância sobre seu povo. — Você pensou que só tínhamos os navios longos? Mas como os comerciantes transportariam mercadorias ou gado?

Ele tinha razão, é claro. — Então aquele navio ali. — Apontei para o que os animais estavam sendo carregados — É um navio mercante?

Ele assentiu. — Nós chamamos isso de knarr. O resto são navios de guerra, mas o de Leif é o maior, com espaço suficiente para 32 pessoas remarem.

Só então os cascos batendo no cais me alertaram para a aproximação de alguém e, quando me virei, vi Leif com meu exército seguindo. Meu exército marchava lento mas firmemente até chegar ao cais. Eu assisti como um por um, eles ficaram em atenção, aguardando o meu comando.

Leif guiou Abrax até chegar ao nível de Sleipnir. Arin deu uma olhada em seu irmão e de repente desenvolveu um fascínio por desatar uma corda atada bem longe de nós. Eu me mantive firme enquanto as emoções guerreavam dentro de mim: raiva e frustração por sua estupidez em negociar sua própria vida, mas também pela explosão de alegria que eu sentia quando o via agora. Tentei não

beber ao vê-lo, mas me envergonhei olhando-o como alguém morrendo de sede olha para a água fresca. Como eu poderia perdê-lo? Ele desmontou e eu fiz o mesmo. — Você não voltou. — Disse ele, sua expressão cautelosa.

Eu tentei segurar minha raiva, e a enrolei como um escudo contra a mágoa em seus olhos. — Eu tive que reunir homens que ficariam para trás. Dubhlinn não pode ficar sem defesa.

Ele se aproximou de mim, até que eu pude sentir o calor irradiando de seu corpo. — Você fugiu.

— Você me disse que estaria morto no final disso —, eu disse, incapaz de esconder a raiva da minha voz. — Todo esse tempo, estivemos juntos, e você não me diz que podemos derrotar os gigantes apenas para você perder sua vida. Você não achou que era algo que eu deveria saber?

Um músculo na mandíbula de Leif se contraiu, e eu não sabia dizer se ele estava tão bravo quanto eu, ou machucado. — Sempre foi meu fardo suportar. Pensei em lhe contar muitas vezes, mas sempre decidi que não. Que diferença isso faria? Mas ontem à noite, tudo mudou quando... — Ele parou por um momento. — Quando pensei que faríamos mais do que dormir. Quando pensei que significávamos mais um para o outro. E quando eu te disse, você saiu no meio da noite sem outra palavra.

Eu corei. — Eu estava com raiva, Leif. Ainda estou com raiva, tanto por você fazer uma coisa dessas e por me deixar me importar com você tanto quanto eu deixei. — Engoli em seco quando as emoções ameaçaram ferver novamente; Eu não tinha chorado quando fui exilada e me recusava a chorar agora. Olhei nos olhos dele e vi a mágoa que sentia refletida em mim e, de repente, percebi que ficar com raiva de Leif era inútil. Ele tomou sua decisão muito antes de mim, e

havia mais em jogo agora do que apenas nosso relacionamento e sentimentos um pelo outro. Eu não tinha o luxo de me afundar na autopiedade. — Mas eu não deveria ter saído. Eu não aguentava encarar isso. Eu ainda não posso.

Ele estendeu a mão e pegou a minha, sua própria quente e forte. — Você se importa comigo também? — Ele perguntou, um sorriso tocando nos cantos dos seus lábios. Eu empurrei seu peito com uma mão, mas não o soltei com a outra.

— Eu pensei que era óbvio. E agora que nós dois sabemos disso, como podemos continuar quando sua vida estiver perdida no final de tudo isso?

Sua expressão refletia a tristeza que eu sentia. — Continuaremos como sempre - juntos. Qualquer um de nós pode morrer a qualquer momento durante essa missão que assumimos; afastar um ao outro não tornará isso mais fácil de suportar, e o resultado ainda será o mesmo. — Ele levantou meu queixo para olhar para ele. — Somos mais fortes juntos, Ciara.

— Então não morra. — Eu disse, minha voz um sussurro de dor. — Deve haver uma maneira de mudar seu destino.

— Fiz uma escolha antes mesmo de conhecê-la, mas se ajudar, sinto muito por isso agora. Eu faria de novo para vingar minha irmã, você deve entender, mas eu sinto muito por isso.

Eu balancei minha cabeça. — Então, se você não encontrar uma maneira de desfazer, eu o farei.

Ele riu. — Se alguém pode mudar o destino dos deuses, é você.

Eu fiz uma careta - eu sabia que ele estava tentando desconversar. — Você tem medo de mudar seu destino, significando que perderia a força que lhe foi dada?

— Estou dizendo que não entrei em um pacto de ânimo leve e sei que as Valquírias não mudarão de ideia de repente ou decidirão serem misericordiosas.

Parecia que ele alcançou dentro do meu peito e agarrou meu coração. — Então você vai morrer. Não há nada a ser feito sobre isso. Você é apenas um cordeiro levado ao matadouro.

Ele bufou. — Todos nós vamos morrer. Eu poderia ter morrido em qualquer ponto dessa busca até agora - não há garantias.

— Mas se você sobreviver até o fim, se finalmente conseguir matar Fenris, ainda se deixaria matar pelas Valquírias. — Eu sabia que estava empurrando ele; Eu sabia que ele queria que eu desistisse, mas simplesmente não podia. Eu queria ouvir todos os detalhes terríveis, mesmo que parecessem unhas marteladas no meu peito a cada palavra.

Seus olhos encontraram os meus e, por um breve momento, eu vi: o medo. Isso me machucou mais do que imaginar meu próprio desamparo em sua própria execução. Mas então ele sorriu. —Eu nunca disse que não iria lutar. — Soltei um suspiro e ele apertou minha mão. — Já chega disso. Venha comigo. Eu tenho uma coisa que quero lhe mostrar.

Seu sorriso era contagioso, e eu tentei deixar de lado a minha preocupação, pelo menos por enquanto. Ele me levou para o navio que era dele, onde estava gracioso, comprido e estreito na água. Ele me ajudou a subir a bordo e, enquanto o navio balançava suavemente sob meus pés, ele me levou para a popa. Duas lonas foram equipadas para que um pequeno pedaço do navio tivesse alguma privacidade; uma cortava a popa do resto do navio enquanto a outra bloqueava o sol no alto.

Eu dei a ele um olhar interrogativo, e ele respondeu puxando a lona para o lado. Sobre as pranchas do navio estendiam-se peles macias, um baú e até um penico. Lágrimas de surpresa e alívio arderam nos meus olhos.

— Para você, minha rainha. — Disse ele com apenas a sugestão de um sorriso provocador. — Espero que você esteja pelo menos um pouco mais confortável que o resto de nós - protegida do sol e da maior parte do vento e da chuva.

Senti meu coração amolecer com seu gesto. — Esta é a coisa mais gentil que alguém já fez por mim. — Eu quis dizer isso.

Seu sorriso de resposta era largo. — Eu queria tornar essa jornada suportável para você. Não há nada como estar em um navio em águas abertas — ele disse, o orgulho iluminando seu rosto enquanto olhava para o navio. —Nada como aquela pressa de sentir quando as ondas ameaçam derrubá-lo, mas o navio desliza sobre elas - nada a não ser uma batalha.

— Ainda não entendo como vocês nórdicos navegam nesses mares. E se perdermos o caminho?

Leif bufou. — Eu nunca me perdi. Uso o sol e as estrelas para me guiar. — Seu rosto inclinou-se para o céu e ele fechou os olhos por um momento. Quando os abriu novamente, ele assentiu como se confirmasse algo por si mesmo. — Os ventos estão favoráveis hoje, o que significa que vamos ter um tempo bom.

— Quanto tempo até chegarmos a Skien? — Eu perguntei, temendo a resposta.

— Não vamos navegar direto para Skien. — Disse Leif, e eu olhei para ele bruscamente. — Vamos navegar para Bymbil, minha terra natal.

— E Skien?

Ele sorriu. — Você ficou com sede de sangue. — Ele apontou para o knarr, que já havia começado a afundar na água com o peso de todos a bordo. — Você não achou que eu entregaria tais prêmios a Fenris, não é? São tesouros para lucrar com minha própria aldeia. Agora que tenho o exército para o qual me propus, meu pai convocará todos os homens livres que lhe devem um favor e navegaremos para Skien com um exército muito maior em número do que Fenris já viu.

Seu plano era sólido, mas uma sombra fraca parecia passar por mim, avisando que nenhuma batalha era como planejada. — Nós podemos ganhar isso ainda. — Eu disse, discutindo com a sensação sombria que havia se esgueirado sobre mim. Recusei-me a falhar nesta missão. — Então, quanto tempo vai demorar para navegar para Bymbil?

— Apenas quinze dias se os ventos nos favorecerem.

Tanto tempo! Náusea agitou dentro da minha barriga como se eu já estivesse sendo jogada pelas ondas. Esse navio estreito poderia sobreviver a águas agitadas?

— Você já navegou através de uma tempestade? — Eu perguntei de repente.

— O Mar do Norte está repleto de tempestades, mas este navio sempre resistiu. Vou entregá-la em segurança para o norte, Ciara. Você não tem nada a temer.

Eu balancei a cabeça, minha atenção voltada para os homens que estavam pendurando escudos brilhantemente pintados nas laterais do navio para armazenamento. Um impressionante estoque de armas já havia sido armazenado sob tábuas soltas, mas Leif e eu continuávamos carregando nossas próprias espadas.

— Qual navio levará meu exército? — Eu perguntei. Eles ficaram parados como estátuas no cais, sem se mexer nem mudar de peso.

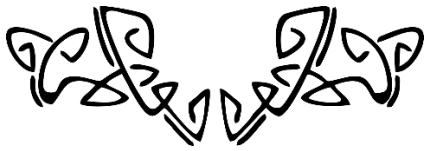
— Como um dos nossos maiores ativos, devemos distribuí-los igualmente em cada navio.

Eu sabia que era para o caso de o navio que os segurava afundar e fiquei mais uma vez impressionada com o meu medo de mar aberto. — Esse é um plano sólido, mas e Sleipnir?

— O knarr é o único navio grande o suficiente para ele, e eu vou ter certeza de que há bastante gado - se... O apetite dele voltar.

Eu fiz uma careta profunda. —Vamos esperar que não.

Quando Leif e seus homens fizeram os arranjos finais, dei uma olhada em Dubhlinn e rezei para que não fosse o meu último olhar.



Apesar da minha apreensão, quando chegou a hora de zarpar, a excitação e o orgulho dos homens de Leif fluíram através de mim, tão energizantes quanto uma tempestade elétrica. Em cada navio, trinta homens nos remaram para fora do porto, enquanto quarenta mortos-vivos se agrupavam na popa. Eles não precisariam de abrigo nem comida, e até o espaço que ocupavam era mínimo, pois nunca se moviam. A vidente também estava a bordo conosco e havia escolhido um lugar para se sentar longe de todos os outros – perto da gaiola de corvos. Leif tinha certeza de que ela estava no mesmo navio que eu. Eu esperava

poder usar meu tempo praticando minhas habilidades - eu tinha duas semanas para dominá-las.

Leif e eu estávamos na proa do navio e, quando a grande vela quadrada com suas insígnias foi finalmente baixada, um sentimento de alegria tomou conta de mim. O navio deslizou para a frente nas águas relativamente calmas do porto, o navio de Leif o ponto da formação em V que todos eles assumiram. Ainda assim, não pude deixar de olhar para a costa de Éirinn, desaparecendo mais rápido quando o vento agarrava a vela.

Arin segurava o mastro e cantava com deleite incontrolável. O rosto de Leif se abriu em um sorriso, e até os homens mais endurecidos pela batalha empurravam e conversavam tão alegremente como se fosse sua primeira viagem também. Leif me puxou para perto dele para sentar e estendeu a mão para pegar um borrifo de água. Com o céu azul acima e as águas relativamente calmas, era fácil relaxar.

— Você vai me falar da sua terra? — Eu perguntei, assistindo a luz do sol dançar através da água.

— O que você deseja saber?

— Qualquer coisa. Eu quero saber o que esperar.

— Existem montanhas e lagos, rios e fiordes, mas não é tão frio quanto você imagina. — Ele disse, e eu pude ouvir o leve sorriso que ele usava ao falar de sua terra natal. — A água é mais azul que o céu, e toda criança nasce sabendo como velejar. A água é a nossa fonte de vida, mas também cultivamos.

— Você é agricultor e também marinheiro? — Eu perguntei, uma nota provocadora na minha voz.

— Meu pai é dono de terras, sim, que um dia será minha, mas eu não diria que sou agricultor.

— Então você é um mercenário que possui terras?

Ele soltou uma risada curta. — Eu também não sou um mercenário. Não devo a ninguém lealdade, a não ser meu pai, que é jarl.

— Jarl?

— Seu povo os chama de condes. Ele é um jarl de uma vila com metade do tamanho de Skien. Foi assim que consegui tantos navios e homens para navegar neles.

Eu olhei para ele surpresa. — Como eu não ouvi falar disso?

— Os títulos não são tão importantes no norte. Julgamos um homem mais por suas proezas no campo de batalha. Os homens e mulheres do norte são pessoas livres, e pessoas livres podem seguir seu próprio caminho na vida. Se você ganhar o suficiente em ataques, poderá se tornar um proprietário de terras com riquezas suficientes para ser jarl.

Suas palavras pareciam me atingir no peito. Mosteiros queimados e profanados, homens santos abatidos, pilhas de tesouros roubados. — O lucro dos ataques, — Falei lentamente. — Você quer dizer... Todo o tesouro que você roubou e matou por?

Seu rosto escureceu como uma tempestade repentina. — Nós não roubamos. Existem poucas coisas piores que um ladrão.

— Me perdoe. Não vejo a diferença.

— Os vencedores de uma batalha merecem os espólios. Você pegou a espada e a coroa de Sigtrygg; você se chamaria de ladra?

A raiva brilhou dentro de mim com a acusação, ardente, mas com a mesma rapidez desapareceu. Eu não fui igualmente violenta? Eu não tinha matado e destruído? Havia cinco sepulturas atrás de nós para me lembrar da minha verdadeira natureza, e inúmeras outras que não foram marcadas após anos de batalha. Havia uma escuridão dentro de mim, e como não poderia haver? Minha mãe era Morrigan.

— Suponho que você tenha razão. — Admiti de má vontade.

Ele sorriu. — Só posso imaginar o quanto de luta foi para você admitir isso.

Eu cutuquei meu ombro no dele, mas não consegui esconder meu próprio sorriso de resposta. Não era de admirar que estivéssemos tão atraídos um pelo outro. Nós não éramos tão diferentes.

Leif colocou o braço em volta de mim, e novamente fiquei impressionada com o quão relaxado ele parecia. Voltei minha atenção para o mar, surpresa com a beleza do céu e da água. Eu já tinha visto da praia a vida toda, mas havia algo sobre o esplendor cintilante do sol nas ondas que intensificavam a beleza natural.

O barulho gutural dos corvos me tirou do meu devaneio da água, e eu olhei para cima para encontrar a vidente me observando.

— Devo ir agora falar com Sigrid? — Eu perguntei a Leif.

Um dos homens sentados à nossa frente, Thorin, ouviu. — Parece que estamos arriscando a ira de Njord ao ter duas mulheres a bordo que praticam *seidr*.

Leif lançou-lhe um olhar duro. — Temos sorte de ter habilidades tão poderosas a bordo. Chega de falar delas como se fossem amaldiçoadas, não no meu navio.

Thorin voltou sua atenção para o mar e eu me virei para Leif. — O que significa seidr? — Eu perguntei.

— É difícil de explicar. — Disse ele, e caiu em um silêncio pensativo. Então ele acrescentou: — Existem muitos aspectos de *seidr*... Mas já vi você demonstrar a maioria deles.

Um choque de surpresa passou por mim. — Há outros que podem fazer as coisas que eu já fiz? Existe um nome para isso?

Ele se deslocou de novo como se estivesse desconfortável. —Raramente. É uma... Arte escura. A maioria desconfia de alguém que pratica, porque é uma mágica que afeta a mente por ilusão, magia ou controle.

— E minha mente controla?

— Odin é o único que é capaz de algo tão poderoso... E você.

— Você sabe muito sobre isso, então? — Eu perguntei desesperada para saber mais. Meus poderes estavam crescendo e se transformando - de poder controlar mentalmente outro, separar o espírito do meu corpo e, finalmente, convocar um exército de sombras. Era assustador e emocionante ao mesmo tempo.

— Não mais do que a maioria da minha aldeia - o único *seidr* que experienciamos é a capacidade que os videntes têm de adivinhar o destino dos deuses, mas, além disso, você teria que perguntar a Sigrid. — Ele se virou para mim. — Você é a usuária de *seidr* mais poderosa que eu já conheci, e são essas habilidades que farão a diferença nessa missão - não tenho dúvidas sobre isso.

— Se eu puder dominá-los a tempo. — Eu disse, pegando meu lábio inferior com os dentes. — Eu deveria ir falar com Sigrid.

Comecei a me levantar, mas Leif colocou a mão no meu braço. — Hoje a noite seria um momento melhor. — Disse ele. — Pode ser difícil de acreditar, mas assistir você e Sigrid realizando *seidr* deixaria os outros nervosos, e eles são especialmente supersticiosos na água.

Com um suspiro de descrença, eu me desloquei, pressionando-me contra os músculos duros do seu lado. — Quem diria que os nórdicos eram tão delicados?

— Somos tão frágeis quanto pétalas.

— Eu posso ver isso. — Eu disse enquanto observava os homens ao meu redor fazendo várias coisas repugnantes: tudo, desde tirar meleca até urinar ao longo do navio.

Eu apenas mantive meus olhos nas ondas, o sol começando a descer, lançando seus raios laranja-dourados sobre a água. Não demorou muito para que minha noite sem dormir me alcançasse e minhas pálpebras caíssem. Fiquei instável, ainda não acostumado à água debaixo dos meus pés. — Acredito que vou testar o ninho de peles que você arranjou para mim. — Disse a Leif.

Ele tentou me puxar de volta para o banco. — Descanse aqui comigo.

— Tentador, mas nunca consegui dormir na presença de outras pessoas. — Eu disse, acenando com a cabeça para os outros homens a bordo. Não era apenas frequentemente atormentada por pesadelos, mas nunca me sentia confortável em relaxar minha guarda até o ponto necessário para dormir.

— Isso pode se tornar um problema para você, — Disse ele com um sorriso. —Mas vá. Aproveite a sua privacidade.

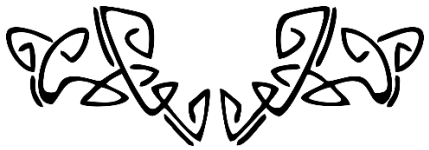
Eu sorri de volta para ele enquanto seguia com cuidado até a popa. Quarenta dos meus mortos-vivos se separaram por mim, e quando passei por

eles, meus ombros caíram. Não consegui encontrar meu pai, mas Fergus estava entre eles, seu rosto outrora animado sem expressão.

Parei para tocar sua bochecha, a dor me invadindo com tanta força que minha respiração engatou. — Como eu gostaria de poder ainda falar com você — Murmurei.

Ele não respondeu, e eu não esperava que ele respondesse. Passei além da lona, e os mortos-vivos se mudaram silenciosamente para o lugar diante dela, um muro de carne entre mim e o resto dos homens a bordo.

Deitei-me nas peles macias e cobri os olhos com o braço, deixando a tristeza e o arrependimento caírem sobre mim como ondas.



Quando acordei depois, estava tão escuro que tive que piscar várias vezes para me assegurar de que meus olhos estavam abertos. Ao meu lado veio a respiração suave de Leif; em algum momento da noite ele se juntou a mim, e eu só pude suspirar com sua audácia... Mesmo quando eu estava secretamente feliz por sua companhia.

Algo me acordou, no entanto, e fiquei deitada por um momento, ouvindo para ver o que era. O som voltou: meu nome seguido pelo cheiro pungente de sálvia.

A vidente estava me chamando.

Fiquei de pé com cuidado, mas fiquei satisfeita ao ver que meu corpo já havia se ajustado ao movimento das ondas. Afastei a lona e congelei de espanto.

A lua iluminava o navio, caindo sobre os homens que descansavam e unida por inúmeras estrelas. A luz era tão bonita, tão pura e brilhava prateada nas águas escuras. Eu dei um passo à frente e os homens do meu exército se separaram novamente por mim.

Os nórdicos dormiam em longos sacos feitos de couro e pelo. Nem todos estavam dormindo - Arin e outro nórdico, um que não era muito mais velho que eu, estavam sentados jogando um jogo perto do mastro. Encontrei Sigrid ao lado da gaiola de corvos, e os pássaros pareciam agitados à luz da lua. Suas penas estavam tão agitadas que pareciam lâminas, denteadas contra o céu noturno.

— Você deseja saber mais sobre *seidr.* — Disse ela, sua voz alta o suficiente para ser ouvida acima das ondas.

— Sim, mas mais do que isso, quero saber como controlá-lo.

— Há escuridão em você. — Ela disse, e eu pude sentir seus olhos em mim, — O suficiente para destruir tudo com o que você se importa. Você será uma grande e terrível rainha.

Por um momento, suas palavras lançaram um feitiço sobre mim, mostrando-me o que poderia ser. Com minhas próprias habilidades e meu exército de homens, eu poderia governar toda Éirinn. Mentalmente, me libertei da rede de ambição. Eu não seria vítima de visões sedentas de poder. — Minha vontade é muito maior que a escuridão interior.

— Diga-me, — Disse a vidente de dentro das sombras de suas vestes. — O controle de sua mente é forte o suficiente para dominar a mente dos jötunn?

Eu endureci. — Como você...

— Você tem grandes poderes, mas só os usa quando está impaciente e desesperada durante a batalha. Você os praticou, mas foi forçada a fazê-lo e relutantemente. O número de habilidades *seidr* que você tem está no mesmo nível de um deus - controle da mente, enviando seu espírito fora do seu corpo, convocando os mortos - e ainda assim você não domina nenhuma delas.

Então o que eu devo fazer? Eu pensei, mas não disse. Minha língua estava mole na minha boca - pasma com as palavras da vidente.

Você deve envidar todos os seus esforços para dominá-los como nunca antes, ela respondeu em minha mente, e eu estremeci de surpresa. — Você queria me perguntar como eu sei essas coisas sobre você. Eu as conheço porque dominei o único *seidr* que tenho: visões e destino.

Então, como você pode ouvir meus pensamentos?

Por estarmos conectadas pelo seidr que praticamos, ela respondeu em minha mente, lembrando-me assustadoramente de Morrigan. — Você tem muito a aprender. — Acrescentou em voz alta.

— Eu não tenho muito tempo para treinar. — Eu disse, meus pensamentos lentos e confusos. — Como vou dominar tantas habilidades?

Ela balançou a cabeça como se estivesse frustrada comigo. — Você teve a chave para fazer isso o tempo todo. Diga-me, como é que você controla a mente de outra pessoa?

— Porque Morrigan é minha mãe. — Eu disse, sem saber qual resposta ela queria.

— Seu sangue imortal é o que lhe deu a habilidade em primeiro lugar, sim, mas como você controla a mente de outra pessoa?

Olhei para o céu claro da noite como se ele contivesse a resposta. — É difícil colocar em palavras. Eu afundo em mim mesma e estendo a mão com a mente...

— Você está fazendo errado. — Disse a vidente, seu tom se tornando cada vez mais enfático. Os corvos bateram suas asas contra a gaiola em resposta. — Seu poder não está nos recônditos de sua mente, mas em seu espírito. Sua mente é apenas um eco pálido do que seu espírito pode fazer.

Suas palavras ressoaram tão fortemente dentro de mim que eu pude sentir o zumbido de sua verdade, junto com uma pontada de horror. Eu estava exercendo meus poderes de maneira errada desde que eles se manifestaram - eu poderia ter salvado os nórdicos que caíram pelos jötnar?

— Sim. — Disse a vidente, e meu olhar saltou para o dela e estreitou.

— Saia da minha cabeça. — Eu disse em um rosnado.

— Separe o seu espírito do seu corpo. É a única maneira de controlar um ser tão poderoso quanto os jötnar.

— E como devo fazer isso durante a batalha? — Eu exigi. — Meu corpo ficará mole, inconsciente - desprotegido.

A mão branca pálida da vidente disparou e apontou para o meu clã morto-vivo atrás de mim. — Você não tem guerreiros poderosos que podem ficar de guarda? Se você quiser vencer a batalha contra os jötnar, sua única esperança é permanecer em segurança e se separar do seu corpo - só então você ganhará o controle.

— Não posso abandonar os outros! Como devo permanecer em segurança enquanto eles lutam por suas vidas?

— Não seja tola. — Disse a vidente, seu tom agudo agora. — Você é uma grande guerreira, então? Você acredita que é mais habilidosa em esgrima do que o filho do jarl?

— Não. — Eu disse.

— Então é hora de você aprender. Venha comigo. — Ela caminhou para o lado do navio e eu a segui, perto o suficiente para que o borrifo do mar criasse uma névoa fina no meu rosto. — Olhe dentro da água.

Agarrei o lado do navio e me inclinei, momentaneamente hipnotizada pela lua brilhando sobre a superfície da água. A próxima coisa que soube foi que uma adaga estava presa na minha garganta.

Não ousei me mexer. — O que você está fazendo? — Eu perguntei com cuidado.

— Chame seus guerreiros - você tem um exército de mortos-vivos sob seu comando. — Disse ela.

— Ou o que? Você vai me matar? — Não achei que ela me mataria - Leif a mataria em retribuição, por um lado -, mas também não a conhecia o suficiente para dizer com certeza. Timidamente, estendi minha mente em direção à dela.

— Talvez, — Ela sussurrou logo atrás de mim. — Você não sabe porque não tem forças para quebrar minha mente.

Antes que eu pudesse responder, ela afastou minha tentativa de entrar em seus pensamentos tão facilmente quanto um homem adulto golpeia uma abelha curiosa. Ficou claro que sua capacidade mental era muito maior que a minha. Meu coração parecia que iria quebrar minhas costelas, estava batendo muito forte.

Como eu os chamo? Eu queria gritar com ela, mas não queria perder o fôlego. Tive a sensação de que ela não me responderia.

Tentei ignorar a sensação fria de metal contra a pele sensível da minha garganta e deixei meus olhos fecharem. Estendi a mão, mas isso não era como tentar tomar o controle de outra pessoa - eu não estava fazendo contato visual com ninguém, por um lado, não tinha um alvo específico - mas podia senti-los. Eu podia vê-los, embora meus olhos estivessem fechados. Formas sombrias envoltas em fumaça. Eu podia apenas ver suas formas esqueléticas embaixo.

Ajudem-me, pensei, e quando nada aconteceu, pensei mais desesperadamente: *Ajudem-me!*

Eu podia senti-los aparecer logo atrás de Sigrid, mas com uma velocidade surpreendente, ela nos girou para que eu encarasse meus guerreiros. Fergus - eu o reconheceria em qualquer lugar - e Séamus. Os dois com quem eu tive mais conexão na vida? Qualquer que fosse o motivo, eles estavam aqui agora, fantasmagóricos, estranhos e mágicos.

Sigrid soltou a adaga da minha garganta. — Desligue-os agora. — Disse ela.

— Você assumiu um grande risco apenas fazendo isso. — Eu disse, esfregando minha garganta. — O que me impede de tê-la em pedaços?

— Você aprendeu a convocar seus guerreiros para proteger seu corpo quando você está vulnerável, — Disse ela. — Mas ainda há muito a aprender. Você precisa de mim.

Eu precisava dela, soltei um assobio de frustração. — Você realmente tinha que me ameaçar com lesões corporais? Não teria sido mais fácil simplesmente explicar como convocá-los?

— Eu poderia, mas você levaria o dobro do tempo para dominar. Como eu disse antes, você só usa seu poder quando está em uma situação desesperadora.

Essa foi a única maneira de inventar uma situação em que você se sentiria ameaçada, para finalmente reconhecer como acessar seu poder.

Eu balancei minha cabeça, amaldiçoando interiormente os nórdicos. Só eles pensariam que colocar a vida de alguém em perigo era o melhor método de ensino. Eu odiava pensar como eles ensinavam seus filhos.

— Continuaremos amanhã à noite. — Disse a vidente, já se afastando em direção a seu assento na proa do navio.

— Espero sobreviver. — Eu resmunguei.

— Eu também — Respondeu ela. —, pois sinto que está chegando uma tempestade que irá testar a todos nós.

CAPITULO 21

Praticamos apenas à noite pelos próximos cinco dias. Horas e horas gastas procurando por aquela porta em minha mente - aquela que me salvou do jötnar duas vezes. Dois do meu clã morto-vivo ficariam de vigia enquanto eu empurrava meu espírito com força. Eu não conseguia fazê-lo rápido e nem sequer confiantemente - uma noite eu não consegui fazê-lo, e acho que se não fosse pelo meu exército de mortos-vivos, Sigrid teria me acertado na cabeça com seu pau retorcido. Porém, foi apenas na sexta noite que eu percebi o que estava fazendo de errado: estava pensando muito sobre isso. Quanto mais eu me concentrava, mais minha mente consciente me dizia que era impossível, e então eu não conseguia fazer nada. Eu tive que libertar minha mente e pensar no resultado, no meu espírito flutuando alto acima do meu corpo. Só então pude liberar meu espírito do meu corpo no momento em que fechei os olhos.

Então entrei nos recantos mais distantes da minha mente, abri a porta da luz e mergulhei nela. Eu sabia que isso era diferente de todos os outros momentos em que tentei deixar meu corpo. Tudo estava mais claro, menos nebuloso, e eu me sentia mais forte do que antes.

Ver minha forma inconsciente abaixo de mim foi tão desconcertante quanto sempre foi. Meu corpo estava caído no banco de madeira áspero do navio, o ponto brilhante do meu coração brilhando fortemente. Meu clã morto-vivo era ainda mais surpreendente de se ver: seus corpos não passavam de esqueletos cercados por uma fumaça negra em turbilhão. Os dois corações vermelhos brilhantes que

os animavam tinham correntes etéreas de prata que se conectavam ao meu próprio coração. Toquei meu peito com a mão fantasmagórica, mas não senti nada além de névoa. Não importava quantas vezes eu o tenha visto, ainda era difícil de acreditar.

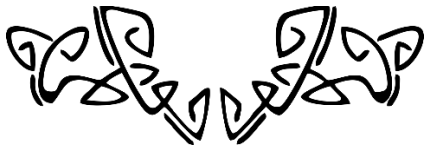
Com meu corpo guardado em segurança, eu estava livre para voar alto acima do navio como um pássaro. Ou um fantasma. Solta, observei as formas adormecidas dos nórdicos, a água negra e insondável, os navios deslizando. Vi os corações vermelhos brilhantes de todos a bordo, incluindo o de Sigrid.

Então eu só tinha que pensar na batida do coração dela, que eu estava lá. De pé diante dela, estendi a mão e agarrei seu coração, sentindo-o bater constantemente na minha mão enquanto ela ofegava e apertava seu peito. Antes que o ritmo pudesse ser interrompido, eu o soltei.

No instante seguinte, voltei ao meu corpo.

Fui até ela, esperando ouvir sua repreensão. Em vez disso, ela sorriu para mim.

— Agora você está pronta.



No dia seguinte, sob um céu tão azul que machucava meus olhos ao olhar por muito tempo, os homens estavam sentados ao redor do mastro corrompendo Arin com histórias de deuses que eram excessivamente violentos e obscenos ou ambos. Minha compreensão da linguagem deles sempre foi elementar, mas nos

últimos dias tão perto mudou meu conhecimento para quase fluente - pelo menos no que eu entendi.

Minha mente estava vagando, mas eu não pude deixar de ouvir um pouco, especialmente quando os ouvi mencionar a palavra jötnar.

— E então a gigante Skadi veio vingar o pai dela. — Disse Agnarr, sua barba escura quase da cor da pele do urso que usava sobre os ombros, embora ambos estivessem cobertos de sal da água que nos borrifava constantemente. Suas sobrancelhas escuras combinavam com o olhar sugestivo. — Ela usava uma armadura justa, mas seus seios grandes estavam nus, e todos os deuses que a olhavam a queriam embaixo dele, não importava se ela era jötnar ou não.

— Então, o pai dessa gigante foi assassinado pelos deuses — Eu interrompi, meus braços cruzados sobre o meu peito protetoramente. —, e quando ela veio vingá-lo, tudo que os deuses fizeram foi olhá-la com luxúria?

Agnarr balançou a cabeça. — Eles deram uma compensação para ela, é claro. Ela foi capaz de escolher qualquer marido dentre os deuses que ela gostava, mas teve que fazer sua escolha com base apenas na visão das pernas e pés dos deuses. — Agnarr levantou-se e flexionou os músculos peludos da panturrilha, enquanto o resto dos homens rugia de tanto rir.

Puxado pelo som tumultuado, Leif apareceu ao meu lado enquanto eu encarava os homens com confusão. — Mas por que ela os escolheria com base em uma razão tão ridícula? — Eu perguntei.

— É apenas parte da lenda. — Disse Agnarr, com um olhar que dizia que era o que eu disse que era ridículo.

— Então, quem ela escolheu? — Arin perguntou. Seus olhos brilharam como os de minhas irmãs durante a hora da história.

— Ela escolheu as pernas mais razoáveis que pôde, esperando que elas pertencessem a Baldur — Continuou Agnarr. —, mas, como se viu, ela escolheu as pernas de Njord. — Mais uma vez, os homens riram.

— Dizem que Baldur é o mais bonito dos deuses. — Disse-me Leif.

— Tão bonito quanto você, Leif. — Um dos outros homens falou.

— Melhor ser bonito do que tão feio que até as larvas não podem suportar vê-lo. — Leif falou de volta para responder às risadas.

— E quem é Njord? — Eu perguntei.

— O deus do mar. — Respondeu Leif.

— E ele foi uma escolha tão terrível, então?

— Ele foi uma péssima escolha para uma gigante do gelo que vivia nos picos mais altos das montanhas, onde a neve nunca derrete. — Disse Agnarr. — Por nove dias, Njord suportou sua fria e sombria Casa do Trovão, antes de finalmente exigir que voltassem ao mar. Ele odiava o uivo constante dos lobos e o frio que congelava sua urina no momento em que ele se aliviava. Porém, quando ficaram nove dias em Noatun, Skadi achou os gritos das gaivotas tão abrasivos que seus ouvidos sangraram até o final de seu tempo lá. Incapazes de concordar em um lugar para morar juntos, eles se separaram.

— Então o pai dela foi assassinado, e tudo o que ela conseguiu foi um casamento fracassado, em vez de vingança? — Eu perguntei, me sentindo estranhamente simpática com essa gigante que odiava os sons do mar.

— De que lado você está? — Leif perguntou, passando o braço em volta dos meus ombros de forma amigável, mas ainda não conseguia afastar os pensamentos do gigante cuja mente eu tinha controlado. Mais e mais, parecia que os jötnar não eram o mal irracional que eu acreditava que eles eram, e eu odiava

a virada simpática que meus próprios pensamentos estavam tomando. Sofrer ofensas e transgressões graves justificava, por sua vez, um ato maligno? Eu não queria pensar neles como algo além de completamente maligno; Não queria reconhecer os paralelos entre as histórias deles e as dos humanos. Foi um empreendimento totalmente inútil, no entanto, uma vez que eles tiveram que ser interrompidos - não importa qual a briga original.

— De qualquer maneira, ela se tornou a deusa do inverno — Disse Agnarr. —, pela qual ela deveria ser grata.

— Então... Alguns dos jötnar também são seus deuses? — Eu perguntei, verdadeiramente confusa agora: devemos lutar contra os próprios deuses?

— Alguns são — Respondeu Leif —, e outros não. — Ele disse isso como se imediatamente iluminasse tudo em minha mente, mas antes que eu pudesse esclarecer ainda mais, uma voz chamou nossa atenção:

— Nuvens escuras á vista. — Um dos homens de Leif disse sombriamente.

De fato, o vento aumentou, ondulando a vela e batendo a corda contra o mastro. Eu fiquei de pé, meus olhos no horizonte. Alguma coisa sobre essa tempestade em particular fez o sangue em minhas veias esfriar.

Eu sinto que uma tempestade está chegando que vai testar a todos nós, disse a vidente.

Leif virou-se para Arin e o resto de seus homens. — Preparem-se para a tempestade.

Depois de baixar a vela, os homens em torno de nós, incluindo muitos do meu exército de mortos vivos, tomaram seus lugares com os remos e se prepararam em fila. Uma vez que os ventos fortes da tempestade pegassem a vela, poderíamos ser tirados completamente do curso.

Um Relâmpago iluminou o céu, um poderoso trovão se seguiu e ouvi os cavalos do outro navio relincharem.

As águas negras agitaram-se, tão escuras quanto o céu furioso acima de nós.

— Nós enfurecemos Thor. — Disse Agnarr. As tranças de sua barba eram quase cor do céu. — Ele bate em sua bigorna, regando o céu com faíscas.

— Nenhum deus está zangado conosco — Disse Sigrid. —, fomos levados à tempestade pelo próprio mar.

— Njord? — Agnarr perguntou.

— Não, isso parece algo muito mais malévolo. — Seus olhos leitosos olhavam para o céu escuro antes de se voltar para mim. — Você não fez seu trabalho suficientemente bem, rainha de Dubhlinn. Você deixou para trás alguém leal a Sigtrygg e aos jötnar.

— O que você quer dizer? — Perguntei, já impaciente com suas respostas enigmáticas. — O que isso tem a ver com a tempestade?

Pela primeira vez, ela teve pena de mim e esclareceu: — Um espião. Alguém mandou dizer a Fenris que vocês dois partiram para Skien.

Imediatamente pensei no vidente celta. Seu medo de mim tinha sido um ato? Ele era o único que se destacava em minha mente, embora pudesse ter sido qualquer um. — Os jötnar têm esse poder?

— Eles controlam tanta magia quanto os deuses no que diz respeito aos elementos, e o mar não é exceção. — Seu olhar leitoso se voltou para Leif. — Eles o guiarão em direção a algo pior do que uma tempestade. Fique atento.

Um grito interrompido da proa do navio foi nosso único aviso, quando a proa bateu em uma onda maciça. Leif me agarrou com um braço, o outro

segurando o mastro. O resto dos nórdicos se preparou, segurando os lados do navio. A água colidiu rapidamente no casco, encharcando as nossas botas.

Quando olhei para os navios restantes, todos regrediram, com o nosso à frente. Homens mortos-vivos em cada convés se juntaram aos remadores, acrescentando resistência superior. Seguindo a liderança de Leif, os remos se dividiram em águas negras, forçando os navios a avançar apesar dos fortes ventos. Ainda assim, as ondas bateram em cima de nós, encharcando nossas roupas e cabelos enquanto a chuva caía. O ataque aos meus sentidos era realmente como nada que eu já havia suportado, e eu ansiava por abrigo.

Examinei a água enquanto avançávamos agonizantemente lentamente, com medo do que eu veria. O céu negro parecia muito perto, as ondas montanhosas. Os raios atravessavam o céu e a maior onda cresceu diante de nós. Os navios subiram até o topo, mas assim que chegamos, despencamos de volta à água implacável abaixo.

No instante seguinte, eu estava no ar. Ouvi Leif gritar meu nome enquanto o vento e a chuva me cegavam. Mergulhei nas águas geladas, uma onda me enterrando antes mesmo de ter a chance de me orientar. Eu lutei para a superfície, ofegando apenas para ter minha boca cheia de chuva e água do mar. Engasgando água, observei os navios continuarem... E desaparecerem atrás das ondas enormes.

O horror de estar agora muito sozinha em um mar escuro e tempestuoso desceu sobre mim, quase me afundando com seu peso. De novo e de novo as ondas me atingiram, e eu tive que chutar furiosamente só para manter minha cabeça acima da água. Forcei-me a avançar na direção em que os navios seguiam, meu caminho apenas ocasionalmente iluminado por raios.

Não posso morrer aqui, pensei, embora parecesse que toda a natureza se voltara contra mim.

Foi quando senti algo grande roçar na minha perna.

Eu queria gritar, mas não consegui; a chuva e a água do mar encheriam minha boca assim que eu a abrisse. Mais uma vez, a criatura desconhecida esbarrou em mim e, desta vez, minha bota raspou ao longo dela, me dando uma indicação do seu tamanho. Este não era um tubarão. A coisa era maior que o navio, e eu soube imediatamente que era uma serpente marinha.

Um raio iluminou o céu novamente e olhei para trás. De fora da água, subia a ponta de uma cauda escamada, e demorou apenas um momento para eu perceber que a criatura estava indo na direção dos navios. Enquanto passava por mim, eu agarrei. Suas escamas morderam minhas mãos, mas se a criatura percebeu que agora me agarrei a ela, não deu nenhuma indicação.

A serpente marinha parecia ganhar velocidade. Ondas bateram sobre minha cabeça e eu cerrei os dentes. Os relâmpagos brilharam novamente, e ali, não muito longe de nós, estavam os navios. O alívio que senti foi tão poderoso que quase relaxei meu aperto no rabo da serpente, mas então percebi que a mesma criatura que estava tão generosamente me dando uma carona também estava perigosamente perto dos navios.

Continuou, tão perto que agora eu podia ver os remos batendo na água. Cheguei cada vez mais perto, até conseguir distinguir uma forma na água. Leif estava nadando em minha direção, um fio de corda nadando atrás dele. Ele deve ter pulado atrás de mim, só que ele foi esperto o suficiente para se ancorar no navio primeiro. Fiquei tão aliviada que ele veio atrás de mim - por não ter me deixado morta.

Leif! Tentei gritar, mas recebi um bocado de água pelos meus esforços.

A serpente me arrastou para frente até eu colidir com Leif e soltar o rabo da criatura. O braço forte de Leif me envolveu, o outro ainda segurando a corda.

— Ciara, graças aos deuses. — Ele gritou, ondas e chuva interrompendo suas palavras.

— Serpente do mar! — Eu gritei de volta, apontando para os navios, rezando para que ele pudesse me entender.

A cabeça dele voltou para os navios. — Espere — Disse ele. Coloquei meus braços em volta da cintura dele, e ele nos puxou ao longo do comprimento da corda, mão sobre mão.

A água jorrou do lado do navio e eu olhei para cima. A serpente marinha subiu do mar atrás dos navios, tão maciça quanto uma montanha. Sua cabeça era como a de um dragão, seu corpo de uma cobra. Suas mandíbulas se abriram, grandes espadas em vez de dentes, e ouvi os gritos dos homens. O remo parou quando todos a bordo dos navios pegaram suas armas.

Desamparada, vi a cabeça da criatura descer em direção aos homens a bordo.

CAPITULO 22

Seus dentes foram encontrados pelas espadas dos mortos-vivos. Todos se moveram como um para desviar antes que os homens mortais pudessem se levantar. Ao nosso redor, a tempestade ainda estava furiosa. Ondulando através da água, veio o rabo da serpente marinha, que se enrolou nos navios como uma enorme corrente.

Estávamos quase no navio. Leif agarrou o leme e estendi a mão com a mente - através do vento e da chuva, passando pelas mentes sombrias e amedrontadas dos homens a bordo, até sentir os pensamentos visivelmente diferentes da criatura. Não havia palavras em sua mente, apenas imagens e emoções. A emoção antecipada de destruir os navios, o doce sabor da carne humana - algo que raramente acontecia - e a fúria e a confusão de ser desviada em seus objetivos pelo meu exército de mortos-vivos, criaturas contaminadas que nunca havia encontrado.

Eu entrei e peguei o controle, envolvendo sua consciência com centenas de correntes invisíveis. A cauda ao nosso redor congelou.

A serpente marinha enviou uma inundação de imagens ameaçadoras através de nossa conexão: ela me encontraria e depois morderia minha cabeça do pescoço. Náusea e frio, senti o medo se agitar dentro de mim, quando fui forçada a me ver sendo morta e comida repetidamente, mas ainda assim me segurei.

Leif agarrou o leme do navio e me impulsionou com as mãos. Ele seguiu atrás de mim, caindo ao meu lado no convés enquanto nós dois ofegamos. Ele se recuperou mais rápido do que eu e nos levantou.

— Eu abraçaria você apenas para garantir a mim mesmo que você está segura, se eu pudesse — Disse ele. —, mas por enquanto, terá que ser uma promessa.

Meu coração batia instável no meu peito.

A consciência da serpente marinha lutou contra a minha, até que lutei para me segurar. Era muito forte; Eu estava perdendo o controle. Abaixo de nós, sua cauda enrolada nos navios.

Apertei a cintura de Leif para chamar sua atenção. — A cauda esmagará os navios. Segure-me! — Eu gritei, e Leif passou um braço como uma faixa de ferro ao meu redor.

Não tive tempo de explicar meu plano a Leif. Todas aquelas noites de prática me permitiram acessar instantaneamente a porta em minha mente: eu me separei do meu corpo e caí mole contra ele.

Eu podia ver Leif gritando com medo para mim, me levantando e me segurando no peito dele, mas eu não podia me preocupar com isso agora. Eu sabia que ele me manteria segura.

Mais perto agora, eu podia ver o quão grande a serpente era. Sua cabeça era mais larga que o navio, seus dentes compridos como espadas. Era verde e azul, suas escamas iridescentes nos relâmpagos, espinhos perversos percorrendo todo o corpo.

Se eu não a esmagasse por dentro, isso destruiria facilmente o navio e todos os que estavam nele.

Encontrar o pulso vermelho brilhante de seu coração não era tão fácil quanto encontrá-lo em um ser humano. Seu tamanho maciço, e o fato de a maior parte do corpo ainda estar na água, dificultava. Eu flutuava acima, insegura, enquanto meus guerreiros mortos-vivos mantinham-se à distância. Pensei no que a vidente me diria para fazer e, de repente, percebi: minha forma era toda espírito - eu poderia mergulhar na água sem precisar respirar.

Mergulhei na água negra e agitada. Eu não conseguia ver nada além de escuridão e uma forma vaga do monstro, mas não precisava. Seu coração era enorme - um terço do tamanho do navio - e brilhava o suficiente para iluminar a água ao seu redor. Mergulhei minha mão no peito da serpente e agarrei o melhor que pude.

Logo ficou óbvio que eu não seria capaz de esmagar esse coração - era muito grande. Alguém teria que matá-lo com uma lâmina de verdade. Eu estava segurando o suficiente para diminuir o ritmo, dando a alguém tempo para terminar.

Quando vários momentos se passaram e nada aconteceu, percebi que teria que transmitir o que precisava ser feito. Pensei na maneira como a vidente havia me ensinado a convocar meus guerreiros, e estendi a mão para eles - eu podia vê-los, suas formas esqueléticas aguardando meu comando.

Eu o estou mantendo aprisionado; agora vocês devem terminar isso, eu disse através da nossa ligação.

Eu podia ver o que meu clã morto-vivo via: a serpente congelada como se o raio a tivesse atingido. Um brilho de metal, e então eu vi: uma espada saindo de entre os olhos. Um dos meus homens do clã havia perfurado a parte inferior macia da cabeça da serpente.

A cabeça e o pescoço desabaram, perdendo por pouco o mastro. Mesmo assim, aterrissou no convés com tanta força que o navio quase afundou, e alguns quase se viram perdidos no mar. Prendemos a respiração e observamos a serpente ser rapidamente engolida pelas ondas agitadas. Por fim, não era mais uma ameaça. Fechei os olhos com o alívio de ter sobrevivido a tal ataque.

Quando voltei a mim mesma, toquei minha mão no peito de Leif. Ele ainda me segurava, tão perto que eu mal conseguia respirar.

— Ciara — Disse ele com uma respiração ofegante. Ele me colocou no chão, mas não soltou - na verdade, ele me puxou em sua direção novamente até que eu fui pressionada contra seu peito. — Pelos deuses, eu não sabia o que tinha acontecido com você. — Ele se inclinou para trás apenas tempo suficiente para colocar as duas mãos em ambos os lados do meu rosto, e então ele me beijou, e nós dois estávamos indiferentes à chuva que caía sobre nós, o trovão crescendo no céu.

— Eu tive que parar a serpente por tempo suficiente para que meus guerreiros a matassem - me desculpe, eu não achei que havia tempo para explicar. — Eu disse quando ele se afastou novamente.

— Você me assustou mais do que o monstro. — Disse ele. — Você não é quem deveria morrer.

— Nenhum de nós vai morrer - olhe para a criatura que eles enviaram atrás de nós e nós a derrotamos. — Toquei sua bochecha molhada. — Nós não temos que aceitar o seu destino.

Ele se inclinou no meu toque por um momento antes de voltar para seus homens. — O céu está mais claro à frente. Continuem a remar!

Os homens ocuparam seus lugares mais uma vez, embora a serpente tenha feito vários danos onde havia caído, custando-nos vários remadores.

Eu observei o knarr ansiosamente, mas ele continuou, embora estivesse muito mais baixo na água do que o resto dos navios. Freneticamente, os homens a bordo escavavam balde após balde de água. A chuva continuava a cair mais fraca, mesmo quando as ondas traziam mais água para os lados dos navios.

Os mortos-vivos não mostraram sinais de serem incomodados pela tempestade e, de fato, nem pareciam molhados. Eles remaram incansavelmente quando minhas últimas forças cederam e eu caí de joelhos.

E então Leif estava lá, emprestando sua força para mim. Juntos, examinamos os navios, a ansiedade afundando garras cruéis em mim toda vez que atingimos uma onda. Eu não tinha mais nada a dar se as coisas dessem terrivelmente errado, e pior ainda era o conhecimento de que não haveria nada que eu pudesse fazer se algum dos navios começasse a afundar.

Então a chuva, tão repentinamente como chegara, diminuiu. As nuvens passaram de preto a cinza e as ondas montanhosas transitaram para colinas.

Quando o céu iluminou tanto que pudemos ver claramente novamente, e a chuva se tornou apenas uma névoa leve, os homens vivos em cada navio soltaram um rugido.

— Thor nos poupou. — Disse Agnarr.

Eu balancei minha cabeça enquanto olhava lentamente para os navios que navegavam suavemente de cada lado de nós. — Não. Nós nos salvamos.

Sigrid deu um passo à frente, de alguma forma pouco molhada. — A tempestade foi projetada para conduzir seus navios para a serpente marinha. — Ela olhou para Leif. — Fenris sabe que você está vindo.

O braço de Leif se apertou ao meu redor. — Então é melhor ele se preparar.



Naquela noite, fiquei deitada ao lado de Leif e olhei para o céu noturno abençoadamente claro. Eu não podia apreciar a beleza de tirar o fôlego das estrelas cintilantes, porque estava tremendo tão violentamente que meus dentes estalaram audivelmente. Tudo estava encharcada da chuva e da água do mar - nossas roupas, peles, nossas capas. Leif caiu em um sono inquieto, mas meus tremores se tornaram tão poderosos que eu me empurrei contra ele.

— Ciara, o que há de errado? — Leif perguntou, sua voz rouca de sono. Ele sentou-se. — Sua pele está como gelo.

Ele me puxou em sua direção, mas meus membros estavam rígidos e pouco cooperativos. Quando ele começou a tirar as roupas do meu corpo, eu consegui desbloquear minha mandíbula por tempo suficiente para protestar. — O que você está fazendo? — Eu exigi.

Ele arrastou um dos sacos de couro que os homens usavam para dormir - o pelo em cima estava molhado, mas o interior era seco e quente. — Perdoe-me — Disse ele. — Você deveria ter me dito como estava com frio - tudo que eu conseguia pensar era em desmoronar nessas peles e dormir.

— Está tudo bem. — Eu disse, minhas palavras quebradas por causa dos meus dentes batendo.

— Entrar nisso vai te aquecer, mas não com suas roupas molhadas — Disse ele com um olhar aguçado para minha túnica encharcada, botas e calças de couro. — Você terá que confiar que não tirarei vantagem da sua nudez.

— Claro que eu confio em você — Eu consegui forçar.

De maneira eficiente e rápida ele tirou minhas roupas e armaduras leves, e eu estava com muito frio para corar, entorpecida demais para apreciar a sensação de suas mãos em mim. E então o pelo me cercou e, depois de alguns minutos calmos de tremores, finalmente me acalmei.

— Melhor? — Ele perguntou, um tom estranho em sua voz. Eu encontrei seu olhar, e o calor correu através de mim quando percebi que seus esforços não tinham sido tão eficientemente separados, afinal, mesmo na escuridão, eu podia ver que seus olhos ardiam de desejo.

Isso acendeu algo dentro de mim. Tudo o que passamos juntos, todas as vezes que ele me ajudou e me desafiou - a sensação de seus lábios nos meus, o conforto que ele me deu apenas deitado castamente ao meu lado todas as noites. Todas essas coisas correram pela minha mente, e eu percebi que queria mais. Eu o queria.

Mas, por mais que sentisse os movimentos do desejo dentro do meu próprio corpo, não cederia a eles - não aqui. Não coberta de suor e sal, cercada por homens e separada por um mero pedaço de pano.

— Leif — Eu disse baixinho. —, obrigada por pular na água para me salvar.

— Não há necessidade de me agradecer. — Disse ele, seu olhar concentrado no meu. — Acho que deixei claro que faria qualquer coisa por você.

Suas palavras fizeram meu estômago palpitar mais do que um poema mais romântico jamais poderia. Não pensei que houvesse alguém que dissesse isso

sobre mim - que faria qualquer coisa por mim. Nem meus pais. Isso me fez perceber o quanto Leif significava para mim, o quão assustador era pensar que eu poderia um dia perdê-lo.

Eu não aguentava pensar nisso.

— Você não tem idéia do quanto isso significa para mim. — Eu disse, e senti minha garganta apertar.

— Torna difícil não ir além quando você me olha assim. — Disse Leif, o calor brilhando em seus olhos.

— Eu quero mais de você, você todo. — Eu disse, as palavras saindo da minha boca antes que eu pudesse me parar. — Mas não neste navio, não... Sem banho.

Ele riu e se inclinou para beijar meus lábios gentilmente. — Então vamos esperar, pois eu queria você esse tempo todo, e vou esperar o tempo que for necessário. — Seu olhar varreu minha forma escondida sob o couro e o pelo. — Mesmo que me traga dor física saber que você está nua agora.

Eu sorri quando um rubor novamente aqueceu meu corpo. Quando ele se deitou para dormir, fiz uma promessa a mim e a ele: encontraríamos uma maneira de salvá-lo.

Eu não poderia perdê-lo.

CAPITULO 23

Os dias no mar que se seguiram à tempestade foram sem intercorrências. O sol brilhava em abundância enquanto navegávamos mais perto da terra natal de Leif, e depois que quinze dias se passaram, eu estava desesperada por chuva, apenas para lavar o sal do meu corpo. Meu cabelo não fluía mais livremente, era uma bagunça emaranhada de ondas. Cada centímetro da minha pele e armadura tinha uma camada de sal grosso, tanto do mar quanto do meu próprio suor. Apesar desses impedimentos, Leif e eu dividíamos a mesma cama de peles todas as noites, embora não fizéssemos nada além de dormir. Apreciei sua restrição respeitosa, mas era torturante mesmo assim.

E justamente quando pensei que não poderia passar outro dia no mar, Leif pediu que um corvo fosse libertado.

— Se eu estiver certo — Ele me disse enquanto eu observava o pássaro voar esperançosamente. —, não estamos longe da terra.

— Como o corvo nos dirá? — Eu perguntei.

— Se retornar, não pode encontrar a terra.

Eu assisti o céu naquele dia como se tivesse visto nuvens de tempestade, mas o pássaro nunca voltou. Andei ainda mais rapidamente no pouco espaço que tinha. O pensamento de terra fazia o navio parecer desesperadamente pequeno. Uma brisa leve brincou no meu cabelo, enviando pedaços dispersos aos meus olhos, e eu os afastei irritadamente.

— Terra à frente. — Disse Leif, e como se ele tivesse conjurado isso apenas com suas palavras, montanhas se erguiam ao longe.

O V dos navios seguia para um pequeno ponto entre as montanhas, como gansos voando em direção a um lago. Mas quando nos aproximamos, percebi que o local era um fiorde.

Os homens remaram, e um silêncio caiu sobre todos nós enquanto os navios navegavam na entrada estreita. Uma névoa surgiu da água clara e fria, enquanto montanhas verdejantes se erguiam de ambos os lados. A luz do sol entrava pelas nuvens, dançando na água cintilante.

Senti olhos em mim e me virei para encontrar Leif me observando atentamente. — O que foi? — Eu perguntei.

Ele sorriu. — Só estou gostando de ver você vendo meu fiorde pela primeira vez.

— É muito mais bonito do que eu poderia imaginar. — Eu disse. — As montanhas são tão verdes aqui.

— Você esperava neve e gelo?

O que eu esperava? Sempre que eu pensava na terra de onde os nórdicos vinham, era sempre sombrio e escuro em minha mente. Um deserto árido e frio. Certamente não a beleza imponente das altas falésias e das águas vítreas. Sim, mas isso... Isso é quase tão bonito quanto Éirinn. Por que, então, os nórdicos atormentam nossas terras?

— Os fiordes são impressionantes de se ver, mas não temos as terras férteis do sul.

— Então você pega a nossa. — Eu disse com um aceno de entendimento.

Leif sorriu, seu humor muito animado ao ver a terra para ser abatido por minhas perguntas provocativas. — Nós os pegamos depois de derrotar seus donos; eles são os despojos da guerra.

— Sim, tenho certeza que é uma batalha difícil contra os agricultores.

Seu olhar mudou para o fiorde. — Muitos de nós somos agricultores. Você vai ver.

Agricultores guerreiros, pensei, mas não disse. Mais à frente, um cais projetava-se na água, suas tábuas cobertas por pelo menos cem pessoas. Eles devem ter avistado o dragão esquelético vermelho quando entramos no fiorde. Felicidade e empolgação nos foram trazidas pelo vento. Tão diferentes dos gritos de terror que seriam recebidos em Éirinn.

Atrás deles, havia fileiras de casas de madeira com colmo - não muito diferentes das de Dubhlinn, mas maiores. A multidão era composta principalmente de mulheres e crianças, embora também houvesse alguns homens mais velhos e homens que deviam ter ficado para vigiar a vila.

Olhei para Leif, aquele homem por quem eu estava tão atraída e ainda conhecia tão pouco. Uma emoção de resposta borbulhou dentro de mim com o pensamento de que talvez eu tivesse a chance de aprender mais sobre ele.

Os homens remaram nossa embarcação para um lado do cais, o knarr do outro. Os três navios restantes remaram até a costa, onde seus cascos rasos romperam. Assim que os navios estavam protegidos, os homens saíram, ansiosos para ver os entes queridos que haviam deixado para trás. Os guerreiros sanguinários que eu conheci se transformaram em maridos e pais amorosos; até os mais temíveis estavam cercados de crianças rindo. Aqui eles não eram dragões, apenas homens de família comuns.

Os homens de Sigtrygg eram quase indistinguíveis dos nórdicos. Todos estavam igualmente imundos, por um lado. O mar não tinha sido gentil. Mas também ouvi muitos falando na própria língua dos nórdicos, conversando tão facilmente quanto os guerreiros que travaram batalhas juntos. Os limites próximos do navio haviam contribuído muito para reunir todos nós.

Arin cumprimentou uma jovem mais ou menos da sua idade, ambos sorrindo timidamente um para o outro, mas claramente emocionados por se reunirem. Leif passou um braço em volta de mim, um sorriso relaxado no rosto. Ele não parecia estar procurando ninguém na multidão, apenas aliviado por estar em casa. Mais uma vez, pensei na vida dele antes de nos conhecermos. Teria sido solitário?

Então uma mulher esbelta se aproximou de nós, e eu fiquei rígida de surpresa. Talvez eu estivesse errado ao supor que ele não havia deixado ninguém para trás.

— Leif — Ela disse. —, agradeço aos deuses que você retornou. Devo preparar um banquete em comemoração?

Algo em mim relaxou ao traduzir as palavras nórdicas. Uma serva, então.

— Obrigado, Zinna. — Disse ele. — Amanhã à noite faremos um banquete, voltamos com comida para reabastecer as despensas. Devemos dar tempo a nossos aliados para chegar. Mas por que meu pai não veio nos cumprimentar?

Uma sombra passou por seu rosto e ela inclinou a cabeça. — Ele esteve doente nas últimas semanas e, na maioria das vezes, fica confinado em seu quarto. Ele está ansioso pelo seu retorno e reserva suas forças para o banquete.

Um músculo na mandíbula de Leif flexionou. — Eu irei até ele assim que estivermos estabelecidos.

Os olhos amendoados de Zinna se voltaram para o meu rosto, mas ela não expressou sua pergunta silenciosa. Leif pegou seu olhar interrogativo. — Esta é Ciara, rainha de Dyflin e princesa de Mide. Que todos saibam que suas ordens devem ser seguidas como se eu mesmo as tivesse dado.

Zinna assentiu. — Claro. Bem-vinda, rainha Ciara.

Algumas das alegrias da multidão diminuíram quando avistaram meu exército de mortos-vivos, permanecendo a bordo dos navios. Eles se entreolharam e murmuraram, claramente enervados com o que viram. — Estes são homens de Hel — Disseram um ao outro.

Um dos homens descarregou Abrax e Sleipnir, e a visão do garanhão preto com olhos vermelhos quase silenciou a multidão. Algumas mulheres gritaram e ouvi o mesmo nome repetidamente: *Helhest.*

Eu me virei para Leif, minhas sobrancelhas unidas em preocupação e pergunta. — Helhest é o cavalo de Hel e é considerada uma portadora de peste. — Disse ele. — Hel é filha de Loki, e ela guarda o reino dos mortos. — Para o seu povo, ele levantou as mãos. — Não há nada a temer desses guerreiros e deste cavalo. Eles são nossos aliados, juraram nos defender dos jötnar.

Suas palavras tiveram um efeito calmante, mas ainda assim, muitos lançaram olhares desconfiados em direção aos navios e ao meu cavalo.

Leif sorriu, seu humor mais leve do que eu já vi. — Venha, é hora de mostrar minha casa.

— Vou segui-lo para qualquer lugar, desde que haja um banho no final.

Ele riu. — A tempestade não contava?

Eu balancei minha cabeça enquanto sorria de volta para ele. — Mesmo se fosse, isso foi há uma semana.

— Tenho certeza que podemos encontrar algo para você tomar banho. — Seu olhar segurou o meu por um momento - uma promessa do que estava por vir - e meu estômago palpitou.

Embora a maioria dos moradores estivesse perto dos navios, eu poderia dizer que a vila estava tão ocupada quanto qualquer cidade. Passamos por uma forja de ferreiro, ferraduras e armas nas paredes no lugar de uma placa; galinhas perdidas e currais de ovelhas e cabras; um estábulo para os cavalos; várias lojas com cerâmica e cestas; e em toda parte, escudos de madeira e machados de ferro.

Paramos na base da escada que levava a uma casa comprida. Escudos com as insígnias de Leif pendiam das tábuas de madeira. — Este é o grande salão. — Disse ele, e continuou pela porta.

Uma vez lá dentro, parei quando entrei na sala enorme. O teto pairava acima de nós, enquanto o salão parecia grande o suficiente para cem homens. Em toda parede havia algum símbolo de morte: chifres, caveiras, armas, escudos, as insígnias de dragão de Leif. Mesmo assim, os objetos foram dispostos de tal maneira que havia uma beleza selvagem neles. O cheiro de fumaça flutuou sobre mim de uma grande fogueira no meio do chão. O salão estava tão escuro quanto uma taberna.

De um lado do salão, havia um estrado coberto de peles em vez de tapetes. Duas cadeiras grandes, com as costas e os braços feitos de chifres, esperavam. Leif olhou para elas, os lábios ligeiramente entreabertos, como se surpresos.

— Seu pai mandou fazer o outro para você. — Disse Zinna, vindo atrás de nós.

Ele parou como se estivesse surpreso, lançando um olhar para Zinna que estava cheio de confusão e preocupação. — Ele ficou tão mal que não conseguiu ouvir as necessidades da vila?

Ela desviou os olhos. — Ele conseguiu, mas eu sei que ele estava ansioso pela sua chegada.

— Eu irei até ele em breve. — Leif virou-se para mim. — Devo lhe mostrar seu quarto? — Ele perguntou. — Você esperou um banho por tempo suficiente.

Eu sorri e segui quando ele me levou a um dos corredores laterais.

— Está tudo bem? — Eu perguntei baixinho.

— Meu pai ficou ferido há muito tempo e nunca se recuperou. — Disse Leif. — Ele tem dificuldade para andar e, às vezes, a dor é tão forte que ele não consegue sair da cama. Mas ele sempre foi capaz de cumprir seus deveres como jarl. — Ele soltou um suspiro de dor. — O fato de ele ter trazido outra cadeira para mim só pode significar que ele ficou doente demais para continuar.

Estendi a mão e toquei sua bochecha. — Sinto muito, Leif. — Eu disse, odiando a dor em seus olhos.

Ele pegou minha mão e beijou a palma da mão. — Eu preciso ir. Precisa de alguma coisa? Zinna irá ajudá-la com um banho, e voltarei assim que puder.

— Claro, vá - não se preocupe comigo.

Desta vez, ele beijou meus lábios suavemente antes de se inclinar e sussurrar no meu ouvido: — Estou ansioso para esta noite.

O calor se espalhou para fora do meu núcleo e subiu pelo meu pescoço. Minhas pálpebras se fecharam quando ele deu outro beijo no meu pescoço. Eu sabia que estava em perigo de ficar aqui com Leif. Quanto mais eu aprendia dele, mais sentia minhas convicções por ele desaparecerem.

Ele nunca pareceu mais humano.



Depois do banho, minha pele e cabelos cheiravam a lavanda em vez de suor e água do mar, me senti mais relaxada do que em semanas. Esperei o máximo que pude por Leif, mas depois de semanas passadas a bordo de um navio com pouco sono, dormi como os mortos.

Na manhã seguinte, abri meus olhos para um quarto vazio e imediatamente os apertei novamente com um gemido. Como eu pude adormecer? Eu queria tanto estar com Leif, especialmente depois de tomar um banho que me fez sentir atraente novamente. Quando me sentei na cama, outro pensamento me ocorreu: Leif havia voltado? Eu não costumava ter um sono tão profundo, mas devia estar mais exausta do que pensava.

Quando finalmente deixei minha cama macia, descobri que Zinna havia gentilmente colocado uma túnica e um vestido para mim, mas nessa terra eu era uma estranha, eu preferia ficar com minha armadura de couro. Puxei a túnica para usar sob minha armadura, que, para minha surpresa, foi fácil de limpar com apenas um pano úmido, o couro tão macio como antes quando me foi presenteado.

Uma batida firme veio à minha porta, e eu a abri para encontrar Leif, vestido com uma túnica comprida com cinto, perneiras de couro, manto de pele de lobo prateado e botas de couro altas. Uma única corrente pendia do pescoço dele, um

dragão mordendo o rabo como o pingente. Seu cabelo estava lavado e trançado, seus dentes brancos enquanto ele sorria para mim.

Nossos olhares pegaram e seguraram, e logo sua boca estava descendo quando eu me levantei para encontrá-lo. Ele tinha gosto de hidromel, e quando suas mãos largas seguraram meus quadris e me aproximaram, eu quase o puxei para o meu quarto.

— Você é tão bonita — Disse Leif. —, e se eu não tivesse certeza de que alguém viria nos arrastar para fora deste quarto antes que tivéssemos a chance de nos divertirmos, eu ficaria feliz em por de lado cumprimentar nossos aliados.

Eu balancei minha cabeça, mas um sorriso satisfeito tocou meus lábios. — Foi o que você disse ontem à noite, mas você não apareceu.

Ele riu. — Eu vim, mas você estava dormindo tão pacificamente que eu não aguentava acordá-la.

— Eu nem ouvi você entrar. — Inclinei minha cabeça. — O que o manteve?

Uma sombra passou por seu rosto. — Meu pai. Ele está muito pior do que eu previra.

Estendi a mão e toquei seu braço. — Sinto muito. Há algo que eu possa fazer?

Ele sorriu. — Posso pensar em algumas coisas que você pode fazer para me confortar, mas receio que não tenha tempo no momento para me dedicar a isso.

— Um beijo será suficiente? — Eu perguntei, soltando uma pequena risada quando ele me puxou em sua direção.

Ele me beijou novamente com um grunhido de frustração. — Venha comigo antes que eu mude de ideia. Vamos caminhar até as docas e você verá como domesticamente vivemos aqui.

Eu o segui de volta ao salão mais silencioso, onde ainda havia fogo e muitos criados se apressavam em suas diferentes tarefas. — Você tem gado e ovelha? Não vou considerá-lo verdadeiramente doméstico, a menos que você tenha.

— Claro. — Ele parou e chamou um dos servos, que rapidamente respondeu a sua convocação. — Você nos traria algum skyr?

Ela assentiu e se afastou apressadamente. Quando ela voltou novamente, ela trouxe pequenas tigelas de madeira cheias de uma comida branca e cremosa.

— Experimente. — Disse Leif, entregando-me uma das colheres de pau.

Mergulhei a colher, surpresa com a espessura. Quando provei, havia uma acidez na minha língua, mas também um pouco de doce. — Delicioso. — Eu disse. — Como você faz isso?

—É feito de leite de vaca coado através de um pano. Geralmente fazemos quando fazemos o nosso queijo.

Isso era muito mais doméstico do que eu jamais imaginara que nórdicos pudessem ser, mas me recusava a admitir que só pensara neles comendo carne crua e bebendo cerveja e hidromel. Continuamos saindo da casa comprida e atravessamos a vila. Todos por quem passávamos estavam ocupados trabalhando - o ferreiro martelando ferraduras, um pescador estripando o peixe, mulheres tecendo cestos e crianças rindo e brincando. Não houve grande demonstração de interesse quando Leif passou. Ele era um deles, não alguém para ser adorado como muitos de nossos reis.

O cheiro do mar soprou na brisa, provocando uma saudade dolorosa. Pensei em minhas irmãs e em Máthair. Eu quase podia sentir a suavidade dos cabelos de Deirdre, ou a ferocidade dos abraços de Branna. *Em breve*, prometi a elas.

Um chifre soou da costa atrás de nós, e me virei em direção ao som, meus olhos examinando as águas distantes.

Leif fez o mesmo. — Um dos aliados de meu pai respondeu à minha convocação. — Disse ele quando as bandeiras dos navios apareceram. — Vamos precisar de toda a ajuda possível para a batalha contra Fenris.

Embora não houvesse perigo, meu coração continuava disparado no peito. Um chifre soando baixo e navios de proa de dragão na água tinham um significado diferente para mim, embora mesmo nisso meu coração estivesse mudando.

Muitos dos moradores já estavam no cais para aguardar os nórdicos que haviam chegado. Agora, dois navios novos estavam ao lado dos de Leif, e os ocupantes observavam meu exército ainda a bordo deles com tanta desconfiança quanto os aldeões haviam demonstrado.

Quando os recém-chegados desembarcaram, procurei o líder deles, curiosa para ver quem estaria lutando ao nosso lado. Um sorriso lento pegou meu rosto de surpresa quando vi quem era.

Uma mulher

Não havia dúvida de que ela era a líder, com seu belo manto de pele de zibelina no topo da armadura de couro e espada longa presa ao quadril. O cabelo dela tinha tranças loiras intricadas na cabeça e o rosto era tão feroz e anguloso quanto o de uma águia. Os homens a seguiram quando ela se aproximou de nós.

— Rúna. — Disse Leif. Eles apertaram as mãos em saudação antes que ela puxasse Leif para um abraço firme.

— Trouxe quarenta homens. — Ela disse. Seus olhos verdes se voltaram para os meus. —Você é a rainha celta?

— Eu sou Ciara. — Eu disse, surpresa que ela já tinha ouvido falar de mim. A notícia se espalhou rapidamente por essas terras do norte.

— Rúna é minha tia. — Disse Leif com um sorriso carinhoso —, a única irmã de meu pai e uma jarl por si só.

— E onde está meu irmão? — Rúna perguntou com um sorriso. — Ou minha chegada não merece uma saudação do jarl?

Leif tocou seu ombro. — Foi-me dito na minha chegada que a condição dele piorou a ponto de ele raramente sair da cama, tia, mas ele pode se juntar a nós em nosso banquete hoje à noite.

O sorriso dela desapareceu. — Dói-me ouvir isso. Eu irei até ele, então. Mas primeiro: qual é o plano? Quantos outros responderão à convocação?

Leif fez um gesto para que o seguíssemos de volta à casa comprida. — Posso contar com Jarl Thorsten e Inghard para trazer mais homens, mas nenhum deles poderá trazer tantos quanto você. Eles devem chegar amanhã e depois iremos para Skien.

Quando entramos na casa comprida, nós três nos sentamos ao redor da fogueira no salão principal, e um criado nos trouxe hidromel para beber de chifres tampados com ouro.

— Você planeja atacar do fiorde? — Rúna perguntou a Leif.

— Sim.

— Hum. — Disse ela. — Você tem um mapa?

Ele fez uma pausa, considerando. — Você acha que seria melhor atacar por trás da cidade?

— Então eles não vão nos ver chegando. — Eu disse, entendendo o plano. Os navios vikings eram rápidos, mas os fiordes eram estreitos. Eles seriam vistos

antes que pudessem chegar a terra firme, e dar aos jötnar a chance de se transformar era uma sentença de morte. — Eles estarão antecipando um ataque - a serpente do mar nos mostrou isso.

Leif assentiu. — Eles estarão nos esperando.

— Serpente do mar? — Rúna perguntou, confusão unindo as sobrancelhas.

— Havia um espião jötnar em Dubhlinn que enviou a Fenris nossos movimentos. — Ele esclareceu. — Fenris, por sua vez, enviou uma ordem para lidar conosco, mas- — Ele olhou para mim com um sorriso — -Ciara lidou com isso facilmente.

Eu ri. — Eu não sei se 'facilmente'...

— De qualquer maneira — Leif disse —, ele está morto e nós estamos vivos. — Ele se levantou e apertou meu ombro gentilmente. —Vou pegar um mapa de Skien.

Voltei minha atenção para Rúna, que estava me observando sobre as chamas do fogo.

— Você é linda. — Disse Rúna avaliando enquanto eu tomava um gole do hidromel. — Eu posso ver por que ele mantém você ao seu lado.

— E você é tão franca quanto Leif. — Eu disse. — Não é de admirar que vocês sejam parentes.

Ela sorriu. — Deve estar no sangue. Faz muito tempo desde que eu o vi. — Ela tomou um gole de seu próprio hidromel, pensativa. — A última vez foi quando sua irmã, Finna, ainda estava viva. Dois invernos se passaram desde então. E agora meu irmão ficou doente. Você o viu? A condição dele é realmente tão ruim assim?

Eu balancei minha cabeça. — Ele ficou doente demais para sair da cama, mas espero conhecê-lo hoje à noite no banquete.

— Pior do que eu pensava. — Disse ela calmamente. Uma sombra de tristeza cruzou seu rosto feroz. — É principalmente por causa da minha sobrinha que estou aqui. Ela era uma garota gentil e alegre, alguém que seria a melhor das mães. O que aconteceu com ela foi um destino que nunca deveria acontecer com ninguém, muito menos com alguém como ela.

Pensei em minha própria irmã e minhas mãos se fecharam em punhos. — Nós vamos detê-los. — Eu jurei.

Seu olhar afiado encontrou o meu. — Conte-me do seu exército. Dizem que nunca dormem nem se movem pelos navios, apenas ficam ali como se você tivesse trazido estátuas à vida.

— Como você ouviu falar deles?

— As notícias deles viajaram com a convocação.

O silêncio desceu sobre nós enquanto eu contemplava o quanto dizer a ela. Como descrever os homens que eu já amei que agora eram conchas dos homens que haviam sido antes? — Eles viram apenas uma batalha, mas nenhum caiu. — Eu disse. — Eles atacam tão rápido quanto víboras e nunca se cansam.

Rúna se inclinou para frente. — Mas como você chegou a ter um exército assim?

Pensei nos duzentos homens que haviam morrido, incluindo meu pai, e as paredes dentro de mim se ergueram. — Paguei um preço muito alto.

Leif voltou então, com um pedaço de couro enrolado debaixo do braço. Ele arrastou uma mesa em frente ao fogo e desenrolou o mapa. Quando nos

amontoamos ao redor, examinei toda a sua terra natal pela primeira vez: um pedaço de terra irregular composto principalmente de rios, fiordes e montanhas.

— A maior parte de sua terra parece inabitável. — Eu disse, meu dedo traçando todas as linhas que representavam a água. — É impressionante que você consiga ter fazendas.

— Isso foi um elogio? — Leif perguntou, o humor brilhando em seus olhos.

Eu fiz um som rude no fundo da minha garganta. — Não me faça me arrepender. Vamos planejar nossa estratégia.

Leif sorriu, mas voltou rapidamente para a tarefa em mãos. Seu dedo traçou as linhas dos rios que conduziam de sua aldeia a Skien. — Poderíamos navegar os navios pelos rios que terminam no norte de Skien. A partir daí, podemos nos aproximar a pé.

— Essa é uma estratégia de emboscada muito melhor. — Disse Rúna. — Duvido que eles tenham sentinelas - eles acreditam ser invencíveis. — Ela olhou atentamente para o mapa. — Se não me engano, há uma geleira por perto que apenas atrasará nosso progresso.

—Vamos evitar. Mas você está errada, eles terão vigias. — Ele olhou para mim. — Agora que Fenris sabe que estamos reunindo um exército.

Rúna assentiu sombriamente. — Então teremos que nos mover rapidamente.

Enquanto continuavam a debater os melhores rios para tomar, um som sutil e agitado chamou minha atenção para a janela.

Um grande pássaro preto olhou para mim de fora do vidro. Meu primeiro pensamento foi que era Morrigan, que vinha oferecer seus próprios conselhos, mas então lembrei que ela havia me dito que não poderia vir a essa terra. O

pássaro soltou um grunhido baixo, e eu percebi que não era um corvo, o qual Morrigan sempre aparecia. Ao contrário de um corvo, tinha um tufo de penas logo acima do bico. Eu segui a linha de visão e percebi que não estava olhando para mim.

Estava assistindo Leif.

CAPITULO 24

O resto do dia progrediu rapidamente: decidindo estratégias, juntando armas e acolhendo outro aliado. O corvo que tinha observado tão intensamente Leif pela janela voou para longe, embora a sensação que estávamos sendo observados permanecesse. O medo tomou conta de mim enquanto pensava no acordo de Leif com as Valquírias. Elas estavam assistindo para se certificar de que ele mantinha sua parte da barganha?

Essa cautela espinhosa ainda não me havia deixado no banquete da noite. Quando entramos no salão principal, o barulho de um salão cheio de vozes me cumprimentou. Parecia que toda a vila tinha vindo celebrar o retorno de Leif e seus homens. Os cheiros de carnes assadas, pão fresco e cerveja e hidromel livremente perfumavam o ar, e muitos olhos estavam em mim enquanto eu caminhava ao lado de Leif.

Ele alcançou minha mão e eu a peguei. Eu tive que resistir ao desejo de agarrar sua mão para aliviar minha preocupação de que eu o perderia no final disso. Afastei esses pensamentos antes que eles pudessem me arrastar para baixo. Recusava-me a viver com medo.

Leif me levou a uma das duas cadeiras no estrado e apertou minha mão novamente quando estávamos sentados. Quando olhei para ele, pude ver que seu rosto estava pálido.

— Você está bem? — Eu sussurrei.

Seu sorriso de resposta era nervoso, e eu me mexi desconfortavelmente no meu lugar. Meus olhos examinaram as pessoas no corredor, procurando o pai de Leif na multidão, mas eu não consegui encontrá-lo. Mas todos que encontraram meu olhar me cumprimentaram com um sorriso acolhedor. Pensei nas reações de meus próprios membros do clã, se eu colocasse alguém de fora em um lugar de honra e me afundei na minha cadeira. Eu tinha visto tão pouco desta terra até agora, e nada era como eu esperava.

Leif ficou de pé - relutantemente, ao que me pareceu - e o salão se acalmou. — Homens e mulheres livres, trouxe de volta uma poderosa aliada, como prometido. — Ele se virou e estendeu a mão para mim, e eu me levantei ao lado dele. — Esta é Ciara, princesa de Mide, rainha de Dyflin. Ela sozinha derrubou um jötunn e derrotou o rei Sigtrygg. Suas proezas são bem conhecidas em Éirinn, e suas habilidades rivalizam com as minhas.

Sussurros altos de aprovação seguiram a impressionante introdução de Leif sobre mim, e fiquei surpresa com o quanto eu queria viver de acordo com essas palavras.

— Ela traz consigo um exército poderoso - homens que não caem facilmente. E enviamos uma mensagem para nossos aliados. Alguns de vocês já perderam homens e mulheres para o jötnar e, embora ainda lamentem seus mortos, só há uma coisa que pode aliviar seu sofrimento: a vingança. — Muitos acenos e gritos ecoaram de todos os que estavam ouvindo. — Amanhã, vamos navegar para Skien e derrotar Fenris em sua própria cidade.

Outro rugido de aprovação aumentou com isso, e os dentes de Leif reluziram. — Quem aqui se juntará à batalha pela frente?

Os homens do navio foram os primeiros a avançar, a se oferecer como guerreiros. As esposas assentiram em aprovação, os queixos erguidos com orgulho. Como se estivessem envolvidas em todo o ritual, os homens de Sigtrygg também se ofereceram. Surpreendeu-me que, embora o pai de Leif fosse jarl, ele ainda convidava os homens a serem voluntários, em vez de forçá-los a servir. Outros da vila deram um passo à frente, todos prometendo sua ajuda.

Mas quando Arinbjorn se adiantou, Leif sacudiu a cabeça. — Não, Arin. — Disse ele. — Não dessa vez.

O rosto de Arin escureceu com uma imitação impressionante da do irmão. — Não me mostrei pronto para a batalha em Éirinn?

— Você fez, mas eu não tive escolha lá. Você vai ficar aqui e vigiar a vila; você ainda não atingiu a maioridade para a batalha.

O rosto de Arin caiu, mas ele inclinou a cabeça, tenso. Ficou claro que Leif não seria dissuadido.

Depois que o último homem se ofereceu à causa, os servos trouxeram enormes caldeirões de ferro. Foram necessários dois homens fortes para carregar cada caldeirão fumegante e, quando os colocaram diante da mesa, um deles se voltou para Leif.

— Para a *blóta.* — Disse ele, e entregou-lhe uma tigela cheia de um líquido escuro.

Leif tirou um pincel de cabo longo da tigela. — Com esse sangue, pedimos aos deuses força e boa saúde na batalha por vir.

Todos no salão repetiram a oração e, em seguida, Leif sacudiu o pincel até que gotas de sangue espirrarem no ar. Uma gota caiu na minha testa, e eu a toquei timidamente enquanto rastreava meu rosto. Os nórdicos ao meu redor inclinaram

a cabeça e murmuraram graças a Odin ou Freyja, mas eu só podia ficar em um tipo de silêncio aterrorizado. Houve um tempo em que eu teria zombado de seu ritual, enojada pelo sacrifício pagão, mas agora que eu era um deles... Eu só podia ver as boas intenções por trás disso.

Depois de fazer um circuito completo pelo salão, Leif levou a tigela de sangue ao pé de uma estátua esculpida. Ele espirrou mais sangue antes de voltar para a frente do salão.

— Vamos festejar. — Disse ele.

Dois dos criados retiraram imediatamente a carne fumegante dos caldeirões, enquanto outros empilharam comida no alto das mesas por tanto tempo que percorreram todo o salão. Cordeiro assado e porco, frutas secas e castanhas, peixe salgado, peixe fresco e pão tão escuro que estava quase preto. Nossa mesa estava posta com tigelas e pratos de madeira, facas afiadas e chifres de hidromel. Sentei-me ao lado de Leif na cabeceira e assisti com um sorriso divertido enquanto todos, mas principalmente os nórdicos com quem navegamos, caíam sobre a comida como se estivessem morrendo de fome.

— Estou aliviado que acabou. — Disse Leif em voz baixa para mim.

Eu atirei a ele um olhar incrédulo. — Então você estava nervoso.

— É a primeira vez que falo com os homens livres sem meu pai e lidero a *blóta*. — Ele franziu a testa. — Não sei ao certo o que está guardando meu pai - não gosto de falar na frente de tantos.

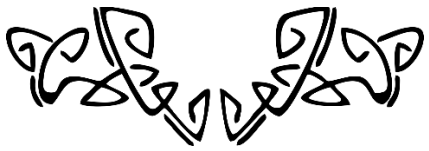
Coloquei minha faca para baixo para encará-lo melhor. — Isso é o que assusta você? Falar na frente de um salão cheio? — Ele assentiu timidamente. — Bem, se eu não tivesse notado que você estava pálido antes, eu nem pensaria que você estava desconfortável. Você fez um bom trabalho.

— Imaginei que estava falando com eles no meio de uma batalha.

Minha risada nos pegou de surpresa e logo ele estava se juntando.

As crianças terminaram primeiro de comer, e suas risadas e gritos agudos pontuaram o barulho quando começaram a se perseguir pelo corredor. O som agora familiar da língua nórdica fluiu ao meu redor, e eu me inclinei para trás, saboreando minha sobremesa de frutas com mel e nozes.

Fiquei feliz pelo banquete, feliz por Leif e todos os seus aliados que puderam participar, pois esse poderia ser o último banquete que desfrutaríamos por algum tempo.



O banquete e a dança duraram a noite inteira e, depois que Leif se encheu da comida, sentou-se em seu trono forjado de madeira e chifres com um chifre de hidromel e observou. Muitos o procuravam, conversando sobre a batalha que se aproximava ou sobre assuntos mais mundanos, mas sempre seus olhos estavam em mim.

Eu gostei do seu olhar. Esquecendo de mim mesma, eu tinha bebido muito hidromel e dançado até minhas pernas tremerem e minhas bochechas corarem. Quando ele finalmente estava sozinho, ele chamou minha atenção e gesticulou para a cadeira ao lado dele, acolchoada com peles. Caí sobre ela em uma pilha.

— Você está se divertindo aqui, entre todos esses bárbaros pagãos. — Disse ele, com aquele sorriso provocador tão familiar para mim agora.

Inclinei minha cabeça para trás e sorri. — Eles podem ter maneiras horríveis de mesa, mas nunca conheci pessoas mais acolhedoras.

Seu olhar caiu na minha boca e senti uma onda de desejo lamber meu estômago. Mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, a voz profunda de Agnarr ressoou de seu lugar ao redor da fogueira.

— Arin acabou de me pedir para contar a história dos jötnar. — Disse Agnarr, fazendo uma pausa para tomar um gole de seu chifre de hidromel. — Você conhece? — Ele perguntou a um dos meninos mais próximos dele.

— Não, Agnarr. — Disse o garoto, os olhos arregalados.

Agnarr sorriu e olhou para mim. — Nem a Celta, tenho certeza. — Ele gesticulou para eu me juntar a eles ao redor do fogo. — Venha, seria bom para você ouvir a história dos inimigos que enfrentaremos amanhã.

Quando me levantei, Leif seguiu, e os outros abriram espaço para nós no banco de madeira.

— Há muito tempo — Começou Agnarr, e todos lhe deram sua atenção extasiada, mantidos em cativeiro por sua voz rica. —, no vazio que existia antes do início dos tempos, duas forças opostas reinavam. No norte, havia gelo, vento e chuva, de modo que nada poderia sobreviver. E no sul, era um calor escaldante. Foi a partir dessa reunião de gelo e calor que o primeiro ser foi formado: Ymir. Ele era um gigante maior do que qualquer uma das montanhas da terra. Um filho jötunn e uma filha jötunn surgiram de suas axilas enquanto ele dormia - o primeiro dos jötnar, os Gigantes de Gelo.

— Quando o Pai Odin matou Ymir depois, o sangue do gigante formou um dilúvio que quase os dois jötnar se afogaram. Da carne de Ymir se formou a terra e as rochas se formaram de seus ossos. Seu crânio se tornou o céu acima de nós, e

seu sangue, o mar. Os dois jötnar restantes repovoaram sua raça: alguns que mais tarde ajudariam os deuses... E outros que se voltariam contra eles.

— Como eles se parecem? — Perguntou o garoto sentado aos pés de Agnarr.

— Altos como árvores, rostos escarpados e deformados e garras nas mãos. — Disse Agnarr, e pensei nos poucos que já havíamos encontrado com um calafrio. — Mas alguns são tão bonitos que nem os deuses conseguem resistir a eles.

Bem e mal, feio e bonito. Os jötnar não pareciam tão diferente dos mortais, embora eu ainda tivesse que encontrar um inimigo humano que se deleitasse com os mortos. O garoto pediu mais histórias dos deuses, e Agnarr alegremente se lançou em outra história obscena.

Logo, Rúna se juntou a nós, fazendo todos rugirem com aprovação com suas histórias de ataques bem-sucedidos. Eu estava rindo dessas histórias dos nórdicos, mas percebi que Leif estava distraído. Na metade do tempo em que ele me observava com tanta fome nos olhos, meu estômago revirava com desejo e eu mal podia respirar. Na outra metade do tempo, porém, ele assistia à entrada do salão para seu pai.

— Talvez você deva ir até ele. — Eu disse depois que seus olhos se voltaram para a porta mais uma vez.

— Isso apenas insultaria seu orgulho. Ele consideraria uma proclamação tácita que acredito que ele é fraco demais para se juntar a nós.

Minha testa franziu. — Ele não está muito fraco? Ele ficou de cama o tempo todo, afinal.

— Sim, mas ele disse que estaria aqui. — Disse Leif, distraído. — Ir a ele significaria que eu não confio mais em sua palavra.

Eu balancei minha cabeça. O orgulho espinhoso dos nórdicos fazia pouco sentido.

— Tia Rúna — Gritou Arin acima de todas as outras vozes. —, conte-nos sobre o lobo que você mantém como cachorro.

Rúna sorriu. — Há uma boa lição nisso para você, sobrinho.

Enquanto os outros rugiam novamente com uma gargalhada, uma pequena comoção chamou nossa atenção para a entrada do salão. Um homem grisalho, vestido ricamente em veludo escuro e pêlo, apoiava-se pesadamente na bengala. Zinna e uma mulher que eu assumi ser outra criada pairavam ao seu lado, temendo que ele caísse a qualquer momento.

Leif saltou do banco e avançou para oferecer o braço, e o homem o pegou depois de um momento de hesitação. O salão ficou em silêncio, e alguns nórdicos chegaram a inclinar a cabeça. Então esse era o pai de Leif. Ele andava com uma mancada dolorosamente pronunciada, uma das pernas tão seriamente cicatrizada e murcha que agora estava deformada.

— Pai — Eu podia ouvir Leif dizer, sua voz baixa. —, você tem certeza de que está bem o suficiente?

O homem afastou sua preocupação, mas sua voz soou fraca quando ele respondeu. — Eu não perderia um banquete.

Leif o levou para a luz do fogo, e quando meu olhar se fixou no rosto do homem mais velho, eu congelei, cada músculo do meu corpo ficando rígido. O sangue bateu nos meus ouvidos.

O olhar do homem mudou para o meu, e tantos sentimentos me atingiram ao mesmo tempo que eu senti como se fosse explodir. Eles clamaram dentro de mim, gritando para serem ouvidos.

Um nórdico pairando acima de Alana e eu, impedindo nossa fuga;

O machado na mão manchado de vermelho;

Um corte profundo da sobrancelha até a bochecha pingando sangue.

A cicatriz que dividia o rosto do pai de Leif da sobrancelha até a bochecha era inconfundível.

— Pai, esta é Ciara, rainha de Dyflin e princesa de Mide. — Disse Leif, estendendo a mão para mim com um sorriso orgulhoso. A confusão surgiu em seu rosto quando eu não fiz nada além de olhar para os dois.

O pai de Leif inclinou a cabeça para mim. — Eu sou Jarl Olafsson, mas você pode me chamar de Frey.

Fechei minhas mãos em punhos para esconder o quanto eu estava tremendo. Aquela voz. O nome do assassino da minha irmã era Frey Olafsson. *Sangue por sangue*, ele dissera. E então ele levou a adaga à garganta de Alana.

Leif agarrou meu braço, me firmando. — O que está errado? Você está doente? Você precisa se sentar?

Eu podia sentir que não tinha cor no meu rosto. Meus joelhos ameaçaram não me segurar mais. Tantas vezes eu pensei neste momento - no que eu faria se fosse capaz de enfrentar esse homem novamente - como eu rasgaria sua mente e o forçaria a cortar sua própria garganta como ele uma vez cortou a de minha irmã mais nova. Mas o homem cruel que havia sido o atacante da minha irmã não estava mais lá. Em seu lugar, havia um velho avariado, que mal conseguia sair da cama e que mal conseguia se sustentar.

E ele era o pai de Leif.

— Você matou minha irmã. — Eu disse, as palavras arrancadas de mim antes que eu pudesse parar e pensar.

Não pude olhar para Leif, mas senti-o enrijecer em choque ao meu lado. Os olhos azul-gelo de seu pai - os olhos azul-gelo de Leif - me encararam com uma percepção lentamente crescente.

— Você a matou diante dos meus olhos, e há muito espero que o ferimento de meu pai em você seja fatal. Vejo que não foi, mas espero que seu sofrimento tenha sido insuportável.

Ele se encolheu diante das minhas palavras, mas não foi suficiente.

— Que você viva mais dez anos em agonia. — Eu disse, minha voz cheia de lágrimas não derramadas.

Eu fugi antes que ele pudesse responder, deixando o salão cheio de um silêncio horrorizado.

CAPITULO 25

Eu tranquei minha porta. Mas não demorou muito para que Leif chegasse. Ele chamou suavemente pela porta a princípio. Quando ele não conseguiu nada além de silêncio, seu tom de persuasão se tornou exigente.

— Ciara, me deixe entrar. — Disse ele. — Temos que conversar sobre isso. Não me faça pedir desculpas pela porta.

— Vá embora, Leif. — Eu falei, meus ombros curvados quase nos meus ouvidos. Não sabia como o enfrentaria. Nunca me senti tão longe de casa como naquele momento. Eu arrisquei tudo para me juntar a ele nessa missão, ainda mais quando viajei para a terra do inimigo do meu clã. E agora, apesar de saber quem era seu pai, eu ainda queria Leif.

Isso me deixou doente com confusão e raiva.

— Não me faça arrombar esta porta. — Ele ameaçou, e isso me irritou tanto que caminhei até a porta e a abri.

— Como você ousa-

Ele mergulhou as duas mãos no meu cabelo e me beijou, seus lábios carnudos macios contra os meus. Senti meus olhos se fecharem antes de finalmente empurrá-lo para longe. — Não. Por que você acha que pode me beijar agora?

Ele soltou um suspiro trêmulo. — Sinto muito, Ciara. Não sei o que fazer - não suporto a ideia de voltarmos ao que éramos quando nos conhecemos... Depois de tudo o que passamos.

Ele veio em minha direção e eu me afastei.

Sua proximidade era tortura. Eu queria me jogar nos braços dele e enterrar meu rosto no peito dele, mas depois olhava para os olhos dele - os olhos de Jarl Frey - e via Alana morrendo de novo.

— Não se afaste de mim. — Disse ele. — Agora não. De novo não. Eu não sou meu pai.

— Você sabia? — Eu rebati. — Você sabia que seu pai matou minha irmã? Contei a história - como você não sabia? — De repente, senti vontade de vomitar. — Você estava lá?

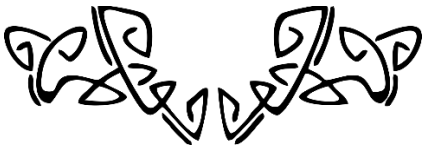
Recuei horrorizada, mas ele agarrou minha mão. — Por todos os deuses, eu juro, não sabia até o momento em que você o reconheceu. Eu fiquei aqui quando ele foi a ataques a Éirinn para vigiar Arin e Finna.

Eu acreditei nele, mas isso não melhorou nada. — Não suporto olhar para você agora, Leif.

Parecia que ele queria discutir, mas cedeu e foi em direção à porta. Pouco antes de sair, ele se virou para mim e disse: — Só porque é meu pai, não significa que eu não entendo como você se sente. Fiz a missão da minha vida rastrear os jötnar e me vingar do que eles fizeram com minha irmã. Ela também foi assassinada e se eu ficasse cara a cara com o assassino dela... — Ele parou, mas seus olhos estavam tão cheios de tristeza e simpatia por mim que eu tive que desviar o olhar.

Fiquei sozinha por um tempo, enquanto passeava pelo meu quarto como um animal enjaulado. O que meu pai diria se soubesse que eu ficara cara a cara com o assassino de Alana e não fiz nada? E Máthair?

Não, só havia uma opção: eu me vingaria.



Não foi difícil encontrar o quarto do jarl. A porta com um nó muito esculpido se mostrou. Para meu horror, era apenas uma porta abaixo do meu próprio quarto. Eu tinha sido separada do assassino da minha irmã por apenas algumas paredes esse tempo todo.

Esperei no corredor sombrio até que um de seus criados saísse de seu quarto, depois abri a porta e entrei como se me pertencesse. Segurei o punho da minha espada enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão.

O banquete havia terminado há muito tempo, e eu sabia com os ferimentos do jarl que ele se retiraria cedo. Ele se contorcia em sua cama, sua respiração irregular e dolorida, e eu podia dizer que era sua perna que o torturava. Eu odiava esse homem quebrado. Odiava ele por tirar meu direito de confrontá-lo por matar minha irmã, exigir justiça. Como eu poderia exigir justiça de um homem doente e idoso? Um homem cujos ferimentos foram claramente uma punição suficiente durante todos esses anos. Ele se lembrava de ter matado minha irmã? Ou ela era apenas uma das muitas vítimas sem rosto?

Eu andei até ele, minha lâmina capturando a luz do fogo quando eu passava. Enquanto eu estava de pé sobre ele, contemplei todas as maneiras que eu poderia matá-lo: a ponta da lâmina enfiada em seu coração, um corte na garganta como ele fez com minha própria irmã, uma facada no estômago para fazê-lo morrer devagar e miseravelmente.

Ele gemeu enquanto dormia, e minha mão ficou branca no punho da minha espada. Este homem não era nada como o da minha memória - o monstro fortemente musculoso. Agora ele era apenas um velho encolhido. Suspirei pesadamente e dei um passo para trás.

— Jarl Frey. — Eu disse, alto o suficiente para acordá-lo. Suas pálpebras tremeram por um momento, e então aqueles olhos azul-gelo me encararam.

— Você veio me tirar da minha miséria, então? — Ele perguntou, seu olhar passando rapidamente para a minha espada.

Eu balancei minha cabeça com nojo. — Eu já disse antes - você não merece tanta misericórdia.

— Então por que você veio?

— Quero saber por que você tirou a vida da minha irmã, mas sei que você não será capaz de me dizer. Tenho certeza de que ela foi apenas uma das centenas que você matou em sua vida miserável.

Seus olhos nublaram com dor. — Você está errada. Eu me lembro.

Tive um breve sentido de alcançar sua mente e depois me vi completamente imersa, tão real como se de repente eu mergulhasse abaixo da superfície do mar. Não houve resistência dele. Nem mesmo o menor protesto que eu agarrei em sua mente.

Mostre-me o ataque ao castelo de meu pai, ordenei, e as lembranças foram arrancadas em minha direção tão rapidamente que eu me encolhi diante delas.

Havia o navio longínquo de Jarl Frey atracando em nossas costas, seus homens derramando pelos lados com gritos ansiosos. Mas Jarl Frey recuou, com a mão no ombro de um adolescente.

— Esta é sua primeira batalha, então fique perto de mim. — Disse ele. — Sua mãe vai me esfolar vivo se um dos celtas o matar.

O garoto sorriu e flexionou os músculos magros. — Eu sou mais forte do que pareço, tio.

A memória mudou, movendo-se rapidamente através da batalha que levou tantas vidas do meu clã. E então o garoto apareceu novamente - visto através dos olhos de Jarl Frey. O garoto ficou perto no começo, mas logo foram separados pelo caos da batalha. Quando Jarl Frey o viu novamente, ele estava do outro lado do pátio. O garoto conseguiu derrubar um ou dois dos meus homens do clã antes que outro desse um golpe ao seu lado, colocando-o no caminho de outro homem. Com uma sacudida de reconhecimento, vi meu pai caminhar em direção ao garoto, com a espada desembainhada. O garoto tentou desviar o ataque de meu pai, mas foi repelido com facilidade. Com uma pontada de horror, vi meu pai correndo com sua espada. O garoto caiu, os olhos arregalados e cegos antes mesmo de cair no chão.

Jarl Frey soltou um grito feroz quando uma nova inundação de lembranças se abateu sobre nós: seu sobrinho como uma criança pequena aninhada nos braços de uma mulher, o garoto aprendendo o jogo de espadas com Frey, a mesma mulher novamente que só poderia ser a mãe do garoto, seus olhos uma mistura única de preocupação, tristeza e orgulho quando o navio zarpou.

Foi nessa época em suas memórias que minha mãe e minhas irmãs apareceram. Do ponto de vista de Jarl Frey, não havia dúvida de que éramos a família do rei de Mide enquanto corríamos em direção à segurança do castelo, vestidas com nossos belos veludos e peles.

Ele pensou em matar minha mãe no começo, mas depois quando viu minha irmã e eu, sua mente mudou. *Sangue por sangue*, ele pensou. *A filha do rei pela morte do filho de minha irmã.*

Eu o assisti matar minha irmã novamente, senti seu coração bater tão rápido quanto um pássaro sob a mão dele que a conteve. Eu assisti e me lembrei por que eu o odiava. Por que eu queria que ele sofresse. Mas, mesmo com essas convicções em mente, eu ainda via o menino como uma criança indefesa nos braços de sua mãe. Senti a dor imensurável de Jarl Frey por perder o sobrinho.

As memórias saltaram adiante - eu supunha que estava subconscientemente as chamando adiante. Jarl Frey jogou as muletas no chão, caiu de joelhos aos pés de uma linda mulher - sua irmã, a mãe do menino - e inclinou a cabeça. Seu cabelo era tão loiro pálido que era quase branco, e as lágrimas escorriam por seu rosto. Um choque gelado passou por mim quando percebi que era Rúna. Mas nenhuma palavra áspera veio dela - apenas soluços terríveis quando ela abraçou o irmão.

Sua dor era uma coisa viva que crescia e crescia, não importando quais cataplasmas eram usadas ou quanto ele descansava. Ainda assim, ele mantinha sua convicção de que suas ações eram justificadas - que a garota inocente merecia morrer. Mas, com o passar dos anos, e sua perna só piorou, ele viu a verdade: que havia enfurecido os deuses. Ele se arrependeu do que havia feito, mas na escuridão do quarto à noite admitiu a verdade para si mesmo. Ele se arrependia mais porque o aleijava, e agora não era mais capaz de ser o guerreiro que sempre fora.

Afastei a mente de Jarl Frey de mim, como se estivesse contaminada e voltei a mim mesma. Eu olhei para ele, enrolado tão pateticamente na cama. Ele sofreria

muito mais do que uma morte rápida lhe daria. O ódio em mim por esse homem era uma velha mágoa, que tinha sido permitida a florescer e enraizar-se profundamente dentro de mim. Não seria facilmente removida, mas não era mais forte o suficiente para lhe desejar mais tortura.

— Meu arrependimento me tortura — Ele disse quando eu desisti de sua mente. —, mas sei que não faz nada para aliviar sua própria dor. Os deuses acharam conveniente tirar minha própria filha de mim, e agora eu conheço sua tristeza.

— Eu ainda não posso te perdoar. — Eu disse, minha mandíbula apertada em torno das minhas palavras. — Nem mesmo por Leif.

Outro tremor atingiu seu corpo, e eu o deixei lá, sofrendo em sua cama.

Mas eu não podia mais me divertir com isso.

CAPITULO 26

Passei a noite a bordo do navio de Leif, cercada por meu exército de mortos-vivos. Depois que saí do quarto do jarl, escapei para fora, simplesmente incapaz de encarar Leif. Eu queria ir à baia de Sleipnir, mas sabia que seria o primeiro lugar que Leif procuraria por mim e não podia falar com ele - ainda não. Teríamos que trabalhar juntos em batalha, mas eu não suportava ficar perto dele sob o teto de seu pai. A noite foi longa e sem dormir. Minha mente me torturou com imagens infinitas: a morte de minha irmã, conhecendo o pai de Leif e, pior ainda, todos os toques, beijos e palavras gentis que recebi de Leif. Parecia que eu estava traindo meus homens do clã, minhas irmãs, novamente. Mas, mesmo lutando com o peso da traição, sabia que nunca poderia abandonar a busca. Eu já tinha visto o que meu exército de mortos-vivos poderia fazer contra um inimigo jötunn, e isso me deu esperança de que derrotaríamos Fenris e seu exército no final. Eu devia a minhas irmãs e homens do clã restantes lutar... E ganhar.

De manhã, eu era uma sombra nervosa e insone de mim mesma. Isolada de Leif e dos outros, eu havia perdido a preparação da batalha e, pela primeira vez, me senti despreparada. Mas, enquanto observava homens e mulheres marcharem para o cais, prontos para se defender e a seu mundo da ameaça jötnar, senti meu cansaço desaparecer. Eles alinhavam as laterais dos navios com escudos de muitas cores diferentes: vermelho, laranja, branco, verde, azul. Tudo com runas que eu nunca tinha visto antes. Eles subiram a bordo, carregados de armaduras e espadas, até os navios descerem na água. Era uma visão aterrorizante e gloriosa.

Como se sentisse a batalha pela frente, os olhos dos guerreiros mortos-vivos ganharam vida, uma espécie feroz de fome acesa neles. Eu rezava para que o sacrifício deles valesse à pena; que seríamos os vencedores contra o jötnar.

Além de Rúna, ganhamos mais dois navios e, assim, foi com uma frota de oito que zarpamos para os rios a oeste de Skien. Depois de um rugido de boa viajem enviadas pelas pessoas que ficaram para trás na vila, um silêncio se instalou sobre o navio; o único som das águas batendo nas laterais.

Leif foi o último a embarcar, e a visão dele me trouxe vergonhosamente perto de soluçar. Ele usava a armadura oferecida a ele no reino de Morrigan, seu manto prateado de lobo soprando suavemente ao vento. Ele parecia alto e perigosamente bonito. Eu enrijeci quando ele se aproximou de mim, e a mágoa brilhou em seu rosto.

— Eu fui ao seu pai ontem à noite. — Eu disse calmamente.

Ele assentiu devagar. — Eu sei que você o deixou vivo, e agradeço por isso. Tenho certeza de que não poderia ter sido fácil.

— Fui até ele planejando matá-lo, mas era mais difícil saber que ele se arrepende do que fez. — Eu disse, incapaz de olhar para Leif. — Teria sido mais fácil executar um assassino impenitente.

Ele estendeu a mão e levantou meu queixo, então eu estava olhando nos olhos dele. — Você teve piedade de meu pai, mas você não pode estender a mesma piedade para mim?

Dei um passo para trás até que ele não estava mais me tocando. — Estou tentando, Leif. — Eu disse, e senti como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu corpo. — Estou tentando não ver você como meu inimigo.

Ele estendeu a mão e agarrou meus ombros. — Ciara, você não pode continuar me afastando. Estamos prestes a entrar em batalha juntos. — Ele balançou meus ombros um pouco. — Podemos nunca mais nos ver vivos depois disso. O que posso fazer para que você veja o quanto significa para mim? — De repente, ele se endireitou. — Sigrid disse que agora você é forte o suficiente para penetrar na mente dos jötnar. Você deveria experimentar em alguém cuja mente você não conseguia quebrar antes.

Ele tinha toda a minha atenção agora. — Você quer que eu tente dominar sua mente?

— Eu confio em você.

Suas palavras eram como cacos de gelo no meu coração. — Ainda assim, acho que você não percebe como... Íntimo é. Eu poderia ver todos os seus pensamentos e lembranças, se quisesse.

— Eu aceito o risco.

— Eu vou ser gentil. — Eu disse. Ele deu um sorriso triste.

Estendi a mão e entrei facilmente nele, como se nunca tivesse sido barrada da mente de Leif antes. Seus pensamentos giravam em torno de mim como folhas ao vento, e eu a arrebatei, libertando-a de seu fluxo de consciência.

Era eu desde o dia em que nos conhecemos no campo de batalha, só que era uma imagem minha que eu nunca tinha visto em meu próprio reflexo. Eu brandia uma espada contra ele, mas em vez de parecer inexperiente e infantil como ele me acusou de ser, meu corpo inteiro estava tenso com poder. Meu cabelo preto voava atrás de mim, meus olhos escuros piscando para ele ferozmente. Levantei meu queixo e encontrei seu olhar, e pude sentir sua reação: era como se ele estivesse preso em um feitiço.

Imagem após imagem apareceu diante de mim: eu parecendo surpreendentemente bonita na caverna em que o mantive prisioneiro - e o conhecimento de Leif de que ele poderia escapar, mas optou por não fazê-lo, apenas para ficar comigo um pouco mais - centenas de pequenos momentos lembrados de viajar juntos em Sleipnir, o primeiro momento em que nos beijamos, as muitas batalhas que travamos juntos, vendo sua própria terra através dos meus olhos.

Em toda imagem, em todo momento, eu era linda, forte e apaixonada.

Você me ama, pensei, impressionada.

A revelação me machucou mais neste momento do que teria se eu descobrisse de repente que ele não se importava comigo. Ele me amava, mas eu não conseguia superar o conhecimento de quem era seu pai.

Amo você mais do que amei qualquer coisa - até a emoção da batalha. Suas palavras ressoaram através de mim, ainda mais intensas, porque eu podia sentir sem sombra de dúvida que ele as quis dizer.

O choque me tirou da mente dele e, quando voltei ao meu corpo, ele me levantou. Sua mão estava quente na minha, e meu coração batia furiosamente no meu peito.

— Agora você sabe a verdade. — Disse Leif.

Eu senti algo dentro de mim quebrar.

O sol estava se pondo quando os navios encalharam na margem do rio. Mais rápido do que eu pensaria ser possível, se não o tivesse visto tantas vezes antes, os homens desembarcaram. Sleipnir e Abrax foram trazidos para terra, e meu exército de mortos-vivos o seguiu. Leif montou em Abrax e eu subi em Sleipnir.

— Vamos atacar após o anoitecer. — Disse Leif enquanto nos reuníamos em torno dele. — Precisamos matar o máximo que pudermos antes que eles tenham a chance de crescer em sua altura gigante, mas mesmo em suas formas menores, eles são mais rápidos e mais qualificados que vocês. Fiquem juntos. — Seus olhos encontraram os meus sobre as cabeças de todos os outros, e eu assenti. — Vamos.

O número total de homens havia aumentado para mais de trezentos, e ainda assim eu temia que não fosse suficiente para parar o jötnar.

Sleipnir e Abrax trotavam lado a lado enquanto seguíamos o rio em direção a Skien, levando o exército ao que seria a morte para a grande maioria deles, pelo menos os que ainda estavam vivos. Rúna andou um pouco atrás de nós; não havia medo em seu rosto, apenas determinação. Ela e os outros nórdicos ficaram contentes por ter a chance de morrer em batalha e, embora eu não compartilhasse esse sentimento em particular, estava disposta a fazer qualquer coisa para impedir os jötnar.

O céu noturno estava limpo, a lua cheia, como se o céu acima tivesse decidido nos ajudar. Nosso caminho estava iluminado tão bem que não precisávamos acender tochas, e seguimos em frente, a paisagem um borrão de árvores, colinas e solo rochoso.

Continuamos em silêncio, os cascos dos cavalos e o leve barulho de armas contra a cota de malha eram os únicos sons distinguíveis. Ao longe, a luz das

fogueiras na cidade se aproximava. Diferente da vila de Leif, essa cidade era muito maior - quase do tamanho de Dubhlinn - e era cercada por um alto muro de madeira. Além estava o fiorde, e eu só conseguia distinguir as velas de numerosos navios - talvez trinta, no mínimo. No topo da colina seguinte, Leif ergueu o braço e o exército parou.

Ele acenou para um de seus homens se adiantar - um homem alto e magro com uma tatuagem de cobra que vinha do pescoço até a orelha. — Explore para nós, Arn. Quero saber a localização de todos os guardas.

Arn correu morro abaixo, e o sangue bateu nos meus ouvidos. Antecipação era a parte mais difícil de uma batalha. Sempre senti como se meu corpo ardesse, o sangue fervendo dentro de mim, todos os músculos tensos. Uma vez envolvida na batalha, porém, todas essas sensações desapareceriam. Mas mais do que tudo, meu corpo vibrou com a emoção de realmente liberar meu poder pela primeira vez.

Leif não fez um discurso emocionante para elevar o moral da batalha pela frente. Estes eram guerreiros endurecidos, invasores que precisavam de muito pouco incentivo para pegar um machado ou espada. Eu podia ver a ansiedade no aperto de suas mãos em suas armas, as mudanças sutis de seus corpos, esperando a palavra ser dada.

Assim, foi só para meus ouvidos quando Leif se inclinou e disse: — Lembre-se, trabalhamos juntos. Vamos derrubá-los um por um e usaremos os pontos fortes um do outro para destruí-los.

Eu queria dizer a ele que o amava, que estava feliz por ter vindo para o norte com ele, mas engoli as palavras. Dizer em voz alta era uma promessa que não estava pronta para fazer. Eu queria culpar a verdade horrível que tinha

descoberto sobre o pai dele, mas sabia que não eram os pecados do pai que impediam minha língua ou o fato de que ele era meu inimigo. A verdade era: eu estava com medo. O medo apertou meu coração quando pensei no que Leif havia trocado por seu poder. Como eu poderia dizer a ele que o amava apenas para que ele perdesse sua vida no final disso? Pior, pareceria um adeus, e eu me recusava a acreditar que não sobreviveríamos a isso ou que a vida dele seria tomada tão cedo - não depois de termos sobrevivido tanto.

— Juntos — Eu concordei.

Ele estendeu a mão e tocou minha coxa, e eu apertei sua mão.

Arn voltou, apenas levemente sem fôlego de sua corrida para a cidade. — Apenas dois guardas se postaram neste portão, mas eles não estão alertas. Eles não esperam um ataque. Há cinco vigias perto do cais e mais dois no portão dos fundos.

— Então eu assumirei um guarda e o mandarei matar o outro. — Eu disse. Quando Leif fez como se quisesse protestar, continuei antes que ele pudesse discutir. — Este é um trabalho para discrição, não para poder bruto. Se você quiser preservar o elemento surpresa, deve me deixar fazer isso.

Leif assentiu.

Toquei meus calcanhares levemente nas laterais de Sleipnir e corri descendo a colina. Vinte do meu clã mortos-vivos fluíram atrás de mim e diante de mim. Eu os chamei sem nem perceber.

As pernas poderosas de Sleipnir comeram a distância, e não demorou muito para eu ver os guardas que Arn havia observado. Eles estavam em ambos os lados do portão barrado para a vila além. Eles eram verdadeiros gigantes, tão enormes quanto os que havíamos lutado como parecia uma vida atrás. Mas quando

alguém atraiu a luz de uma tocha, soltei um leve suspiro. Ele poderia ter uma altura colossal, mas seu rosto parecia humano - bonito, até.

Houve um momento terrível em que isso me fez hesitar, como se apenas aqueles que pareciam um monstro merecessem morrer, mas então eu recuperei o juízo e desmontei.

O chão estava frio e rochoso, mas eu me sentei de qualquer maneira. Meus homens do clã me cercaram sem sequer um comando sussurrado. Fechei os olhos e empurrei meu espírito tão facilmente quanto expirar.

Uma vez livre do meu corpo, pude ver a escuridão em turbilhão que formava os gigantes. Um brilho vermelho brilhante no centro daquele mais próximo a mim chamou minha atenção, mas não era no coração que eu estava interessada. Como se sentisse uma mudança no ar ao seu redor, o gigante virou-se para mim.

Naquele instante, entrei em sua mente. O alívio me atingiu poderosamente quando o achei tão maleável quanto qualquer mortal. O gigante sabia que eu tinha me infiltrado nele, mas era como se eu o tivesse preso dentro de sua própria mente. Ele tentou me ameaçar, tentou me intimidar com pensamentos de violência prometida, mas eu imediatamente os suprimi. Ele assistiu impotente enquanto eu assumia o controle.

Eu forcei o gigante a puxar a espada larga embainhada ao seu lado. Antes que o outro gigante percebesse que estava sendo atacado, o gigante que eu controlava o atravessou com sua espada.

Sua velocidade e força serão úteis para mim, eu disse ao meu cativo, mas ele só podia se enfurecer por trás das paredes de sua gaiola.

Eu o usei para abrir as duas portas maciças que impediam o acesso ao vilarejo além, e ouvi o barulho de cascos e botas atrás de mim. Leif e os outros estavam chegando.

Enquanto as longas pernas do gigante passavam pelo portão, ele parou de maneira instável enquanto eu observava a visão horrível da vila.

Sangue, grosso como lama, foi espalhado pelas paredes das casas e secavam na terra dura. O massacre que os jötnar haviam realizado nesta vila era evidente à luz do fogo. O cheiro de carne podre era tão forte que eu teria engasgado se estivesse em meu próprio corpo. O cheiro salgado do mar próximo nem era suficiente para mascarar o cheiro. Pedaços de pessoas cobriam o chão - um braço aqui, uma cabeça, um torso ali. Os aldeões não tiveram chance contra eles quando os jötnar vieram e reivindicaram isso como deles.

Enquanto todo o nosso exército atravessava os portões, os ocupantes foram lentamente alertados para o ataque. Fogos foram acesos ao redor da vila. Eu podia sentir as vibrações na terra enquanto gigantes corriam em nossa direção, mas mais perturbadores eram os homens mortais que se juntaram a eles. Eles ferviam de cabanas de palha como formigas de um monte destruído.

Hesitei mesmo quando eles se chocavam com o exército de Leif, espadas e machados batendo juntos no terrível barulho da guerra. Leif dissera que, há muito tempo, havia nórdicos que haviam se juntado à causa de Fenris, mas a ideia era tão estranha para mim que eu realmente não acreditava até aquele momento.

Por que eles uniriam forças com monstros? Eu pensei e direcionei meu pensamento para o gigante que eu mantinha preso. Ele se recusou a me responder, seu silêncio sombrio.

Eu o forcei a responder, comandando seus pensamentos, como comandava seu corpo.

Eles se cansaram das promessas fracassadas dos deuses, disse ele. *Eles se cansaram de sacrificar seus animais, seus amigos e vizinhos, até mesmo suas próprias vidas, apenas para que esses sacrifícios e orações fiquem sem resposta.*

Apesar de minhas dúvidas, o exército de Leif e meu clã morto-vivo - aqueles que não estavam guardando meu corpo - não tiveram tais hesitações. Suas espadas e machados brilhavam à luz das tochas, derrubando mortais e gigantes.

Joguei o gigante na luta, balançando sua espada com golpes poderosos. Em algum momento, peguei um escudo descartado e pude usá-lo defensivamente e ofensivamente. Eu mantive Leif à minha vista enquanto lutava, derrubando o máximo de jötnar possível enquanto eu ainda tinha um para controlar. Cada movimento de Leif era executado sem problemas, o lampejo de sua lâmina um mero borrão de luz. Ele usava seu escudo como arma ofensiva e defensiva, golpeando a cabeça ou o nariz de qualquer mortal que o batalhasse. Meu clã morto-vivo prestaram-lhe ajuda enquanto lutava contra um dos jötnar, e com um pequeno sobressalto de reconhecimento, percebi que era Fergus que se uniu a Leif para derrubá-los.

Juntos, eles mataram três, enquanto outros membros do meu clã derrubaram mais, e a esperança floresceu no meu peito.

Mas então o gigante que eu controlava foi encontrado com outro gigante cujos golpes poderosos meu gigante não conseguiu bloquear. Este brandia um machado com uma lâmina com metade do comprimento de Sleipnir. O que eu controlava teria uma chance de bloquear com seu escudo, e então seria reduzido a lascas. Eu tinha que fazer valer à pena.

O outro gigante deu um giro, mas o meu gigante saiu do caminho, ficando graciosamente de pé novamente. A lâmina do machado do outro brilhou novamente, desta vez muito mais rápido, e eu levantei o escudo do meu gigante no último momento. O escudo quebrou sob o poderoso golpe de seu inimigo, mas isso deu ao meu gigante um segundo extra para se esquivar. Eu derrubei minha espada nas costas do outro, sentindo sua espinha ceder sob a lâmina.

Ele colidiu com o chão e, quando meu gigante girou em busca de outro inimigo, senti uma espada morder sua carne.

O objetivo do outro jötunn era verdadeiro, a lâmina deslizando entre suas costelas para perfurar seu coração. Quando meu jötunn sangrou até a morte, sua mente se tornou como um abismo, um nada escuro que ameaçava me engolir. Eu lutei contra seu aperto, em pânico enquanto tentava libertar meu espírito do corpo moribundo. Aguentei tenazmente, garras de escuridão alojadas em mim. Eu nunca tinha sentido essa sensação antes. Desesperadamente, procurei a porta de luz.

Movi-me como se estivesse debaixo d'água, a escuridão me puxando de volta a cada passo. Eu caí nela e, misericordiosamente, voltei ao meu verdadeiro corpo na próxima respiração.

Inclinei-me e senti vontade de vomitar. Lágrimas correram pelas minhas bochechas. Sacudi violentamente como se estivesse com febre e, enquanto lutava para me levantar, balançava tão fracamente quanto um gatinho recém-nascido.

Nunca antes eu havia reagido de tal maneira ao rompimento do meu vínculo mental. Seria porque eu tinha me conectado a uma criatura imortal e não a um humano?

Estremeci novamente enquanto trabalhava para recuperar minhas forças. Meu clã morto-vivo não reagiu, mas Sleipnir deu um passo em minha direção até que eu fui capaz de me inclinar contra ele. Eu descansei minha testa em seu pescoço em gratidão por uma respiração instável antes de subir em suas costas. Eu nunca tinha considerado o que poderia acontecer se meu espírito fosse pego quando o gigante que eu controlava fosse morto, mas eu não podia deixar que isso me impedisse de assumir o controle de outro. Ainda tínhamos que ver Fenris, e se eu pudesse encontrá-lo e matá-lo, tudo isso terminaria. Ele havia unido esse exército terrível e, sem sua liderança e poder, eles cairiam.

A urgência beliscou meus calcanhares. Apressei Sleipnir, mas quando nos aproximamos dos portões, o exército de Leif foi empurrado para trás - para fora da cidade e para o campo rochoso além. Pelo menos quarenta e cindo dos jötnar ainda estavam de pé, e eles pairavam acima dos homens de Leif e do meu clã morto-vivo. A maioria dos nórdicos aliados aos jötnar havia caído, facilmente derrubados pelo meu exército de mortos-vivos, mas as perdas do nosso lado também foram significativas.

Os jötnar continuaram a trovejar em nossa direção, o chão tremendo sob eles. Onde eles entraram em conflito com o meu clã morto-vivo, foram derrubados, mas mesmo assim estavam precisando de muito mais homens para detê-los.

Rúna ainda estava montada, mas enfrentava seu próprio inimigo - um gigante a martelava continuamente com seu machado. Seu escudo não aguentaria muito mais tempo. Eu tinha que fazer alguma coisa ou ela seria derrotada. Então, cercada por meu pequeno grupo do clã morto-vivo, me joguei das costas de

Sleipnir, sentei no chão e empurrei meu espírito livre. Enquanto eu observava, o escudo de Rúna finalmente cedeu, enviando uma chuva de lascas ao chão.

Eu controlei o gigante que ela lutava. Eu o forcei a fugir da batalha com Rúna e o fiz derrubar um machado em um gigante próximo. O comportamento repentino e estranho do gigante deve ter sido uma indicação suficiente para Rúna de que era eu quem o controlava agora, pois ela rapidamente se mudou para outra batalha.

Eu derrubei cinco dos jötnar com meu gigante controlado antes que seus colegas gigantes percebessem que ele agora era um inimigo e se voltassem contra ele. Quando dois colidiram com meu gigante com tanta força que as pernas do gigante cederam, eu me preparei para deixar seu corpo um momento antes de ele morrer. No instante seguinte, o impulso do meu gigante com sua espada foi desviado, e quando eu vi a espada do outro gigante arqueando sobre ele, me afastei de sua mente.

Quando voltei ao meu corpo, senti uma dor lancinante na cabeça e uma fraqueza tão intensa que não pude fazer nada além de deitar onde havia desmoronado.

O chão tremia ao meu redor, e eu sabia que devia haver mais jötnar vindo por mim. Eu me forcei a levantar, ofegando, piscando o suor dos meus olhos. Os mortos-vivos que me protegiam combateram os gigantes ameaçadores, e eu tentei desesperadamente me esforçar para ficar de pé. Acima do zumbido nos meus ouvidos, veio o pesado baque de botas, e então Leif me levantou.

— Ciara, você está machucada? — Ele perguntou, sua voz quase imperceptível no meio do zumbido terrível no meu ouvido. Eu só podia me inclinar pesadamente contra ele e balançar a cabeça.

Os sons da batalha ao redor eram ensurdecedores. A maioria dos homens já havia sido morto, despedaçado pelos jötnar como se fossem pouco mais que brinquedos infantis. Talvez restassem menos de cinquenta. Rúna ainda vivia e usava os restos de seu escudo e machado para abrir caminho.

Até meu próprio exército sofreu uma perda; o jötnar descobriu que remover a cabeça do morto-vivo de seu corpo o impediria, e talvez cinquenta tivessem caído.

Então, à distância, soou um uivo que rasgou o céu noturno, o som mais assustador do que o som dos cães do inferno no túnel das fadas. Tudo parecia congelar.

Da cidade caminhou um verdadeiro gigante, maior ainda do que os que lutamos agora; a terra tremia a cada passo que dava. Ao contrário dos outros, cujas armaduras de couro pareciam se esticar e crescer enquanto cresciam, esse gigante usava cota de malha maciça e peles de dois ursos como manto. Ao seu lado estava um lobo, do tamanho de Sleipnir e da mesma escuridão. Os jötnar recuaram ao ver o gigante, como se estivesse esperando seu comando.

— Fenris. — Disse Leif em um rosnado, embora até então eu já tivesse descoberto por mim mesma.

O gigante bateu o machado contra o escudo uma vez e depois atacou. Com grandes saltos, seu lobo rasgou as fileiras de homens, mordendo-os ao meio. Nossos homens se dispersaram, gritando, mas Fenris os agarrou e os separou. Um ele pegou pelo pescoço e apertou com tanta força com suas mãos enormes que a cabeça do homem se soltou de seu corpo.

Meu corpo estava quase no limite, mas eu não conseguia parar agora. Libertei a Espada dos Caídos de sua bainha e convoquei todo o meu clã morto-vivo para mim.

Derrube-o, eu ordenei.

Eles correram para a frente daquela maneira que parecia que nem estavam tocando o chão. Metade partiu em direção a Fenris, a outra em direção ao lobo. A fera rosnou quando encontrou meu exército; rolou e se esquivou como uma cobra, mas meu clã morto-vivo continuou seu ataque. Os dentes enormes do lobo podiam parar uma espada, mas eu sabia que não seria capaz de afastá-los todos.

Voltei minha atenção para Fenris apenas para ver sua mão gigantesca se aproximar dos meus homens e afastá-los como se fossem nada além de ratos. Eles tentaram enxamear seus grandes troncos de pernas, mas ele continuou desalojando-os antes que eles pudessem fazer algum dano. Isso não estava funcionando. Eu precisava fazer algo mais.

— Leif, você vai guardar meu corpo?

O braço dele se apertou ao meu redor. — Você nem precisa perguntar.

— Você deve me aproximar de Fenris.

Ele assentiu laconicamente, com relutância, mas não discutiu. Ele sabia o que estava em jogo. Depois de montar Sleipnir, ele me puxou para cima, passando os braços fortes em volta de mim.

Do meu lado, eu podia ver o resto do terrível campo de batalha. Encorajados pelo ataque do meu exército a Fenris, o que restou dos aliados de Leif ajudou a derrubar o terrível lobo. O sangue continuou a jorrar no ar quando a fera achou a carne mortal melhor do que morta-viva.

— Juntos, derrubamos Fenris. — Eu disse olhando para Leif. Este era o momento em que mudaríamos nosso destino. Eu faria isso.

— Juntos. — Concordou Leif.

Sleipnir não precisava de incentivo. Ele correu tão rápido quanto o fogo selvagem em direção ao gigante caído e, com uma terrível tensão, forcei meu espírito a se libertar da minha carne. Sem restrições, voou acima da carnificina como um pássaro. Eu podia ver a escuridão de que o gigante era feito, tão preto oleoso que não conseguia distinguir o brilho vermelho que era sua fonte de vida.

Meus olhos procuraram desesperadamente o sinal revelador de vermelho. Ainda a escuridão agitada dentro dele escondia o pulso de sua fonte de vida. E então eu vi meu pai subir no peito do gigante. Os olhos do meu pai encontraram os meus - ele podia me ver mesmo na minha forma espiritual. A ponta de sua lâmina pressionou contra um ponto na cota de malha do gigante, e então eu vi: o coração vermelho e pulsante.

Focados no ponto fraco do gigante, não vimos Fenris levantar a outra mão até que fosse tarde demais. Ele agarrou meu pai e apertou com tanta força e rapidez que seu corpo foi esmagado, uma explosão de ossos e poeira caindo no chão. Silenciosamente, gritei pela segunda morte dele. Mergulhei as duas mãos no peito do gigante e libertei seu enorme coração pulsante.

O gigante congelou, sua boca torceu em uma careta terrível quando eu apertei seu coração. Nesse momento final, porém, minhas forças estavam fracassando e um medo frio me percorreu ao pensar que eu não seria capaz de completar a missão. Pensei em Leif, como eu precisava dele, e de repente ele estava lá, sua expressão sombria e determinada. Olhei de volta para Sleipnir e meu corpo, e vi que estava em segurança no chão, Sleipnir em pé protetoramente

sobre ele. Leif sacou a espada brilhante dada a ele por Morrigan, segurou-a pelo punho com as duas mãos e bateu a ponta da lâmina no coração. Fenris estremeceu uma vez e ficou quieto. Eu quase chorei de alívio. Voltei ao meu corpo e a dor queimou através de mim, a agonia quase cegante - como forçar uma articulação para fora de seu encaixe. Fraca além da medida, caí de joelhos.

Mas, embora o líder deles tivesse caído, os outros jötnar pareciam estar sob o domínio de um frenesi de sangue e não pararam. Leif matou dois com a ajuda de dois do meu clã morto-vivo, enquanto Rúna e meu exército derrubaram o resto. Finalmente, a terrível batalha chegou ao fim, e o chão estava cheio de corpos massivos e destruídos dos gigantes.

Através da minha exaustão, sorri enquanto observava Sleipnir se encher de sangue jötnar, gloriando-se na justiça de consumi-los, assim como consumiram inocentes. O alívio que senti pela morte deles foi tão doce que senti a alegria explodir em mim. Fechei os olhos. Minhas irmãs finalmente estavam em segurança; pela primeira vez, permiti-me imaginá-las: o sorriso tímido de Deirdre e a risada alta de Branna. Eu tinha medo antes de pensar nelas demais, com medo de fracassarmos e eu as perderia. Mas agora eu bebia a visão delas, mesmo que apenas em minha mente. Embora o custo tivesse sido grande, acabamos com a ameaça contra nossas terras. Ainda assim, havia uma parte de mim que lutava para aceitar que realmente havia acabado; que havíamos vencido. Minha família e homens do clã estavam seguros; Éirinn não estava mais fadada a ser reduzida a cinzas.

Leif caminhou em minha direção, e um sorriso aliviado dividiu meu rosto. Mas havia aquele mal-estar no estômago, esse medo de que ainda não tínhamos

vencido. E então, assim que o sol surgiu no horizonte, ouvi o som sinistro de grandes asas.

Eu congelei quando meu olhar disparou para Leif.

CAPITULO 27

— Leif! — Eu gritei. Os grandes pássaros negros estavam ameaçando. Eu podia sentir isso no peso do ar, o zumbido como o formigamento logo antes do relâmpago.

Havia seis delas, negras como tinta contra o pálido céu do amanhecer. Suas asas estavam incrivelmente abertas, criando grandes lufadas de vento. Eu já tinha visto esses pássaros antes.

As Valquírias.

Ao descerem, suas asas criaram um vento tão forte que todos no raio ao redor de Leif foram derrubados. Arrancada das costas de Sleipnir, caí no ar. Um do meu clã morto-vivo me pegou, impedindo-me de quebrar meu corpo contra a terra dura. Seus braços frios me soltaram quase imediatamente, e quando olhei em seu rosto, vi que era Fergus. Sleipnir pousou ao nosso lado com um impacto que teria quebrado os ossos de uma besta mortal.

Além de nós, os pássaros se transformaram.

Eu olhei pela poeira e pela cacofonia ao meu redor para ver que elas haviam se tornado seis mulheres bronzeadas, usando a mesma armadura de metal dourada que Leif havia descrito. Suas asas negras se abriram, cada asa tocando a ponta da asa seguinte das Valquírias. E Leif estava preso no meio de seu terrível círculo, efetivamente separado de seus aliados. E apesar de terem sido as que haviam conferido seu poder a ele, e nós dois sabíamos qual seria o destino dele, eu ainda empunhei minha espada.

— Leif Olafsson — Disseram todas falando ao mesmo tempo. —, você cumpriu sua missão.

Ele inclinou a cabeça uma vez, mas vi que sua mão não relaxou em sua espada.

— Fenris liderou a revolta contra os deuses — Elas continuaram. —, e nós lhe concedemos o poder de detê-lo. Ao fazer isso, fizemos de você o guerreiro mais poderoso do mundo. Odin permitiu isso sob uma condição: você só poderia continuar assim até completar sua missão. — Elas se mudaram para formar um amplo círculo ao redor de Leif. — São suas habilidades que tornarão o *einherjar* imparável. — Em um movimento fluido, seis espadas foram sacadas. — Você se saiu bem, nórdico, mas agora é hora de vir conosco a Valhalla.

Não. Uma raiva violenta e incontrolável fervilhava dentro de mim, puxei minha espada e convoquei o resto do meu clã morto-vivo para mim. Meu corpo pode ter enfraquecido, mas eu exerceria meu exército contra essas deusas pagãs; Gostaria que eles arrancassem as asas de suas costas e rasgassem sua carne em pedaços.

Rúna estava gritando alguma coisa, mas eu era surda de tudo, menos da minha necessidade de ajudar Leif.

Protejam Leif; defendam o contra as valquírias, pensei para meus homens do clã, e eles avançaram.

As Valquírias atacaram Leif então. Ele bloqueou com seu escudo e aparou com sua espada, mas elas o cercaram. O pânico cresceu dentro de mim, sufocando em sua intensidade. Ele se sustentaria, mas não para sempre. Nem mesmo Leif podia lutar sem parar contra seis deusas com espadas.

Meu clã morto-vivo alcançou as Valquírias enquanto eu lutava para me puxar para cima de Sleipnir. Eu consegui controlar as mentes dos jötnar, mas essas eram deusas da guerra. Meu corpo inteiro tremeu violentamente, meu coração estremeceu no meu peito. Mesmo assim, eu tinha que tentar.

Duas das Valquírias se viraram para nós. Espadas colidiram violentamente quando meus homens do clã atacaram, correndo facilmente através de suas defesas.

Com as mãos enfiadas na crina de Sleipnir, enrolei a crina forte em volta das palmas das mãos e agarrei-a com força. Eu esperava que isso me mantivesse montada.

Fechei os olhos e procurei o poder que me permitiria combater as Valquírias em pé de igualdade - eu esperava. Mas não foi tão fácil como antes; o poder parecia dançar para longe do meu alcance, até que com um grito de frustração eu finalmente o acessei. Havia um som rasgante tão terrível que me perguntei se finalmente havia libertado meu espírito muitas vezes, mas quando olhei uma vez para o meu corpo, sabia que ainda estava viva. Meu espírito subiu em direção à Valquíria mais próxima, e meu desespero era uma coisa viva e respiratória.

Mergulhei na escuridão impenetrável. A força de sua mente era a mesma que a do veado no túnel das fadas. Era como estar perdida no mar em uma noite nublada: nada além de nada preto, não importava onde eu procurasse. De novo e de novo, me joguei contra ele. Quando isso falhou, passei para a próxima Valquíria. E a proxima. Todas tinham mentes de aço.

Suas risadas provocadoras encheram minha mente. *Você não é forte o suficiente, pequena Celta. Leif vai morrer, e você será a próxima.*

Três valquírias cercaram Leif, mas todas estavam envolvidas com meus guerreiros mortos-vivos. Essas eram deusas nórdicas com habilidades muito além das minhas. Voltei ao meu corpo, mas no momento em que me tornei consciente, meu coração estremeceu. Pressionei meu punho contra o peito dolorido e, depois de uma respiração, ele voltou a bater com relutância. Eu não precisava ser uma curandeira para saber que não tinha muito tempo - meu corpo havia atingido seu limite. Mas eu tinha o sangue dos antigos, o sangue dos druidas e o sangue dos Tuatha Dé Danann, e sabia o que devia fazer.

Pois apenas a própria morte me impediria de salvar Leif.

Eu afundei profundamente em minha mente e encontrei a porta da luz - era minha conexão com o reino dos Tuatha - e caí através dela. Chamei Morrigan, imaginando-a como a vira pela última vez: com uma touca de penas de corvos. Névoa negra derramada, ameaçadora como nuvens de tempestade. E ela apareceu diante de mim. Pela primeira vez, olhei para Morrigan em forma mortal. Sua pele era pálida como mármore, seus cabelos escuros como breu. Mas seus olhos continuaram um terrível sangue vermelho. Ela estava vestida para a batalha. Sua armadura era negra como a noite, um manto de penas negras e gordurosas sobre os ombros. Eu sabia que ela não podia aparecer na terra de Leif para lutar por mim, mas havia uma maneira de ela me ajudar.

Eu preciso do poder para detê-las. Você vai emprestar? Eu perguntei.

O sorriso de resposta de Morrigan foi mais assustador do que o seu olhar furioso. *Eu pensei que você nunca perguntaria*.

A névoa negra que parecia viajar com ela girou em torno de mim, e então eu senti: um aumento de poder, uma renovação de energia, a cura do meu corpo quebrado.

Agradeci a Morrigan e voltei rapidamente pela porta brilhante do meu corpo, meu coração batendo forte agora, minha força voltou dez vezes.

Eu tinha um exército de mortos-vivos sob meu comando, um poderoso *seidr* dado por uma deusa e um cavalo que comia carne. Eu poderia detê-las - eu precisava.

Chamei cinco dos meus homens de clã, convocando-os para mim instantaneamente. Juntos, seguimos em direção a uma das valquírias. Eles a envolveram em combate, separando-a de suas irmãs enquanto as outras Valquírias lutavam contra Leif e o restante dos meus homens do clã.

Suas espadas negras colidiam com a sua dourada, e ela as mantinha afastadas, lutando com todas de uma só vez, tão facilmente quanto um guerreiro experiente poderia lutar contra uma criança. Ainda assim, foi o suficiente para distraí-la. Eu me forcei a me libertar do meu corpo e alvejei a mancha dourada brilhante em seu peito que era seu coração. Mergulhei minha mão, meu triunfo reverberando através do meu corpo enquanto agarrava sua força vital.

Agora! Eu disse a um dos meus clãs, e ele enfiou a espada em seu coração imóvel.

Seu rosto estava congelado em choque quando ela caiu no chão.

Eu tinha derrubado uma, mas havia mais cinco. Quando voltei minha atenção para a próxima, uma visão horrível me recebeu.

A Valquíria que estava sobre Leif ergueu a espada.

Não! Eu gritei interiormente, arrebatando minha mente para controlá-la - para detê-la antes que ela pudesse fazer o impensável. Eu mergulhei na escuridão impenetrável mais uma vez, mas eu a senti hesitar.

Você não pode me segurar por muito tempo, ela provocou. *Ele sempre esteve destinado a aumentar as fileiras dos einherjar, e garantimos desde o início que ele seria o melhor guerreiro que o mundo - e Valhalla - já viu.*

De repente, lembrei-me do que Arinbjorn havia dito há muito tempo nos estábulos. Quando ele disse que a irmã deles foi morta de propósito, para que Leif a encontrasse. Lembrei-me de ter aprendido com os nórdicos que os jötnar não eram tão diferentes dos deuses e que alguns eram até casados ou relacionados por sangue.

Você planejou que Finna fosse abatida, pensei para as Valquírias, o horror tomando conta de mim.

A Valquíria riu, o som misterioso e sem humor. *Nós planejamos. Leif Olafsson já era o melhor atacante que o norte havia visto - ele teria navegado o mundo, trazendo conhecimento de nossos deuses para muitas pessoas - mas precisávamos de seu poder como einherjar. Seu poder seria melhor usado em Valhalla para lutar pelos deuses, e que melhor maneira do que treiná-lo aqui em Midgard?*

Você o manipulou. Você matou a irmã dele! E agora você vai tirar a vida dele?

Ela respondeu me empurrando mentalmente com tanta força que meu corpo físico caiu no chão. Uma dor agonizante assaltou minha cabeça, tão terrível em sua intensidade que eu só conseguia embalar minha cabeça e gritar silenciosamente enquanto perdia o controle de sua mente, de tudo, como eu estava perdida pela agonia.

Duas de suas irmãs escaparam do meu clã morto-vivo. Elas agarraram Leif. A Valquíria que segurava Leif imobilizado levantou a espada.

Afastei minha dor para encontrar Leif. O tempo parecia diminuir quando nossos olhares se encontraram e se seguraram. — Eu te amo. — Leif murmurou.

Uma sensação de urgência explodiu dentro do meu peito, e eu flui em direção a ele. Mas a distância era muito, muito longe.

A espada brilhou e caiu.

Eu assisti enquanto Leif sacudiu uma vez e depois ficou quieto.

Algo dentro de mim quebrou. Um grito rasgou dentro de mim, tão intenso e poderoso que era como uma onda de destruição. Todo mundo congelou.

Antes que eu percebesse, eu tinha arrancado minha alma do meu corpo e apareci ao lado da Valquíria que matou Leif. Raiva negra e uma terrível dor destruidora de almas me atravessava, e eu explodi através das defesas mentais das Valquírias, ignorando-a enquanto ela lutava comigo como um animal selvagem. O braço dela tremia ao se erguer contra sua vontade, e ela gritou de angústia quando eu a forcei a mergulhar a espada em seu próprio peito.

Voltei para mim mesma antes que pudesse ficar presa na espiral da morte dela.

Quatro ficaram.

Eu andei em direção a uma, a escuridão rolando de cima de mim como uma névoa negra. Meu espírito se libertou do meu corpo e bateu em sua mente, e eu a forcei a se matar em meio a suas ameaças gritadas mentalmente de morte e condenação.

Eu matei todos elas, uma por uma, arrancando seus corações dourados de seus corpos.

Respirando com dificuldade, voltei ao meu corpo mais uma vez e caí de joelhos ao lado de Leif. Muito acima de mim, o céu escureceu com nuvens de tempestade, como se minhas emoções estivessem sendo espelhadas pelos elementos.

Eu havia rasgado os corações das Valquírias, mas era o meu que estava morrendo.

Inclinei-me para a frente até minha cabeça descansar em seu corpo ainda quente e passei meus braços em volta dele. Perder Sleipnir e meu pai não se comparava a essa dor... Esse vazio dentro de mim.

— Por favor, não me deixe. — Eu sussurrei. — Fui tola por pensar que poderia viver sem você, e farei qualquer coisa se você apenas voltar para mim.

Um raio brilhou, sua luminosidade repentina apenas enfatizando o quão escuro se tornara. Um trovão se seguiu.

Uma figura apareceu diante de nós. Ele usava uma capa cinza com capuz e segurava um cajado retorcido. Sobrancelhas espessas escondiam apenas um olho azul-gelo surpreendente. O outro estava desaparecido, como se arrancado. Apenas a pele permanecia. Sua longa barba branca estava manchada de cinza, mas, em vez de parecer velho e desamparado, ele apenas parecia mais poderoso. Um corvo estava sentado em cada ombro, nos observando com olhos que pareciam conter o mundo inteiro.

— Odin. — Eu disse, reconhecendo o pai de todos os deuses nórdicos do meu tempo passado com os nórdicos. Eu segurei mais firme minha espada.

Ele não disse nada, apenas captou a cena com o olho. Depois de um momento, ele caminhou até a Valquíria morta mais próxima e tocou o ombro dela com seu cajado. Ela balançou a cabeça e ficou instável de pé. Levou tudo dentro de mim para não matá-la novamente. Seus olhos brilharam como se ela quisesse fazer o mesmo comigo, mas Odin meramente chamou sua atenção e balançou a cabeça.

Ele caminhou em torno de cada Valquíria caída e deu vida a cada uma delas, assim como a primeira. Eu silenciosamente fervi. Logo as seis ficaram ao lado dele, ressuscitadas como se nada tivesse acontecido, enquanto Leif estava imóvel no chão.

— Pai. — Uma das valquírias começou, mas ele levantou a mão.

— Muninn — Disse Odin ao corvo no ombro direito. —, mostre sua memória do que aconteceu aqui.

O pássaro soltou um coaxar e decolou com uma rajada de asas. Ele voou sobre nós em um grande círculo e, uma vez feito isso, o ar cintilou. No céu acima de nós, os eventos que aconteceram se repetiram. Vimos nossa batalha com os jötnar, a derrota de Fenris e a chegada das valquírias. Odin assistiu sem expressão quando as Valquírias se voltaram contra Leif e lutaram contra meus homens do clã caídos. Fiquei em agonia enquanto assistia Leif morrer pela segunda vez. Depois que todas as seis Valquírias caíram, as imagens ficaram borradas antes de finalmente se dissiparem no céu tempestuoso como fumaça.

— Então foi por vingança que minhas Valquírias foram mortas. — Disse Odin, sua voz profunda e pensativa. — Mas foi uma vingança pela morte de um dos meus, não um celta.

— Ele significa mais para mim do que o meu próprio povo. — Disse a Odin. — Eu mataria suas valquírias cem vezes, se isso significasse que eu poderia trazê-lo de volta. — Indiferença libertou minha língua. O que eu tinha para temer dos deuses nórdicos? Eu tinha perdido Leif.

— Como você foi capaz de fazer isso? — Ele perguntou-me. Ele parou quando o corvo em seu ombro esquerdo sussurrou em seu ouvido. Seus olhos se

voltaram para os meus. — Você tem o sangue de uma deusa celta. A filha imortal da Rainha Fantasma.

— Pai — Disse uma das valquírias novamente. —, estávamos fazendo o que você pediu.

Odin assentiu, pensativo. — É verdade. Pedi para você trazer o guerreiro de volta a Valhalla depois que ele completasse sua missão. Mas não pedi para você ameaçar a rainha celta; isso violou a aliança que você havia feito.

A Valquíria fervilhava visivelmente. — Suas intenções eram nos parar.

— Parece que houve justiça aqui - você tirou a vida de seu aliado e a rainha celta se vingou. Uma trégua será chamada.

Fiquei ao lado do corpo de Leif com a mão no punho da minha espada. — Você fala de justiça. O homem que amo está morto, enquanto os seres responsáveis ainda vivem. Pior, foram elas que o manipularam para trocar sua vida em primeiro lugar. Elas atraíram os jötnar para a aldeia onde estava sua irmã; elas se certificaram de que Leif a encontraria abatida.

Mais uma vez, o corvo no ombro esquerdo de Odin sussurrou em seu ouvido. Odin virou-se para mim. — É verdade. Queríamos a alma de Leif Olafsson cedo - não demoraria muito para que os jötnar lancassem um ataque ao reino dos deuses. Nós dominamos os mortais de Midgard; é nosso direito manipular os mortais como acharmos melhor. Mas não estou sem compaixão e gosto de uma aposta. A alma de Leif Olafsson já está em Valhalla. Você acha que ele vai escolher você em vez dos salões dourados?

— Eu não sei o que ele escolherá. — Meus olhos se estreitaram nas seis valquírias. — Eu só quero que ele tenha a chance.

Odin sorriu. — Eu gosto de você, Ciara da Rainha Fantasma. Você é uma verdadeira guerreira, alguém que não tem medo de lutar pelo que quer. — Ele ficou em silêncio por um momento, como se estivesse perdido em pensamentos - ou ouvindo um de seus corvos. — Vou levá-la a Valhalla. Se você conseguir convencer seu Leif a voltar para Midgard com você, enviarei a alma dele de volta ao corpo dele.

O alívio e a crescente esperança me atingiram com tanta força que meus joelhos quase se dobraram sob o meu peso.

— Obrigada Odin, eu...

— Se você falhar — Ele interrompeu. —, você não voltará a Midgard nem ficará em Valhalla. Vou mandá-la para os campos da morte de Freyja, e você estará para sempre separada daquele que ama.

Eu entendia os riscos: minha própria alma estava em perigo e eu poderia estar além da salvação. Mas eu também sabia que Leif aceitaria esse preço sem um momento de hesitação, se fosse a minha vida em risco.

— Eu não vou falhar. — Eu disse.

Odin deu um passo à frente e colocou as mãos na parte superior dos meus braços. Ele cheirava a fumaça e terra. — Vamos então. — Disse ele.

Imediatamente, as Valquírias explodiram em suas formas de corvo e subiram aos céus, as penas caindo em seu rastro. Os dois corvos de Odin se juntaram a elas, e então estávamos girando loucamente, como se tivéssemos sido pegos no meio de uma tempestade. Eu não conseguia ver nada; Eu não conseguia ouvir nada além de um grito de vento nos meus ouvidos. Mais e mais rápido subimos, girando o tempo todo, até que me senti como uma folha presa em um furacão.

Justo quando eu tinha certeza de que morreria, ele parou.

CAPITULO 28

Odin me soltou e eu caí no chão. Todos os ossos e músculos do meu corpo gritavam de dor, mas não por causa da queda. O mundo havia mudado; Eu me sentia tão fraca como um gatinho mais uma vez, e a pressão no meu corpo era tão intensa que eu não conseguia nem gritar, apenas cerrei os dentes. Tudo ao meu redor estava borrado e mudava, como se eu estivesse olhando através da fumaça, e fiquei em posição fetal, incapaz de me mover para frente. Não havia como notar meu entorno, não havia como fazer nada além de me agarrar ao chão embaixo de mim.

— Você deveria se orgulhar de ainda estar viva. — Disse Odin de algum lugar acima de mim. — Se não fosse à parte de você que é imortal, este reino a destruiria.

Com suas palavras, a pressão aumentou para uma sensação de puxão que se intensificou até que suor estourou por todo o meu corpo.

— É a sua mortalidade que está te impedindo agora. — Disse ele, e eu pude senti-lo andando em um círculo lento em torno da minha forma fetal. — Você realmente deveria se apressar. Seu corpo não será capaz de tolerar muito mais disso.

Suas palavras me levaram a liberar meu eu mortal, e abri a porta dentro da minha mente, banhando-me em sua luz dourada. Meu espírito se separou do meu corpo e eu me libertei. A dor desapareceu tão rapidamente quanto apagar a chama de uma vela com água. Mas enquanto olhava para o meu corpo, ainda

miserável e prostrado no chão, sabia que Odin falava a verdade: não tinha muito tempo.

— Garota esperta. — Disse Odin, agora de olho na minha forma etérea de espírito.

— Onde está Valhalla?

Odin sorriu quando seu olhar mudou para algum lugar atrás de mim. Eu me virei e uma enorme águia soltou seu grito no céu. Voava sobre uma colossal casa longa, o telhado feito de milhares de escudos. Havia mais janelas e portas do que eu poderia contar, e toda a estrutura era feita de ouro brilhante. Acima de nós havia dois sóis e uma lua, e o céu estava cinzento, como se uma tempestade logo chegasse sobre nós.

— Cuidado com o lobo Fenrir na porta ocidental. — Disse Odin. — Ele saberá que você não é einherjar.

Antes que eu pudesse perguntar mais alguma coisa, ele desapareceu, me deixando com uma urgência inquietante. Um de seus corvos, no entanto, me acompanhava do ar. Eu corri para frente, mais rápida neste reino do que estaria na terra, e o corvo seguiu, lançando sua sombra acima de mim. Levei apenas alguns segundos para chegar às portas - pesadas com ouro e com cobras nas maçanetas - mas quando as abri, todas as esperanças de que essa seria uma tarefa fácil desapareceram.

O salão era maior do que qualquer castelo que eu já tinha visto, maior até do que a cidade de Dubhlinn. As vigas eram feitas de lanças, e havia mesas tão longas que eu não conseguia ver o final delas. Elas estavam cheias de comida e bebida - frutas, queijo e carne, hidromel e cerveja gelada. E havia mais homens e mulheres do que todos os exércitos que eu tinha visto reunidos. Eles lotavam o

salão e enchiam as mesas, suas vozes e risadas sendo transportadas para as vigas com ponta de lança. Encontrar Leif entre tantos seria tão difícil quanto encontrar um único grão de areia no mar.

Eu teria que fazer isso como fiz todo o resto: um passo de cada vez. Eu andei e procurei, por quanto tempo, eu não sabia dizer. Todo o tempo, meu corpo me chamava, e a sensação de puxão se tornou quase insuportável. Ainda assim, eu continuei.

Acelerei meu ritmo, mas comecei a sentir a tensão do elo com o meu corpo esticar quase à capacidade. Eu havia procurado apenas metade do corredor e sabia que estava ficando rapidamente sem tempo.

Mas com a minha forma espiritual veio a rapidez do pensamento. Eu era filha de Morrigan; Eu tinha uma comunhão com os mortos. Se não pudesse continuar minha busca, talvez pudesse convocar os mortos para mim. Pensei em Leif; Pensei no modo como ele cheirava, na profundidade de sua voz, na força de seus músculos como ferro. Mas, principalmente, pensei no modo como ele me fazia sentir: como se finalmente tivesse encontrado onde pertencia.

Só então um grito de dor ecoou em algum lugar no meio do corredor, o som ecoando nas paredes. Vozes perto de mim se calaram quando um nórdico alto e dourado veio correndo em minha direção. Leif tinha me encontrado.

Ele estava diante de mim, seu peito ofegando, embora eu tivesse certeza de que ele não precisava mais puxá-lo. Seus braços se estenderam e me atraíram para ele. — Ciara, não. Não, você não pode estar morta. Por favor, diga-me que isso é apenas uma alucinação provocada pelo hidromel de Valhalla.

Ele me puxou para seu peito etéreo, sólido para mim em minha própria forma espiritual, mas estranhamente ausente de tudo que o tornava seu eu familiar: sem calor, sem cheiro, sem... Batimento cardiaco.

— Eu não estou morta, e você não está alucinando. — Eu disse apressadamente para Leif, que ainda não havia percebido o perigo em que estávamos.

— Então, o que você está fazendo aqui?

Mais uma vez, meu corpo me chamou e pus a mão no braço de Leif. — Estou aqui para te trazer de volta... Se você vier comigo.

Por um momento, Leif ficou tão quieto que fiquei aterrorizada que ele dissesse não, e então o sorriso que uma vez me enfureceu se espalhou por seu rosto. — Como você pode duvidar de mim?

Alívio floresceu dentro de mim, e eu devolvi seu sorriso. — Porque tudo que você falou desde o momento em que nos conhecemos foi Valhalla.

Ele tocou meu rosto. — Isso foi até que eu me apaixonei por você.

Eu me inclinei em seu toque, imaginando como seria quando estivéssemos de volta em nossos corpos adequados. — Não temos muito tempo. — Murmurei.

Ele levantou meu queixo para olhar para ele. — Antes de deixar o esplendor dourado de Valhalla, preciso saber se você me ama.

— Sim. — A palavra veio do fundo e, depois que a falei em voz alta, percebi o quão verdadeira era. Senti um rubor tomar conta de mim, mesmo quando algo dentro de mim se encaixou irrevogavelmente no lugar. Leif havia morrido e, com ele, minha incapacidade de vê-lo como ele realmente era. Ele era gentil e impiedoso, frustrante e encorajador, bonito e perigoso. Mas acima de tudo, ele não era seu pai.

Meu olhar caiu para os nossos pés. Senti-me envergonhada por como respondi a ele quando soube o que seu pai havia feito - não com amor e compreensão como ele, mas em frieza e desconfiança.

E levou apenas a morte dele para me fazer perceber.

Eu balancei minha cabeça. — Sinto muito, Leif-

Seu dedo traçou minha bochecha, seus olhos atentos nos meus lábios. — Não peça desculpas — Ele disse. —, eu entendo. Minha reação teria sido pior se nossas circunstâncias tivessem sido revertidas. Você pode se desculpar e compensar tudo o que quiser quando voltarmos para Midgard. — Ele pegou minha mão e deu um pequeno puxão. — O que você trocou para me trazer de volta? — Ele perguntou enquanto caminhávamos pelo corredor dourado.

— Odin parecia pensar que você nunca iria querer deixar Valhalla, então apenas o seu acordo foi necessário. — Eu disse, e relatei tudo o que tinha visto após a morte de Leif.

Suas sobrancelhas fantasmagóricas se ergueram quando descrevi a vingança que assumi nas Valquírias em seu nome.

— Fui tolo em pensar que apenas minha vida mortal seria pagamento suficiente pelos presentes que a Valquíria me deu. Elas também tinham planos para minha alma. — Ele olhou em volta para as mesas cheias de outros guerreiros. — Houve um tempo em que eu teria aceitado com prazer esse destino, mas — Ele me encarou com o olhar. — Tudo mudou agora.

Apertei a mão dele em resposta e rezei para que Odin mantivesse sua parte da barganha.

Leif deve ter lido minha mente, pois disse: — Duvido que seu acordo para sair seja a única coisa necessária antes que possamos voltar ao reino mortal.

Quando abrimos as mesmas portas enormes que eu havia aberto antes, um rosnado sinistro nos cumprimentou.

Eu congelei, medo frio tomando seu caminho através de mim. Uma multidão enfurecida atrás de nós e um lobo guardando a porta. — Não foi assim que entrei - pela porta oriental? — Eu disse em um sussurro abafado para Leif.

— Foi.

— Então me diga que não era o rosnado de um lobo.

O rosnado veio novamente, mais alto e mais perto do que antes. Leif me deu um empurrão. — Vá. Eu sou *einherjar* agora. Não vai me atacar, e eu posso distraí-lo.

— E então o que, Leif? — Eu exigi em um assobio.

— Apenas vá. — Ele disse, e me deu outro empurrão teimoso.

Um rosnado veio logo atrás de nós, e eu corri. O cenário - um penhasco rochoso com vista para um fiorde - passou rapidamente. Ouvi Leif pular na frente do lobo, mas ele facilmente o esquivou e veio atrás de mim. Arrisquei um olhar para trás. Suas patas enormes batiam tão alto quanto os cascos de um cavalo, e era enorme - maior que um urso. Maior do que qualquer animal que eu já vi na terra. Seus olhos amarelos estavam treinados em mim, famintos. Seus dentes eram como punhais na boca. Ele não rosnou mais, apenas correu atrás de mim silenciosamente com uma única intenção.

Eu não tinha certeza do que aconteceria se pegasse minha forma espiritual, mas também não queria descobrir. Até a minha velocidade não natural era rápida o suficiente para me manter à frente do lobo.

Meu corpo me chamou de algum lugar logo à frente e, em um momento de horror, percebi que não podia levar esse lobo sanguinário diretamente ao meu

corpo indefeso. Eu virei de repente para a esquerda e mandíbulas estalaram a poucos centímetros de distância. Minha mente disparou e eu procurava desesperadamente uma solução.

— Leif! — Eu gritei, e então ele estava lá, ao meu lado como se ele sempre estivesse.

— Qual é o seu plano? — Ele perguntou.

— Eu preciso que você o segure. — Eu disse, olhando para trás novamente para confirmar que ainda estava bem atrás de nós. — Você acha que pode?

— Não por muito tempo, mas sim.

— Não vou precisar muito. — Eu disse.

Leif parou e correu de volta para o lobo, agarrando-o pelas enormes mandíbulas. Ele jogou a cabeça de um lado para o outro violentamente, mas Leif o segurou. Examinei o corpo do lobo em busca do brilho vermelho revelador - o coração que era sua fonte de vida. Seu pêlo preto deu lugar à fumaça dourada rodopiante, e dentro da fumaça havia um coração vermelho brilhante. Mergulhei minha mão em seu peito e rasguei.

O efeito foi instantâneo. Seus olhos reviraram em sua cabeça quando ele bateu no chão rochoso. Na minha mão, o coração vermelho pulsava. Eu só tinha que voltar ao meu corpo e apertar, e a cruel criatura não existiria mais.

— Pare! — A voz de Odin soou estrondosa e poderosa. Ele ecoou sobre os penhascos. Ele apareceu diante de nós, as sobrancelhas erguidas sobre os olhos, ameaçadoramente. — Você não pode derrotar Fenrir aqui. Ele deve ser derrotado durante Ragnarök. Matá-lo agora destruirá o tempo como o conhecemos e tornará inúteis todas as profecias.

Eu segurei a fonte da vida no alto. — Conceda-nos a passagem livre de volta ao reino mortal, e devolverei o coração do lobo.

Odin estendeu a mão e chamou meu corpo. — Concedido.

Com meu corpo tão perto, a atração magnética para retornar a ele era quase insuportável. Eu me senti tão esticada quanto um arco puxado, mas não estava ansiosa para voltar à agonia que meu corpo sofria. — Quando eu voltar ao meu corpo, você nos enviará de volta.

Odin encontrou meu olhar firme. — Você tem minha palavra.

Eu balancei a cabeça quando me aproximei do meu corpo. Com uma respiração profunda, fechei os olhos e deixei meu corpo puxar meu espírito de volta para ele.

Eu ofeguei em choque. A agonia caiu sobre mim, contraindo todos os músculos do meu corpo até que apenas um soluço miserável escapou. Na minha mão ainda estava apertado o coração vermelho. Odin se abaixou e pegou de mim depois que eu descobri que eu não podia nem mandar meus dedos soltarem.

— É realmente isso que você deseja, Leif Olafsson? — Odin perguntou de algum lugar acima de mim.

— Eu não posso ficar sem ela, pai. — Disse ele simplesmente. Eu teria sorrido se pudesse.

— Então vá. — Disse Odin.

Ele levantou a mão e o mundo explodiu em luz.

Eu caí de volta à terra, o vento gritando em meus ouvidos, exatamente como durante a minha subida. Meu estômago deslizou na minha garganta quando o túnel de vento em que eu estava envolvida disparou em direção ao chão. Cega e

surda com tudo, menos com vento ao meu redor, eu tinha perdido a noção de Leif.

Pouco antes de ter esmagado a terra e quebrado todos os meus ossos, diminuí a velocidade e caí suavemente sobre meus pés. O vento dissipou-se de uma vez, mas desta vez não fiquei desorientada. Levou apenas um momento para registrar meus arredores: os gigantes mortos espalhados pelo chão eram indicação suficiente. Eu havia retornado para fora de Skien.

Meu exército esperava em uma formação silenciosa nas proximidades, enquanto Sleipnir relatou uma saudação suave. Com um toque apressado da mão no nariz de Sleipnir, caminhei em direção ao corpo de Leif.

A visão dele deitado tão quieto no chão, o sangue manchando a grama embaixo dele, enviou o pânico arranhando-se para se libertar dentro de mim, mas eu o pisei. — Vamos lá, Leif. — Eu disse calmamente, atentamente.

Fui recompensada com os olhos dele rolando por trás das pálpebras e o pulso no pescoço latejando. Ele deu um único suspiro e depois outro, e então seus olhos se abriram. Eu não aguentava mais. Eu joguei meus braços em volta dele quando soluços fortes tomaram conta do meu corpo.

Os olhos de Leif se arregalaram. — Eu não sabia que você poderia chorar assim.

Eu ri e chorei mais. — Posso convocar os mortos, mas não estou morta por dentro. — Mais suave eu disse: — Eu realmente pensei que iria te perder.

— Nunca. — Disse Leif, seus olhos brilhando com a vida restaurada. Lentamente, ele se levantou, e eu mantive meu braço em volta dele para firmá-lo. Ele sorriu para mim. — Vê? Estou inteiro. Graças a você.

E então seus braços estavam ao meu redor, e nossos corpos estavam pressionados com tanta força que parecia que o que queríamos desesperadamente era ser um. Ele me beijou e provei sal das minhas lágrimas.

Eventualmente nós nos afastamos. Ainda estávamos em um campo de batalha cheio de gigantes caídos. Por perto, meu exército de mortos-vivos observava sem expressão. A memória voltou, e com isso veio uma onda de horror quando me lembrei que a tia de Leif havia caído quando a Valquíria desceu. Eu pulei de pé, meus olhos examinando os muitos corpos, mas não havia sinal dela.

O som de cavalos se aproximando me fez virar, e vi Rúna em cima de um carregador cheio de sangue. Eu deixei minha respiração sair aliviada.

— Leif! — Rúna gritou assim que estava perto o suficiente para ser ouvida. O único sinal de que ela havia sido ferida era uma mancha de sangue pingando de seu couro cabeludo. Ela correu com o cavalo até chegar ao nosso nível, e então desmontou tão rápido que quase caiu no chão. Leif a segurou com a mão no ombro.

Rúna passou o braço em volta do pescoço de Leif e o puxou para perto. — Graças aos deuses. — Disse ela, com a voz rouca. — Como você sobreviveu?

Leif levantou a cabeça e olhou para mim. — Ciara invadiu Valhalla. — Um sorriso lento cruzou seu rosto. — Ela até jurou que faria qualquer coisa se eu voltasse.

Eu estremeci de surpresa. — Como você...

O olhar de Leif encontrou o meu. — Você quis dizer isso?

— Claro...

— Então vamos fazer um pacto aqui e agora que seremos para sempre aliados.

Eu sorri. — Apenas aliados?

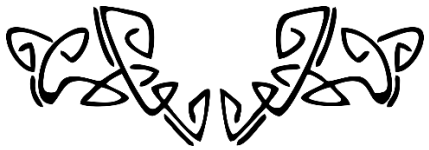
Ele riu e me puxou para seus braços. — Você nunca poderia ser apenas uma aliada para mim. Em breve, nossa aliança se tornará muito mais permanente.

Suas palavras eram caracteristicamente arrogantes, mas eu achei que não podia discutir com elas. Inclinei minha cabeça para trás e ele me beijou novamente.

— Eu te amo, meyja. — Disse ele.

Ele me beijou como apenas alguém que se esquivou da foice da morte poderia beijar. — Eu te amo, Leif. — Murmurei. — Mas não me chame de meyja.

Sua risada expulsou a escuridão do meu coração.



Passamos o resto do dia queimando os restos dos mortos. Levou toda a nossa força para empilhar os corpos dos jötnar em um fogo impressionante, mas era trabalho necessário. Havia o perigo de deixar essas criaturas para trás, mesmo que estivessem mortas. A lenda sempre defendeu que seres poderosos poderiam se regenerar se um dedo sobreviver. Não descansei até sentir o gosto de cinzas a cada respiração.

Construímos grandes piras funerárias para aqueles que havíamos perdido, enviando os corpos em chamas em navios de guerra ancorados em Skien. Encontrei a coroa do meu pai, a apenas centímetros de seus ossos. Passei o dedo pelo metal manchado, lembrando-me do homem que ele era. Reuni

cuidadosamente seus ossos e os juntei à pilha, desejando poder dar a ele mais do que um funeral apressado no final da batalha.

— Isso faz de você um jarl de Skien agora? — Eu perguntei enquanto encarávamos os restos montanhosos de Fenris.

Ele assentiu uma vez. — Estamos lentamente dominando o mundo, você e eu.

Essa mesma fome ambiciosa cresceu dentro de mim, mas eu me afastei dela. — Devo voltar a Mide, Leif.

— Em breve. — Disse ele, e algo quase como contentamento aqueceu meu estômago.

Enquanto Leif e eu estávamos lado a lado no cais, com os reflexos dos navios em chamas brilhando na água, eu apertei sua mão na minha enquanto meu coração cantava obrigado por uma coisa.

Desafiámos os deuses e vencemos.

CAPITULO 29

Nossa viagem de volta foi muito menos movimentada que a anterior, o que foi um milagre para nós. Ainda assim, era longa e cansativa - cheia de sol quente e borrifo salgado sem fim.

Quando finalmente chegamos às margens de Mide, o castelo de meu pai pairando sobre nós lá de cima, saltei do barco que antes temia. Quando dei o primeiro passo na costa rochosa e arenosa, mal pude evitar cair de joelhos e beijar o chão em ação de graças. Mas eu mal tive tempo de inclinar minha cabeça para os raios quentes do sol antes que um chifre soasse bem acima de nós.

Meu coração acelerou no meu peito. Embora tecnicamente eu fosse a causa do fole do chifre, ela ainda me enchia de pavor ardente. Hábitos morriam dificilmente. Os nórdicos significavam muito mais para mim agora. Eu poderia não estar pronta para perdoar o pai de Leif pelo que ele havia feito com minha irmã, mas foram Leif, Arin, Rúna e todos os outros que me ensinaram que nem todo nórdico era um monstro, assim como as mentes e histórias dos jötnar haviam me ensinado que nem todo gigante estava completamente corrompido pelo mal. A escuridão veio de várias formas, e era errado pensar que qualquer ser estava além da redenção. Até Morrigan teve momentos de bondade.

— Temos que nos apressar. — Eu disse a Leif, que se juntou a mim ao meu lado. — Eles vão pensar que viemos para invadir.

— Não é mais do que sua mãe merece. — Disse ele com um sorriso.

— Possivelmente. Mas minhas irmãs e homens do clã restantes não.

Arin correu até nós, sua expressão ansiosa. — Haverá uma batalha?

Leif virou-se para o irmão com um olhar severo. — Fique com o navio.

Começamos o caminho pedregoso quando ouvi: o som inconfundível de cavalos de guerra. A confusão de cota de malha e armas se seguiu, e eu dobrei meu passo. Tínhamos que chegar ao topo do penhasco, senão seríamos canalizados exatamente como os nórdicos que matei.

Eu olhei de volta para Leif. — Rasgue um pedaço da sua túnica de linho e corra. — Ele fez o que eu pedi, arrancando um pedaço de pano que era um branco sujo, mas branco, no entanto. — Vou continuar sozinha. Não quero assustá-los.

Ele olhou por um momento como se fosse argumentar, mas no final assentiu.

Eu segurei o pano no alto quando cheguei ao topo da subida íngreme.

Diante de mim, estendia-se um contingente de trinta homens, liderado pelo rei supremo de Éirinn, Brian Boru. Sua bandeira vermelha e dourada voava alto acima dele, e ele se afastou um pouco do resto em um cavalo branco. O sol brilhava em sua armadura cinza escura ameaçadoramente. Meu coração continuava disparado no peito, pois não havia esquecido que a filha dele era casada com o rei Sigtrygg.

—Paz. — Eu disse claramente em gaélico, voltando facilmente para a minha língua nativa. — Eu sou Ciara de Mide, e isso não é invasão.

O rei franziu o cenho. — Ciara, Rainha de Dubhlinn, que se aliou aos nórdicos?

Eu levantei meu queixo e encontrei seu olhar escuro. — A mesma.

— O que traz você aqui com os navios nórdicos e um exército nas suas costas?

— Eu vim para me assegurar da segurança de minhas irmãs e homens do clã. — Eu disse.

— Eles estão bem o suficiente agora que estamos aqui para guiá-los. — Disse o rei.

— Então você deve saber que o rei, meu pai, morreu. — Eu disse, incapaz de impedir a torrente de imagens - os restos carbonizados na capela, morrendo pela segunda vez em uma explosão de ossos e cinzas - correrem através da minha mente.

O rei se mexeu na sela. — Sim, outro rei morto. Rei Killian de Mide, seu próprio pai. Você está aqui para tomar as terras dele, suponho?

Meus olhos se estreitaram perigosamente. — Foi o rei Sigtrygg quem matou meu pai, e não menos que duzentos dos meus homens do clã, e eu estava certa ao procurar vingança contra ele. Como filha mais velha, sou a herdeira de meu pai. O reino de Mide é meu, e eu voltei para reivindicá-lo.

— Foi sua mãe quem disse que você foi banida. — Disse o rei, e eu vi a mão dele apertar o punho da espada. — Você não tem mais uma reivindicação aqui.

Fiquei diante do rei supremo de Éirinn, um homem que me superava, mas não me encolhi diante dele. Eu havia enfrentado inimigos muito maiores que ele, e pegaria o que era meu.

— O sangue de meu pai, rei de Mide, flui através de mim, e eu assumirei meu papel como protetora desta terra. Recue, senhor, ou serei forçada a massacrar seus homens.

Vozes raivosas se levantaram com a minha insolência, mas eu me segurei.

O rei se inclinou para frente e trancou os olhos comigo. — Eu gostaria de ver você tentar.

Seus homens aplaudiram quando eu recuei de volta pelo caminho, meu queixo alto. Leif me esperava perto da costa com o que restava do meu exército de mortos-vivos em atenção.

Apontei para a frente deles. — Há um exército no topo deste penhasco. Mate eles. Poupe o rei.

Eu me puxei para cima de Sleipnir quando Leif montou em Abrax. Os poucos nórdicos que haviam retornado conosco esperavam, descaradamente ansiosos pela batalha.

— Esta é a minha luta, Leif.

Ele sorriu. — Agradeço seus esforços para me castrar tão cedo em nosso relacionamento, mas você sabe que não posso resistir a uma batalha.

Uma risada me escapou. — Nós não somos casados ainda. — Joguei outro sorriso por cima do ombro para ele enquanto levava Sleipnir pelo caminho pedregoso.

Leif e os outros nórdicos o seguiram, mas meu exército de mortos-vivos passou por mim, seus pés nunca parecendo tocar o chão. Gritos estrangulados os receberam no topo do penhasco e, quando Sleipnir me entregou ao topo, quase todos os homens estavam mortos.

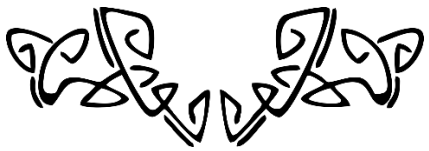
— Pare! Chega. — Falei quando o rei supremo jogou a espada aos meus pés.

— Eu me rendo. — Disse ele, com o rosto pálido à luz do sol. Sete de seus homens restantes circulavam em torno dele bravamente, embora também estivessem mortalmente pálidos.

— Você me reconhece como rainha de Dubhlinn e Mide? — Eu perguntei, a Espada dos Caídos estava pronta na minha mão.

Ele abaixou a cabeça uma vez. — Por meio deste, você recebe os dois reinos para governar e proteger.

Eu sorri devagar como a morte. — Seria minha honra, sua graça.



O pátio do castelo estava quieto com um mal-estar quase palpável. Leif e eu montamos nossos cavalos até as portas da fortaleza, onde eu sabia que minha mãe esperava lá dentro.

— Máthair. — Eu chamei, porque eu não a conhecia por nenhum outro nome.

Não demorou muito para que ela viesse, seguida por minhas irmãs, cujos cabelos dourados traziam lágrimas aos meus olhos.

Suas mãos estavam em punhos ao lado do corpo, e seu rosto era tão acolhedor quanto uma tempestade de granizo. Pior ainda foram as reações das minhas irmãs: elas mantiveram os olhos firmemente no chão, nunca encontrando os meus. — Onde está o rei supremo? — Minha mãe perguntou.

— Derrotado. — Eu disse, e ela respirou fundo.

— Você o matou também?

Eu estremeci. — Derrotado, mas não morto.

Ela cruzou os braços defensivamente. — Por que você está aqui, Ciara? Você não é bem vinda.

Leif se mexeu na sela ameaçadoramente, mas eu levantei minha mão. — Posso não ser sua filha, mas sou a filha mais velha do rei de Mide. Eu vim reivindicar meu direito de primogenitura, manter Mide a salvo e governar como sua rainha. Este é o meu reino, estas são minhas irmãs, meus homens do clã. Nenhum dano virá a eles enquanto eu governar. Minha aliança com Leif Olafsson dará início a um tempo de paz entre nossos reinos e os nórdicos.

Máthair ficou em silêncio atordoado, e meu olhar se voltou para Branna e Deirdre atrás dela. Ambas estavam magras e pálidas, mas Branna agora olhava para mim com cautela nos olhos. O que aconteceu enquanto eu estava fora?

Eu desmontei e me aproximei delas. Máthair se mexeu para que ela estivesse em pé na frente das minhas irmãs, e eu a olhei com a mágoa. Certamente ela não podia acreditar que eu as machucaria?

— Voltei, Bran. — Eu disse, abordando a mais provável de se rebelar contra Máthair. — Assim como eu prometi a você.

— É tarde demais agora. — Disse Branna, seu tom calmo e sombrio.

— O que você quer dizer?

Branna cruzou os braços defensivamente, e Deirdre se mexeu desconfortavelmente. — Eu estou noiva agora - nós duas estamos. Não importa se você está aqui agora, porque nunca mais viveremos em família.

Não deveria ter me surpreendido, e, no entanto, tudo que eu podia ver diante de mim eram duas meninas. Elas foram criadas a vida inteira sabendo que seriam prometidas quando chegassem à maioridade. Seus casamentos formariam alianças necessárias e, se tivessem sorte, Áthair teria pena delas e as casaria com homens com menos de trinta anos. Mas, embora não fosse algo inédito, noivar na idade delas era muito cedo. Eu pude entender por que Branna rebelde, estava

irritada sob este decreto e Deirdre de fala mansa, estava apreensiva e com medo do que estava por vir. Mas, para sorte delas, eu era rainha agora e criaria minhas próprias alianças.

Olhei para minha mãe e um sorriso lento floresceu no meu rosto. — Então vamos quebrar os noivados.

Máthair endureceu em choque, e eu quase tive pena dela. — O que? Não. Você não pode...

De uma posição relaxada em seu cavalo, Leif sorriu como se estivesse assistindo uma luta de espadas muito divertida.

Os sorrisos correspondentes nos rostos de Branna e Deirdre valiam qualquer raiva de Máthair.

— Eu posso, na verdade. Eu sou a rainha. — Para minhas irmãs, eu disse: — Considere seus noivados quebrados.

— Branna estava noiva do filho do rei supremo. — Disse Máthair, sua voz desesperadamente aguda. — Não podemos simplesmente dizer para ele não.

— Tenho certeza de que o rei supremo concordará com o que Ciara disser a ele. — Disse Leif. — Ele foi derrotado agora, mas Ciara poupou sua vida.

Branna jogou os braços em volta de mim e eu descansei minha cabeça na dela. — Obrigada, Ciara. — Disse ela. — Você não sabe o quanto eu me preocupei com isso.

Depois de um momento, Deirdre se juntou ao abraço e eu soltei o ar rapidamente. Casa. Família. Eu nunca deixaria nenhum mal acontecer agora que eu era rainha. — Minhas irmãs devem poder se casar com quem quiserem.

— Tais promessas. — Disse Máthair com um sorriso de escárnio. — Você não sabe nada sobre ser rainha, fazer alianças essenciais. Parte do crescimento é sacrificar a felicidade pelo clã.

Eu balancei minha cabeça. — Ainda não posso ser uma governante experiente, mas sei que tenho poder suficiente para manter Mide e esse clã em segurança. De que adianta meu poder se minhas irmãs precisam ser trocadas para garantir que teremos aliados em nosso auxílio?

O som de muitas botas atingindo a terra chamou nossa atenção, e me virei para encontrar Arin e os outros nórdicos entrando no pátio. Meu exército de mortos-vivos os seguiu, pedregosos e de rosto cinza.

Chamei a atenção de Arin e acenei para ele. — Há alguém que eu gostaria que você conhecesse. — Eu disse a Branna, enquanto Deirdre se escondia atrás dela timidamente. Arin se juntou a nós, uma expressão cautelosa no rosto. — Arin, estas são minhas irmãs, Branna e Deirdre.

Branna fez uma reverência diante dele, e um sorriso largo se espalhou pelo rosto de Arin. Máthair parecia ter comido algo bastante azedo.

— Formei uma aliança inquebrável com o irmão de Arin — Eu disse com um sorriso compartilhado com Leif. —, então você verá muito mais dos dois no futuro.

Antes que minhas irmãs pudessem reagir, Máthair soltou um ruído de frustração total. — Já ouvi o suficiente dessa loucura. Branna, Deirdre, venham comigo. Seu pai ficaria arrasado com essa traição - aliar-se a um bárbaro pagão. Ciara destruirá esta família. — Ela girou nos calcanhares e partiu, mas eu a chamei antes que ela pudesse desaparecer dentro da fortaleza. Relutantemente, ela virou a cabeça.

— Você pode ter sua opinião sobre minha escolha de alianças — Eu disse. —, mas devo saber: você contestará minha reivindicação pelo trono?

Suas costas endureceram. — Eu realmente não tenho escolha, tenho? — Ao meu olhar, ela suspirou. — Não. — Disse ela, a palavra soando como se tivesse sido arrancada dela com força. — Garotas?

Deirdre passou os braços finos em volta de mim mais uma vez, e eu beijei o topo de sua cabeça justa. — Vá agora. Eu vou te encontrar mais tarde.

— Estou feliz que você esteja em casa, Ciara. — Disse Deirdre antes de correr atrás de sua mãe.

Branna ficou para trás, com os olhos ainda em Arin. — Vejo você no jantar?

Ele olhou para Leif uma vez antes de assentir. — Acredito que sim.

Talvez estivesse em nosso sangue encontrar os homens Olafsson irresistíveis. Sorrindo, dei uma pequena cutucada em Branna. — Melhor ir antes que Máthair venha procurá-la.

Branna jogou os braços em volta de mim novamente. — Rezei todas as noites que você voltasse para casa, Ciara.

— E eu rezei para voltar para casa para você. — Eu disse com um beijo na cabeça dela. — Agora vá.

Quando ela estava fora de vista, mudei minha atenção para o meu exército de mortos-vivos. — Há algo que devo fazer. — Disse a Leif.

—Isso é um erro. — Disse Leif depois, quando reuni meu clã morto-vivo nos restos de nossa capela. Eles ficaram sem emoção, apesar de permanecerem sobre as cinzas de suas mortes violentas.

Eu balancei minha cabeça enquanto puxava a Espada dos Caídos livre. — É isso que deve ser feito.

— E se seus reinos forem desafiados e você precisar deles novamente?

Eu me virei para ele com uma pitada de um sorriso irônico. — Estou surpresa, Leif. Eu acho que você de todas as pessoas deveria perceber que, se eu não posso segurar essas terras com meu próprio poder, então não mereço tê-las.

Ele cruzou os braços obstinadamente sobre o peito. — Eles fazem parte do seu poder.

Em resposta, cortei a palma da minha mão na lâmina da minha espada. Ela vibrou alto quando meu sangue foi absorvido. Desta vez, as palavras vieram até mim sem precisarem me dizer.

—Então o sangue da Rainha Fantasma flui em minhas veias, assim eu liberto vocês do seu juramento a mim. Vocês não serão mais forçados a andar sobre a terra. Em vez disso, deixo vocês livres para descansar em paz.

Um estrondo explosivo rasgou o ar, e os homens diante de nós se despedaçaram em uma nuvem de cinzas. Tristeza e arrependimento caíram sobre mim como um véu, mas tudo isso veio com um sentimento de paz - a paz que eu havia concedido aos meus clãs e a paz que senti por fazer o que era certo. Minha reparação pela morte de tantos acabava de começar...

O passo macio de um sapato de couro sobre cinzas me alertou da presença de alguém, e me virei para encontrar a forma cinzenta do padre Briain. Enquanto

seu olhar flutuava sobre os restos da capela, percebi o quão terrivelmente perdido ele deveria se sentir.

— Será reconstruída. — Eu disse, minha voz calma, mas forte.

Seus olhos reumáticos encontraram os meus, o alívio profundo em seu rosto. — Como rainha, você será bem-vinda na nova capela.

Levaria muitos anos até que eu me sentisse bem-vinda na igreja - se é que alguma vez -, mas não disse nada disso ao padre Briain, apenas sorri e toquei seu ombro enquanto passava.

Mas enquanto eu caminhava para fora, outra pilha de cinzas me deteve de repente, como se eu tivesse sido atingida por uma flecha.

— Sleipnir. — Eu sussurrei, ecos da primeira vez em que o encontrei quebrado e ensanguentado no campo de batalha reverberando através de mim. Como pude esquecer que ele estava tão ligado ao meu sacrifício de sangue quanto os outros?

Embora ao tocar o que restava do meu corajoso cavalo de guerra, uma parte de mim soubesse que era assim que deveria ser. Por quanto tempo eu poderia manter um cavalo esquelético morto-vivo com um apetite horrível por carne? Eu lamentava por ele pelo que ele era antes. Perdê-lo novamente rasgou velhas feridas, velhas perdas: meu pai, Fergus e Conall, meus homens do clã, até minha mãe, que nunca foi realmente minha a perder.

Mas, quando Leif passou um braço em volta de mim em silencioso conforto, jurei que iria forjar uma nova vida, uma de paz.

CAPITULO 30

Naquela noite, depois de um jantar tenso com Máthair que tensionou todos os músculos do meu corpo, e depois de duas horas subsequentes praticando luta de espadas com Leif que finalmente consumiram minha energia, entrei no meu quarto com Leif, cansada até os ossos - até que seu olhar se encontrou o meu.

— Torna-se difícil não tocar em você quando você me olha assim. — Disse Leif.

Outras duas semanas no mar com ele haviam roubado qualquer noção de propriedade que eu poderia ter. Quando a névoa vermelha do desejo se acendeu, abanei as chamas. — Quem disse que você não pode me tocar?

Ele deixou escapar uma risada e um gemido antes de me alcançar. O beijo foi apressado, desesperado, mas quando nos afastamos, seus toques se tornaram gentis. Ele traçou a linha da minha mandíbula, pressionando beijos ao longo do lado do meu pescoço. Ajudei-o a tirar a túnica e a cota de malha e ele pegou as presilhas da minha armadura.

— Você terá pouca necessidade de usar armadura daqui para frente. — Disse ele, colocando-a de lado ao remover cada peça.

Deitei na cama com um suspiro. — Ah? E o que você gostaria que eu usasse?

— Nada. — Ele deu um beijo no meu ombro nu. — Mas eu acho que você não concorda.

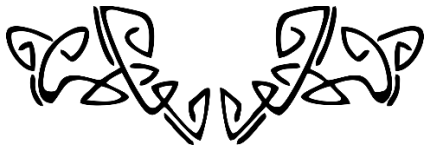
Meus lábios se curvaram em um sorriso. — Você está certo.

— Então deixe-me vestir você como eu faria com minha esposa — Disse ele, pressionando outro beijo na minha garganta. —, com ouro, peles e seda.

Eu o empurrei até estar em cima dele, minhas mãos apoiadas contra seu peito largo. — Você está esquecendo que eu sou uma rainha por direito próprio. Eu posso me vestir em ouro, peles e seda.

Ele riu, o movimento tremendo através de mim. — Eu nunca poderia esquecer que você é uma mulher que pode cuidar de si mesma. — Seu sorriso derreteu quando ele me puxou para sua boca. — Mas isso não vai me impedir de querer te encher de presentes.

Qualquer resposta que eu poderia ter desapareceu quando sua boca e língua me deixaram sem palavras.



Embora não me lembrasse de adormecer, acordei com o som de asas farfalhantes. Eu me sentei na cama, meu coração disparado no peito. Ao meu lado, Leif dormia sem perceber, mas eu sabia que Morrigan tinha vindo atrás de mim.

Do lado de fora da lareira, gotas de fumaça negra fluíam. Elas esboçaram a forma de uma mulher antes de se solidificar em Morrigan. Ela estava vestida com um vestido preto, um manto de penas de corvos nos ombros. Embora eu a tivesse visto muitas vezes desde aquela primeira visão, minha pele ainda explodiu em

arrepios ao vê-la. Não havia como ignorar a corrente de escuridão e violência que jaziam logo abaixo de sua superfície.

E eu sou tão perigosa quanto, pensei.

— Então você é uma rainha agora. — Disse Morrigan com uma expressão que eu quase chamaria de orgulho para qualquer outra pessoa. — O poder tornou-se você. — Ela inclinou a cabeça. — Em breve, todos em Éirinn saberão o que você fez por eles e, embora muitos se sintam agradecidos, haverá outros que desejarão testar suas forças contra a sua apenas para ver quem será o vencedor. — Seu olhar mudou para a forma adormecida de Leif. — E vocês dois juntos apenas atrairão seres poderosos para você como moscas.

Havia uma verdade convincente em suas palavras e, por um momento, o desespero desceu sobre mim como o peso pesado de correntes. — Então, reuniremos forças e frustraremos quem quer que nos ameace.

Um sorriso largo e aprovador curvou seus lábios. — Você realmente cresceu em seu poder, Ciara de Mide. — Ela se virou para ir embora, mas eu estendi minha mão para detê-la.

— Por que você não me disse que eu poderia invocar seu poder na batalha? — Eu perguntei.

Sua expressão permaneceu sem desculpas. — Eu intervi tanto quanto ousei. Eu não poderia travar sua guerra por você; destruir os jötnar era sua missão. Você precisava acreditar que você só tinha você e seu amante nórdico para confiar, mas eu sempre fiz tudo o que pude para ver seu sucesso.

Seus olhos encontraram os meus, e algo dentro de mim pareceu mudar. — Você já me amou como mãe? — As palavras foram arrancadas de mim sem um pensamento consciente.

Ela soltou uma risada auto-depreciativa. — Não tenho certeza se sou capaz de tanta emoção. — Disse ela, mas assim quando uma dor me apunhalou ao pensar que nenhum pai era capaz de me amar, ela acrescentou: — Mas se eu fosse, você é a única por quem senti algo remotamente próximo disso.

Antes que eu pudesse responder, ela se inclinou para a frente e deu um beijo no meu cabelo. Então, com uma enxurrada de penas, ela se foi.

CAPITULO 31

Sentei-me no trono branco de Mide, meu vestido cintilante prata e preto como o céu noturno. À minha direita, estava Leif Olafsson, o Caçador de Gigantes, meu ex-prisioneiro e futuro marido e rei.

Um corvo soltou um *caw-caw-caw* do lado de fora, e meus lábios se curvaram em um sorriso lento.

GUIA DE PRONUNCIA

NOMES E PALAVRAS CELTAS

Áthair: ah • her

Ciara: keer • a

Each-uisge: ach (dito no fundo da garganta; quase soa como —ugh—) • ish-kay

Éirinn: ay • rin

Flidais: flee • dish

Máthair: ma • her

Sluagh: sloo • ah

Tuatha Dé Danann: too • uh • huh dey dah • nuh • n

NOMES E PALAVRAS NORDICAS

Einherjar: ane • hare • yar

Huginn e Muninn: hoo • gin e moo • nin

Kráka: krah • kah (corvo em língua antiga dos nórdicos)

jötunn / Jotnar: yo • ton / yo • nar

Meyja: meh • yah (menina ou donzela em língua antiga dos nórdicos)

Seidr: say • der

Sleipnir: sleep • neer

NOTA DA AUTORA

Eu me apaixonei pela Irlanda quando eu era pequena, e minha mãe me contou com entusiasmo a ascendência da família - o lado dela era quase 100% irlandês. As superstições, folclore e mitologia da Ilha Esmeralda sempre me cativaram, e eu absorvi tudo o que pude sobre as criaturas em que meus ancestrais acreditavam. A história da Irlanda é fascinante, principalmente nos primeiros séculos, quando era selvagem, indomável e cheia de mais reis, rainhas e princesas do que um conto de fadas. Não pude resistir a contar uma história em um país cheio de lendas e folclore ricos. Eu só tinha que decidir quando eu queria que acontecesse. Então, quando meus pais voltaram para casa um ano depois de uma viagem a Dublin com fotos de uma antiga vila viking que uma vez constituíra Dublin, eu sabia. Vikings e Irlanda? Não conseguia pensar em uma combinação melhor.

Eu amo a história da Irlanda, mas também amo a mitologia celta e nórdica, e usei os dois como inspiração para essa fantasia histórica. Embora eu tenha tomado algumas liberdades criativas. A Caçada Selvagem, por exemplo, não era liderada por Flidais nas lendas antigas, mas geralmente por Odin. Fenrir, o lobo que guardava Valhalla no livro, é na verdade vinculado por um grilhão encantado e não em Valhalla. Apesar desses desvios, achei tanto a mitologia celta quanto a nórdica notavelmente semelhantes e que se complementavam bem, apesar de serem de duas partes diferentes do mundo. A Morrigan e as Valquírias, por exemplo, tiveram o mesmo tipo de papel no campo de batalha. E mesmo que

a Irlanda durante o século XI fosse quase inteiramente cristã, as superstições, lendas e folclore sempre permaneceram. Eles ainda temiam os sluagh e os each-uisce; falando das fadas e dos anões. Os nórdicos e os dinamarqueses - os nórdicos - vieram com seu próprio conjunto de crenças de deuses poderosos e monstruosos jötnar, contribuindo ainda mais para uma terra rica em lendas.

Quanto ao elemento histórico, tentei permanecer fiel ao que era a vida na Irlanda e na Noruega no século XI. As batalhas - tanto a armadura (ou falta dela no caso dos celtas) quanto as táticas - representavam como os invasores vikings e os guerreiros celtas lutavam. A vila e a casa longa de Leif eram bastante típicas da vida viking, e o mesmo poderia ser dito do castelo de Ciara. E quando entrei nos buracos de minhoca de pesquisar essa história, provavelmente a coisa mais emocionante foi quando eu pude fazer um pedaço da história funcionar na história. O rei Sigtrygg, por exemplo, era real. Ele era o rei Sigtrygg Silkbeard e era meio irlandês e meio nórdico. Ele realmente invadiu outros reinos da Irlanda, assim como um nórdico. E o pior de tudo, ele realmente queimou duzentos homens em uma igreja após um ataque a Mide. Então ele provavelmente mereceu o que aconteceu com ele na minha versão da história.

Dubhlinn, apesar de realmente irritar Ciara, era realmente conhecido como Dyflin para os nórdicos. Eles tomaram conta de Dublin no século IX, e você ainda pode ver os restos de seus assentamentos de madeira hoje na Irlanda. Por causa disso, os nórdicos e os irlandeses costumavam se casar, então havia uma situação bizarra em que os invasores nórdicos eram temidos e odiados, mas eles também estavam formando alianças com os irlandeses ao se casar com suas princesas.

Os mitos e o cenário histórico de Beyond a Darkened Shore combinaram-se para formar uma rica tapeçaria que se prestava como cenário perfeito para o

mundo de Ciara e Leif. Assim como nos aspectos mitológicos do livro, tomei algumas liberdades criativas e espero que meus leitores - especialmente aqueles que se especializam em história irlandesa - me entreguem.

Para mais informações sobre os mitos específicos deste livro, continue lendo!

GLOSSARIO

Mitologia Celta

Brigid: Brigid era uma deusa celta do fogo - da forja e da lareira - entre muitas outras coisas. Ela era geralmente vista como um tipo de deusa curandeira materna. Ela foi a primeira filha de Dagda, que era a chefe dos Tuatha Dé Danann e também a esposa do rei irlandês Bres, fazendo dela uma rainha entre as deusas.

Each-uisge: Este é um espírito da água semelhante ao kelpie escocês, mas muito mais cruel. Como Ciara diz a suas irmãs, pode assumir a forma de um cavalo e de um homem bonito para atrair vítimas para a morte.

Flidais: Tal como acontece com tantas coisas na história, há um debate sobre qual era o papel real dela como deusa, mas, para meus propósitos, escolhi me concentrar na crença de que Flidais era a deusa da floresta - bem como Artemis na mitologia grega.

Morrigan: Também conhecida como a Rainha Fantasma. Ela é tão misteriosa quanto apareceu no livro. Às vezes, retratada como uma deusa tripla - composta por três irmãs separadas -, escolhi focar em seu papel principal: como deusa da guerra e guardiã do destino no campo de batalha. Ela é freqüentemente mostrada voando sobre a batalha na forma de um corvo.

Sluagh: Um termo para os 'mortos inquietos" que caçam almas em um bando de sombras. Dizem que eles aparecem quando alguém está no leito de morte, esperando roubar sua alma.

Tuatha Dé Danann: traduz como a "tribo / povo da deusa Danu" (a deusa mãe da Irlanda) ou como a "tribo dos deuses". Era uma raça imortal de pessoas com poder sobrenatural que viviam em outro reino - o outro mundo - na Irlanda pré-cristã. Morrigan, Flidais e Brigid eram exemplos de tais deusas.

Caçada Selvagem: um folclore conhecido em toda a Europa, onde um deus poderoso liderava uma caçada pela floresta, montando um cavalo preto como a meia-noite, com cães fantasmagóricos correndo na frente. Os velhos mitos nunca dizem realmente o que estão caçando, mas a implicação (e o medo) geralmente é que estão caçando pessoas ou almas vivas.

Mitologia Nórdica

Einherjar: Guerreiros que morreram em batalha e são trazidos a Valhalla pelas Valquírias.

Fenrir: O terceiro filho de Loki com a fêmea jötunn Angrboda. Ele era um lobo gigante e aterrorizante que era mantido preso (as lendas nunca especificam realmente onde) por um grilhão encantado criado pelos anões porque ele acabaria por trazer o fim do mundo e dos deuses (veja Ragnarök abaixo).

Huginn e Muninn: traduz para "pensamento" e "memória" do nórdico antigo; esses são os nomes dos corvos de Odin que voam por todo o mundo e lhe trazem informações.

Jötunn/Jötnar: Uma raça de gigantes que foram banidos de Asgard (o reino dos deuses) para viver em Jötunheimr, um dos nove mundos da mitologia nórdica. Como menciona Leif, eles têm um relacionamento complicado com os deuses nórdicos - às vezes antagônicos, às vezes amigáveis ou neutros. Muitos

dos deuses, incluindo Odin, descenderam dos jötnar, e alguns deuses se casaram com eles.

Midgard: Um dos nove reinos, ou mundos, na mitologia nórdica, onde os mortais moram.

Odin: Eu poderia passar uma página com todas as muitas crenças sobre Odin na mitologia nórdica (e germânica), mas uma versão simplificada é que ele era um dos deuses principais, um deus guerreiro que também era talentoso em magia e runas. Ele geralmente é retratado como um homem velho, de barba longa e apenas um olho, porque trocou o outro por sabedoria.

Ragnarök: A versão nórdica do apocalipse. Quando o lobo Fenrir escapa, uma grande batalha acontece e muitos dos deuses são mortos.

Seidr: Essa crença é tão complicada quanto Leif e a vidente fazem parecer, mas uma maneira muito simplificada de defini-la é que era o xamanismo que poderia alterar o destino.

Valhalla: Paraíso, estilo Viking, onde os guerreiros que morreram em combate podem comer, beber e lutar pela eternidade.

Valquíria: Geralmente retratadas como figuras femininas aladas, essas deusas guerreiras escolhem quem vive ou morre no campo de batalha.